

Da autora best-seller do THE NEW YORK TIMES

EMILY GIFFIN

MAIS DE 350 MIL CÓPIAS VENDIDAS

Questões
do
Coração

As pessoas que
você mais ama são
as mais difíceis de
manter por perto



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Q uestões Do Coração

Emily Giffin

Tradução Paula Gentile Bitondi

Para Sarah, minha irmã e amiga eterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Mary Ann Elgin, Sarah Giffin, Nancy LeCroy Mohler e Lisa Elgin pela inabalável generosidade desde a primeira página deste livro. Eu não conseguiria sem vocês e só me resta agradecer.

Tenho muito a agradecer à minha editora, Jennifer Enderlin, e a meu assessor de imprensa, Stephen Lee, além de a todos da St. Martin's Press, principalmente Sally Richardson, Matthew Shear, John Murphy, Matt Baldacci, Jeanne-Marie Hudson, Nancy Trypuc, Mike Storrings, Sara Goodman e toda a equipe de vendas da Broadway e da Quinta Avenida. Graças a vocês, sinto-me abençoada todos os dias.

Devo muito à minha maravilhosa agente, Theresa Park, e à sua equipe: Emily Sweet, Abigail Koons e Amand Cardinale. Vocês são profissionais incríveis e ainda conseguem tornar a jornada muito divertida.

Também agradeço a Carrie Minton, Marta Arias, Stacie Hanna, Mara Lubell, Mollie Smith e Grace McQuade pelo apoio; Allyson Wenig Jacoutot, Jennifer New, Julie Portera, Laryn Gardner e a Brian Spainhour por suas contribuições; ao Dr. Christopher A. Park e a Joshua Osswald por seus esclarecimentos quanto à medicina e ao tênis, respectivamente.

Sou grata à receptividade e ao entusiasmo de meus leitores e ao senso de humor e ao carinho dos meus amigos.

Por fim, agradeço, do fundo do coração, a Baddy Blaha e a toda a minha família, por inúmeras razões.

E, também, a Edward, George e a Harriet — vocês podem vir ao meu escritório e me interromper sempre que quiserem.

Sempre que fico sabendo de alguém que passou por uma tragédia, não penso no acidente ou no diagnóstico, nem mesmo no choque inicial ou no posterior sofrimento.

Em vez disso, encontro-me recriando os momentos corriqueiros que antecedem a tragédia. Momentos que compõem nossa vida, momentos que passaram despercebidos e que, provavelmente, seriam esquecidos se não fossem os eventos que se seguiriam.

As lembranças anteriores à tragédia.

Posso visualizar com clareza a mulher de 34 anos no banho em uma noite de sábado, pegando seu esfoliante de damasco favorito e contemplando o que vestir para a festa. Torce para que aquele jovem atraente que conheceu em um café esteja lá, quando, de repente, encontra um inconfundível caroço em seu seio esquerdo.

Também posso imaginar o jovem pai dedicado, levando sua filha para comprar sapatos novos Mary Jane¹ para seu primeiro dia de aula, aumentando o som do rádio que toca *Here Comes the Sun* e, afirmando, pela milésima vez, que os Beatles são, “sem dúvida, a melhor banda de todos os tempos”, quando um adolescente com a visão turva, em razão das cervejas que tinha tomado na madrugada, ultrapassa o sinal vermelho.

1 Mary Jane é um tipo de sapato parecido com os de bonecas, muito popular nos EUA. (N. da T.)

Posso ainda pensar no recebedor impetuoso do time de futebol americano do colegial, cheio de expectativas e orgulho, participando do treino excruciante um dia antes da grande partida, piscando para sua namorada que se encontrava em seu lugar de sempre, apoiada na cerca de arame, um pouco antes de saltar em busca da bola que ninguém mais seria capaz de pegar, se retorce, caindo de cabeça em um ângulo perturbador e inesperado.

Reflieto sobre a tênue e frágil linha que nos separa da desventura, quase como uma forma de agradecer por não ter passado por isso, como uma proteção que evitasse que o mesmo acontecesse comigo. Conosco: meus filhos, Ruby e Franke Nick, meu marido.

Nosso quarteto — que é a fonte das minhas maiores alegrias, assim como das minhas mais desgastantes preocupações.

Assim, quando o pager do meu marido toca durante o jantar, não me permito

ficar ressentida ou mesmo decepcionada. Digo a mim mesma que é apenas uma refeição, uma noite, mesmo sendo nosso aniversário de casamento e a primeira noite que Nick e eu passamos juntos em quase um mês, ou talvez dois. Não tenho nenhum motivo para me chatear, não quando comparo a minha vida com a de alguma outra pessoa que está sofrendo neste mesmo instante. Este não será o momento que terei de relembrar para sempre, pois ainda estou entre os afortunados.

— Droga. Sinto muito, Tess — diz Nick, desligando seu pager e correndo sua mão pelo seu cabelo negro. — Volto em um instante.

Aceno com a cabeça, indicando que compreendo e assisto a meu marido avançar, sexy e seguro, em direção à entrada do restaurante onde fará a ligação necessária.

Posso dizer, apenas pelas suas costas eretas e pelos ombros expandidos, enquanto circula primorosamente por entre as mesas, que está se preparando para a má notícia, para curar alguém, para salvar uma vida. É quando dá o melhor de si. Foi esse o principal motivo pelo qual me apaixonei por ele há sete anos.

Nick sai de vista enquanto respiro fundo e estudo o ambiente ao meu redor, observando os detalhes do local pela primeira vez. A pintura abstrata verde-acinzentada acima da lareira, a oscilação suave da luz de velas, as risadas espirituosas da mesa ao lado onde um homem grisalho é o centro das atenções diante do que parece ser sua esposa e seus quatro filhos já adultos.

Minutos mais tarde, Nick retorna à mesa com o rosto pesaroso e se desculpa pela segunda, mas com certeza não pela última, vez.

— Tudo bem — digo, procurando por nosso garçom.

— Ali está ele — diz Nick — Ele está trazendo nosso jantar embalado para viagem.

Estendo meus braços sobre a mesa e pego sua mão, apertando-a levemente. Ele corresponde e, enquanto esperamos por nossos filés em embalagens de isopor, cogito perguntar o que aconteceu, como quase sempre. Porém, faço duas preces rápidas: para as pessoas que não conheço e outra para os meus filhos, dormindo seguros sob as cobertas em suas camas.

Imagino Ruby, roncando levemente, toda emaranhada em seus lençóis, travessa mesmo quando dorme. Nossa preciosa e destemida primogênita, com 4 anos, mas com atitude de 14, um sorriso encantador, cachos negros que ela torna ainda mais encaracolados quando faz desenhos de si mesma — jovem demais para saber que, como uma garota, se espera que queira o cabelo que não tem — e aqueles olhos azul-acinzentados, uma conquista genética já que seus pais têm olhos castanhos. Ela dominou nosso lar e nosso coração praticamente desde o dia em que nasceu, de tal maneira que chega a me consumir e, ao mesmo tempo, enche-me de admiração. Ela é exatamente como seu pai — teimosa, impulsiva e

linda de morrer, a típica filhinha do papai.

E, então, temos o Frank, nosso menino com fofura e doçura superiores às dos bebês em geral, tanto que desconhecidos param e comentam no mercado. Ele tem quase 2 anos, mas ainda gosta de afagos. Aconchega seu rosto redondo e macio em meu pescoço, extremamente apegado a sua mamãe. Ele não é meu preferido, juro a Nick quando estamos a sós sempre que ele sorri e me acusa dessa transgressão parental.

Não tenho um favorito, a não ser que seja o próprio Nick, mas é um tipo diferente de amor, claro. O amor por meus filhos é incondicional e infinito. Se, por acaso, os três fossem picados por uma cascavel durante um acampamento e eu tivesse apenas duas doses de soro antiofídico em minha mochila, salvaria meus filhos, e não a Nick. Contudo, não há ninguém com quem eu goste mais de conversar e passar o tempo e que eu ame mais admirar que meu marido, um sentimento sem precedentes que tomou conta de mim assim que nos conhecemos.

Nosso jantar e a conta chegam momentos depois. Nick e eu nos levantamos e saímos do restaurante sob uma noite estrelada e azul. É começo de outubro, porém, mais parece inverno que outono — frio até mesmo para os padrões de Boston —, e encolho-me de frio sob meu longo casaco de caxemira, enquanto ele entrega o bilhete ao manobrista.

Em seguida, entramos em nosso carro. Saímos da cidade e voltamos para Wellesley, conversando pouco, ouvindo um de seus vários CDs de jazz.

Trinta minutos depois, entramos com o carro em nossa garagem.

— Acha que chegará muito tarde?

— Difícil dizer — diz Nick, parando o carro e se inclinando para beijar-me o rosto.

Viro meu rosto em sua direção e nossos lábios se encontram suavemente.

— Feliz aniversário de casamento — ele sussurra.

— Feliz aniversário de casamento — retribuo.

Ele se afasta e nossos olhos se encontram quando pergunta:

— Depois continuamos de onde paramos?

— Sempre — digo, forçando um sorriso.

Antes que eu feche a porta do carro, Nick aumenta o volume do som, pontuando de maneira dramática o final de uma noite e o início de outra. Enquanto abro a porta de casa, a música Lullaby of the Leaves, de Vince Guaraldi, ecoa em minha cabeça, onde permanece mesmo muito tempo depois de pagar à babá, verificar se as crianças estão bem, tirar meu vestido preto decotado nas costas e comer filé frio no balcão da cozinha.

Bem mais tarde, depois de deixar o lado de Nick na cama e voltar para o meu, encontro-me sozinha na escuridão, pensando sobre a ligação no restaurante. Fecho os olhos, e pergunto-me se realmente somos surpreendidos pelo azar, ou

se, de alguma maneira, em algum lugar, na forma de empatia, preocupação, ou até mesmo de uma premonição, pressentimos que ele chegará?

Pego no sono sem saber a resposta. Sem saber, no entanto, se essa será a noite da qual me lembrarei para sempre.

CAPÍTULO 02

VALERIE

Valerie sabia que deveria ter dito não, ou, mais precisamente, que deveria ter continuado dizendo não como resposta mesmo depois das mais de dez vezes em que Charlie implorou para ir à festa. Ele tentou de tudo, incluindo apelar para o peso na consciência com a frase “Mas eu não tenho um papai nem um cachorro”. Mas, quando, mesmo assim, não conseguiu nada, convocou o apoio de seu tio Jason, a pessoa mais convincente que Valerie conhecia.

— Ah, por favor, Val. Deixe o garoto se divertir um pouco — ele disse.

Valerie mandou seu irmão gêmeo se calar, apontando para a sala, onde Charlie construía uma elaborada masmorra de Legos. Jason repetiu a mesma frase, com as mesmas palavras, mas desta vez com um sussurro exagerado, enquanto Valerie abanava negativamente a cabeça, argumentando que era cedo demais para uma criança de 6 anos dormir na casa de um amigo, principalmente ao ar livre, dentro de uma barraca. Era um bate-boca habitual, já que Jason sempre acusava sua irmã de ser super-protetora e rígida demais com seu único filho.

— Claro — disse Jason, zombando de Valerie —, ouvi dizer que os ataques de ursos estão aumentando em Boston.

— Muito engraçado — respondeu Valerie, explicando que não conhecia bem a família do outro garoto o suficiente, e que, do pouco que conheceu, não gostou muito.

— Deixe-me adivinhar, eles são podres de ricos? — Jason caçoou, puxando sua calça jeans, que deslizava o tempo todo de seu corpo magro, exibindo o elástico de sua boxer. — E você não quer que ele se misture com esse tipo de gente?

Valerie encolheu os ombros e se entregou a um sorriso, perguntando-se como ele havia adivinhado. Por acaso ela era tão previsível assim? E como, perguntou-se pela milionésima vez, ela e seu irmão gêmeo podiam ser tão diferentes, já que cresceram juntos na mesma casa de telhas marrons em uma vizinhança católico-irlandesa em Southbridge, Massachusetts? Eram melhores amigos, dividiram o mesmo quarto até os 12 anos, quando Jason se mudou para o sótão frio, cheio de correntes de vento, para dar mais espaço à sua irmã. Com cabelos castanhos, olhos azuis amendoados e pele clara, eles até se pareciam e, muitas vezes, as pessoas, inclusive, achavam que eram gêmeos idênticos quando ainda bebês. Além disso, de acordo com a mãe deles, Jason já saiu da barriga sorrindo, enquanto Valerie saiu franzindo a testa e preocupada. E assim permaneceram por toda a infância: Valerie, a tímida solitária, sempre sob a sombra de seu irmão

popular, extrovertido e quatro minutos mais velho.

Agora, 30 anos depois, Jason continua feliz como sempre, um otimista despreocupado, pulando de um hobby ou emprego para outro, absolutamente confortável em sua própria pele, principalmente desde que saiu do armário logo depois da morte do pai, no último ano do colegial. Como sempre, foi mau aluno; hoje trabalha em um café em Beacon Hill, fazendo amizade com todos os que entram pela porta e em todos os lugares aonde vai, como sempre.

Enquanto isso, Valerie ainda estava insegura e deslocada na maior parte do tempo, a pesar de todas as suas conquistas. Não mediu esforços para fugir de Southbridge, terminou o colegial como uma das alunas mais brilhantes, frequentou a Amherst College com bolsa plena e foi trabalhar como assistente jurídica em uma renomada empresa de advocacia de Boston enquanto estudava para o LSAT² e ainda economizava para pagar o curso de direito. Ela dizia a si mesma que era tão boa quanto os outros e mais inteligente que a maioria, mas, mesmo assim, nunca se sentiu enturmada depois de deixar sua cidade natal. Quanto mais sucesso obtinha, mais se sentia afastada de seus velhos amigos, principalmente de sua melhor amiga, Laurel, que cresceu três casas para baixo de Val e Jason. Esse sentimento, sutil e difícil de identificar no início, culminou em uma grande discussão durante um churrasco na casa de Laurel em um dia de verão.

2 Law School Admission Test. Teste de admissão realizado na maioria dos cursos de direito dos EUA. (N. da T.)

Depois de alguns drinques, Valerie fez um comentário impensado sobre como Southbridge era tão sufocante quanto o noivo de Laurel. Ela estava apenas tentando ajudar e até sugeriu que Laurel se mudasse para seu pequeno apartamento em Cambridge, mas arrependeu-se assim que falou, e fez de tudo para reparar o dano, pedindo desculpas incessantemente nos dias seguintes. Mas Laurel, que sempre teve pavio curto, isolou-a sumariamente, espalhando rumores do esnobismo de Valerie entre seu velho círculo de amigas — garotas que, como Laurel, viviam com seus antigos namoradinhos da adolescência, agora maridos, na mesma vizinhança onde cresceram, frequentavam os mesmos bares nos fins de semana e tinham o mesmo emprego sem graça de seus pais.

Valerie fez o que pôde para se defender dessas acusações e conseguiu consertar superficialmente as coisas, mas, a não ser que se mudasse de volta para Southbridge, não havia mais nada que pudesse fazer para que as coisas voltassem a ser como antes.

Foi durante esse período solitário que começou a agir de uma maneira que nem ela mesma conseguia explicar. Fazendo tudo o que havia jurado que nunca faria, mais especificamente, apaixonar-se pelo homem errado, engravidar um

pouco antes de ele deixá-la e comprometer seus planos de estudar direito. Anos mais tarde, às vezes, se perguntava se havia inconscientemente tentado sabotar seus próprios esforços para fugir de Southbridge e estabelecer um tipo diferente de vida para si mesma, ou talvez achasse que não merecesse a carta de admissão no curso de direito, de Harvard, colada à geladeira ao lado das fotos do ultrassom.

De qualquer maneira, encontrou-se presa entre dois mundos, orgulhosa demais para ir atrás de Laurel e suas velhas amigas e constrangida demais com sua gravidez para manter as amizades da faculdade ou fazer novos amigos em Harvard. Sentia-se mais só do que nunca, lutando para terminar o curso de direito e cuidando de um recém-nascido. Jason entendia como as coisas podiam ser difíceis para sua irmã durante esses primeiros meses e anos de maternidade. Ele podia ver claramente quanto ela estava consumida pelo cansaço, pelo trabalho e pela preocupação, e possuía um respeito infindável pelo grande esforço de sua irmã para sustentar a si mesma e a seu filho. Mesmo assim, não conseguia entender por que ela insistia em se isolar, sacrificando qualquer indício de vida social, com exceção de algumas poucas amizades casuais.

Sua desculpa era falta de tempo, assim como sua devoção e atenção unicamente direcionadas a Charlie, mas Jason não acreditava nela e constantemente a convidava para sair, afirmando que ela utilizava Charlie como um escudo para não correr riscos e evitar a rejeição.

Agora ela pensava sobre a teoria de seu irmão, enquanto se voltava para o fogão e preparava panquecas. Ela não era uma ótima cozinheira, mas fazia muito bem todos os pratos típicos de café de manhã graças ao seu primeiro emprego, como garçomete em uma cafeteria, e a uma paixão por um dos cozinheiros do local. Isso aconteceu há muito tempo, mas, na opinião de Jason, ela ainda se identificava mais com aquela garota que servia café do que com a advogada bem-sucedida que se tornou.

— Você é uma orgulhosa, sabia? — disse Jason, arrancando três toalhas de papel para utilizá-las como guardanapo e pondo a mesa.

— Não sou, não! — Valerie replicou, revirando a acusação em sua cabeça e admitindo a si mesma, de maneira envergonhada, quantas vezes tinha passado pelas casas suntuosas de Cliff Road e suposto que seus moradores eram, na melhor das hipóteses superficiais e, na pior, grandes mentirosos. É como se ela, inconscientemente, relacionasse a riqueza com alguma fraqueza de caráter e desafiasse esses estranhos a provarem o contrário. Não era justo, ela sabia, mas muitas outras coisas não eram justas na vida.

Em momento algum, Daniel e Romy Croft tentaram provar que ela estava errada na noite em que os conheceu, quando a escola estava aberta aos pais. Como a maioria das famílias na Longmere Country Day, a escola particular de ensino fundamental de Wellesley que Charlie frequentava, os Croft eram

inteligentes, atraentes e polidos.

Mesmo assim, enquanto lia a etiqueta com seu nome presa em sua blusa, ou tentavam uma conversa superficial, Valerie sentia que estavam olhando além dela, através dela, procurando por outra pessoa na sala — uma pessoa mais interessante.

Mesmo quando Romy falou de Charlie, algo pareceu falso e arrogante em seu tom de voz.

— O Grayson adora o Charlie, disse, colocando intencionalmente uma mecha de cabelo loiro-claro atrás da orelha, pausando, com as mãos soltas no ar, aparentemente para exibir o imenso diamante em seu dedo anelar. Em uma cidade conhecida por possuir pedras enormes, Valerie nunca vira uma tão impressionante.

— Charlie também gosta muito de Grayson — Valerie respondeu, cruzando seus braços sobre sua blusa rosa-flamingo e lamentando não estar vestindo seu terno cinza escuro.

Não importava quanto tentasse, quanto gastasse em seu guarda-roupa, parecia que sempre escolhia a roupa errada.

Naquele momento, os dois garotos atravessaram a sala de mãos dadas, Charlie abrindo o caminho até a gaiola do hamster. Qualquer um perceberia que os dois eram melhores amigos, fundadores inabaláveis de uma sociedade de admiração mútua composta de apenas duas pessoas. Então, por que Valerie presumiu que Romy não estava sendo sincera? Por que não conseguia dar algum crédito a si mesma ou, bem dizer, ao seu próprio filho? Perguntava a si mesma quando Daniel Croft se aproximou com um copo plástico de ponche em uma mão, pousando a outra nas costas de sua esposa. Era um gesto sutil que ela veio a identificar em seu estudo implacável sobre os casais, um gesto que a enchia de quantidades iguais de inveja e arrependimento.

— Querido, esta é Valerie Anderson... mãe de Charlie — Romy indicou, dando a Valerie a impressão de que eles já haviam conversado sobre ela — além do fato de não haver um pai ao lado do nome de Charlie registrado no diretório da escola.

— Ah, claro! — acenou Daniel, apertando-lhe a mão vigorosamente e estabelecendo um contato visual rápido e indiferente.

— Olá.

Valerie retribuiu o cumprimento e, depois de alguns segundos de silêncio, Romy juntou as mãos e disse:

— Então, Valerie, você recebeu o convite para a festa de Grayson? Mande-o há algumas semanas.

Valerie sentiu seu rosto corar enquanto respondia.

— Sim, sim. Muito obrigada — queria morrer por não ter confirmado presença, pois tinha certeza de que isso seria um grande problema para Romy,

mesmo sendo apenas uma festa de criança.

— Então? — insistiu Romy. — O Charlie pode ir?

Valerie hesitou, sentindo-se intimidada por essa mulher impecável e extremamente segura, como se estivesse novamente no colegial e Kristy Mettelman tivesse acabado de lhe oferecer um trago de seu cigarro e uma carona em seu Mustang vermelho-cereja.

— Não sei. Tenho de... ver em minha agenda. É na próxima sexta-feira, não é? — gaguejou com se tivesse centenas de eventos sociais a frequentar.

— Isso mesmo — disse Romy, abrindo os olhos e o sorriso enquanto acenava para outro casal que acabara de chegar com sua filha. — Olhe, querido, April e Rob chegaram — murmurou a seu marido. Então Romy tocou no braço de Valerie, deu-lhe um último sorriso pessoal e disse:

— Foi tão bom te encontrar. Esperamos que o Charlie vá à festa na próxima sexta.

Dois dias depois, segurando o convite em forma de barraca, Valerie discou o número da casa dos Croft. Sentiu uma onda inexplicável de nervosismo — fobia social era como seu médico chamava — enquanto esperava que alguém atendesse. Sentiu um alívio palpável quando ouviu a secretária eletrônica lhe pedindo que deixasse um recado.

Então, apesar de todos aqueles argumentos contra a ida de seu filho à festa, sua voz subiu várias oitavas e disse:

— Seria um prazer para Charlie ir à festa de Grayson.

Um prazer.

Essas foram as palavras que ela repetia quando recebeu a ligação, apenas três horas depois de deixar Charlie na festa com seu saco de dormir de dinossauro e seu pijama estampado com foguetes. E não acidente, ambulância, pronto-socorro ou qualquer uma das outras palavras que ouviu claramente Romy Croft dizer, mas ainda não conseguia processar enquanto se vestia, pegava sua bolsa e dirigia até o Hospital Geral de Massachusetts. Ela não conseguia nem dizer essas palavras em voz alta quando ligou do carro para seu irmão, acreditando irracionalmente que dizê-las tornaria a situação mais real.

Em vez disso, disse:

— Venha já. Rápido.

— Aonde? — perguntou Jason, tentando ouvi-la apesar da música alta que tocava no fundo.

Quando ela não respondeu, a música parou e ele perguntou novamente, mais preocupado:

— Valerie? Aonde?

— Hospital Ger... É o Charlie — conseguiu responder, pisando mais fundo no acelerador, ultrapassando muito o limite de velocidade.

Suas mãos presas ao volante estavam suadas, com os nós dos dedos

esbranquiçados, mas por dentro sentia-se estranhamente calma, mesmo quando ultrapassava um sinal vermelho e depois outro. Era quase como se ela estivesse assistindo a si mesma de fora de seu corpo ou a outra pessoa. É isso o que as pessoas fazem, pensou. Chamam os mais próximos, correm até o hospital e ultrapassam os sinais vermelhos.

Seria um prazer para Charlie ir à festa, ouviu novamente, enquanto chegava ao hospital e seguia as placas até o pronto-socorro. Perguntou-se como pôde ser tão descuidada, sentada no sofá vestindo um moletom, com um saco de pipoca de micro-ondas e um filme de ação do Denzel Washington. Como ela poderia não saber o que estava acontecendo no palacete da Rua Albion? Por que ela não seguiu seus instintos quanto a essa festa? Então praguejou em voz alta um único e rouco “droga”, com o coração cheio de culpa e arrependimento, diante do prédio nebuloso de tijolo e vidro diante de si.

A noite tornou-se confusa a partir de então — um conjunto de momentos desconexos, e não uma cronologia suave. Mais tarde, ela se lembraria de ter deixado o carro no meio-fio, ignorando a placa de PROIBIDO ESTACIONAR e de ter encontrado Jason, com o rosto pálido, atrás das portas duplas de vidro; da enfermeira da triagem, digitando calma e eficientemente o nome de Charlie antes de outra enfermeira guiá-los por longos corredores com cheiro de alvejante até a unidade para queimados da UTI

Pediátrica; de ter cruzado com Daniel Croft no caminho e parado quando Jason perguntou o que havia acontecido e de sua resposta vaga e cheia de culpa:

— Eles estavam preparando smores.³ Eu não vi. Então, veio à sua cabeça a imagem de Daniel digitando em seu BlackBerry ou admirando a paisagem, de costas para a fogueira e para o seu único filho.

3 Smores são doces típicos feitos em fogueiras quando as crianças americanas vão acampar. São feitos de marshmallow assado na fogueira, cobertos com chocolate e colocados entre duas bolachas, como em um sanduíche. (N. da T.)

Ela também se lembraria da imagem assustadora quando viu o pequeno corpo de Charlie, imóvel, sedado e entubado, de seus lábios azuis, do pijama cortado e das ataduras branquíssimas cobrindo sua mão direita e o lado esquerdo de seu rosto. Recordaria o bip dos monitores, o zunido do respirador e as enfermeiras frias e alvoroçadas.

Lembraria seu apelo desesperado a Deus, a quem, fazia muito tempo, havia deixado de lado enquanto segurava a mão esquerda do filho e esperava.

Mas, principalmente, se lembraria do homem que chegou para examinar Charlie no que parecia ser o meio da noite, depois que seu maior medo havia se dissipado.

Como ele descobrira delicadamente o rosto de Charlie, expondo a pele

queimada sob as ataduras. Como a levou até o corredor, onde se voltou para ela e começou a falar.

— Eu sou o Dr. Nick Russo — disse com a voz profunda e lenta. — E sou um dos melhores cirurgiões plásticos pediátricos do mundo.

Valerie olhou em seus olhos castanhos e suspirou, suas entranhas se soltaram, enquanto dizia a si mesma que não mandariam um cirurgião plástico se a vida de seu filho corresse perigo. Ele ficaria bem. Não morreria. Ela soube disso quando olhou nos olhos do médico. Então, pela primeira vez, pensou em como a vida de Charlie havia mudado. Como essa noite o marcaria de diversas maneiras. Sentindo-se determinada a proteger seu filho qualquer que fosse o resultado, ela se ouviu perguntando ao Dr.

Russo se ele poderia corrigir o rosto e a mão de seu filho, se poderia deixá-lo lindo como era antes.

— Farei tudo o que puder pelo seu filho — disse —, mas quero que se lembre de uma coisa. Pode ser?

Concordou, pensando que ele diria para não esperar por milagres. Como se ela já tivesse feito isso alguma vez em sua vida.

Em vez disso, o Dr. Russo olhou em seus olhos e falou as palavras que ela nunca esquecerá:

— Seu filho é lindo — ele disse. — Ele é lindo agora.

Ela concordou novamente, acreditando e confiando no médico. E só então, pela primeira vez em muito tempo, as lágrimas afloraram de seus olhos.

Em algum momento no meio da noite, acordei com a presença terna de Nick ao meu lado. Com os olhos ainda fechados, passei minha mão sobre seu ombro, descendo pelas suas costas nuas, sua pele estava perfumada por causa do banho que tomou, como de costume, assim que voltou do hospital e senti uma onda de atração que foi rapidamente desfeita por uma dose ainda maior de cansaço, o que era comum desde que Ruby nasceu — e, com certeza, desde a chegada de Frank. Ainda amo fazer amor com meu marido, tanto quanto antes, mas após vencermos a inércia. O que acontece é que, hoje em dia, prefiro dormir a fazer qualquer outra coisa — chocolate, vinho tinto, HBO e sexo.

— Olá — ele sussurrou com a sua voz abafada pelo travesseiro.

— Não te ouvi chegar... que horas são? — pergunto esperando que seja meia-noite e não 7 horas, o horário em que as crianças acordam automaticamente, mais implacáveis que meu despertador e sem opção de botão de soneca.

— Duas e meia.

— Hora de ir ao dentista — murmuro.

É uma de suas brincadeiras com Ruby:

— Que horas são, papai?

Nick faz uma careta, aponta para sua boca e diz:

— Duas e meia.⁴ Hora de ir ao dentista. — Todo mundo adora.

4 Em inglês, brinca-se com o som de “two-thirty” (duas e meia), dizendo-se “tooth hurty” (dor de dente), o que explica a frase seguinte: “Hora de ir ao dentista”. (N. da T.)

— Uh-huh — Nick diz distraído, demonstrando claramente que não está a fim de conversa. Contudo, quando abri os olhos e o vi virar seu corpo e encarar fixamente o teto, a curiosidade tomou conta de mim. Então perguntei, da maneira mais casual que pude, dada a natureza da minha indagação, se era algum defeito congênito, problema muito freqüente no trabalho de Nick.

Ele suspirou e disse que não.

Hesitei e tentei adivinhar mais uma vez:

— Um acidente de carro?

— Não, Tess — falou tão pacientemente que acabou por entregar sua impaciência.

— Foi uma queimadura, um acidente.

Ele adicionou essa última frase como uma explicação. Em outras palavras,

não era caso de maus-tratos; infelizmente, longe de ser um dado, Nick me disse uma vez que cerca de 10% de todas as queimaduras pediátricas eram resultantes de maus-tratos.

Mordi meu lábio inferior, minha mente fervilhando com as possibilidades de sempre, uma panela de água fervente caindo do fogão, uma banheira com água esquentando, um incêndio, uma queimadura química, e sou incapaz de resistir à pergunta seguinte. A pergunta de como isso aconteceu. É a pergunta à que Nick geralmente resiste, sua resposta costuma ser algo como:

— Que diferença faz? Foi um acidente, acidentes são assim, simplesmente acontecem.

Nesta noite ele limpou a garganta e se resignou a me contar o que aconteceu. Um garoto de 6 anos estava assando marshmallows, e de alguma maneira caiu na fogueira e queimou sua mão e o lado esquerdo do rosto.

O discurso de Nick foi rápido e desapegado, como se estivesse me contando a previsão do tempo. Mas sei que é apenas uma encenação — um disfarce muito bem treinado.

Sei que provavelmente ficará acordado uma boa parte da noite, incapaz de cair no sono por causa da adrenalina desta noite, e, mesmo amanhã pela manhã, ou mais provavelmente à tarde, descerá as escadas com uma expressão distante, fingindo estar envolvido com sua própria família enquanto pensa na mão e no rosto daquele garotinho.

A medicina é uma amante ciumenta, penso, uma expressão que ouvi pela primeira vez durante o primeiro ano de residência de Nick, da esposa amarga de um médico que, soube depois, trocou seu marido por seu personal trainer. Jurei, então, que nunca me sentiria assim. Que sempre veria a nobreza do trabalho de meu marido, mesmo que isso significasse certa quantidade de solidão.

— É muito grave? — perguntei a Nick

— Poderia ser pior — respondeu. — Mas não é bom.

Fechei meus olhos, procurando por um lado positivo em tudo isso, sabendo que esse é o papel implícito que me cabe em nosso relacionamento. O Nick pode ser o eterno otimista no hospital, transbordando confiança, até vanglorioso. Mas aqui em casa, em nossa cama, ele depende de mim para obter esperança, mesmo quando está em silêncio, impenetrável.

— Seus olhos foram afetados? — pergunto por fim, lembrando que Nick uma vez confidenciou quanto era complexo reparar o que todos acreditam ser a janela para a alma.

— Não — disse enquanto virava de lado, voltando-se para mim. — Seus olhos estão perfeitos. Grandes e azuis... como os de Ruby.

Sua voz desapareceu como acredito ser um sinal de entrega, quando Nick compara um paciente a Ruby ou Frank, sei que começara a ficar obcecado.

— Além disso, ele tem um médico até que bom — eu disse, por fim.

Ouvi um pequeno sorriso sair na voz de Nick enquanto repousava sua mão em meu quadril e dizia:

— Sim, ele tem essa vantagem, não tem?

Na manhã seguinte, logo depois que Nick voltou ao hospital, preparei o café da manhã resistindo a um show de reclamações estrelado por minha filha. Para se ter uma idéia, Ruby não gosta de acordar cedo, outro traço herdado de seu pai. Em 15 minutos, ela já havia reclamado que Franka estava “encarando”, que sua banana estava muito mole e que preferia a torrada que o papai fazia na chapa à minha, feita na torradeira.

Assim, quando o telefone tocou, atendi rapidamente, sentindo o alívio de uma companhia adulta e civilizada (outro dia, fiquei empolgada quando um entrevistador de pesquisas de opinião ligou), ainda mais quando vi o nome de Cate no identificador de chamadas do telefone. Cate Hoffman e eu nos conhecemos há quase 16 anos em uma festa fora do campus na primeira semana como calouras da Universidade de Cornell, quando fomos formalmente apresentadas ao mundo universitário de jogos como beer pong,⁵ quarters⁶ e “Eu nunca”.⁷ Vários drinques mais tarde, depois de perguntarem inúmeras vezes se éramos irmãs, e de reconhecermos algumas semelhanças como lábios carnudos, nariz pronunciado e luzes loiras, prometemos cuidar uma da outra — uma promessa que cumpri mais tarde, salvando-a de um mauricinho com olhar malicioso, membro de uma fraternidade universitária, levando-a até seu dormitório e segurando seu cabelo enquanto vomitava as tripas em uma hera. A experiência nos aproximou e continuamos melhores amigas nos quatro anos seguintes e depois da formatura. De nossos 20 e poucos anos em diante, nossa vida tomou caminhos diferentes ou, mais precisamente, a minha mudou e a dela permaneceu praticamente igual.

5 O beer pong é uma brincadeira comum nas universidades americanas. Nela, copos com cerveja são colocados do outro lado da mesa, e duas ou mais pessoas tentam acertá-los com uma bola de pingue-pongue. Quem acertar primeiro faz com que o perdedor tome a cerveja do copo. (N. da T.)

6 Quarters é outra brincadeira relacionada a bebida. Um copo com bebida é colocado no centro da mesa e vários jogadores sentam-se ao redor com moedas de 25 centavos sobre a mesa. O objetivo é fazer com que a moeda pule da mesa e caia no copo de alguma maneira. O ganhador escolhe um dos outros jogadores para tomar a bebida de dentro do copo. (N. da T.)

7 Em inglês, “I never”, é outra brincadeira envolvendo bebida. Nela, os participantes sentam em um círculo e um deles diz algo que nunca fez. Então, os demais participantes que já fizeram essa mesma coisa tomam um gole. (N. da T.)

Ela ainda vive na cidade (no mesmo apartamento em que uma vez moramos juntas), a inda namora um homem atrás do outro e ainda trabalha com televisão. A única diferença de fato é que agora ela trabalha na frente das câmeras, apresentando um programa de entrevista da televisão a cabo chamado Cate's Corner e, muito recentemente, obteve um pouco de fama na área de Nova York.

— Olhe, Ruby! É a tia Cate! — disse com extremo ânimo, esperando que meu entusiasmo surtisse algum efeito sobre minha filha, que, nesse momento, estava emburrada, pois me recusei a colocar mais chocolate em seu leite. Atendi o telefone e perguntei a Cate o que estava fazendo acordada tão cedo.

— Estou indo à academia, comecei um novo regime para entrar em forma — disse Cate. — Preciso perder alguns quilinhos.

— Ah, precisa nada — disse revirando os olhos. Cate tem um dos corpos mais lindos que já vi, mesmo entre as mulheres que nunca tiveram filhos ou as que foram “retocadas”. Infelizmente, as pessoas não acham mais que somos irmãs.

— O.k., talvez não na vida real. Mas você sabe que a câmera engorda no mínimo quatro quilos — disse, mudando abruptamente de assunto, como sempre. — Então, o que você ganhou? O que você ganhou?

— O que eu ganhei? — perguntei, enquanto Ruby reclamava que queria sua torrada “inteira”, uma decisão radical, já que sempre exige que sua torrada seja cortada em “pequenos pedacinhos quadrados”, todos exatamente do mesmo tamanho e sem casca.

Cobri o telefone com a mão e disse:

— Querida, acho que alguém esqueceu a palavra mágica.

Ruby me olha pasma, indicando que não acredita em mágica. Até agora, ela é a única criança em idade pré-escolar que conheço que já questionou a veracidade do Papai Noel, ou pelo menos a logística de suas entregas.

Contudo, mágica ou não, não me mexo até ela retificar seu pedido.

— Quero inteira, por favor.

Aceno enquanto Cate continua ansiosamente:

— De aniversário de casamento. O que o Nick te deu?

Os presentes de Nick constituem um dos tópicos favoritos de Cate, talvez por nunca ter passado da fase dos buquês de flores com cartões escritos “obrigado pela noite passada”. Por isso, diz que vive indiretamente através de mim. Em suas palavras, tenho a vida perfeita — palavras que ela solta em um tom que fica entre o desejoso e o acusatório, dependendo do último encontro que teve.

Não importa quantas vezes eu diga que não é bem assim e que morro de inveja de sua agitada agenda social, de seus encontros picantes (incluindo um jantar recente com um jogador do Yankée) e de sua absoluta e maravilhosa liberdade, o tipo de liberdade para a qual ninguém dá valor, até que se tenha filhos. E não importa quanto eu conte, em meus desabafos, sobre as queixas típicas de uma mãe que não trabalha, mais precisamente da frustração de

terminar o dia no mesmo lugar onde começou, e do fato de eu, às vezes, passar mais tempo com o Elmo, a Dora e o Barney que com o meu marido. Nada disso consegue convencê-la. Ainda assim, ela trocava sua vida comigo em um piscar de olhos.

Quando comecei a responder à pergunta de Cate, Ruby soltou um grito assustador:

— Nããããã, mamãe! Eu disse inteira!

Fiquei paralisada com a faca no ar, percebendo que acabara de cometer um erro fatal, fazendo quatro cortes horizontais em sua torrada. Droga, pensei enquanto Ruby exigia que eu colasse os pedaços de pão de volta, acrescentando à sua atuação uma corrida melodramática até o armário onde guardávamos os materiais de artes. Enquanto ela pegava um tubo de cola entrando na minha frente de maneira desafiadora, eu considerava a possibilidade de provocá-la passando de fato a cola sobre sua torrada “com um R cursivo, igual ao do papai”.

Entretanto, em vez disso, disse com toda a calma que me cabia:

— Ruby, você sabe que não pode colar comida.

Ela me encarou como se eu falasse grego, o que exigiu que eu fosse mais clara:

— Você terá de sobreviver com os pedaços.

Ouvindo essa pequena dose de disciplina, ela continuou a sofrer pela torrada que poderia ter sido inteira. Pensei que uma maneira fácil de consertar as coisas teria sido comer eu mesma a torrada e fazer outra para ela, mas havia algo tão irritante em sua expressão que me encontrei recitando em silêncio as palavras do pediatra, de vários livros e de minhas amigas mães que também não trabalham: “Não se renda às exigências de seus filhos”. Uma filosofia totalmente oposta ao ditado que costumo defender: “Escolha suas batalhas” — que confesso ser o código secreto para “Mantenha-se firme apenas se for conveniente; caso contrário, satisfaça a vontade do outro a fim de facilitar sua vida”. Além do mais, pensei enquanto me preparava para um impasse terrível, estava tentando evitar carboidratos desde aquela manhã.

Então, com as minhas celulites resolvendo o caso, coloquei determinadamente o prato com a torrada diante dela sobre a mesa e anunciei:

— É isso ou nada.

— Nada, então! — ela gritou.

Mordi os lábios e encolhi os ombros como se dissesse “Pode fazer greve de fome, então” e saí para a sala de TV onde Frank comia silenciosamente seus cereais secos, sem leite, um de cada vez, a única coisa no mundo que ele come no café da manhã.

Passando minha mão por seus cabelos macios, suspiro no telefone e digo:

— Desculpa, Cate. Onde estávamos?

— Falando sobre seu aniversário de casamento — disse Cate, cheia de

expectativas, esperando ansiosamente que eu descrevesse uma noite romântica perfeita, o conto de fadas a que ela tanto se apegava e que tanto deseja.

Na maioria dos dias, odeio desapontá-la. Porém, enquanto escutava os soluços cada vez mais altos de minha filha e a via tentar enrolar sua torrada como uma massinha de modelar, só para provar que eu estava errada e que aquele alimento podia sim ser colado, senti prazer em dizer a Cate que Nick havia sido chamado pelo hospital no meio do jantar.

— Ele não mudou seu horário de plantão? — perguntou decepcionada.

— Não, ele esqueceu.

— Nossa, que chato — disse. — Sinto muito.

— Pois é.

— Então vocês não trocaram presentes? Nem mesmo quando ele chegou em casa?

— Não — respondi. — Combinamos de não darmos presentes este ano. Estamos um pouco apertados.

— Sim, claro — concordou Cate, recusando-se a acreditar em outra coisa sobre a minha vida, que cirurgiões plásticos não são podres de ricos, pelo menos os que trabalham em hospitais universitários ajudando crianças, e não em clínicas particulares realizando implantes de silicone.

— É verdade — eu falei. — Abrimos mão de uma de nossas fontes de renda, lembra?

— Que horas ele chegou em casa? — Cate perguntou.

— Tarde. Tarde demais para s-e-x-o — disse torcendo para que minha filha superdotada não memorizasse as quatro letras e as proferisse para, digamos, minha sogra, Connie, que disse há pouco tempo que achava que as crianças viam muita TV.

— E você? — indaguei, lembrando que ela havia tido um encontro na noite anterior.

— Aconteceu algo de interessante?

— Não, o período de seca continua — respondeu.

— O quê? A seca de cinco dias? — brinquei.

— Cinco semanas, para falar a verdade — ela respondeu. — O sexo nem foi o problema, levei um bolo.

— Ah, cala a boca — disse, perguntando-me que homem poderia dar-lhe um bolo.

Além de seu corpo perfeito, ela também é engraçada, inteligente e uma grande fã de esportes, capaz de falar sem parar sobre beisebol como a maioria das mulheres fala das últimas fofocas de Hollywood. Em outras palavras: ela é o sonho da maioria dos homens. Tudo bem que ela pode ser bastante carente e assustadoramente insegura, mas eles nunca saberiam disso logo de início. Em outras palavras, é possível que os homens terminem com ela, mas nunca dêem

um bolo.

Ruby avisa do outro cômodo que não é educado dizer “cala a boca”, enquanto Cate continua:

— Sim. Antes da noite passada, sempre tive isso ao meu favor, nunca havia levado um bolo e nunca saí com homem casado. Sempre achei que a primeira era minha recompensa pela segunda. Que carma!

— Talvez fosse casado.

— Não, definitivamente não era casado. Fiz minha lição de casa.

— Espere um pouco. Esse era o contador do eHarmony⁸ ou o piloto da sua última viagem?

8 O eHarmony é um conhecido site de relacionamentos on-line dos EUA. (N. da T.)

— Nenhum dos dois, era o botânico da Starbucks.

Eu assobiava espiando escondida no canto do cômodo quando vi Ruby dar uma mordida furtiva na torrada. Ela odeia perder quase tanto quanto seu pai, que não consegue nem deixá-la ganhar em Candy Land.⁹

9 Candy Land é um jogo de tabuleiro infantil. (N. da T.)

— Nossa! — disse. — Você levou um bolo de um botânico, incrível.

— Nem me diga — ela concordou —, e ele nem mandou uma mensagem de celular explicando-se ou pedindo desculpas. Um simples “Sinto muito, Cate, mas acho que prefiro ficar com minha samambaia hoje à noite”.

— Bem, talvez apenas tenha se esquecido — sugeri.

— Talvez tenha me achado velha demais — ela supôs.

Abri a boca para refutar essa declaração, mas não consegui pensar em nada além do velho bordão, dizendo que o homem certo para ela está em algum lugar e que ela vai encontrá-lo em breve.

— Não sei não, Tessa. Acho que você pode ter pego o último que havia sobrado.

Pela pausa que ela fez, eu já sabia exatamente o que diria a seguir, e logo adicionou em tom sádico:

— Os últimos dois melhores, sua desgraçada.

— Você pode me dar uma idéia de quando vai parar de falar sobre ele? — perguntei, referindo-me ao meu ex-noivo. — Só para eu saber?

— Que tal nunca? — ela respondeu. — Ou, digamos, quando eu me casar. Mas espere aí. Essa é a mesma coisa que nunca, não é?

Soltei uma risada e disse que tinha de ir, já que minha memória estava me levando até Ryan, meu namorado da faculdade, e ao nosso noivado. Estávamos a

poucas semanas de nosso casamento, concentrados nos roteiros para a lua de mel, nas provas finais do vestido e nas aulas para a primeira dança do casal. Os convites já haviam sido enviados, nossa lista de presentes estava completa e nossas alianças gravadas. Para todos em minha vida, eu era uma noiva típica e resplandecente, com os braços torneados, a pele bronzada e o cabelo brilhante. Literalmente resplandecente. Para todos, com exceção de minha terapeuta, Cheryl, que era quem, todas as terças-feiras às 19 horas, me ajudava a examinar a linha turva entre a ansiedade normal que antecede o casamento e o medo de compromisso proveniente do divórcio recente e doloroso de meus pais.

Pensando agora, a resposta era óbvia, a mera indagação sugerindo um problema, mas havia tantos fatores ofuscando a questão, confundindo meu coração. Para início de conversa, Ryan era tudo o que eu conhecia. Namorávamos desde o segundo ano na Cornell e perdemos a virgindade juntos. Eu não conseguia nem imaginar beijar outro homem, muito menos amar outro homem. Tínhamos o mesmo círculo de amigos com quem compartilhávamos preciosas recordações dos tempos de faculdade e não queria perdê-los com um possível fim no relacionamento. Também éramos apaixonados por literatura, fazíamos especialização em língua inglesa e éramos professores em escolas do ensino médio, embora eu estivesse prestes a começar a pós-graduação em Columbia, com o sonho de me tornar uma professora universitária. Na verdade, apenas alguns meses antes eu o havia dissuadido de se mudar para a cidade comigo, convencendo-o a deixar seu emprego e sua amada cidade natal de Buffalo para viver uma vida mais excitante. E, embora fosse mesmo excitante, também era assustador.

Eu cresci próximo a Westchester, fazendo viagens constantes para Manhattan com meu irmão e meus pais, mas morar na cidade era outra coisa, e Ryan era como minha rocha e meu porto seguro nesse mundo real, incerto e assustador. Ele era confiável, sincero, gentil e divertido, tinha uma família grande e barulhenta, e seus pais eram casados havia mais de 30 anos — um bom sinal, como dizia minha mãe. Perfeito em tudo.

Por fim, havia as doces declarações do próprio Ryan de que éramos perfeitos um para o outro. Que eu estava analisando demais as coisas, sendo neurótica como sempre. Ele realmente acreditava em nosso relacionamento — o que, na maioria dos dias, era suficiente para que eu também acreditasse.

— Você é o tipo de garota que nunca estará totalmente pronta — ele me disse depois de uma sessão com Cheryl, contada a ele em detalhes apenas minimamente editados.

Estávamos sentados em um restaurante italiano no Village,¹⁰ aguardando pelo nhoque do dia, quando ele estendeu seu braço longo e delgado sobre a mesa e acariciou minha mão.

10 O Village, mais precisamente Greenwich Village, é um famoso bairro nova-iorquino. (N. da T.)

— É uma das coisas que mais amo em você.

Lembro-me de levar isso em consideração enquanto analisava sua expressão pragmática de decidir, com certo grau de tristeza e perda, que ele provavelmente estaria certo. Que talvez eu não estivesse preparada para aquele tipo de paixão incondicional e avassaladora que havia lido em livros, visto em filmes e mesmo ouvido alguns amigos, incluindo Cate, descrever. Talvez eu tivesse que me virar com os alicerces de nosso relacionamento — conforto, compatibilidade e compaixão. Talvez o que tínhamos fosse bom o suficiente e eu pudesse procurar pelo resto da vida e não encontrar nada melhor.

— Eu estou totalmente pronta — disse por fim, convencendo-me de que essa era a verdade. Ainda não tinha certeza se estava decidida, mas, pelo menos em minha mente, a questão estava resolvida. Eu me casaria com Ryan. Decisão final, última palavra.

Até três dias depois, ou seja, quando vi o Nick pela primeira vez.

Eu estava em um vagão lotado do metrô, encarando minha viagem matinal até a aula, quando ele entrou duas paradas depois da minha, segurando uma caneca térmica de café grande e vestindo um avental cirúrgico azul-acinzentado. Seu cabelo negro e ondulado era mais longo do que é hoje e lembro-me de pensar que ele se parecia mais com um ator que com um médico — e que talvez fosse um ator fazendo o papel de um médico, a caminho do set de filmagens. Lembro-me de olhar em seus olhos — os olhos castanhos mais acolhedores que eu já havia visto — e sentir-me dominada por um sentimento louco e visceral que só pode ser descrito como amor à primeira vista. Recordo-me de acreditar que estava salva por um momento, por uma pessoa que eu não conhecia e provavelmente jamais conheceria.

— Olá — ele disse, sorrindo, enquanto alcançava a mesma haste de apoio à que me agarrava.

— Oi — respondi, recuperando o fôlego enquanto nossas mãos se tocavam. Conversamos durante todo o caminho até a cidade, falando sobre tópicos que nós dois, por incrível que pareça, não nos lembramos mais.

Em um dado momento, depois que nos aprofundamos em alguns assuntos pessoais, incluindo meu programa para me tornar Ph.D. e sua residência, ele avistou meu anel de diamantes e disse:

— Então, quando é o grande dia?

Disse que seria em 29 dias, e eu deveria parecer triste quando lhe respondi, pois seu olhar era compreensivo e perguntou-me se eu estava bem. É como se ele pudesse ver através de mim, em meu coração, e, enquanto eu olhava de volta para ele, não consegui me conter. Não podia acreditar que estava chorando

diante de um total estranho, sendo que ainda não havia feito isso nem mesmo no sofá de tweed de Cheryl.

— Eu sei — disse ele gentilmente.

Perguntei como ele sabia.

— Estive em seu lugar — ele respondeu. — Claro que não estava a caminho do altar, mas mesmo assim...

Ri soltando um soluço pouquíssimo atraente.

— Talvez tudo fique bem — confortou-me, olhando para outro lado, como se estivesse tentando me dar alguma privacidade.

— Talvez — concordei, encontrando um lenço de papel em minha bolsa e me recompondo.

Um pouco depois, saímos do vagão na Rua 116 (que só depois eu soube que não era o destino de Nick) e a multidão se dispersou ao nosso redor. Lembro que estava muito quente, com o cheiro de amendoins torrados e o som de uma cantora de folk soprano vindo da rua de cima. O tempo parecia não correr enquanto o observava retirar uma caneta de um dos bolsos de seu avental e escrever seu nome e número do telefone que até hoje guardo em minha carteira.

— Aqui está — disse ele, pressionando o cartão na palma de minha mão.

Li seu nome no cartão e pensei que ele tinha mesmo cara de Nicholas Russo. Deliciosamente sólido, sexy, bom demais para ser verdade.

Experimentei dizer em voz alta:

— Obrigada, Nicholas Russo.

— Nick — corrigiu. — E seu nome é?

— Tessa — respondi, com as pernas bambas de tanta atração.

— Então, Tessa, se quiser conversar, me ligue. Você sabe, às vezes ajuda conversar com alguém que não está... envolvido.

Olhei em seus olhos e consegui enxergar a verdade, ele estava tão envolvido quanto eu.

No dia seguinte disse a Ryan que não podia mais me casar com ele. Foi o pior dia da minha vida até aquele momento. Já haviam partido o meu coração antes dele — se bem que em um nível muito mais adolescente —, mas aquilo era muito pior. Era coração partido mais remorso e culpa, e até mesmo vergonha com o escândalo do cancelamento do casamento.

— Por quê? — ele indagou entre lágrimas sobre as quais ainda não consigo pensar atentamente.

Mesmo sendo difícil, senti que devia dizer a verdade, por mais brutal que fosse.

— Eu te amo, Ryan, mas não estou apaixonada por você, e não posso me casar com alguém por quem não estou apaixonada — sabendo que soava como uma desculpa de rompimento já muito manjada. Como o tipo de desculpa superficial e sem conteúdo que homens de meia-idade dão antes de abandonar suas esposas.

— Como você sabe? — Ryan perguntou. — O que isso significa, afinal?

E eu só conseguia balançar a cabeça negativamente e pensar naquele momento no vagão, com o estranho chamado Nick vestindo o avental azul-acinzentado, e dizer incessantemente que sentia muito.

Cate foi a única que soube da história completa. A única que sabe a verdade, mesmo hoje. Que conheci Nick antes de terminar o noivado com Ryan. Que, se não fosse por Nick, eu teria me casado com Ryan e que, provavelmente, ainda estaria casada com ele, morando em outra cidade com outros filhos e vivendo outra vida. Todas as mesmas desvantagens da maternidade, nenhuma das vantagens do amor.

É claro que houve especulações sobre infidelidade entre alguns de nossos amigos que tomaram as dores de Ryan quando Nick e eu engatamos o namoro sério apenas alguns meses depois. Mesmo Ryan (que, naquela época, ainda me conhecia melhor que qualquer um, mais até que Nick) exprimiu dúvidas quanto à ordem e ao ritmo dos acontecimentos, como eu havia superado o ocorrido tão rapidamente.

— Quero acreditar que você é uma boa pessoa — ele escreveu em uma carta que ainda guardo em algum lugar. — Quero acreditar que você foi sincera comigo e que nunca me trairia. Mas tenho dificuldades em não me perguntar quando você e seu novo namorado de fato se conheceram.

Respondi a sua carta, apesar de ter me dito para não o fazer, declarando minha inocência e me desculpando mais uma vez pela dor que eu havia causado. Disse-lhe que sempre teria um lugar especial em meu coração e esperava que, com o tempo, me perdoasse e encontrasse alguém que o amasse como ele merecia ser amado. Estava implícito que eu havia encontrado o que queria para ele. Estava apaixonada por Nick.

É um sentimento que jamais fora abalado. A vida não é divertida o tempo todo, e quase nunca é fácil, pensei, enquanto voltava à cozinha ainda relembrando meus erros, pronta para a minha segunda xícara de café, mas estou apaixonada por meu marido e ele por mim. É a constante em minha vida e continuará sendo conforme nossas crianças forem crescendo, minha carreira mudando, nossos amigos indo e vindo.

Tenho certeza disso.

Mas ainda me pego batendo três vezes na tábua de carne de madeira, pois não faz mal se prevenir quando se trata das coisas que mais amamos.

Na manhã seguinte, Charlie foi transferido para o outro lado da rua, do pronto-socorro do Hospital Geral de Massachusetts para o Hospital Infantil Shriners, que, como foi informado inúmeras vezes a Valerie, é um dos principais centros de tratamento de queimados do país. Ela sabia que estavam prestes a iniciar uma longa e trabalhosa luta quando chegassem lá, mas também se sentia aliviada porque o estado de Charlie não era mais um caso de vida ou morte, um sentimento que só aumentou quando avistou o Dr. Russo, que os esperava no novo quarto.

Não haviam se passado nem 24 horas desde a primeira conversa entre eles, mas ela já confiava mais nele do que jamais confiara em qualquer outra pessoa no mundo.

Quando ele foi até ela, com uma prancheta na mão, Valerie percebeu quanto seus traços chamavam sua atenção, admirando a curva de seu lábio inferior, seu nariz elegante e seus olhos castanhos e brilhantes.

— Olá — disse, formando cada sílaba cuidadosamente, com conduta e postura formais. Mesmo assim, havia nele algo familiar, e até consolador, e Valerie rapidamente cogitou se seus caminhos já não haviam se cruzado antes, em algum lugar, em um contexto bem diferente.

— Oi — respondeu, sentindo uma ponta de constrangimento por ter caído aos prantos na noite anterior. Ela gostaria de ter sido mais forte, mas disse a si mesma que ele, com certeza, já vira de tudo diversas vezes e que provavelmente a veria chorar muitas outras vezes a partir de então.

— Como está? — perguntou com uma preocupação sincera. — Conseguiu dormir um pouco?

— Um pouco — respondeu mesmo que tenha passado a maior parte da noite ao lado de Charlie. Perguntou-se por que estava mentindo, e, mais, como qualquer mãe no mundo conseguiria dormir em uma situação como aquela.

— Bom, bom — ele disse, mantendo contato visual por vários segundos antes de virar-se para Charlie, que estava acordado, mas ainda sob os efeitos de sedativos pesados.

Ela o observou enquanto ele examinava o rosto e a orelha de Charlie com a ajuda eficiente de uma enfermeira, os dois trocando instrumentos, pomadas, gaze e comentários calmos. Então ele passou a examinar a mão de Charlie, utilizando uma pinça para remover um curativo de sua pele chamuscada e intumescida. O instinto de Valerie dizia para olhar para o outro lado, mas não se deixou levar. Em vez disso, superou uma onda de náusea e memorizou a imagem

de sua pele manchada, avermelhada e rosada em algumas partes e preta em outras. Ela tentou comparar o estado de sua pele como estava poucas horas antes, da última vez em que os curativos foram trocados, e estudou o rosto do Dr. Russo, procurando por alguma reação.

— Como ele está? — perguntou ansiosa, incapaz de ler sua expressão.

Dr. Russo respondeu de maneira rápida e gentil:

— Definitivamente nos encontramos em um momento crítico. Sua mão está um pouco mais inchada em razão dos líquidos que estão sendo ministrados. Estou um pouco preocupado com o fluxo sanguíneo, mas ainda é cedo para dizer se precisará de uma escarotomia.

Antes que ela perguntasse, ele começou a explicar esse assustador termo médico de uma maneira mais simples:

— A escarotomia é um procedimento cirúrgico utilizado em queimaduras de espessura total de terceiro grau quando há edema, ou seja, inchaço, limitando a circulação.

Valerie se esforçava para processar essas informações à medida que o Dr. Russo continuava a explicar, só que mais lentamente desta vez:

— As queimaduras deixaram a pele muito rígida e dura e, conforme Charlie recebe hidratação, o tecido queimado incha e se torna ainda mais tensionado. Isso produz pressão e, se ela continuar aumentando, a circulação na área pode ser prejudicada.

Caso isso ocorra, teremos de fazer diversas incisões no local para aliviar a pressão.

— Existe algum aspecto negativo nesse procedimento? — perguntou, sabendo instintivamente que sempre há um aspecto negativo para tudo.

Dr. Russo acenou que sim.

— Bem, é sempre bom evitar cirurgias se puder — esclareceu pacientemente, tomando cuidado com as palavras. — Há um pequeno risco de hemorragia e infecção, mas geralmente conseguimos controlar. No geral, não estou preocupado demais.

A mente de Valerie ateu-se à palavra demais, analisando as nuances e as gradações da preocupação do médico, o significado exato da frase. Como se percebesse isso, o Dr. Russo sorriu suavemente, apertou o pé de Charlie coberto por duas camadas de cobertores e disse:

— Estou muito satisfeito com o progresso de seu filho e acredito que estamos caminhando na direção de uma ótima recuperação. Ele é forte, sei disso.

Valerie assentiu, desejando que seu filho não tivesse de ser forte. Desejando que ela não tivesse de ser forte por ele. Ela já estava cansada de ser forte mesmo antes de tudo isso acontecer.

— E o seu rosto? — indagou.

— Sei que é difícil, mas também temos de esperar. Levará alguns dias até que

possamos determinar se essas queimaduras são de segundo ou terceiro grau. Quando soubermos, poderemos estabelecer um plano de ação.

Valerie mordeu o lábio inferior e acenou positivamente. Vários segundos de silêncio se passaram quando ela notou que sua barba negra havia crescido desde a noite anterior, formando uma sombra sobre seu maxilar e seu queixo. Ela se perguntou se ele havia ido para casa na noite anterior, e se tinha filhos.

Por fim, ele disse:

— Por enquanto, vamos apenas manter a pele limpa e coberta e observaremos seu progresso de perto.

— Tudo bem — ela respondeu, acenando positivamente mais uma vez.

— Nós observaremos seu progresso de perto. — disse o Dr. Russo tocando em seu cotovelo. — Você pode ir para casa tentar dormir hoje à noite.

Valerie tentou sorrir.

— Vou tentar — ela disse, mentindo outra vez.

Mais tarde naquela noite, Valerie estava bem acordada em sua cadeira de balanço pensando no pai de Charlie e na noite em que se conheceram em um bar em Cambridge, poucos dias depois de sua grande briga com Laurel. Ela chegou sozinha, sabendo que aquela era uma má idéia mesmo antes de avistá-lo em um canto, também sozinho, fumando um cigarro atrás do outro, tão misterioso e atraente, além de parecer dominado pela angústia. Ela decidiu que precisava se divertir um pouco e, se tivesse alguma chance, sairia de lá com ele. E foi exatamente o que fez três horas mais tarde, depois de quatro taças de vinho.

Seu nome era Lionel, mas todos o chamavam de Lion, o que já serviria de aviso. Para começar, parecia um leão, com uma pele incrivelmente dourada, olhos verdes, uma juba espessa de cabelos enrolados e mãos calejadas. E havia o seu temperamento, remoto e lânguido, com surtos de fúria. E, assim como um leão, não via nenhum problema em deixar que sua leoa fizesse todo o trabalho — seja lavar suas roupas, cozinhar, seja até mesmo cuidar de suas contas. Valerie atribuía esse comportamento à sua preocupação com o trabalho, mas Jason insistia que sua preguiça era causada pela sensação de direito de posse, típica de mulheres bonitas.

Ela entendia o que seu irmão queria dizer, mesmo quando estava enlouquecida de paixão, quando a maioria das mulheres geralmente fica cega de atração, ela simplesmente não se importava e, na verdade, achava que seus defeitos eram atraentes, românticos, característicos de um homem que era tanto escultor quanto pintor.

— Ele é um artista — ela dizia o tempo todo a Jason, como se isso justificasse suas falhas. Ela sabia como isso soava, sabia que Lion era um clichê, um artista temperamental e egoísta, e que ela era um clichê maior ainda por ter se apaixonado por ele.

Havia visitado o ateliê de Lion e visto seu trabalho, mas ainda não o tinha visto

trabalhando.

Mesmo assim, podia imaginá-lo perfeitamente esparramando tinta vermelha sobre telas gigantes com um movimento rápido de seu pulso. Os dois juntos, reencenando a cena do vaso de porcelana como Demi Moore e Patrick Swayze no filme *Ghost*, e de fundo a música *Unchained Melody*.

— Que seja — disse Jason, revirando os olhos. — Só tome cuidado.

Valerie prometeu que tomaria, mas havia algo em Lion que a fez jogar toda a cautela para o espaço, além dos preservativos, já que transavam em todos os lugares, em todo o ateliê de Lion, no apartamento de Valerie, no chalé em Vineyard onde ele cuidava de cães (que, depois, Valerie soube que eram o chalé e o cachorro de sua ex-namorada, que foi a razão da primeira grande briga entre eles) e até mesmo no banco traseiro de um táxi. Era o melhor sexo que Valerie já havia feito na vida, o tipo de atração física que a fez sentir-se invencível, como se tudo fosse possível. Infelizmente, a euforia logo passou e foi substituída por ciúme e paranóia conforme Valerie ia descobrindo no apartamento de Lion perfumes diferentes em seus lençóis, fios loiros em seu banheiro, marcas de batom em uma taça de vinho que ele nem se dera ao trabalho de colocar na lava-louças. Ela o interrogava em fúria, mas por fim acreditava em suas histórias sobre uma prima que viera visitá-lo, sua professora do instituto de artes, a garota que ele conheceu na galeria que jurou que era lésbica.

Durante todo esse tempo, Jason fez o que pôde para convencer Valerie que Lion não valia tamanho sofrimento. Ele era só outro artista perturbado e pouco talentoso, nada além disso. Valerie fingia concordar, queria concordar, mas não conseguia acreditar que isso fosse verdade. Em primeiro lugar, Lion não era tão perturbado assim — não tinha problemas com drogas nem álcool e nunca havia tido problemas com a polícia. E, em segundo lugar, porém infelizmente, ele era talentoso sim — “brilhante, perceptivo e instigante”, de acordo com o crítico do jornal *Boston Phoenix* que analisou sua primeira exposição na galeria da Rua Newbury — por sinal uma galeria que pertencia a uma jovem socialite atrevida e elegante chamada Pondera, que viria a ser a próxima conquista de Lion.

— Pondera? Dá para ser mais pretensioso? — disse Jason depois de Valerie pegá-los se beijando na rua em frente ao apartamento de Lion e correr para casa, em frangalhos, para contar a seu irmão. — Lion e Pondera — ele continuou — Até que se merecem, com esses nomes então.

— Eu sei — disse Valerie, obtendo algum conforto do escárnio de seu irmão.

— Pondera isso! — brincou Jason, levantando as duas mãos e os dedos do meio.

Valerie sorriu, mas não conseguiu contar a Jason o principal problema, pois no dia anterior havia feito um teste de gravidez e descobrira que estava grávida de Lion. Ela não sabia exatamente por que estava escondendo isso de seu irmão, talvez fosse por vergonha, mágoa ou pela esperança de não ser verdade — ou

talvez porque esperasse que tivesse feito o primeiro teste de gravidez com falso-positivo na história dos testes de farmácia. Alguns dias depois, quando o exame de sangue, no consultório do médico, confirmou que havia de fato um bebê em sua barriga, ela chorou em seu quarto e pediu a Deus por um aborto espontâneo, ou coragem para ir até uma clínica na Avenida Commonwealth onde várias amigas foram na época de faculdade. Mas, lá no fundo, sabia que não conseguiria ir até lá, talvez por causa de sua criação católica, ou, provavelmente, pelo fato de realmente querer ficar com o bebê. O filho de Lion. Ela negou veementemente que isso tivesse qualquer coisa a ver com o querer de volta, mas continuava ligando para ele, incessantemente, vislumbrando uma mudança, uma transformação de caráter.

Ele nunca atendeu o telefone, forçando-a a deixar mensagens vagas e desesperadas às quais ele nunca retornaria, mesmo quando lhe informou que tinha algo “muito importante” para dizer.

— Ele não merece saber — disse Jason, declarando que Lion era a primeira pessoa que de fato odiava no mundo.

— Mas esse bebê não merece ter um pai? — Valerie perguntou.

— Se a escolha for entre Lion ou nada, a criança estará melhor com nada.

Valerie compreendeu o que Jason quis dizer, entendendo que há um sofrimento maior quando nos decepçionamos constantemente do que quando existe apenas um vazio. Mas, para ela, não contar sobre o bebê era tão errado quanto realizar um aborto.

Então, em uma noite solitária no último trimestre da gravidez, ela decidiu ligar para Lion pela última vez, dar-lhe uma última chance. Mas, quando discou seu número, um estranho com sotaque característico do Oriente Médio disse à Valerie que ele havia se mudado para a Califórnia sem deixar informações. Ela não tinha certeza se isso era verdade ou se aquele era apenas um cúmplice de Lion, mas de qualquer maneira finalmente desistiu, assim como tinha desistido de Laurel e de seus amigos de Southbridge.

Não havia mais nada que pudesse fazer, decidiu — e se consolava de maneira surpreendente com aquela sensação de impotência, lembrando-se disso durante todos os momentos difíceis que se seguiram: quando entrou em trabalho de parto, quando levou Charlie para casa, quando ele a manteve acordada tarde da noite com cólicas, quando teve infecção de ouvido, febre alta e também quando se machucou. Lembrou-se disso quando Charlie atingiu idade suficiente e perguntou sobre seu pai. Como Valerie temia, foi de partir o coração. Contou-lhe a verdade modificada, uma verdade que ela havia criado havia anos — que seu pai era um artista talentoso que teve de ir embora antes de Charlie nascer e que ela não sabia ao certo onde ele estava naquele momento. Pegou o único quadro que tinha de Lion, uma pintura abstrata cheia de círculos, todos em tons de verde, e o pendurou cerimoniosamente no quarto de Charlie.

Então lhe mostrou a única foto que tinha de seu pai, uma imagem embaçada que guardava em uma velha caixa em seu armário. Perguntou-lhe se queria ficar com a foto, oferecendo-se para emoldurá-la se quisesse, mas ele não quis, e a colocou de volta na caixa.

— Ele nunca te conheceu — disse Valerie, tentando conter suas lágrimas — Se te conhecesse, tenho certeza de que te amaria tanto quanto eu.

— Ele vai voltar? — perguntou Charlie, com os olhos tristes, porém sem chorar.

Valerie abanou a cabeça em forma de negação e disse:

— Não, meu amor, ele não vai voltar.

Charlie aceitou a resposta, assentindo corajosamente, enquanto Valerie dizia a si mesma que não havia mais nada que pudesse fazer — com exceção de ser uma boa mãe, a melhor mãe que pudesse ser.

Mas agora, anos mais tarde, encarando o teto do hospital, começava a duvidar disso, duvidar de si. Pegou-se pensando que deveria ter se esforçado mais para encontrar Lion. Desejando que seu filho tivesse um pai. Desejando que eles não estivessem tão sozinhos.

CAPÍTULO 05

TESSA

Em uma tarde de domingo, Nick, Ruby, Frank e eu estávamos comprando fantasias de Dia das Bruxas, na Target, nossa idéia de diversão em família, quando percebi que oficialmente havia me tornado minha mãe. Certamente, não era a primeira vez que me pegava em um momento de “Barbismo”, como meu irmão chamava esses momentos.

Por exemplo, sei que falo exatamente como ela sempre que aviso a Ruby que está “mexendo com o perigo” ou que “apenas pessoas entediadas ficam entediadas”. Eu a vejo em mim quando compro algo que realmente não quero — seja um vestido, seja uma embalagem com seis pacotes de macarrão — só porque estava em liquidação. Ou quando julgo alguém por esquecer de escrever um cartão de agradecimento, ou por dirigir um carro com uma placa personalizada ou, Deus me livre, por mascar chiclete vigorosamente em público.

Mas, à medida que parei no corredor de fantasias da loja e disse a Ruby que não, ela não podia comprar uma fantasia da personagem Sharpay do filme *High School Musical*, com um corpete mostrando a barriga com piercing e uma calça capri de lamê dourado, sei que entrei de vez no terreno de Barb. Nem tanto por causa da sensibilidade feminista que temos em comum, mas porque prometi à minha filha que ela poderia escolher a fantasia que quisesse este ano. Que ela podia ser “o que quisesse” — o que foi exatamente o que minha mãe me disse

quando eu era uma menina e depois uma jovem mulher. Mas o que ela realmente queria dizer, nas várias vezes em que isso aconteceu, e claro o que eu queria dizer neste caso, era “pode ser o que quiser, contanto que eu aprove a sua escolha”.

Eu me senti horrível, recordando todas as conversas que tive com minha mãe no ano passado, quando lhe contei que estava abrindo mão de minha chance de me tornar uma professora acadêmica com cargo vitalício no Wellesley College. Sabia que ela tinha algo (muito, aliás) a dizer sobre isso, já que estava acostumada a ouvir suas opiniões mesmo quando não as pedia. Na verdade, meu irmão e eu, geralmente, nos divertimos com suas visitas e todas as vezes que ela inicia suas frases com “Se quiserem uma sugestão” — o que é apenas o pontapé inicial para que comece a dizer que estamos fazendo tudo errado. “Se quiser uma sugestão, separe as roupas de Ruby na noite anterior — isso poupa muitas discussões pela manhã.” Ou, “se quiser uma sugestão, escolha um determinado lugar para colocar todas as correspondências e papéis. Isso realmente diminui a bagunça”. Ou a minha preferida, “se quiser uma sugestão: tente relaxar e criar um ambiente agradável quando amamenta o bebê. Acho que Frank percebe quando está estressada”. Sim, mãe, com certeza ele percebe meu stress. Assim como todo mundo aqui em casa e no resto do mundo, por isso estou deixando meu emprego.

Essa, é claro, não foi uma explicação que a satisfez. Em vez disso, estava cheia de outras “sugestões”. Tais como, “Não faça isso. Vai se arrepender. Seu casamento será abalado”. E começou a citar Betty Friedan, que dizia que ficar em casa era “o problema sem nome” e Kates Shulman, que sugeriu que, em vez de deixar seus empregos, as mulheres deveriam simplesmente se recusar a fazer 70% do trabalho de casa.

— Não consigo entender como você pode deixar todos os seus sonhos de lado — ela disse de maneira intensa, invocando os espíritos de seus dias de hippie, queimadora de sutiãs. — Largar tudo o que você lutou para conseguir e ficar em casa de moletom, cuidando da roupa e assando tortas.

— Não é isso — retruquei, perguntando-me se conseguiria, de alguma maneira, me ver através da linha do telefone, em pé diante do fogão, preparando macarrão com queijo, bacon e trufas negras a partir de uma receita que havia acabado de pegar de uma revista. — É que quero poder passar mais tempo com Ruby e Frank.

— Eu sei, querida — ela disse. — Sei que você acredita nisso, mas, no fim das contas, você terá sacrificado sua alma.

— Ah, pelo amor de Deus, mãe — discordei, revirando os olhos —, não seja tão dramática.

Mas ela continuou com o mesmo fervor:

— E, quando menos esperar, essas crianças passarão o dia todo na escola, e

você ficará em casa sozinha, esperando-as chegar, enchendo-as de perguntas sobre o dia delas, vivendo a sua vida por intermédio delas, daí olhará para trás e se arrependerá de sua decisão.

— Como sabe como eu vou me sentir? — perguntei indignada, assim como fazia no colegial sempre que ela tentava, em suas próprias palavras, me conscientizar. Como quando fiz teste para ser animadora de torcida e me disse com desprezo, na frente de todas as minhas amigas animadoras de torcida, que eu deveria participar de “um time de verdade” e não “ficar pulando, feito boba, na frente de um monte de garotos”.

— Porque te conheço, sei que isso não será suficiente para você, ou para Nick. Lembre-se, Nick se apaixonou pela jovem que ia atrás de seus sonhos, de seu coraço. Você ama seu trabalho.

— Amo mais ainda minha família, mãe.

— Mas seu trabalho e sua família não são incompatíveis.

— Às vezes parece que são — respondi, lembrando-me da vez em que cheguei em casa e me deparei com nossa babá toda empolgada, contando sobre os primeiros passos de Ruby, e das inúmeras outras coisas que perdi. Momentos marcantes e também menos turbulentos.

— O que o Nick disse sobre isso? — ela perguntou. Tinha certeza de que essa era uma armadilha, um teste para o qual não tinha uma resposta certa.

— Ele apoiou minha decisão — respondi.

— Bom, não me surpreende — com um tom suficientemente mordaz para que eu me perguntasse pela centésima vez o que ela tinha contra ele, ou talvez contra todos os homens, com exceção de meu irmão.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei desafiando-a, sabendo que ela via isso como via todo o resto, por meio da experiência de seu próprio divórcio e do ódio que sentia por meu pai mulherengo.

— Bem, se posso dizer, em parte, acho que é muito nobre da parte de Nick apoiá-la em sua decisão — começou utilizando seu tom calmo e complacente, só um pouco menos irritante que seu tom estridente. — Ele quer que você seja feliz e acha que isso a fará feliz, e também está priorizando o tempo, e não a renda extra, o que pode ser uma coisa sábia a fazer.

Mergulhei uma colher de pau em meu molho de queijo borbulhante e provei-o.

Perfeito, pensei, enquanto ela continuava a discursar.

— Mas os sonhos de Nick não estão sendo adiados, e, conforme os anos forem passando, isso pode criar um muro entre vocês, pois ele terá uma vida excitante, desafiadora, recompensadora e vibrante longe de você, Ruby e Frank. Enquanto isso, todas as tarefas domésticas enfadonhas ficarão com você.

— Ainda terei minha vida, mãe. Ainda terei meus interesses e meus amigos, além de mais tempo para cultivá-los, e sempre terei a opção de voltar a

trabalhar, dar uma ou duas aulas como professora adjunta, caso sinta muita falta.

— Não é a mesma coisa, seria um emprego e não uma profissão. Um passatempo, não uma paixão. Além disso, com o tempo, o Nick pode perder um pouco do respeito por você, e, pior ainda, você pode perder um pouco do respeito por si mesma — ela disse enquanto eu respirava fundo e me preparava para o que ainda estava por vir.

E, como eu previa, ela terminou com uma insinuação pesada e amarga:

— E é nesse momento — disse — que seu casamento se torna suscetível.

— Suscetível a quê? — indaguei, fingindo-me de burra para ver até onde isso chegaria.

— A uma crise de meia-idade — respondeu. — Ao chamado irresistível clamando por carros esportivos vermelhos, suntuosos e por mulheres com seios enormes e sonhos maiores ainda.

— Não gosto de carros vermelhos nem de mulheres com seios enormes — rebati zombando da maneira como minha mãe expressa suas idéias.

— Eu estava falando de Nick — explicou-se.

— Eu sei — respondi, resistindo ao impulso de apontar todas as inconsistências presentes em seus argumentos: o fato de as traições de papai terem começado quando ela abriu seu próprio negócio como designer de interiores. Na verdade, seu trabalho de decoração de uma mansão de Murray Hill acabara de ser publicado na revista de decoração *Elle Decor* quando, na mesma semana, ela descobriu o último caso de meu pai, flagrando-o com uma mulher desempregada que não tinha nenhum plano além de aperfeiçoar a arte do ócio. Seu nome era Diane, e meu pai está com ela até hoje. David e Diane (com seus cães Dottie e Dalilah). Com as iniciais “DD” gravadas em tudo que têm em sua casa, um retrato da alegria do segundo casamento, os dois juntos e orgulhosos buscando o hedonismo, desfrutando do fundo fiduciário de Diane e da aposentadoria que meu pai recebia por seus mais de 30 anos de trabalho em uma firma de advocacia tradicional.

Entretanto, me segurei para não dizer que trabalhar não era uma tática infalível, porque não queria machucá-la e não queria sugerir que tivesse qualquer coisa além de todo o respeito do mundo por ela. Minha mãe pode não ter lidado com seu divórcio com o equilíbrio de um mestre de ioga (como no dia em que ficou sabendo sobre Diane e arrebentou a Mercedes conversível do meu pai com um taco de beisebol), mas ela fez o melhor que pôde. Apesar de todos os contratemplos em sua vida, ela sempre conseguiu vencer e até mesmo, superando as expectativas, ser feliz. Desde criar meu irmão e eu, até sua breve, porém intensa, luta contra o câncer de mama (que escondeu de nós no ensino fundamental, insistindo que havia raspado a cabeça em virtude da intensa onda de calor que atingira Nova York) e sua carreira, que construiu a partir do zero, Barbie era uma mulher durona e maravilhosa, e sempre tive orgulho de tê-la

como minha mãe, mesmo quando era extremamente dominadora.

Por isso, não a rebati. Apenas me mantive firme e disse:

— Mãe, escuta. Sei que suas intenções são boas, mas essa é a escolha certa para nós. Para a nossa família.

— Tudo bem, tudo bem — ela cedeu. — Espero estar errada, Tessa. De verdade.

Pensei nessa conversa e no meu voto de tentar apoiar as escolhas de Ruby mesmo quando não concordasse com elas. Mas, enquanto analiso a foto de Sharpay, observando o batom vermelho, os saltos e a pose provocativa, descarto minha decisão e tento criar uma exceção chamada “nada de roupas vulgares” e fazer minha filha mudar de idéia. Só dessa vez.

— Ruby, acho que essa roupa não é adequada à sua idade — disse casualmente, tentando não incentivar ainda mais sua decisão.

Mas Ruby apenas negou com a cabeça de maneira decidida e falou:

— Não é não.

Pisando em ovos, tentei novamente:

— Você vai congelar de frio com essa roupa na rua.

— Tenho o sangue quente — respondeu, mostrando que obviamente não havia entendido a aula de Biologia que seu pai havia dado naquela manhã.

Enquanto isso, assistia a outra dupla de mãe e filha, usando vestidos roxos aveludados combinando, concordando na escolha de uma fantasia da Dorothy,¹¹ muito apropriada. A mãe sorria orgulhosa e, como se quisesse me mostrar como se faz, diz com uma voz sugestiva direcionada à Ruby:

11 Dorothy é a personagem principal do filme O Mágico de Oz. (N. da T.)

— Olhe que fantasia linda de Branca de Neve. Ficaria perfeita em uma menininha de cabelos escuros.

Entrei na dança, só para mostrar que seus truques fajutos não funcionariam na minha casa.

— É verdade! Ora, Ruby, você tem cabelos escuros. Não gostaria de ser a Branca de Neve? Você poderia carregar uma maçã vermelha bem lustrosa!

— Não. Não quero ser a Branca de Neve, e não gosto de maçãs. — Ruby revidou, com uma expressão pétrea.

A outra mãe encolheu os ombros de maneira descontrada e, com um sorriso artificial, como se dissesse “Tentei. Mas meus poderes de mãe do ano vão só até aí”.

Retribuí com um sorriso falso, abstando-me de dizer o que realmente estava pensando: que é uma jogada cármica pouco inteligente sair por aí se sentindo superior a outras mães. Porque, quando menos esperar, seu anjinho se tornará uma adolescente tatuada escondendo cigarros de maconha em sua bolsa de grife

e fazendo sexo oral no banco de trás de sua BMW.

Segundos depois, enquanto as duas seguiam a estrada de tijolos amarelos, Nick virou o corredor carregando Frank em um braço e uma fantasia de Elmo no outro, provando mais uma vez que, pelo menos em nossa casa, os meninos são mais fáceis de lidar. Os olhos de Ruby se iluminaram quando viu seu pai e não perdeu tempo em me entregar no volume mais alto possível:

— A mamãe disse que eu podia ser qualquer coisa que quisesse no Dia das Bruxas e agora não quer me deixar ser a Sharpay! — gritou.

Nick levantou as sobrancelhas.

— A mamãe não quebraria uma promessa como essa, quebraria? — ele perguntou.

— Quebraria sim, pode ficar sabendo — Ruby respondeu, fazendo bico. — Ela acabou de quebrar.

Nick olhou para mim enquanto eu assumia relutante.

— Veja por si mesmo — resmunguei, apontando para a foto da fantasia e sentindo uma onda secreta de satisfação enquanto lia a mente de Nick. Por um lado, sei que seu instinto básico lhe diz para sempre fazer a vontade da filha, fazê-la feliz a praticamente qualquer custo. Por outro lado, ele é extremamente protetor e prefere que sua filha não ande pela vizinhança vestida como uma prostituta infantil.

Esperançosa, vi Nick ajoelhar-se ao lado de Ruby e dar o melhor de si:

— Acho que isso parece um pouco... velho para você, Ruby. Quem sabe ano que vem?

Ruby balança a cabeça negativamente e responde:

— Não é muito velho, papai, é do meu tamanho! — ela diz, apontando para a etiqueta no canto da embalagem.

No primeiro sinal de resistência, Nick ficou em pé e se rendeu, dando-me um olhar de impotência.

— Bem, então acho que a decisão fica para você e sua mãe.

Pensei em minha mãe mais uma vez, tentando imaginar o que ela diria a Ruby e, principalmente, o que diria sobre Nick e sua psicologia liberal. “As tarefas enfadonhas ficarão com você”, ouvi em minha cabeça. Então dei o suspiro sobrecarregado típico de todas as mães e falei:

— Promessa é promessa. Vamos levar a fantasia da Sharpay.

— Oba! — Ruby celebrou, correndo até a fila do caixa.

— Oba! — imitou Frank, enquanto Nick e ele iam atrás de Ruby.

— Mas nada de batom — disse para mim mesma, assim como minha mãe fazia. — E vai usar uma blusa de gola rulê, mocinha. Queira ou não.

Mais tarde naquela noite, depois que finalmente as crianças foram dormir, olhei em nosso calendário e descobri que o dia seguinte era o dia em que Ruby seria a “ajudante especial” em sua escolinha. Essa notícia era ótima para Ruby,

que, de acordo com o folheto que explicava as funções do “ajudante especial”, teria de alimentar o peixe dourado de sua turma, escolher um livro para ser lido para os amiguinhos na hora da historinha e ser a primeira da fila no parquinho. Mas, infelizmente, isso também significava que era o meu dia de preparar um lanche saudável e, ao mesmo tempo, delicioso para 16 crianças, um que não contivesse produtos derivados de amendoim ou outros frutos secos, em virtude de uma alergia letal dentro da sala de aula — o que praticamente descarta tudo o que tínhamos em mãos.

— Droga — resmunguei me perguntando como pude ignorar o aviso grifado de laranja fluorescente que havia escrito apenas duas semanas antes.

— Você prefere o Napa ou o Rhone? — perguntou Nick, com uma garrafa de vinho em cada mão.

Apontei para o Rhone e resmunguei mais uma vez olhando para o calendário enquanto Nick devolvia a garrafa do Napa para a estante de vinhos e remexia na gaveta à procura do abridor.

— O que foi? — perguntou.

— Ruby é a “ajudante especial” amanhã, na escolinha.

— E daí?

— E daí que nós temos que levar um lanche — respondi usando nós, apesar de saber que essa tarefa fazia parte das minhas funções, mesmo quando eu trabalhava.

Infelizmente, não tenho mais meu trabalho como desculpa — o que eu sempre achei que fizesse com que as expectativas quanto a mim fossem um pouco menores.

— Então qual é o problema? — perguntou sem fazer a menor idéia do que estava acontecendo.

— Nossos armários estão vazios — respondi.

— Que nada — Nick diz despreocupado. — Tenho certeza de que temos alguma coisa aqui.

— Na verdade não — eu falei, pensando no almoço e no jantar improvisados que preparei neste dia, utilizando sobras da semana anterior.

Ele tirou a rolha da garrafa, serviu duas taças e foi até a despensa.

— Aha! — disse, pegando um saco de bolachas ainda fechado — um dos meus vários prazeres condenáveis.

— Bolachas? — disse sorrindo.

— Sim, bolachas. Você sabe, leite com bolachas, como nos velhos tempos.

Balancei a cabeça em negação enquanto analisava a liberdade hilária de ser um homem, o papai. Pensando que bolachas poderiam, possivelmente, ser levadas para qualquer escola ou estratosfera como lanche, ou ainda, como lanche para uma sala toda.

— Isso é tão errado — disse, divertindo-me. — Você não é médico? Não é

algo como a filha do pastor fazendo sexo? Ou o filho do sapateiro andando descalço pela cidade?

— Nossa, ainda existem sapateiros? — Nick brincou, e então falou:

— Ah, vai, crianças adoram bolachas. Além disso, sua analogia é suspeita, afinal não sou um dentista, sou um cirurgião plástico.

— Tudo bem, mas não dá para mandar bolachas.

— Por quê?

— Em primeiro lugar, tenho certeza de que elas contêm derivados de amendoim — disse, lendo os ingredientes. — Em segundo lugar, têm uma quantidade incrível de açúcar. Além disso, não são caseiras. Você faz a mínima idéia do que as outras mães diriam de mim se eu levasse bolachas?

Nick me entregou uma taça de vinho enquanto continuei meu discurso inflamado.

— Eu seria completamente ignorada durante o resto do ano, e até mesmo anos depois.

Quero dizer, é melhor então que eu vá lá, acenda um cigarro e profira um palavrão. “P.q.p., essas bolachas dão barato!” E-mails em massa seriam mandados enlouquecidamente espalhando a última fofoca.

Nick deu uma risada e disse:

— Essas mães são tão críticas assim?

— Algumas são — respondi. — Você nem imagina.

— E você liga?

Encolhi os ombros, pensando que esse era o “xis” da questão. Não queria ligar para esse tipo de bobagem. Não queria ligar para o que os outros pensam, mas ligo. Principalmente nos últimos tempos.

E, como se fosse providência divina, o telefone tocou e vi que era April, minha amiga. April é a minha amiga mais próxima depois de Cate e, definitivamente, minha amiga-mãe mais próxima no dia a dia, mesmo fazendo com que me sinta inferior na maior parte do tempo. Não é de propósito, mas é que ela é tão perfeita, sua casa está sempre em ordem, seus filhos são comportados e estão sempre bem-vestidos, seus álbuns de fotos e seus scrapbooks¹² estão sempre em dia e cheios de fotos maravilhosas em preto e branco (e foi ela mesma quem fez, claro). Ela faz tudo do jeito certo, principalmente quando se trata de seus filhos, desde a alimentação até encontrar a escola certa (além de sempre exigir a melhor professora da escola). Ela já leu e pesquisou sobre tudo e compartilha qualquer informação cheia de entusiasmo, tanto comigo quanto com qualquer pessoa, principalmente quando há algum tipo de perigo. Uma garrafa de água contém níveis excessivos de chumbo? Um homem suspeito dirigindo uma van branca pela vizinhança? Um novo estudo que liga vacinas ao autismo? Ela será a primeira a dar o furo! Infelizmente para mim, sua filha, Olívia, é um ano mais velha que Ruby e agora frequenta o jardim de infância em outra escola

(Longmere Country Day — que é, obviamente, a melhor escola da cidade), caso contrário, teria me lembrado de preparar o lanche.

12 Scrapbooks são álbuns de fotos artesanais, feitos em casa com recortes e papéis decorativos.

— É a Abril — disse a Nick — Vamos perguntar sobre as bolachas.

Ele revirou os olhos enquanto eu atendi o telefone.

Abril começou a falar imediatamente, pedindo-me desculpas por ter ligado tão tarde, que é como ela começa quase todas as suas conversas. Geralmente ela usa “sei que não é uma boa hora”, o que é interessante porque, até onde sei, ela nunca passou por momentos particularmente caóticos na hora de dormir, na hora do banho ou durante uma refeição, os rituais exaustivos que desconcertam qualquer mãe menos perfeita.

E, no mínimo, ela treinou seus filhos a não choramingar ou interromper quando está ao telefone. Aliás, Olivia é a única criança que já ouvi dizer a expressão perdoe-me.

— Você sabe que não temos hora de dormir aqui — disse (sabendo que ela tinha um limite firme para as 20 h e só faltavam cinco minutos para esse horário). Então, antes que ela começasse a falar, eu falei:

— Perguntinha rápida. Amanhã é o dia de Ruby levar o lanche na escola. A única coisa que temos na despensa é um pacote de bolachas. Você acha que serve?

Coloquei o telefone no viva-voz, mas só havia um silêncio do outro lado.

— Abril? — perguntei, com um sorriso largo. — Você ainda está aí?

E ela responde:

— Bolachas, Tess? Você está falando sério?

— Não. Mas o Nick está, expliquei.

Ela engasgou como se eu tivesse acabado de contar que Nick havia me golpeado com um gancho de esquerda durante uma discussão e, então, disse:

— Tessa, você me colocou no viva-voz?

— Sim — respondi sabendo que mais tarde ela me mataria por isso.

— O... Nick está... aí do lado? — sussurrou.

— Está sim — respondi com um sorriso mais largo ainda.

— Olá, Abril — respondeu revirando os olhos mais uma vez. Nick até que gosta de Abril, mas não entende a razão de nossa proximidade e a acusa de ser neurótica e intensa demais, duas características irrefutáveis de sua personalidade. Mas já expliquei que por morarmos na mesma rua e termos filhos com a mesma idade (seu filho, Henry, é seis meses mais velho que Frank) já é o suficiente para nos aproximarmos.

Embora, é verdade, eu acredite que nossa amizade vá além da circunstância e

da conveniência.

Em primeiro lugar, ela é o tipo de amiga que faria absolutamente qualquer coisa por você, ela não oferece ajuda só da boca para fora, ela cumpre o que promete.

Traz sopa quando você está doente, empresta-lhe um vestido quando você não tem nada adequado para usar porque se esqueceu de ir comprar e até cuida das crianças quando há uma emergência. Em segundo lugar, ela é uma boa planejadora que consegue organizar coisas divertidas para fazermos, seja com as crianças, seja com nossos maridos ou apenas nós duas, mesmo. E, por fim, é rápida para servir uma taça de vinho — ou duas ou três —, além de ficar hilária e muito irreverente quando bebe. Uma peculiaridade surpreendente em uma pessoa que é sempre tão disciplinada, além de ser garantia de uma boa diversão.

Mas neste momento ela não tinha tempo a perder, a perfeccionista prestativa e determinada que tanto amo, às vezes a despeito de tudo.

— A intenção foi boa — disse em um tom condescendente, um tom que acho que ela nem percebeu que usou. — Mas tenho certeza de que podemos pensar em algo melhor.

Conseguia imaginá-la andando pela cozinha, mexendo rapidamente seus braços delgados, tonificados pelo tênis, e suas pernas — como de costume.

— Ah! Já sei, acabei de fazer uns muffins de cenoura de dar água na boca, são perfeitos para a ocasião.

Nick faz uma careta, ele odeia adjetivos como “de dar água na boca”, e odeia mais ainda a combinação “úmidos e fofinhos”.

— Humm, sim, mas não sei se tenho tempo de fazer os muffins — respondi.

— Mas é tão fácil, Tessa. Mamão com açúcar.

Para April, tudo é fácil. No ano passado, ela teve a audácia de dizer que beef Wellington era mamão com açúcar quando lhe falei que eu tinha de pensar em algo para servir no jantar de Natal. Por fim, acabei encomendando toda a refeição, mas fui desmascarada quando minha sogra me perguntou como eu tinha feito o molho. Eu não tinha a menor idéia de como fazer qualquer molho, ainda mais aquele sobre a minha mesa.

— Bem, acho que vou ter de comprar alguma coisa pronta mesmo. — disse, tirando o telefone do viva-voz para poupar Nick do resto da conversa.

— Humm. Bem, há sempre a opção de preparar espetinhos com frutas — ela sugeriu, explicando:

— Você só precisa comprar espetinhos de plástico na loja especializada em festas e, então, espetar uvas, morangos, pedaços de abacaxi e de melão. Daí você compra alguns sacos de pipoca orgânica... tem uma marca bem gostosa... Embora a pipoca esteja na lista de um dos produtos mais perigosos que podem fazer crianças engasgar, ao lado de uvas, cachorros-quentes, passas, chicletes, balas... Então talvez não seja uma boa idéia... Engasgamentos me assustam.

Afogamentos também. E Deus... sem querer ser uma estraga-prazeres, mas é por isso que estou te ligando...

— Para me avisar sobre engasgamentos? — perguntei, sabendo que isso não estava fora de cogitação.

— Não. O Nick não te contou? — perguntou, voltando a sussurrar.

— Já tirei o telefone do viva-voz — avisei. — Mas me contou o quê?

— Sobre o acidente?

— Que acidente?

Quando eu disse a palavra acidente, Nick me olhou surpreso, de alguma forma sabíamos o que estava por vir.

— Com aquele garoto da mesma sala de Grayson Croft, Charlie Anderson?

— O que tem?

— Queimou-se na casa de Romy, em um acidente com uma fogueira.

Fiquei sem fala enquanto minha mente tentava se lembrar dos poucos graus de separação entre as pessoas de Wellesley: Romy Croft é uma das amigas mais próximas de April em sua turma de tênis. O filho de Romy e a filha de April estão na mesma sala no jardim de infância na escola Longmere Country Day, assim como o paciente de Nick, ao que me parece.

Como se esperava, April perguntou:

— Ele não é paciente de Nick? Pelo menos é o que me contaram...

— Sim — respondi, abismada ao perceber que a usina de fofocas funciona a todo o vapor no fim de semana.

— O que foi? — Nick perguntou, desta vez me olhando fixamente.

Cobri o telefone com as mãos e disse:

— Seu paciente da noite de sexta-feira, ele estava na casa de Romy Croft quando o acidente aconteceu.

— De quem? — perguntou, provando mais uma vez ser péssimo em guardar nomes e, menos ainda, saber quem é o que de quem. Na verdade, ele é tão ruim que, às vezes, parece que está fazendo de propósito, quase como se achasse graça. Principalmente no caso de pessoas de alto nível, como Romy, que oferece jantares suntuosos e muito comentados, está envolvida em quase todos os eventos de caridade da cidade e faz parte do conselho da escola de seu filho, onde espero que Ruby estude no próximo ano.

Neguei com a cabeça enquanto levantava um dedo indicador, mostrando que ele teria de esperar um segundo. Enquanto isso, April me contava que Romy estava fora de si de tanta preocupação.

— Como foi que tudo aconteceu? — perguntei.

— Não sei, ela deve estar passando por algum tipo de transtorno de stress pós-traumático, porque ela meio que se esqueceu dos detalhes.

— Ela não se lembra de nada?

— Na verdade, não. Pelo menos nada específico, mas, em algum momento,

Daniel correu para dentro de casa para pegar mais chocolate, ou marshmallow, ou bolacha, e Romy ficou sozinha com os meninos... e acho que, nessa hora, alguns deles começaram a fazer algazarra e, não sei como, Charlie deve ter tropeçado e caído. Ela não se lembra de nada depois disso, a não ser de gritar pedindo que Daniel chamasse uma ambulância.

Meu Deus, deve ter sido tão horrível.

— Foi mesmo — murmurei, tentando imaginar essa cena terrível e assustadora.

— Quero dizer, nunca vi a Romy tão chateada. Em geral, ela é tão calma com tudo. Mas desta vez... está preocupada principalmente com Charlie, claro, mas com Grayson também. Ela me contou que ele chorou até dormir e depois acordou tendo pesadelos, ela vai marcar uma consulta com um psiquiatra infantil para ajudá-lo a lidar com tudo isso.

— Sim, posso imaginar.

— E, que fique entre nós, mas Romy e Daniel estão morrendo de medo de sofrer um processo.

— Você acha mesmo que eles vão processá-los? — perguntei, pensando na caos que seria se um pai processasse o outro sendo que os filhos estudam na mesma sala. E eu que achei que tinha sido grave quando um garotinho mordeu outro na sala de Frank.

— Ela — esclareceu April. — O garoto não tem pai, ela é mãe solteira, e ninguém a conhece muito bem. Claro que enviei um e-mail às demais mães e aos professores, explicando tudo o que aconteceu. Mas, até agora, ninguém conversou com ela, pelo menos até onde eu sei. Então ninguém sabe ao certo o que ela fará.

— Certo — disse, sentindo-me tensa sem saber ao certo por quê. — Tenho certeza de que ela nem está pensando nisso neste momento.

— Ah, claro que não — concordou April, percebendo que talvez estivesse sendo insensível.

E, como tal, adicionou rapidamente — Então, como ele está? O Charlie?

— Humm... Não sei ao certo — respondi. Nick e eu ainda não tivemos tempo de conversar sobre detalhes. Não percebi que havia uma... conexão.

— Entendo. Você pode perguntar a ele?

— Uh... sim, só um segundinho — respondi. Então olhei para Nick, que negava veementemente com a cabeça, obviamente pressentindo a direção que a conversa havia tomado. Isso não me surpreendeu, já que, quando se trata de ética, Nick segue as regras ao pé da letra.

E, como eu já esperava, ele sussurrou:

— Por favor, Tess. Você sabe que não posso ficar falando sobre meus pacientes por aí.

— É isso que devo dizer a ela?

— Sei lá. Diga algo geral, você sabe. Diga que ainda não pude determinar a profundidade do trauma térmico na pele. Que ainda é cedo demais para saber.

— Profundidade do trauma térmico? — perguntei, reconhecendo a terminologia, mas me esquecendo de seu significado exato.

— Se são de segundo ou terceiro grau, se ele precisará sofrer uma cirurgia — explicou, ficando impaciente.

Acenei e entrei na sala de TV, para que Nick não me ouvisse:

— Voltei.

— O que ele disse?

— Bem, pelo que entendi — disse limpando a garganta — o rosto e a mão do garoto foram gravemente queimados, mas isso fica entre nós. Você sabe, essas coisas de sigilo médico.

April souou um pouco na defensiva quando me disse que compreendia.

— Só espero que ele esteja bem. Sinto-me tão mal por todos os envolvidos.

— Sim. É uma situação realmente terrível. As coisas podem acontecer tão rapidamente — falei, perguntando-me por que me sinto tão dividida durante essa conversa. Digo a mim mesma que não é possível escolher um lado.

— Acho que Romy irá ao hospital amanhã — contou-me, para levar uma cesta e tentar conversar com a mãe do menino. E eu vou organizar um grupo de entrega de refeições.

Passar uma lista pela escola para saber quem quer participar. As pessoas vão querer ajudar, é uma comunidade tão incrível, um grupo muito unido.

— Você a conhece? A mãe de Charlie? — perguntei, identificando-me mais com ela que com Romy, não sei ao certo por quê.

— Não, mas me lembro dela na noite em que a escola estava aberta aos pais, alguns dias atrás. — Então April começou a descrevê-la fisicamente dizendo:

— Ela é muito delicada... e bonita de uma maneira bem simples. Cabelos lisos e escuros, como se lavasse e já saísse de casa. Parece jovem, também. Tão jovem que dá a impressão de que tenha engravidado ainda adolescente. Embora eu possa estar completamente enganada quanto a isso, talvez até seja viúva.

— Certo — concordei, tendo certeza de que April chegaria a algum ponto com isso.

E continuou, como se lesse minha mente:

— Não quero me envolver demais, mas já estou envolvida. Você sabe, sendo amiga de Romy e tendo uma filha na escola... E, de certa forma, sendo amiga de vocês. Meu Deus, como este mundo é pequeno...

— Sim — concordei, voltando à cozinha para tomar um gole, muito necessário, de vinho.

— De qualquer modo — April continuou, com o tom de voz repentina e drasticamente mais suave —, você precisa de ajuda com os espetinhos? Acabei de chegar do mercado, então tem bastante fruta aqui em casa, posso te arranjar

algumas.

— Obrigada — respondi. — Mas é muito trabalho. Acho que vou comprar alguma coisa pela manhã mesmo.

— Tem certeza?

— Tenho sim — assegurei.

— Tudo bem — aceitou —, mas nada de bolachas.

— Nada de bolachas — repeti, perguntando-me por que estava tão estressada com algo tão simples como um lanche para crianças.

A vista do lado de fora do quarto de Charlie era bem agradável, contemplava um pátio cheio de hortênsias cor-de-rosa e brancas, mas Valerie preferia manter as persianas fechadas, a pequena abertura para o lado norte praticamente não permitia que nenhum feixe de luz passasse pelas tiras de plástico. Por isso, ela rapidamente perdeu a noção de dia e noite, uma lembrança de quando Charlie era apenas um bebê, quando tudo o que queria fazer era ficar ao seu lado e cuidar de tudo o que precisasse. Mas agora ela só podia assistir, sem ter o que fazer, enquanto ele resistia bravamente a trocas de curativos e bolsas de líquidos que entregavam, gota a gota, nutrientes, eletrólitos e analgésicos através de suas veias. As horas demoravam a passar e eram interrompidas apenas pelas duas visitas diárias do Dr. Russo e pelo ciclo infundável de enfermeiras, assistentes sociais e funcionários do hospital, a maioria vinha para cuidar de Charlie, alguns vinham ver se Valerie estava bem e outros simplesmente para esvaziar os cestos de lixo, trazer refeições e limpar o chão. Valerie recusava-se a dormir na cama de aço inoxidável que uma das enfermeiras sem nome nem rosto trouxe, com lençóis brancos desgastados e um cobertor azul fino esticados e asseadamente presos nas laterais. Em vez disso, ela ficava na cadeira de balanço de madeira ao lado da cama de Charlie, de onde podia observar seu peito estreito subir e descer, o movimento de suas pálpebras, o sorriso que, às vezes, surgia enquanto dormia. De vez em quando, porém, apesar de todos os seus esforços para ficar acordada, cochilava por alguns minutos, outras vezes por um pouco mais de tempo, sempre acordando em sobressalto, revivendo a ligação de Romy, percebendo mais uma vez que seu pesadelo era real. Charlie ainda estava sedado demais para compreender o que acontecera e, ao mesmo tempo em que Valerie rezava para que ele acordasse logo, morria de medo do momento em que teria que explicar tudo a ele.

No quarto ou quinto dia, a mãe de Valerie, Rosemary, voltou de Sarasota, onde estava visitando uma prima. Era outro momento que Valerie temia, sentindo-se irracionalmente culpada por encurtar a visita de sua mãe, já que ela quase nunca saía de Southbridge, e mais culpada ainda por adicionar outro capítulo trágico a sua vida já bastante trágica. Viúva duas vezes, Rosemary perdeu os dois maridos, o pai de Valerie e o vendedor depois dele, em decorrência de ataques cardíacos.

O pai de Valerie estava removendo a neve da entrada da garagem depois de uma nevasca (teimoso, recusava-se a pagar ao garoto da casa ao lado por algo que ele mesmo podia fazer) quando teve o ataque. E, embora sua teoria nunca tenha sido confirmada, Valerie tinha certeza de que o segundo marido de sua

mãe morreu enquanto transavam. Durante o funeral, Jason virou-se para Valerie e comentou sobre o número de Ave-Marias que seria necessário para pagar pelo pecado das relações carnavais letais e sem fins de procriação.

Essa é uma das várias coisas que Valerie ama em seu irmão, sua capacidade de fazê-la rir nas situações mais improváveis. Mesmo agora, ele tentava contar piadas, geralmente à custa das enfermeiras mais zelosas e falantes, e Valerie forçava um sorriso como uma maneira de agradecer--lhe pelo esforço, por sempre estar ao seu lado. A coisa mais antiga de que se lembra é dos dois em uma carreta vermelha, descendo rapidamente pelo morro íngreme e gramado próximo à casa deles, rindo tanto que, por fim, os dois molharam as calças e a carreta se encheu de um líquido quente. Claro que depois puseram a culpa no bassê do vizinho.

Anos mais tarde, foi ele quem segurou sua mão durante o primeiro ultrassom de Charlie, levou-a até o hospital quando sua bolsa estourou, ficou acordado à noite, cuidando do bebê, quando ela não conseguia mais parar em pé e a apoiou enquanto fazia o curso de direito e prestava o exame da Ordem dos Advogados, insistindo o tempo todo que ela era capaz, que ele acreditava nela. Ele era seu irmão gêmeo, seu melhor amigo e, desde a briga com Laurel, seu único confidente.

Então, não é de admirar que continuasse por perto neste momento também, levando roupas e produtos de higiene para ela no hospital, telefonando para a escola de Charlie e para seu chefe na firma de advocacia, explicando que ela precisaria de uma licença por tempo indeterminado e, nesta manhã em particular, foi buscar Rosemary no Logan Airport. Valerie conseguia imaginar seu irmão atualizando sua mãe, sugerindo delicadamente o que deveria ou não dizer. Não que faria muita diferença, já que, apesar da melhor das intenções, sua mãe possui a habilidade sobrenatural para dizer exatamente o que não se deve dizer, especialmente à sua filha.

Então, quando Rosemary e Jason chegaram do aeroporto e se depararam com Valerie na lanchonete, olhando para longe com um copo de refrigerante de máquina, um hambúrguer intacto e um prato cheio de fritas diante de si, não foi surpresa alguma que as primeiras palavras de sua mãe já tenham sido de crítica, e não de consolo.

— Não acredito que um hospital possa servir uma comida tão ruim! — disse para ninguém especificamente. É um ponto de vista compreensível depois de se perder dois maridos para doenças do coração, mas Valerie não estava a fim de ouvir isso neste momento, principalmente quando não tinha nenhuma intenção de comer qualquer coisa que fosse. Afastou a bandeja vermelha de plástico para longe e se levantou para cumprimentar a mãe.

— Oi, mãe, obrigada por vir — disse, já exausta pela conversa que ainda nem havia começado.

— Val, querida — Rosemary retribuiu. — Não precisa me agradecer por vir ver meu único neto.

É assim que ela sempre se refere ao Charlie. Uma vez Jason brincou sobre a graça divina de ser mãe solteira. Ele disse que “Charlie pode ser um bastardo, mas ao menos daria continuação ao nome da família”.

Valerie riu, pensando que nunca toleraria a palavra bastardo referindo-se a seu filho vinda de qualquer outra pessoa no mundo que não fosse Jason. Mas Jason tinha passe livre, com validade para a vida toda. Ela podia contar nos dedos de apenas uma mão o número de vezes que ele a irritara na vida. Ultimamente, o oposto parecia ser verdade quanto à sua mãe. Ela então partiu para um abraço relutante em sua mãe, que retribuiu constrangida. As duas mulheres, com seus corpos esbeltos, são cópias idênticas uma da outra, ambas contidas e rígidas.

Jason revirou os olhos, perguntado-se como duas pessoas que se amam podem ter tanta dificuldade em demonstrar seu afeto. Valerie sente inveja de seu irmão quando se lembra da primeira vez em que Jason levou um namorado para conhecer a família (um corretor de valores muito atraente, chamado Levi) e de quanto ficara confusa observando os dois se tocarem, ficarem de mãos dadas e, até mesmo, em certo momento, abraçarem-se despreocupadamente. A surpresa de Valerie não tinha nada a ver com o fato de seu irmão ser gay, algo que ela já sabia fazia anos, talvez antes mesmo de o próprio Jason saber, mas sim com sua habilidade de demonstrar um afeto tão fácil e natural.

Lembra-se de Rosemary olhando para o outro lado nesses momentos, aparentemente em negação quanto à natureza da “amizade” entre os dois. Quando Jason anunciou sua homossexualidade, sua mãe aceitou impassivelmente (mais impassivelmente do que como aceitara a notícia da gravidez de Valerie), mas nunca admitiu isso desde então, a não ser quando comentou inesperadamente com Valerie que ele com certeza não parecia gay, como se esperasse que tudo tivesse sido apenas um mal-entendido.

Valerie tinha que admitir que isso era verdade, que Jason não se encaixava nos estereótipos gays. Falava e andava como um hétero, torcia fervorosamente pelo Red Sox e pelo Patriots e tinha pouca noção de moda, vestindo-se quase sempre com calças jeans e camisas de flanela.

— Mas ele é gay, mãe — confirmou Valerie, reconhecendo que amar consiste em aceitar e que não mudaria nada em seu irmão, assim como não mudaria nada em seu filho.

De qualquer maneira, Valerie temia a reação de sua mãe quando visse o estado de Charlie, antecipando reações de negação despreocupada, um caminho de culpa ou uma série interminável de frases iniciadas com “se ao menos”.

Então, depois de pegar a bandeja e despejar seu conteúdo em uma lixeira próxima, levou sua mãe e seu irmão até a saída da lanchonete. A caminho do

elevador, Rosemary soltou sua primeira bomba:

— Ainda estou meio confusa. Como diabos isso aconteceu?

Jason olhou incrédulo para sua mãe, enquanto Valerie suspirou e respondeu:

— Não sei, mãe. Eu não estava lá e, claro, ainda não consegui conversar com o Charlie sobre isso.

— E os outros garotos que estavam na festa? Ou os pais? O que lhe contaram? — indagou Rosemary com o rosto angular se movendo para a frente e para trás, como aqueles brinquedos de dar corda antigos.

Valerie pensou em Romy, que lhe deixou diversas mensagens de voz no celular e já passou no hospital duas vezes, deixando cartões feitos à mão por Grayson. Apesar de querer saber cada detalhe do que acontecera naquela noite, ela ainda não consegue encarar Romy, muito menos retornar suas ligações. Não está pronta para ouvir suas desculpas e explicações e tem certeza de que nunca lhe perdoará. Valerie e sua mãe também têm isso em comum, Rosemary guarda rancor com mais determinação que qualquer pessoa que ela conheça.

— Bem, então vamos vê-lo — Rosemary diz, soltando o ar apreensivamente.

Valerie assentiu e os três entraram no elevador subindo dois andares e andaram em silêncio até o fim do corredor. À medida que iam se aproximando do quarto, Valerie ouviu sua mãe murmurar:

— Você deveria ter me ligado assim que o acidente aconteceu.

— Eu sei, mãe. Sinto muito. Eu só queria chegar ao fim das primeiras horas. Além disso, não havia nada que pudesse fazer a distância.

— Rezar — respondeu Rosemary, levantando uma sobrancelha — Eu poderia ter rezado por ele. E se, Deus me perdoe... — sua voz sumiu, dando lugar a uma expressão de dor em seu rosto de traços fortes.

— Sinto muito, mãe — Valerie repetiu, contabilizando suas desculpas em silêncio.

— Bem, você está aqui agora — concluiu Jason, dando a Rosemary seu sorriso mais cativante. A família toda sabe que Jason é seu filho favorito, apesar de ser homossexual.

— E você? Está magro demais, meu amor — disse Rosemary, examinando-o da cabeça aos pés, como se procurasse pelos sinais da AIDS, brincaria Jason com Valerie mais tarde.

Jason pendurou um braço sobre o ombro de Rosemary e, usando todo o seu charme, disse:

— Ah, por favor, mamãe. Olhe para esse rosto. Você sabe que estou lindo.

Valerie analisou sua frase e sentiu-se tensa. Não exatamente porque Jason estava falando de seu rosto bonito e livre de cicatrizes, mas por causa do olhar que ele lhe deu depois. Um olhar de preocupação, de compaixão, de perceber que ele também dissera algo de errado. Valerie conhece bem esse olhar de piedade e sentiu o peito doer ao perceber que seu filho também o conheceria a

partir de agora.

Na manhã seguinte, enquanto Charlie ainda estava cochilando, o Dr. Russo chegou para examinar sua mão. Valerie pôde dizer imediatamente que havia algo errado, a pesar de sua expressão impassível e de seus movimentos lentos e deliberados.

— O que há de errado? — perguntou. — Conte-me.

Ele abanou a cabeça em negação e disse:

— Sua mão não está com um bom aspecto. Está muito inchada.

— Ele vai precisar de cirurgia? — Valerie perguntou, preparando-se para a má notícia.

Dr. Russo acenou que sim e disse:

— Sim. Acho que precisaremos mexer em sua mão para aliviar a pressão.

Valerie sentiu sua garganta fechar só de pensar o que “mexer em sua mão” queria dizer, até que ele explicou:

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Só precisamos aliviar a pressão e fazer um enxerto em sua mão.

— Um enxerto?

— Sim, um enxerto de pele.

— Pele de onde?

— Da sua perna, da área da coxa. Só precisamos de uma pequena tira de pele. Então a colocaremos em um aparelho para expandi-la e a prenderemos em sua mão com um grameador cirúrgico.

Ela podia sentir seu rosto se contorcer enquanto ele continuava, explicando que todo o enxerto seria nutrido por um processo chamado imbibição plasmática, o que significa que o enxerto iria, literalmente, beber plasma e produzir novos vasos sanguíneos na pele transplantada.

— Você faz parecer fácil — comentou.

— E é bem fácil mesmo — ele concordou. — Já fiz isso milhares de vezes.

— Então não há riscos? — perguntou, pensando se não havia nenhum juízo de valor envolvido, se não precisava procurar por uma segunda opinião.

— Na verdade não, a principal preocupação é o acúmulo de líquidos sob o enxerto — continuou a explicar. — Para evitar que isso aconteça, faremos um aspecto de malha no enxerto criando linhas de pequenos cortes interrompidos — ele fez um pequeno movimento, como se estivesse cortando o ar e continuou. — Então cada linha será contrabalanceada por um comprimento da metade de um corte, como os tijolos em uma parede. Além de possibilitar a drenagem, isso permitirá que o enxerto se estique e cubra uma área maior... e que fique mais parecido com os contornos da mão.

Ela assentiu, sentindo-se enjoada, mas, ao mesmo tempo, tranqüilizada pela ciência tão exata disso tudo.

— Também vou usar a terapia VAC, Vacuum Assisted Closure,¹³ que fecha a

ferida a vácuo. Colocarei um pedaço de espuma sobre a ferida e, então, posicionarei um tubo perfurado sobre ela, prendendo-a com ataduras. Em seguida, um aparelho de vácuo produzirá pressão negativa, colando as bordas do enxerto à espuma e extraindo o sangue e os líquidos que estiverem em excesso. Esse processo ajudará a manter o local do enxerto limpo, minimizando o risco de infecções, e promoverá o desenvolvimento de uma nova pele ao mesmo tempo que remove líquidos e mantém o enxerto no lugar.

13 VAC, em português, Pressão Negativa Controlada.

— Certo — Valerie respondeu absorvendo tudo.

— Parece um bom plano? — o médico perguntou.

— Sim — ela respondeu, pensando que não precisava de uma segunda opinião, que confiava plenamente no Dr. Russo. — E depois?

— Manteremos sua mão imobilizada com uma tala por quatro ou cinco dias, então continuaremos o tratamento e trabalharemos a função do membro.

— Então você acha que ele voltará a usá-la novamente?

— Sua mão? Claro. Estou muito otimista, e você também deveria estar.

Ela olhou para o Dr. Russo, perguntando-se se ele conseguia perceber que o otimismo nunca havia sido seu forte.

— Tudo bem — ela disse, tentando mudar esse fato.

— Está pronta? — ele perguntou.

— Você vai fazer a cirurgia agora? — perguntou assustada.

— Se você estiver pronta, sim — esclareceu.

— Sim — respondeu —, estou pronta.

O acidente parece ser o único assunto do momento, ao menos entre as mães da cidade que não trabalham, o grupo no qual estou lentamente me infiltrando. O assunto surge no parquinho onde levo Frank, na aula de balé de Ruby, nas quadras de tênis e, até mesmo, no mercado. Às vezes, as mulheres sabem da ligação entre Nick e o garoto, pedindo abertamente que eu transmita suas condolências. Algumas vezes, não fazem a menor idéia, recontando a história como se fosse a primeira vez que eu a ouvisse, exagerando na gravidade das lesões e me levando a conversar com Nick sobre elas mais tarde. E outras vezes, nos casos mais irritantes, elas sabem, mas fingem que não, evidentemente esperando que eu divulgue alguma informação sigilosa.

Em quase todos os casos, conversam sussurrando, com expressões graves, como se, de alguma maneira, o drama lhes desse prazer.

— Curiosidade emocional — é como Nick descreve o fenômeno, desdenhoso quando há qualquer indício de fofoca. — Essas mulheres não têm nada melhor para fazer? — ele pergunta quando lhe conto os rumores, um sentimento com o qual costumo concordar, mesmo quando sou culpada por participar das conversas, especulações e análises.

Mas me surpreende ainda mais ter a impressão marcante de que a maioria dessas mulheres parece se identificar mais com Romy que com a mãe do garoto, dizendo coisas como “Ela não deveria ser tão dura consigo mesma”, ou “Isso poderia ter acontecido com qualquer um”. Nesse momento, aceno com a cabeça positivamente e digo internamente que concordo, isso porque não quero gerar discórdia até porque, em teoria, acredito que seja verdade — poderia mesmo acontecer com qualquer um.

Mas, quanto mais escuto sobre como a pobre Romy não tem dormido ou comido há dias, e que o que aconteceu em seu quintal não foi, na verdade, sua culpa, mais acredito que foi sim sua culpa, e que ela e Daniel são de fato culpados. Quero dizer, pelo amor de Deus, quem deixa um bando de garotos de apenas 6 anos brincar com fogo? E, se você é responsável por tamanha falta de juízo e bom-senso, bem, sinto muito, você provavelmente deveria sentir culpa.

Claro que minimizo esses sentimentos para April, que se tornou extremamente obcecada pela crise emocional (e provavelmente legal e financeira) de Romy, compartilhando de todos os detalhes comigo da maneira que as amigas próximas sempre compartilham detalhes da vida de outras amigas próximas. Faço o que posso para demonstrar compaixão, mas uma tarde, quando encontrei April para almoçar em um pequeno bistrô em Westwood, perdi a paciência quando ela

começou em tom de indignação:

— A Valerie Anderson ainda se recusa a falar com Romy — disse, segundos depois de nossos pratos chegarem.

Olhei para minha salada enquanto a cobria de queijo gorgonzola, o que, como percebi, a caba com o propósito de se pedir uma salada, e, com certeza, de se pedir o molho à parte.

April continuou, com seu tom de voz se tornando mais fervoroso:

— Romy foi ao hospital com desenhos feitos por Grayson. Também mandou diversos e-mails para Valerie e deixou algumas mensagens.

— E?

— E nenhum retorno, silêncio frio e absoluto.

— Humm — disse, empurrando um pedaço de crôuton com meu garfo.

April levou à boca uma porção delicada de sua salada regada com azeite balsâmico light e depois tomou um gole generoso de seu vinho chardonnay. Os almoços regados a bebida são os preferidos de April, a salada é uma mera acompanhante.

— Você não acha isso uma falta de educação? — perguntou.

— Falta de educação? — repeti, olhando-a fixamente nos olhos.

— Sim — April enfatizou —, falta de educação.

Tomando cuidado com minhas palavras, respondi:

— Não sei. Acho que sim, mas... ao mesmo tempo...

April muda seu rabo de cavalo de um ombro para o outro distraidamente. Sempre achei que sua aparência não estivesse de acordo com sua personalidade. O cabelo castanho encaracolado, suas sardas salpicadas, seu nariz empinado e um corpo atlético invocam um tipo despreocupado, que gosta de atividades ao ar livre, uma ex-jogadora de hóquei que se transformou em uma mãe bajuladora e maria vai com as outras.

Quando, na verdade, é extremamente certinha e adora ficar enfiada dentro de casa, sua idéia de acampamento é um hotel quatro estrelas (e não um cinco estrelas) e, para ela, viagens para estações de esqui significam compras de casacos de pele e fondue.

— Mas ao mesmo tempo o quê? — perguntou, me pressionando a explicar melhor o que eu preferia deixar implícito.

— Mas seu filho está no hospital — respondi de uma vez.

— Eu sei disso — disse April, encarando-me perplexa.

— Bem, então? — gesticulei como se houvesse uma legenda na minha frente onde se lia “Bem, então, o que quer dizer?”.

— Tudo bem — disse April. — Não estou dizendo que Valerie deveria se tornar amiga íntima de Romy ou algo assim, mas seria demais retornar uma única ligação?

— Acho que isso seria a coisa mais certa a fazer. Ou ao menos a coisa mais

educada a fazer — concordei relutante. — Mas não acho que ela esteja pensando muito em Romy, e não acho que saibamos de fato pelo que essa mulher está passando.

April revirou os olhos:

— Todas nós já tivemos um filho doente — respondeu. — Todas nós já fomos ao pronto-socorro, todas nós sabemos como é ficar assustada.

— Ah. Por favor — falei horrorizada. — O garoto está no hospital há dias, ele tem queimaduras de terceiro grau em seu rosto. Sua mão direita, a mão que ele usa para escrever e arremessar bolas, está completamente destruída. Ele já passou por uma cirurgia e ainda passará por outras. E, mesmo assim, provavelmente terá suas funções prejudicadas, além de cicatrizes para o resto de sua vida.

Quase parei aí, mas não pude deixar de adicionar uma nota:

— Você sabe como é isso? Você conhece esse tipo de preocupação? Mesmo?

April finalmente pareceu envergonhada:

— Ele terá cicatrizes para o resto da vida? — perguntou.

— Claro que sim — respondi.

— Eu não sabia — desculpou-se.

— Por favor. Ele sofreu queimaduras. Você pensou o quê?

— Não achei que eram tão graves. As queimaduras. Você não me disse.

— Eu meio que disse sim — respondi, pensando nas inúmeras vezes em que lhe dei atualizações vagas sobre o caso.

— Mas ouvi Nick dizer que ele pode fazer enxertos de pele que são... imperceptíveis.

Que as cirurgias para queimaduras estão muito sofisticadas.

— Não tão sofisticadas assim. Quero dizer, sim, evoluíram muito com o passar dos anos. E sim, tenho certeza de que você já o ouviu se gabar de como é um grande cirurgião e de como seus enxertos são perfeitos. Mas mesmo assim. Por melhor que Nick seja, ele não é tão bom assim. A pele do garoto foi gravemente queimada em determinados lugares. Como se sua pele tivesse sido consumida pelo fogo.

E me segurei para não comparar a situação do menino com a de Olivia, quando caiu da varanda da frente de sua casa e lascou um dente de leite, o que fez com que April chorasse por semanas, enquanto lamentava as diversas fotos que seriam arruinadas até que seu dente permanente nascesse, e pesquisasse incessantemente no Google pelo termo “dente morto, acinzentado e manchado”. No que diz respeito a lesões, foi só um probleminha estético.

— Eu não sabia — disse outra vez.

— Bem — respondi suave e cuidadosamente —, agora você sabe, e deveria transmitir essa informação a Romy e dizer-lhe que talvez... talvez essa mulher só precise de um tempo. E, por Deus, além de tudo isso, ela é mãe solteira. Você

consegue se imaginar passando por algo assim sem o Rob?

— Não — assentiu —, não consigo.

April apertou os lábios e olhou para o lado de fora da janela ao lado de nossa mesa, observando uma mulher andando pela calçada em seus últimos meses de gravidez.

Segui seu olhar, sentindo a mesma pontada de inveja que sempre sinto quando vejo uma mulher prestes a ter um bebê.

Quando me virei para April, disse-lhe:

— Só acho que não devemos julgar essa mulher a não ser que saibamos pelo que está passando. E que, com certeza, não deveríamos crucificá-la.

— Tudo bem, tudo bem — April concordou. — Entendi o que quer dizer. Forcei um sorriso:

— Sem ressentimentos?

— Claro — April falou, limpando delicadamente seus lábios com um guardanapo de tecido.

Tomei um longo gole de café, observando minha amiga e me perguntando se acreditava nela.

Com o passar dos dias, Charlie lentamente começou a entender por que estava no hospital. Ele sabia que havia sofrido um acidente na casa de seu amigo Grayson e que seu rosto e sua mão tinham sido queimados na fogueira. Ele sabia que havia passado por uma cirurgia em sua mão e que logo passaria por outra em seu rosto. Também sabia que sua pele levaria tempo para cicatrizar e depois precisaria de muitos cuidados, mas que logo voltaria a dormir em sua própria cama, a ir à escola e encontrar seus amigos. Muitos lhe disseram isso — enfermeiras, psiquiatras, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, um cirurgião que ele chama de Dr. Nick, seu tio, sua avó e, principalmente, sua mãe, que estava constantemente ao seu lado, dia e noite. Ele viu seu rosto no espelho e estudou sua mão exposta com preocupação, medo ou pura curiosidade, dependendo de seu humor. Já havia sentido a dor ir e vir junto com as doses de morfina e outros analgésicos, e já havia chorado de frustração na terapia.

Mesmo assim, Valerie tinha a sensação inquieta de que ele ainda não entendia completamente o que havia acontecido, ou seja, a gravidade de seus ferimentos ou as implicações acarretadas por eles durante os meses, ou até anos, por vir. Ele ainda não havia interagido com ninguém que não fizesse parte da equipe do hospital, nem havia sido encarado ou questionado sobre os ferimentos. Valerie se preocupava com tudo isso e gastava muita energia mental se preparando para o futuro, para o momento lúcido da verdade, quando Charlie fizesse a inevitável pergunta que ela, muitas vezes, já se havia feito: “Por quê?”.

Esse momento chegou logo na manhã de quinta-feira, quase duas semanas depois do acidente. Valerie estava em pé olhando pela janela, prevendo a excitação de Charlie quando acordasse. Ela não se lembrava de já ter visto neve, até mesmo uns poucos flocos, no mês de outubro. Mas isso poderia ser o tipo de coisa que geralmente não percebemos quando estamos de um lado para o outro, correndo para resolver as coisas.

Soltou um longo suspiro enquanto contemplava a idéia de tomar um banho ou, pelo menos, tomar uma xícara de café. Mas, em vez disso, voltou para a cadeira de balanço, arrastando seus chinelos pelo chão frio e duro. Então se sentou e ficou parada, olhando para as imagens da TV pequena e muda, presa à parede sobre a cama de Charlie. Al Rocker estava distribuindo alegria no Rockefeller Plaza, entrevistando os turistas entusiasmados que seguravam seus cartazes feitos a mão em frente às câmeras com dizeres como “Feliz aniversário, Jennifer”, “Olá, Escola de Lionville”, “Parabéns, Golden Gophers”.

Valerie se perguntava quando voltaria a sentir uma alegria tão despreocupada

assim quando ouviu Charlie a chamar delicadamente. Ela rapidamente tirou os olhos da TV e se deparou com seu filho sorrindo para ela. Valerie sorriu de volta enquanto se levantava e dava os poucos passos necessários para chegar até a cama, abaixou a grade lateral da cama, sentou-se na beirada do colchão e acariciou seu cabelo.

— Bom dia, meu amor.

Ele lambeu os lábios, como sempre faz quando está empolgado ou tem algo bom a contar.

— Sonhei com baleias — ele disse, chutando suas cobertas e subindo os joelhos até a altura do queixo. Sua voz estava sonolenta e um pouco rouca, mas não falava mais como se estivesse sedado. — Eu estava nadando com elas.

— É? E o que mais aconteceu? — Valerie perguntou, desejando que seus próprios sonhos tivessem sido tão tranquilos.

Charlie lambeu os lábios mais uma vez e Valerie percebeu que o lábio inferior estava rachado. Inclinou-se para pegar um hidratante labial na gaveta ao lado da cama, quando ele falou:

— Eram duas baleias, e eram enormes. A água parecia muito fria, como nas figuras do meu livro de baleias. Você sabe qual é?

Valerie fez que sim, indo até ele para aplicar o hidratante em seus lábios. Charlie contraiu os lábios rapidamente para ela e continuou:

— Mas, no meu sonho, a água estava bem quente, como em uma banheira. E eu até pude montar em uma delas, estava sentado bem em cima de suas costas.

— Parece maravilhoso, querido — Valerie disse, deleitando-se com o sentimento de normalidade, mesmo estando os dois em um hospital.

Mas, um segundo depois, Charlie pareceu ligeiramente incomodado.

— Estou com sede.

Valerie sentiu-se aliviada em saber que sua queixa envolvia sede e não dor, e rapidamente pegou uma caixinha de suco da geladeira no canto do quarto. Segurando o recipiente maleável, direcionou o canudo na direção de sua boca.

— Eu consigo — Charlie disse franzindo as sobrancelhas, fazendo com que Valerie se lembrasse do conselho do Dr. Russo no dia anterior, de tentar deixá-lo fazer as coisas sozinho, mesmo quando fosse difícil.

Ela soltou a mão, observando a expressão no rosto de Charlie se tornar triste enquanto ele tentava, sem muito jeito, agarrar a caixinha com a mão esquerda. Sua mão direita, elevada sobre um travesseiro, estava imóvel, presa a uma tala que continha medicamentos.

Valerie sentiu-se perdida, mas não pôde se conter:

— Quer que eu pegue alguma outra coisa para você? — perguntou com um nó de ansiedade crescendo em seu peito. — Está com fome?

— Não — Charlie respondeu. — Mas a minha mão está coçando tanto.

— Vamos trocar o curativo daqui a pouquinho — ela disse. — E passar a loção,

isso vai ajudar a parar de coçar.

— Por que coça tanto assim? — Charlie perguntou.

Valerie explicou cuidadosamente o que já haviam explicado ao garoto várias vezes: que as glândulas que produzem óleo para lubrificar sua pele estavam danificadas.

Então ele olhou para sua mão, franzindo as sobrancelhas novamente:

— Está horrível, mamãe.

— Eu sei, meu amor — ela concordou. — Mas está melhorando a cada segundo, a pele só precisa de um tempo para sarar.

Ela estava pensando em contar ao Charlie sobre seu próximo enxerto de pele, o primeiro para o rosto, que estava marcado para a manhã de segunda-feira, quando ele fez a pergunta que cortou seu coração:

— Foi minha culpa, mamãe? — sussurrou.

A mente de Valerie correu contra o tempo enquanto tentava se lembrar de artigos específicos de psicologia para vítimas de queimaduras, assim como dos avisos dos psiquiatras de Charlie — Haverá medo, confusão e até mesmo culpa. Mas deixou todas as palavras e conselhos de lado, percebendo que não precisava de mais nada além de seu próprio instinto maternal.

— Ah, querido. Claro que não foi sua culpa, não foi culpa de ninguém — respondeu, pensando em Romy e Daniel e em quanto de fato os culpava pelo que aconteceu, um sentimento que esperava nunca revelar a Charlie. — Foi apenas um acidente.

— Mas por quê? — ele perguntou com os olhos bem abertos, sem piscar sequer uma vez. — Por que eu tinha de sofrer um acidente?

— Eu não sei — respondeu, estudando cada curva e ângulo de seu rosto perfeito, em forma de coração. A testa ampla, as bochechas redondas e seu pequeno queixo pontudo. A tristeza brotava dentro de Valerie, mas ela não hesitou. — Às vezes, coisas ruins simplesmente acontecem, mesmo com as melhores pessoas do mundo.

Percebendo que esse conceito não era o suficiente para Charlie, assim como não era para ela, limpou a garganta e continuou:

— Mas sabe o que mais?

Ela sabia que estava falando em tom de falsa empolgação, aquele que usava para, por exemplo, prometer sorvete em troca de bom comportamento. Valerie gostaria de ter alguma coisa para oferecer neste momento — qualquer coisa —, para compensá-lo por seu sofrimento.

— O que mais? — Charlie perguntou esperançoso.

— Vamos superar isso juntos — ela disse. — Somos um time muito bom e ninguém pode nos segurar. Nunca se esqueça disso.

Enquanto ela engolia as lágrimas, Charlie tomou outro gole de suco, deu-lhe um sorriso corajoso e disse:

— Não vou me esquecer, mamãe.

No dia seguinte, depois de uma sessão dolorosa de terapia ocupacional para sua mão, Charlie estava prestes a derramar lágrimas de frustração quando ouviu a batida dupla e firme do Dr. Russo em sua porta, sua marca registrada. Valerie viu o rosto de seu filho se iluminar e também sentiu sua própria alma se elevar. É difícil saber quem espera mais ansiosamente por suas visitas.

— Pode entrar! — Charlie gritou, sorrindo enquanto seu médico entrava no quarto.

Valerie estava surpresa em vê-lo vestindo outra roupa que não o avental e o tênis de sempre, vestia uma calça de brim escuro, uma camisa azul-clara aberta no colarinho e um casaco esporte azul-marinho. Ele parecia casual, porém elegante, com mocassins pretos e abotoaduras de prata.

De repente, Valerie lembrou que era noite de sexta e concluiu que ele provavelmente sairia para jantar com sua esposa. Há tempos Valerie notara a aliança de ouro em sua mão esquerda, e lentamente juntava detalhes de sua vida a partir de suas muitas conversas com Charlie. Ela sabia de seus dois filhos, uma menina e um menino.

Também sabia que a menina era meio teimosa, os “Contos de Ruby, a travessa”, estavam entre as histórias favoritas de Charlie.

— Como está se sentindo hoje, amigão? — perguntou o Dr. Russo, enquanto bagunçava o cabelo encaracolado de Charlie, que precisava urgentemente de um corte.

Valerie lembrou que já achava que ele precisava de um corte desde o dia da festa de Grayson.

— Estou ótimo. Olhe, Dr. Nick, ganhei um iPod do meu tio Jason. — Charlie anunciou, segurando o pequeno aparelho que ganhara na semana anterior. Era o tipo de presente caro que Valerie nunca admitiria antes do acidente. Ela sabia que muitas coisas seriam medidas e categorizadas assim: antes do acidente e depois do acidente.

Charlie entregou seu iPod para o Dr. Russo, que o girou em suas mãos e disse com admiração:

— Muito legal, é muito menor que o meu.

— Cabem mil músicas — disse Charlie, observando com orgulho enquanto seu médico corria sua lista de músicas.

— Beethoven, Tchaikovsky, Mozart — falou e assobiou em espanto — Nossa, amigão, você tem um gosto bem sofisticado para música!

— Meu tio Jason baixou todas as minhas favoritas — Charlie respondeu, com suas palavras, sua voz e sua expressão tornando-se mais maduras, como se fosse uma criança bem mais velha. — Elas são muito relaxantes.

— Quer saber? Também acho. Adoro ouvir música clássica. Principalmente quando estou preocupado com alguma coisa — disse o Dr. Russo, ainda

examinando a lista de músicas de Charlie. Em algum momento ele fez uma pausa, olhou para Valerie pela primeira vez desde que entrara no quarto e disse olá. Ela riu para ele, esperando que soubesse quanto estava grata por se dirigir a seu filho primeiro, antes de se dirigir a ela. E, mais ainda, quanto estava grata por seu esforço para criar uma ligação com Charlie de tal maneira que não tivesse nada a ver com seus ferimentos, sempre fazendo com que se sentisse importante, um efeito que permanecia por muito tempo depois que saía do quarto.

— Eu estava ouvindo a Sinfonia Júpiter enquanto vinha para cá — Dr. Russo comentou. — Você conhece?

Charlie fez que não.

— Mozart — disse Dr. Russo.

— Ele é seu compositor favorito?

— Bem. Essa é uma pergunta difícil. Mozart é demais, mas também curto Brahms, Beethoven, Bach. Os três “Bs” — disse o Dr. Russo, sentando-se na beirada da cama de Charlie, agora de costas para Valerie. Ela assistia aos dois juntos quando sentiu uma pontada de tristeza aguda, desejando que Charlie tivesse um pai. Havia tempos ela aceitara sua situação, mas, em momentos como este, ela ainda achava inacreditável que o pai de Charlie não soubesse absolutamente nada sobre seu filho, sobre seu amor por música clássica, Star Wars, baleias-azuis ou Legos. Sobre a maneira engraçada como corre, com um braço estendido na lateral de seu corpo, ou sobre as linhas enrugadas e alegres que se formam ao redor de seus olhos quando sorri, a única criança com pés de galinha que ela conhece. Que não soubesse que ele estava no hospital, falando sobre compositores com seu cirurgião plástico.

— Você gosta de Jesus, Alegria dos Homens? — Charlie perguntou sem fôlego, enquanto Valerie lutava contra as lágrimas que vinham sem avisar.

— Claro — respondeu Dr. Russo, e então soltou algumas notas em staccato enquanto Charlie o acompanhava com a letra em inglês, cantando com sua voz aguda e doce.

— Drawn by Thee, our souls, aspiring! Soar to uncreated light!¹⁴

14 Em tradução literal, Atraídos por Ti, nossas almas aspirantes! Elevar à luz Divina!

Dr. Russo se virou e deu outro sorriso para Valerie dizendo:

— Quem te ensinou tudo isso sobre música, amiga? Sua mãe?

— Sim, e o meu tio Jason — Charlie respondeu.

Valerie sentiu que não podia levar nenhum crédito por isso, foi Jason quem fez esse trabalho, embora se lembre de ter ouvido música clássica quando estava grávida, segurando o aparelho de CD sobre sua barriga.

Dr. Russo fez que entendeu, devolvendo o iPod para Charlie, que estendeu a mão que não estava machucada até o outro lado de seu corpo para pegá-lo, apoiou-o em sua coxa e voltou a passar sua lista de músicas com o plegar.

— Tente usar a mão direita, amigão — sugeriu Dr. Russo gentilmente. Charlie franziu as sobrancelhas, mas obedeceu. A trama de pele roxa entre o polegar e o indicador fica bem esticada enquanto ele mexe no aparelho.

— Aí está — Charlie finalmente disse, apertando o “Play” e aumentando o volume.

Mantendo um dos fones de ouvido, entregou o outro ao Dr. Russo e ouviram juntos. — Eu gosto desta.

— Ah, sim. Adoro esta — concordou Dr. Russo.

— É ótima, não é? — Charlie perguntou atentamente.

Vários segundos tranquilos se passaram.

— Sim — disse Dr. Russo. — É linda. E essas trompas? Elas com certeza têm um som alegre, não é?

— Sim — Charlie iluminou-se. — Muito, muito alegre.

Pouco tempo depois, Rosemary chegou sem avisar, carregando uma sacola de bugigangas da loja de 1,99 para Charlie e um pote de plástico com seu famoso frango com cogumelos. Valerie sabia quanto sua mãe estava se esforçando, quanto queria ajudá-los.

Mesmo assim, desejava que ela não tivesse ido ao hospital, pelo menos não naquele momento, e estava assombrada com quanto sua mãe conseguia sugar o sentimento de paz de dentro do quarto simplesmente com sua presença.

— Oh! Olá, Rosemary — disse, olhando fixamente para o Dr. Russo. Eles ainda não haviam se conhecido, mas já tinha ouvido falarem muito dele, principalmente Charlie.

O Dr. Russo se virou de maneira abrupta e se levantou com um sorriso polido, enquanto Valerie fez uma apresentação que parecia tão constrangedora quanto, de alguma forma, reveladora. Desde que chegaram ao hospital, Valerie e Charlie fizeram alguns amigos, mas ela permaneceu como uma guardiã atenta de todas as suas informações pessoais. Raramente os detalhes escapavam, às vezes involuntariamente e outras vezes por necessidade. O Dr. Russo sabia, por exemplo, que havia apenas um dos pais assinando os formulários de consentimento, e qualquer um conseguia perceber que não havia nenhum outro visitante homem além de Jason.

— Muito prazer, Sra. Anderson — disse Dr. Russo, enquanto estendia sua mão na direção de Rosemary.

— É um prazer conhecê-lo também — ela respondeu, cumprimentando-o com um olhar atordoado de admiração, a mesma expressão que fazia depois da missa, quando conversava com os padres, principalmente os mais jovens e atraentes. — Nem tenho como agradecer-lhe, Dr. Russo, por tudo que tem feito

por meu neto.

Era algo adequado a se dizer e, mesmo assim, Valerie sentiu-se incomodada e até mesmo constrangida pelo leve terror presente na voz de sua mãe. Mais ainda, Charlie estava lá, ouvindo tudo atentamente, e não gostou do tom melodramático de sua mãe, recordando-lhes da razão pela qual todos estavam lá. Dr. Russo pareceu estar consciente dessa dinâmica também, pois rapidamente murmurou:

— Não há de quê — e então se virou para Charlie e falou: — Bem, amigão, vou deixar você com sua avó.

O rosto de Charlie se contraiu quando franziu as sobrancelhas.

— Ah, Dr. Nick, você não pode ficar mais um pouquinho? Por favor?

Valerie viu o Dr. Russo hesitar, e então correu para salvá-lo:

— Charlie, querido, o Dr. Russo precisa ir agora. Ele tem muitos outros pacientes para visitar.

— Na verdade, amigão, preciso falar com a sua mãe por um instante. Se não for problema para ela? — perguntou o médico, voltando o olhar para Valerie. — Você tem um minuto?

Ela assentiu, pensando em quanto sua vida ficou mais lenta desde que chegaram ao hospital. Antes, ela sempre estava correndo, mas agora o tempo é a única coisa que tem de sobra.

Dr. Russo apertou o pé de Charlie e disse:

— Vejo você, amanhã. Tudo bem, amigão?

— Tudo bem — Charlie respondeu relutante.

Valerie sabia que sua mãe se sentia triste por estar sempre em segundo plano e que ela compensava isso com uma empolgação forçada:

— Olhe! Eu trouxe um livro de caça-palavras! — ela vibrou. — Não é divertido?

Valerie sempre achou que procurar por palavras em um quadro cheio de letras estava entre os jogos mais entediante do mundo e pôde perceber, pela reação sem brilho de seu filho, que ele compartilhava de sua opinião. Era a mesma coisa que se sua avó o convidasse para contar o número de covinhas de uma bola de golfe.

— Pode ser — respondeu encolhendo os ombros.

Dr. Russo despediu-se de Rosemary com um aceno de cabeça antes de sair do quarto. Valerie o seguiu, lembrando-se da noite em que se conheceram e de sua primeira conversa fora do quarto, em um corredor tão estéril quanto o que estavam neste momento. Ela pensou em até onde ela e Charlie chegaram, em quanto seu medo e horror diminuíram, substituídos por uma grande medida de resignação impassível e uma pitada de esperança.

A sós, ficaram frente a frente em silêncio por alguns segundos antes de o Dr. Russo dizer:

— Você gostaria de tomar um café? Na lanchonete?

— Sim — ela respondeu, sentindo sua pulsação acelerar de tal maneira que a surpreendeu e, ao mesmo tempo, deixou-a incomodada. Sentiu-se ansiosa, mas não sabia ao certo o porquê, e esperava que ele não pudesse sentir sua inquietação.

— Ótimo — ele disse, enquanto se viravam e andavam em direção aos elevadores.

Eles não conversaram no caminho, a não ser quando, às vezes, cumprimentavam alguma enfermeira. Valerie estudou o rosto de cada uma cuidadosamente, suas reações ao Dr. Russo, como já o fazia havia algumas semanas. Ela já havia determinado que o Dr. Russo era admirado, quase venerado, em grande contraste com outros cirurgiões sobre os quais ouvira reclamações, acusações por serem condescendentes e arrogantes, ou simplesmente grosseiros. Ele não é afável nem falante demais, mas possui um jeito cordial e respeitoso que, aliado à sua reputação de rock star, torna-o o médico mais popular do hospital. “Ele é o melhor do país”, ela já ouvira inúmeras vezes. “Mesmo assim é tão simpático, e muito atraente também.”

Tudo isso tornou o convite ainda mais lisonjeiro para Valerie. Ela tinha certeza de que ele queria apenas conversar sobre o enxerto de pele de Charlie que se aproximava ou sobre a evolução geral do quadro de seu filho, mas teve a impressão de que ele raramente fazia isso tomando um café, principalmente em uma noite de sexta-feira.

Alguns segundos depois, chegaram ao elevador e, quando a porta se abriu, Dr.

Russo deu-lhe licença para que Valerie entrasse primeiro. Dentro do elevador, os dois olhavam fixamente para a porta, silenciosos, até que ele limpou a garganta e falou:

— Ele é um garoto maravilhoso.

— Obrigada — respondeu Valerie, acreditando no que ele dizia. Essa é a única hora em que sabe aceitar elogios, quando se referem a seu filho.

Saíram do elevador e viraram o corredor em direção à lanchonete. Enquanto os olhos de Valerie se acostumavam com as luzes fluorescentes, Dr. Russo perguntou:

— Quando ele começou a se interessar por música clássica?

— No ano passado — Valerie respondeu. — Jason toca piano e violão e lhe ensinou muito sobre música.

Dr. Russo fez um sinal com a cabeça, como se estivesse digerindo essa informação, e então perguntou se Charlie tocava algum instrumento.

— Ele faz aulas de piano — ela falou, seguindo o caminho já conhecido, passando pela grelha e pelas máquinas de refrigerante e chegando ao balcão do café.

Valerie pôde notar que ele estava pensando na mão de Charlie enquanto continuava:

— Ele é muito bom. Pode ouvir uma música e simplesmente... descobrir as notas, de ouvido — continuou hesitante, perguntando-se se estava se gabando demais. — É de família, parece que Jason tem ouvido absoluto, uma vez identificou nossa campainha como um Lá acima do Dó central.

— Uau — disse Dr. Russo, parecendo legitimamente impressionado. — Isso é raro, não é?

Valerie confirmou enquanto pegava um copo da pilha de descartáveis e analisava as opções de café.

— Acho que é uma em cada 10 mil pessoas, ou algo assim.

Dr. Russo assobiou impressionado e então perguntou:

— O Charlie consegue fazer isso?

— Não, não — Valerie respondeu. — Ele só é um pouco precoce, só isso.

Dr. Russo fez que entendeu enquanto enchia um copo de papel com o café comum.

Enquanto isso, Valerie escolheu o que tinha avelã e o adoçou com açúcar cristalizado.

— Você está com fome? — ele perguntou quando passaram pelo balcão de doces e outros lanches.

Ela balançou a cabeça em negação, tendo se esquecido havia muito tempo de como era a sensação de fome. Em duas semanas, perdeu no mínimo dois quilos, indo de magra a muito magra, com os ossos de seu quadril ficando bem saltados.

Foram até o caixa, mas, quando Valerie pegou sua carteira, Dr. Russo disse:

— Pode deixar.

Ela não fez objeções, para não criar caso por causa de um copo de café de 80 centavos.

Em vez disso, agradeceu passivamente enquanto ele pegava seu troco e a levava até uma pequena mesa no canto ao fundo da lanchonete, um lugar onde ela já se sentara muitas vezes, mas sempre sozinha.

— Então — ele disse, sentando-se e tomando um gole de seu café. — Como você está?

Ela se sentou do outro lado da mesa, de frente para ele, e disse que estava bem, a creditando nisso naquele momento.

— Sei que não é fácil — ele disse —, mas tenho que te dizer, realmente acho que Charlie está indo muito bem, e, em grande parte, acredito que é por sua causa.

Valerie sentiu seu rosto corar enquanto lhe agradecia e falou:

— O hospital tem sido maravilhoso. Todos aqui têm sido maravilhosos.

Foi o mais perto que chegou de lhe agradecer, algo que ela geralmente não conseguia fazer diretamente, por medo de desabar. Dr. Russo agradeceu, sendo sua vez de ser modesto:

— Não há de quê — disse enfaticamente, em um tom bem diferente daquele

que usara em resposta aos agradecimentos de Rosemary.

Valerie riu do médico de seu filho e ele sorriu de volta. Então os dois tomaram seus cafés em perfeita sincronia, o tempo todo mantendo contato visual. Valerie decidiu que, em qualquer ângulo, eles haviam acabado de compartilhar um momento, e que o reconhecimento conjunto desse momento os deixara silenciosos por um período ainda maior.

A mente de Valerie fervilhava enquanto pensava no que dizer em seguida. Ela resistiu à vontade de bombardeá-lo com perguntas médicas, pois achava que já havia feito perguntas demais. E, ao mesmo tempo, não se sentia à vontade para puxar conversa sobre tópicos da vida lá fora, já que tudo parecia trivial ou pessoal demais.

— Bem — ele acabou por dizer —, queria falar com você sobre segunda-feira. O enxerto de Charlie.

— Tudo bem — ela disse, sentando-se ereta e desejando estar com seu caderno e uma caneta, para que pudesse fazer anotações e assim aliviar a tensão.

— Eu queria ter certeza de que você entendeu o procedimento, além de responder a todas as dúvidas que possa ter — ele explicou.

— Eu agradeço — Valerie disse, enquanto reunia em sua cabeça todos os detalhes de suas conversas anteriores com o Dr. Nick, assim como as informações desconexas vindas das enfermeiras de Charlie e tudo o que ela havia pesquisado na internet.

Ele limpou a garganta e começou a explicar:

— Tudo bem, a primeira coisa na manhã de segunda, um anestesista virá e fará o Charlie dormir.

Sentiu-se tensa enquanto ele continuava.

— Então rasparei sua cabeça e removerei a pele queimada de seu rosto.

Valerie aceitou e fez que estava entendendo.

— Pegarei um instrumento cirúrgico especial chamado dermatômetro elétrico e removerei uma camada de pele de seu couro cabeludo para produzir um enxerto de espessura parcial.

— Espessura parcial? — ela perguntou preocupada.

Ele confirmou com segurança.

— Um enxerto de espessura parcial contém a epiderme e uma parte da derme.

— E isso voltará a crescer? Em seu couro cabeludo?

— Sim. A pele restante ainda terá folículos de cabelo e glândulas sebáceas que gradualmente se proliferarão formando uma nova camada de epiderme. Vamos revestir a área com uma gaze embebida em antibiótico para proteger a área de infecções.

— Tudo bem — disse Valerie, contendo-se e assentindo com a cabeça. — E depois?

Como você vai aplicar a pele?

— Então. Pegaremos a pele e simplesmente a colocaremos sobre seu rosto, utilizando um bisturi para fazer pequenos furos que permitirão a drenagem de sangue e líquidos. Dai fixaremos o enxerto com suturas finas e um pouco de cola biológica e o cobriremos com um curativo umedecido e não aderente.

— E ele sempre... pega? — ela perguntou.

— Geralmente sim. O enxerto deve se prender e se revascularizar, e seu couro cabeludo será compatível com seu rosto.

Ela fez que entendeu com a cabeça, sentindo-se enjoada, porém segura, enquanto ele continuava a explicar que depois da cirurgia Charlie usaria uma máscara facial feita sob medida a fim de controlar a cicatrização de seu rosto.

— Basicamente, queremos manter as cicatrizes baixas, suaves e flexíveis.

— Uma máscara? — ela perguntou, tentando imaginar preocupada, mais uma vez, com o estigma social pelo qual seu filho teria de passar.

— Sim — ele confirmou. — Um terapeuta ocupacional passará por aqui no fim da tarde para fazer um escaneamento do rosto de Charlie. Esses dados serão enviados a uma empresa que produz máscaras de silicone transparentes, feitas sob medida. A máscara cobrirá todo o rosto de Charlie, com exceção dos buracos para seus olhos, seu nariz e sua boca, e será presa com tiras.

— Mas então ela será transparente? Translúcida?

— Sim — ele esclareceu. — Para que possamos observar as partes esbranquiçadas da cicatriz e ver onde a pressão está sendo aplicada. Com o passar do tempo, o terapeuta fará ajustes no encaixe da máscara, fazendo alterações no molde e reaquecendo o plástico. — Ele estudou o rosto de Valerie, como se estivesse procurando por algo. — Parece bom?

Ela concordou, sentindo-se levemente tranqüila.

— Alguma outra pergunta?

— Não, no momento não — ela respondeu rapidamente.

Dr. Russo aceitou e disse:

— Bem, é só me ligar se as dúvidas surgirem. A qualquer hora, você tem o número do meu celular.

— Obrigada, Dr. Russo — ela agradeceu.

— Nick — ele disse. É pelo menos a quarta vez que ele a corrige.

— Nick — ela repetiu, enquanto seus olhos se encontravam novamente. Outro momento de silêncio, muito parecido com o anterior, mas desta vez Valerie se sentiu mais à vontade, quase que apreciando a camaradagem silenciosa.

Nick parecia sentir o mesmo, pois sorriu e facilmente mudou de assunto:

— Então, o Charlie disse que você é advogada.

Valerie confirmou, perguntando-se quando e em qual contexto Charlie falou de sua profissão.

— Que tipo de advogada? — Nick perguntou.

— Direito empresarial — ela respondeu, pensando em como sua firma e sua política pareciam distantes e insignificantes para ela. A não ser por uns poucos telefonemas pelos quais conversou com o chefe de seu departamento, quem lhe garantiu que cuidaria de seus casos e de seus clientes. Disse-lhe que não precisava se preocupar com nada, ela não havia pensado uma única vez no trabalho desde o acidente e não conseguia entender por que alguma vez deixara que esse trabalho a estressasse tanto.

— Você estudou Direito por aqui?

Ela fez que sim e continuou:

— Sim, estudei em Harvard — disse, apesar de sempre ter evitado pronunciar essa palavra. Não por falsa modéstia, como a maioria de seus amigos diziam “Estudei em Cambridge”, mas porque ainda não se sentia merecedora do nome.

Mas com Nick era diferente, talvez porque soubesse que ele também havia estudado lá — que ele era bem-sucedido. E, inabalável, ele disse:

— Você sempre soube que queria exercer advocacia?

Ela pensou sobre a pergunta, sobre a verdade, que na realidade ela não era apaixonada pelo direito, mas que simplesmente queria sentir o gosto da conquista. Charlie nasceu, e foi quando quis desesperadamente ganhar um bom dinheiro para poder sustentar seu filho. Fazer algo de que Charlie sentisse orgulho para que ela conseguisse, de alguma forma, compensá-lo por não ter um pai.

Mas é claro que ela não disse nada disso. No lugar, falou:

— Não, na verdade não. Eu fui assistente jurídica por alguns anos e daí percebi que era tão inteligente quanto os advogados da minha firma. — Então sorriu e arriscou uma piada, sua primeira em anos. — Provavelmente o que as enfermeiras por aqui dizem de você.

— Provavelmente — concordou o Dr. Russo, sorrindo de volta modestamente.

— Ah, por favor. Você não acredita nisso. Você mesmo me contou quanto você é bom.

— Eu contei? — perguntou surpreso. — Quando?

— Quando nos conhecemos — ela disse, com o sorriso desaparecendo de seu rosto à medida que se lembrava daquela noite.

Ele olhou fixamente para cima, como se também estivesse revivendo a noite do acidente de Charlie.

— É, acho que disse, não é?

Valerie concordou e então concluiu:

— E até agora... tenho de concordar.

Ela o olhou enquanto ele se inclinou sobre a mesa e disse:

— Espere só. Dê-me alguns meses e mais umas cirurgias.

Valerie não falou nada depois disso, mas pôde sentir seu coração se acelerar por gratidão e algo a mais que ainda não conseguia identificar, enquanto silenciosamente lhe concedia todo o tempo do mundo.

Era noite de sexta e eu estava sentada na sala com minha mãe, meu irmão e minha cunhada — todos vieram de Manhattan para nos visitar no fim de semana. Estávamos arrumados para jantar em um restaurante com reserva para as 20 horas, apreciando uma garrafa de vinho enquanto os quatro primos, já de banho tomado e alimentados, brincavam no andar de cima sob a supervisão de uma babá. A única coisa que faltava era Nick chegar, ele já estava 20 minutos atrasado, um fato que não escapou aos olhos de minha mãe.

— O Nick sempre trabalha até tão tarde nos fins de semana? — perguntou cruzando as pernas, enquanto olhava intencionalmente para o seu relógio Timex, que desta vez usava no lugar do Cartier, que meu pai lhe presenteara no último aniversário de casamento.

— Geralmente não — respondi na defensiva. Sabia que sua pergunta provavelmente tinha mais a ver com sua personalidade frenética e sua incapacidade de esperar sentada por um período de tempo, mas não consegui deixar de considerar isso uma afronta dissimulada, uma pergunta com um cunho de “Você ainda está batendo em sua mulher?” ou, nesse caso, “Você ainda deixa seu marido te bater?”.

— Ele só precisava ver um paciente, um garotinho — expliquei, sentindo a necessidade de lembrá-la de quanto sua profissão é nobre. — Ele sofrerá seu primeiro enxerto de pele na manhã de segunda-feira.

— Nossa — meu irmão disse, encolhendo-se e balançando a cabeça. — Não sei como é que ele consegue.

— Pois é — minha cunhada concordou com um olhar de admiração.

Minha mãe não se impressionou. Com uma expressão cética, dobrou seu guardanapo de papel em quatro partes, perguntou:

— Para que horas é nossa reserva? Talvez devêssemos encontrá-lo no restaurante.

— Só às 20 horas. Ainda temos meia hora, e o restaurante é bem próximo daqui — respondi concisamente. — Está tudo bem, mãe. Não se preocupe.

— É. Relaxa, mãe — disse meu irmão em tom de provocação.

Minha mãe levou suas mãos ao alto, com as palmas para a frente, e disse:

— Desculpa, desculpa — murmurou em voz baixa.

Tomei um longo gole de vinho, sentindo-me tão tensa quanto minha mãe. Geralmente, não me importo quando Nick está atrasado, assim como sempre relevo quando seu pager toca. Aceitei essa situação como parte de seu trabalho e de nossa vida juntos.

Mas tudo muda quando minha família vem nos visitar. Na verdade, a última coisa que disse ao Nick naquela tarde quando ele me contou que tinha de “correr até o hospital rapidinho” foi: “Por favor, não se atrase”.

Ele fez que entendeu todas as nuances dessa instrução, pois, em primeiro lugar, não queríamos dar motivos para minha mãe provar sua teoria de que a vida de Nick leva vantagem sobre a minha. E, em segundo lugar, embora eu adore meu irmão mais velho, Dex, e me dê muito bem com minha cunhada Rachel, às vezes sinto um pouco de ciúme, ou nojo, do que penso ser o casal perfeito, e não consigo deixar de usá-los como um padrão de comparação para o meu casamento.

Em teoria, nós quatro temos muito em comum. Como Nick, Dex tem um trabalho estressante, que exige horas exaustivas de dedicação como gerente de investimentos da Goldman Sachs,¹⁵ enquanto Rachel, assim como eu, abandonou a carreira no ramo da advocacia quando teve seus filhos; primeiro trabalhando meio período e depois parando de vez. Eles têm duas filhas, Júlia e Sarah (de 7 e 4 anos) e, como na dinâmica de nossa casa, Dex confere a Rachel as decisões referentes à criação e à disciplina das filhas (o que, de maneira interessante, não aborrece minha mãe como quando Nick faz o mesmo; ela inclusive já chegou a acusar Rachel de esperar demais de Dex).

15 Goldman Sachs é uma das maiores instituições bancárias de investimentos do mundo.

Mas o mais impressionante que meu irmão e eu temos em comum é a história de nossos relacionamentos, já que ele também terminou seu noivado poucos dias antes de seu casamento. Uma loucura, na verdade: dois irmãos nascidos com dois anos de diferença, ambos cancelando seus casamentos, também com dois anos de diferença — um fato que faria com que qualquer psiquiatra passasse um dia nos observando, analisando e provavelmente pondo a culpa no divórcio de nossos pais. Dex acredita que essa é a razão do apoio de nossos pais nessas duas ocasiões. Eles perderam milhares de dólares em pagamentos referentes aos casamentos e devem ter se sentido envergonhados diante de seus amigos mais próximos, mas pareciam acreditar que era um preço baixo a pagar para garantir que seus filhos acertassem na escolha na primeira tentativa.

Mesmo assim, os dois escândalos garantiram-nos algumas provocações, consideravelmente cruéis, por parte de minha mãe, que sentiu a necessidade de nos presentear no Natal com as meias de lã mais quentes e grossas já vistas — porque éramos pés-frios, obviamente. Além disso, tivemos que ouvir seus conselhos intermináveis — não casar se ainda estivéssemos nos recuperando do último relacionamento. Para esse caso, Dex, com seu jeito analítico, usava o argumento de que podia identificar “a garota certa” com muito mais rapidez se

fosse logo depois de ter conhecido “a garota errada”, e então dizia que estava absolutamente seguro quanto à Rachel. Já eu, por outro lado, simplesmente retrucava com um direto “Sai do meu pé, mãe”.

Um detalhe importante, porém, era que a situação de Dex era bem mais escandalosa, já que Rachel era, na verdade, amiga da ex-noiva de meu irmão, mais precisamente, a miga de infância. Além disso, estou quase certa de que houvera alguma traição. Essa suspeita nunca foi confirmada, mas, às vezes, Dex e Rachel deixavam escapar alguns detalhes do início do relacionamento enquanto Nick e eu trocávamos um olhar sagaz. Não que isso seja importante agora, anos depois de terem se casado, a não ser pelo fato de eu acreditar que um início obscuro pôs um fardo maior sobre o relacionamento.

Em outras palavras, se duas pessoas têm um caso, é melhor que fiquem juntas. Se ficarem, terão a romântica história do “eles nasceram um para o outro” e certo grau de absolvição por seus pecados, porém, se não ficarem juntos, serão simplesmente dois adúlteros.

Até agora, Dex e Rachel se encaixam perfeitamente na primeira categoria, ainda nauseantemente apaixonados depois de todos esses anos. Além disso, são realmente melhores amigos um do outro, de um modo que Nick e eu simplesmente não somos.

Em primeiro lugar, fazem absolutamente tudo juntos — vão à academia, lêem o jornal, assistem aos mesmos programas de TV e filmes, tomam café da manhã, jantam e, às vezes, até almoçam juntos e, incrivelmente, vão dormir ao mesmo tempo todas as noites. Para dizer a verdade, uma vez ouvi Dex dizer que tinha dificuldades em cair no sono sem Rachel, além de nunca dormirem brigados.

Não é que Nick e eu não amemos passar o tempo juntos, porque de fato amamos. Mas não somos grudados, nem nunca fomos, mesmo no início do relacionamento. Nossos horários de trabalho (o meu recentemente extinto), de dormir e mesmo de comer variam muito. À noite, contento-me perfeitamente lendo um romance sozinha na cama e não tenho problema nenhum para pegar no sono quando Nick não está ao meu lado.

Não sei se isso significa que o casamento deles é melhor que o nosso, mas, às vezes, isso com certeza me dá a sensação inquietante de que ainda podemos melhorar. Cate e April, para quem confidencieei essa questão, insistem que eu é que sou a normal e que Rachel e Dex são atípicos, isso se não forem completas aberrações. Principalmente April, que tem um casamento na outra ponta do espectro, afirma que o relacionamento de Dex e Rachel na verdade “não é saudável” e que são “co-dependentes”. E, quando abordo esse tópico com Nick, seja com tom de almejo ou preocupação, ele fica compreensivelmente na defensiva.

— Você é minha melhor amiga — ele costuma dizer, o que é provavelmente

verdade, já que Nick na verdade não tem amigos muito próximos, algo comum para a maioria dos cirurgiões que conhecemos. Ele já teve, no colegial e até mesmo alguns poucos no curso de medicina, mas não se esforçou muito para mantê-los com o passar dos anos.

Além disso, mesmo que eu seja de fato a melhor amiga de Nick por desfalque e mesmo que ele seja meu melhor amigo em tese, às vezes sinto que conto mais sobre minha vida para April e Cate, e até mesmo para Rachel — pelo menos quando se trata das questões do dia a dia que compõem minha vida —, desde a fatia de cheesecake da qual me arrependi de comer até os óculos escuros incríveis que encontrei em liquidação ou, ainda, alguma coisa adorável que Ruby tenha dito ou Frank tenha feito. Por fim, acabo contando essas coisas a Nick também, se ainda forem relevantes ou urgentes quando finalmente nos encontramos no fim do dia. Contudo, com mais frequência, classifico mentalmente as coisas segundo sua importância e o pouso das triviais, ou ao menos das que acho que ele vai considerar triviais.

Então tem a vida sexual de Dex e Rachel, algo que fiquei sabendo por acaso, mesmo. A conversa começou quando Rachel recentemente me contou que estavam tentando havia mais de um ano ter o terceiro filho. Isso, por si só, já me deixou angustiada, já que fazia tempo Nick me disse, com todas as palavras, que estava descartada a possibilidade de termos um terceiro filho — e, embora, em geral, concorde com ele, às vezes anseio por uma família menos comum do que a nossa, dois filhos, uma menina e um menino.

Bom, de qualquer maneira, perguntei à Rachel se eles estavam realmente se esforçando ou se estavam apenas tentando ver no que dava, esperando que fosse se aprofundar nas típicas estratégias e metodologias nada românticas a que os casais costumam recorrer quando tentam engravidar. Kits de ovulação, termômetros, sexo com hora marcada. Mas, em vez disso, ela respondeu:

— Bem, nada fora do comum... mas, você sabe, nós fazemos amor de três a quatro vezes por semana, e nada. Sei que um ano tentando não é tanto tempo assim, mas aconteceu imediatamente com as crianças.

— De três a quatro vezes por semana quando está ovulando? — perguntei.

— Bom, eu nunca sei ao certo quando estou ovulando. Então simplesmente fazemos amor quatro vezes por semana, você sabe... o tempo todo, ela disse, soltando uma risada nervosa, indicando que não estava completamente confortável discutindo sua vida sexual.

— O tempo todo? — repeti, pensando no antigo provérbio japonês que dizia que se duas pessoas recentemente casadas colocassem um feijão em um pote toda vez que fizessem amor, durante o primeiro ano de casados, e depois removessem um feijão do pote toda vez que fizessem amor nos anos seguintes, elas nunca esvaziariam o pote.

— Sim. Por quê? Deveríamos... diminuir? — ela perguntou. — Talvez

economizar para os melhores dias do meu ciclo? Será que é esse o problema?

Eu não pude esconder minha surpresa.

— Vocês transam quatro vezes por semana? Tipo... dia sim, dia não?

— Bem... sim — ela confirmou, subitamente voltando a sua antiga timidez. Quando se casou com meu irmão, lutei muito para deixá-la mais à vontade, com a esperança de que um dia seríamos irmãs, algo que nenhuma de nós teve na infância. — Por quê? — ela perguntou. — Com que frequência você e Nick transam?

Hesitei, e quase lhe disse a verdade — que fazíamos amor de três a quatro vezes por mês, se não menos, mas me bateu um sentimento básico de orgulho, e talvez de certa competição.

— Ah, sei lá. Talvez uma ou duas vezes por semana — respondi, sentindo-me totalmente inadequada, como aquelas senhoras casadas sobre as quais lia nas revistas e dizia que nunca me tornaria igual.

Rachel fez que entendeu e continuou a se lamentar de sua fertilidade em declínio, perguntando se eu achava que Dex ficaria decepcionado se nunca tivesse um menino, quase como se soubesse que eu estava mentindo e quisesse fazer com que me sentisse melhor ao comentar sobre suas próprias preocupações. Mais tarde, levantei a questão com April, que acalmou meus temores, provavelmente junto com seus.

— Quatro vezes por semana? — ela quase gritou, como se eu tivesse acabado de lhe contar que eles se masturbavam na igreja, ou que participavam de orgias com o vizinho do andar de cima.

— Ela está mentindo.

— Acho que não — discordei.

— Claro que está. Todo mundo mente sobre sexo no casamento. Uma vez eu li que são os dados estatísticos mais distorcidos, porque ninguém diz a verdade, mesmo em pesquisas de caráter confidencial.

— Não acho que esteja mentindo — discordei mais uma vez, sentindo-me aliviada em saber que não estava só, e, mais aliviada ainda, quando mais tarde Cate, que ama sexo mais do que a maioria dos garotos adolescentes, deu sua contribuição ao assunto:

— A Rachel adora agradar, e se martirizar também — ela disse, dando exemplos desse comportamento citando nossas viagens só entre as mulheres, antes de termos filhos. Como ela sempre pegava o menor quarto e se submetia às escolhas das outras na hora de decidir o jantar. — É fácil imaginá-la aceitando o desafio mesmo sem ter vontade, e além disso... seu irmão é um gato.

— Ah, pare com isso — eu falei. Essa é minha resposta automática sempre que minhas amigas começam a falar de quanto meu irmão é atraente. Ouvi isso a vida toda, ou ao menos desde o colegial, quando suas fãs surgiram. Tive inclusive de me desfazer de algumas amigas naquela época, suspeitando que

estavam visivelmente me usando para chegar até meu irmão.

Então comecei a falar para Cate sobre minha teoria de que a aparência na verdade tem pouco a ver com a atração por seu cônjuge. Que acho Nick lindo, mas, na maioria das noites, isso não é suficiente para superar minha exaustão já manjada. Os casais podem se apaixonar com base na aparência e na atração, mas essas coisas não importam tanto com o passar do tempo.

De qualquer maneira, estava revirando tudo isso em minha mente quando Nick entrou na sala, cumprimentando a todos e se desculpendo pelo atraso.

— Sem problemas, minha mãe foi a primeira a dizer, como se fosse papel dela absolver o meu marido.

Nick lhe deu um sorriso clemente, então se inclinou para beijar-lhe o rosto:

— Barbie, querida. Sentimos sua falta — disse com um traço de sarcasmo que só eu pude detectar.

— Também sentimos sua falta — retrucou minha mãe, olhando exageradamente para seu relógio, com as sobrancelhas levantadas.

Nick ignorou sua provocação e, então, se inclinou novamente, mas desta vez para beijar sincera e intensamente os meus lábios. Retribuí, prolongando o beijo por um segundo a mais do que de costume, enquanto me perguntava o que estava tentando provar com aquilo — e para quem.

Quando nos separamos, meu irmão se levantou para dar um abraço em Nick, enquanto eu pensava o que sempre penso quando os dois estão lado a lado — que eles poderiam passar por irmãos, embora Dex seja mais magro, tenha olhos verdes e seja mais mauricinho e Nick seja mais musculoso, com olhos castanhos e um estilo italiano.

— Bom te ver, cara — disse Nick, sorrindo.

Dex sorriu de volta.

— Bom te ver, também. Como estão as coisas? Como está o trabalho?

— O trabalho vai bem — respondeu Nick, sendo que era só até aí que falavam de trabalho, já que o que Dex entende de medicina é tão superficial quanto o que Nick entende de mercado financeiro.

— Tessa me falou de seu paciente mais recente — comentou Rachel. — O garotinho que estava assando marshmallow.

— Sim — Nick disse, com o sorriso recuando.

— Como ele está? — ela perguntou.

— Está bem — afirmou. — É um garoto muito valente.

— É ele que tem mãe solteira? — Rachel perguntou.

Nick me lançou um olhar irritado que acho que significou “Por que você está falando de meus pacientes?” ou “Por que você está sendo contaminada por essas fofocas mesquinhas?”, ou provavelmente as duas coisas.

— O quê? — perguntei a ele, pensando na conversa inofensiva que tive com Rachel logo depois do acidente. Então me virei para Rachel e disse:

— Sim, é ele.

— O que aconteceu? — Dex perguntou, sempre interessado por uma boa história, e eu mentalmente adicionei essa característica às qualidades do meu irmão, o que talvez seja uma das razões pelas quais ele e Rachel são tão grudados. Sem ser afeminado ou metrosssexual, Dex consegue participar de rodas de fofocas com mulheres e até, às vezes, folhear uma People ou uma Us Weekly.

Dei uma idéia geral da história para meu irmão enquanto meu marido balançava a cabeça em desaprovação e resmungava:

— Meu Deus, minha mulher está se transformando em uma fofoqueira.

— Como é que é? — perguntou minha mãe, visivelmente tentando me defender.

Nick repetiu o que disse, com mais clareza, quase desafiando-a.

— Está se transformando? — ela perguntou. — Desde quando?

Era um teste, mas Nick não percebeu.

— Desde que começou a andar com essas donas de casa desesperadas — ele falou, caindo feito um bobo no jogo de minha mãe.

Ela me lançou um olhar sutil e esfregou sua taça de vinho intencionalmente.

— Espera aí. Eu perdi alguma coisa? — perguntou Dex.

Rachel sorriu e estendeu o braço para apertar sua mão.

— Provavelmente — Rachel disse, como se estivesse brincando. — Você está sempre um passo atrás, meu amor.

— Não, Dex — respondi enfaticamente. — Você não perdeu nada.

— Não mesmo — falou Nick em voz baixa, lançando-me outro olhar reprovador.

— Ah, me poupe — eu retruquei.

E ele me jogou um beijo, como se quisesse dizer que tudo fora uma brincadeira. Joguei-lhe outro de volta, fingindo ser tão brincalhona quanto ele, enquanto fazia o melhor que podia para ignorar as primeiras sementes de ressentimento que minha mãe, em toda a sua sabedoria auto-proclamada, já havia previsto.

A tranqüilidade foi restaurada durante o jantar, o clima estava divertido e festivo enquanto discutíamos tudo desde política até cultura pop e a criação dos filhos (e netos).

Minha mãe estava se comportando muito bem, sem atacar ninguém, inclusive seu ex-marido — o que possivelmente não tinha precedentes. Nick também parecia fazer de tudo para ser extrovertido e estava especialmente carinhoso comigo, talvez se sentindo culpado por ter se atrasado e me chamado de fofoqueira. O vinho não afetou a conversa e, à medida que a noite avançava, sentia-me mais solta e feliz, conversando e me divertindo em família.

Mas, na manhã seguinte bem cedo, acordei com as têmporas latejando e uma sensação renovada de preocupação. Quando desci para fazer café, encontrei

minha mãe à mesa da cozinha tomando chá e lendo um exemplar já gasto do livro Mrs. Dalloway, seu favorito.

— Quantas vezes já leu esse livro? — perguntei, enchendo a cafeteira com água e grãos recentemente moídos antes de me juntar a ela no sofá.

— Ah, não sei. Pelo menos uma seis — ela respondeu. — Talvez mais, acho reconfortante.

— Engraçado, só consigo pensar em angústia quando penso em Mrs. Dalloway — comentei. — Que parte você acha reconfortante? Seu desejo homossexual nunca consumado? Ou sua ânsia por dar sentido em uma vida sem sentido constituída por resolver problemas, educar os filhos e organizar festas?

É uma fala que tirei do próprio livro, que ela reconheceu com uma risada que saiu pelo nariz.

— Não é tanto por causa do livro — ela disse, e explicou. — É mais pela época em que o li pela primeira vez.

— Quando foi? Na época de faculdade? — Época em que me apaixonei por Virginia Wolf pela primeira vez.

— Não, o Dex era um bebê e eu estava grávida de você.

Levantei a cabeça, esperando por mais. Ela então chutou seus chinelos felpudos cor-de-rosa que pareciam não combinar com minha mãe e disse:

— Seu pai e eu ainda morávamos no Brooklin. Não tínhamos nada naquela época, mas éramos tão felizes, acho que foi a melhor época de minha vida.

Imaginei o piso de arenito romântico, tudo decorado com um estilo dos anos de 1970 de muito mau gosto, onde passei os primeiros três anos de minha vida, mas que só conheço por meio de fotos, de filmes caseiros e das histórias da minha mãe. Isso foi depois que meu pai montou seu escritório de advocacia e nos mudamos para uma casa tradicional, em estilo colonial, em Westchester, a qual chamamos de lar até meus pais se divorciarem.

— Quando foi que você e papai... pararam de ser felizes? — perguntei.

— Ah, não sei. Foi aos poucos, e mesmo pouco antes do fim passamos por bons momentos. — Ela então sorriu o tipo de sorriso que tanto pode anteceder as lágrimas quanto uma risada. — Aquele homem, ele conseguia ser tão encantador e espirituoso.

Concordei, pensando que ele ainda é encantador e espirituoso, e esses são os dois adjetivos que as pessoas sempre usam para descrevê-lo.

— É uma pena que fosse tão mulherengo — ela resmungou impassível, como se simplesmente estivesse dizendo “É uma pena que ele usasse abrigo de poliéster”.

Eu limpei minha garganta e então arrisquei pedir que confirmasse algo do qual sempre suspeitei:

— Houve outros casos? Antes dela? — perguntei, referindo-me à esposa de meu pai, Diane, sabendo que minha mãe odiava ouvir seu nome. Realmente

acredito que finalmente tenha esquecido meu pai e superado a dor do divórcio, mas, por alguma razão, ela diz que nunca perdoará “a outra”, acreditando plenamente que todas as mulheres fazem parte de uma irmandade, e que devem uma à outra a integridade que os homens, em sua opinião, parecem não ter por natureza.

Ela me dirigiu um olhar longo e sério, como se estivesse analisando se revelava ou não aquele segredo.

— Sim — finalmente confessou. — Pelo menos dois outros casos, que eu saiba.

Acenei com a cabeça em sinal de compreensão.

— Ele confessou ter tido esses casos, abriu completamente o jogo. Desesperou-se, com lágrimas e tudo, e jurou que nunca mais me trairia.

— E você lhe perdoou?

— Da primeira vez, sim. Completamente. Na segunda vez, aquilo já não me importava mais, mas nunca mais senti o mesmo por ele, nunca mais confiei nele. Sempre tinha uma sensação ruim no estômago enquanto procurava por marcas de batom em seu colarinho ou por números de telefone em sua carteira. Senti-me depreciada por causa disso, por causa dele. Acho que sempre soube que me trairia outra vez — sua voz sumiu e um olhar distante tomou conta de seus olhos.

Tive o ímpeto de ir até ela e abraçá-la, mas, em vez disso, fiz outra pergunta difícil:

— Você acha que isso fez você... deixar de confiar nos homens?

— Talvez — ela respondeu, olhando ansiosamente na direção da escada como se estivesse preocupada com Nick ou Dex pegando-a difamando sua classe. Então abaixou o tom de sua voz e sussurrou:

— E talvez seja por isso que eu tenha ficado tão chateada com seu irmão quando rompeu seu primeiro noivado.

Essa também foi sem precedentes, já que eu não fazia idéia de que minha mãe suspeitava de qualquer infidelidade, ou que algum dia já tenha ficado chateada com Dex por causa de qualquer coisa.

— Pelo menos ele não estava casado — eu disse.

— Sim, foi isso que eu disse a mim mesma. E eu não suportava aquela Darcy — ela falou, referindo-se à antiga namorada de Dex. — Então o resultado foi bom.

Eu comecei a dizer algo, mas então parei.

— Vá em frente — minha mãe disse.

Hesitei mais uma vez e, então, disse:

— Você confia no Nick?

— Você confia no Nick? — ela devolveu. — Essa é a pergunta mais importante.

— Confio, mãe — respondi, colocando a mão sobre meu coração. — Sei que

ele não é perfeito.

— Ninguém é — ela falou da mesma maneira como os pastores evangélicos dizem “Amém”.

— E sei que nosso casamento não é perfeito — disse, pensando no início turbulento da noite anterior.

— Nenhum casamento é — ela completou balançando a cabeça.

“Amém”.

— Mas ele nunca me trairia.

Minha mãe me lançou um olhar, do tipo que eu normalmente interpretaria como repressor, mas, na luz dourada e leve da manhã, entendi apenas como preocupação maternal.

Então, ela se inclinou e colocou sua mão sobre a minha.

— Nick é um bom homem, de verdade, porém uma coisa que aprendi nesta vida é que nunca se deve dizer nunca.

Esperei que dissesse algo a mais, mas ouvi Frank me chamar do topo da escada, quebrando o feitiço do momento.

— E, no final — ela continuou, ignorando os chamados cada vez mais insistentes de seu neto, sentada com toda calma, como se não o houvesse escutado —, tudo o que realmente se tem é a si mesma.

CAPÍTULO 10

VALERIE

Logo que escureceu, no sábado, Jason apareceu no hospital com pipoca de microondas, duas caixas de jujubas e vários filmes para crianças.

— Adoro jujubas! — disse Valerie, provocando seu irmão com o que ele estava planejando fazer dias.

Jason balançou a cabeça em forma de negação e disse:

— Hoje é a noite dos meninos.

Valerie agarrou os braços de sua cadeira de balanço, lembrando-se de como se sentia frenética quando brincava de dança das cadeiras.

— Mas você sempre diz que sou um dos meninos — ela tentou.

— Mas hoje não. Charlie e eu faremos uma festa do pijama. Meninas não podem participar. Não é, Charlie?

— É — Charlie confirmou, sorrindo para seu tio e cumprimentando-o, juntando os nós dos dedos de sua mão esquerda com os nós de seu tio.

Valerie, que estava ansiosa poucos momentos antes, pensando no que Charlie e ela fariam a noite toda, sentia agora um pânico crescente só de pensar que se separariam.

Ela já tinha saído do hospital por algumas horas algumas vezes, para pegar comida ou resolver algum assunto rápido — uma tarde até voltou para casa para lavar roupa e dar uma olhada na correspondência. Mas ela ainda não havia deixado Charlie sozinho de um dia para o outro. Ele podia estar pronto, mas ela não.

— Vá em frente. Coma seus doces e assista a seus filmes — ela disse da maneira mais despreocupada possível para não transparecer seu pavor e não reforçar ainda mais a posição de Jason. Olhou para o relógio e murmurou que voltaria em algumas horas.

— Não — disse Jason. — Você volta amanhã, agora vá.

Valerie olhou pasma para seu irmão, o que o fez literalmente empurrá-la da cadeira.

— Some, váza, vai embora, mulher.

— Tudo bem, tudo bem. — Valerie finalmente disse enquanto pegava lentamente sua bolsa e seu BlackBerry recarregando no canto do quarto. Ela sabia que seus sentimentos não eram racionais, que deveria estar aliviada por poder ter uma boa noite de sono em sua própria cama e um pouco de privacidade. E, principalmente, porque sabia que Charlie estava em boas mãos com Jason. Seu filho está seguro e estável e, no geral, está perfeitamente confortável, pelo menos até sua cirurgia na segunda-feira. Mesmo assim, lá

estava um sentimento de relutância profunda em suas entranhas. Respirou fundo e soltou o ar lentamente, desejando que ainda tivesse um calmante sobrando, algo para aliviar seus nervos.

— Vamos lá — sussurrou Jason para ela enquanto a ajudava com seu casaco. — Ligue para um amigo, vá tomar um drinque. Divirta-se um pouco.

Ela fez que sim, fingindo considerar o conselho de seu irmão, plenamente ciente de que não faria nada daquilo. Diversão no sábado à noite, pelo menos à moda de Jason, já era rara antes do acidente e, com certeza, estava fora de cogitação nesse momento.

Então foi até Charlie e o abraçou, dando-lhe um leve beijo no rosto, logo ao lado de sua cicatriz.

— Eu te amo, querido.

— Também te amo, mamãe — Charlie retribuiu, voltando rapidamente sua atenção para a seleção de DVDs que Jason havia espalhado sobre a cama.

— Tudo bem, então. Estou de saída — disse Valerie, parando por um segundo enquanto olhava pelo quarto, fingindo procurar por algo. Quando essa desculpa já havia se esgotado, deu outro beijo em Charlie, saiu pela porta e foi até a garagem fria e escura do hospital. Por alguns segundos, enquanto procurava por seu Volkswagen azul petróleo empoeirado com um adesivo de para-choque de duas eleições atrás, convenceu-se de que seu carro fora roubado, de alguma maneira escolhido no lugar dos três BMWs estacionados no mesmo andar, e sentiu-se em parte aliviada por não ter outra escolha a não ser voltar para o hospital. Mas então se lembrou que o havia espremido em uma vaga estreita destinada a carros compactos depois de ir comprar burritos certa noite e encontrou-o exatamente onde o havia deixado.

Ela investigou o banco de trás do carro antes de destravar a porta, algo que já fazia havia anos, desde que um adolescente de sua cidade natal fora seqüestrado no estacionamento de um shopping poucos dias antes do Natal. O momento assustador foi capturado por uma câmera de segurança.

Nesta noite, porém, o banco de trás do carro de Valerie não estava assustador, mas sim comum e sem graça. É o lado bom da história, ela pensou, quando um medo maior se concretiza, os medos menores perdem a importância. Dessa maneira, ela não morre mais de medo de estupradores de estacionamentos. Ela sentiu um arrepio enquanto entrava em seu carro e dava a partida. O rádio, deixado no volume mais alto na última vez em que usou o carro, gritava a música *Nightswimming* da banda R.E.M., uma canção que sempre a deixou vagamente deprimida, mesmo na melhor das circunstâncias.

Ela soprou suas mãos para aquecê-las e então começou a mudar de estação, esperando achar algo mais animado. Parou quando ouviu “Sara Smile”, pensando que se Hall&Oates não pudessem ajudá-la, ninguém mais poderia. Então dirigiu lentamente até sua casa, cantarolando um refrão aqui, outro ali e

esforçando-se ao máximo para esquecer a última vez em que deixou seu filho participar de uma festa do pijama só para meninos.

Só que ela não foi para casa, não imediatamente. Realmente pretendia ir para casa, e até planejava retornar algumas ligações, para seus colegas de trabalho e algumas garotas de sua cidade natal, até mesmo para Laurel, que ficou sabendo por aí, ou seja, por Jason, sobre o acidente de Charlie. Mas, no último segundo, pegou outro caminho e foi direto até o endereço que procurou no computador, pesquisou em um mapa da internet e memorizou na noite anterior, logo depois que Charlie dormiu. Queria acreditar que o desvio que fez era uma travessura, um delírio, mas não se podia chamar nada de travessura ou delírio em razão do estado atual das coisas. Não podia ser tédio também, já que nunca está entediada, ela gosta demais da solidão para isso.

Convenceu-se de que era apenas uma simples questão de curiosidade, como em meados dos anos de 1990, quando ela e Jason foram para Los Angeles no casamento de uma prima e passaram por South Bundy, o local onde ocorreu o duplo homicídio no caso de O.J. Simpson. Só que nesta noite sua curiosidade era do tipo fútil, e não mórbida.

Enquanto ia em direção ao coração de Wellesley, uma chuva leve começou a cair.

Ligou o limpador de para-brisa no modo mais lento, a janela embaçada dava a sensação de proteção. Ela estava disfarçada, juntando provas, sobre o quê, não sabia ao certo. Virou à esquerda e então duas vezes à direita em direção à rua, chamada elegantemente de “boulevard”. Era ampla, arborizada, com calçadas arrumadas e casas mais antigas, clássicas. Eram mais simples do que esperava, mas os terrenos eram fundos e generosos. Dirigiu mais lentamente, observando os números ímpares do lado direito da rua diminuírem até encontrar a casa que estava procurando, uma casa no estilo Tudor, digna de um livro de histórias para crianças. Seu coração se acelerou enquanto analisava os detalhes. As duas chaminés idênticas ladeando o telhado acinzentado.

O videoeiro com galhos baixos, perfeitos para subir, não exatamente no centro do jardim da frente. Um triciclo rosa e uma bola de borracha vermelha como as dos velhos tempos, ambos abandonados na entrada para carros. A luz amarela quente vinda de um dos quartos do andar superior. Perguntou-se se era o quarto dele — deles — ou de um dos filhos e os imaginou todos dormindo confortavelmente lá dentro. Esperava que fossem felizes enquanto virava o carro e dirigia para casa.

Pouco tempo depois estava no banho, seu passatempo favorito de sábado à noite. Geralmente lia uma revista ou um livro na banheira, mas nesta noite fechou os olhos, esvaziando sua cabeça o máximo possível. Ficou submersa, a água com sabão batia na altura de seu queixo, até sentir que estava quase cochilando. Então lhe ocorreu que pudesse estar cansada o suficiente para cair no

sono e acabar se afogando. Charlie ficaria órfão. Seria forçado a se perguntar para o resto de sua vida se sua morte havia sido um suicídio e se teria sido sua culpa. Afastou o pensamento mórbido de sua cabeça e saiu da banheira, enrolando-se em sua maior e mais macia toalha de banho, quase um lençol de banho, para dizer a verdade. Ela se lembrou do dia em que encomendou o lindo jogo de toalhas de algodão egípcio, o mais luxuoso que pôde encontrar, e inclusive pagou cinco dólares a mais por toalha para que viessem com um monograma azul ultramarino com suas iniciais. Foi no dia em que recebeu sua primeira bonificação na empresa de advocacia, um prêmio por cobrar 2 mil horas, uma pequena fortuna que planejava gastar com artigos de conforto para o dia a dia.

Depois das toalhas, encomendou travesseiros de pena de ganso australianos, lençóis de cetim, mantas de crochê de caxemira, painéis pesados de ferro fundido e louças finas para 12 pessoas, produtos domésticos de qualidade que a maioria das mulheres ganha quando se casa, antes de comprarem uma casa ou terem um bebê. Talvez ela estivesse fazendo ao contrário, mas estava fazendo tudo sozinha. “Quem precisa de um homem?”, pensava a cada item que comprava.

Essa frase se tornou seu mantra. Enquanto trabalhava muitas horas em sua empresa, economizando mais dinheiro até que ela e Charlie pudessem finalmente se mudar do porão deprimente onde moravam, com paredes totalmente brancas as quais o senhorio não a deixava pintar e o cheiro contínuo de caril e maconha vindo dos vizinhos do outro lado do corredor, para a casa aconchegante em estilo Cape Cod onde ainda moram. Enquanto removia a neve da entrada de casa com uma pá no inverno, regava as sementes de grama na primavera, lavava o alpendre com uma máquina de alta pressão no verão e juntava as folhas das árvores no outono. Enquanto fazia todas as coisas para proporcionar um lar e uma vida a Charlie. Ela era independente, segura e reservada. Era todas as letras sobre o poder da mulher que ouvia no rádio: I am a woman, hear me roar... I Will survive... R-E-S-P-E-C-T.

Mas, nesta noite, depois de comer um sanduíche de pasta de amendoim com geléia sobre a pia da cozinha e deitar-se confortavelmente em sua cama, vestindo sua camiseta preferida de flanela branca com detalhes de ilhós, sentiu uma pontada aguda de solidão, uma sensação inegável de que algo estava faltando. Primeiro, acreditou que o vazio era por causa de Charlie, que, pela primeira vez em sua vida, não estava dormindo no quarto ao lado. Mas, então, pensou na luz do andar de cima da casa no estilo Tudor e percebeu que era algo completamente diferente.

Ficou acordada na escuridão e tentou imaginar como seria ter alguém ao seu lado na cama. Tentou se lembrar da sensação de estar entrelaçada com alguém, transpirando, sem fôlego e satisfeita.

Foi quando fechou os olhos e viu o rosto dele, seu coração se acelerou novamente, assim como na lanchonete do hospital e em frente a sua casa.

Ela sabia que era errado ter esses pensamentos sobre um homem casado, mas deixou-se levar mesmo assim, virando de lado e abraçando seu travesseiro. “Quem precisa de um homem?”, tentou dizer a si mesma. Mas, à medida que caía no sono, pensou: “Eu preciso”. E mais, “Charlie também precisa”.

CAPÍTULO II

TESSA

— Como está a procura por uma escola? — Rachel me perguntou na manhã de domingo, sentada com as pernas cruzadas no chão de nossa sala de estar e fazendo as malas para voltarem para Nova York. Foi a primeira vez que ficamos a sós durante todo o fim de semana, e só estávamos sozinhas, neste momento, porque minha mãe tinha um voo de volta para casa logo cedo e Dex e Nick estavam dando um passeio com as crianças na rua, ou, como Rachel chamava depois de arrancar sua filhas do sofá, “uma marcha forçada ao ar livre”.

— Ugh — respondi fazendo careta. — Que coisa mais chata fazer isso.

— Então você definitivamente descartou o ensino público fundamental? — ela perguntou, prendendo seu cabelo, na altura dos ombros, em um rabo de cavalo com o elástico que sempre deixa em seu pulso esquerdo, aparentemente substituindo um relógio.

— Acho que sim. Nick é a favor, já que estudou em escolas públicas... Mas Dex e eu não estudamos... Acho que tudo depende de com que se está acostumado — expliquei, esperando que essa fosse a razão para a preferência de Nick, e não o fato de ele simplesmente querer fugir de visitas a escolas, das fichas de inscrição e das conversas sobre o assunto.

— É, com relação a essa questão, estou com o Nick. Sou garota de escola pública até o fim. Mas não achei que dava para ir por esse caminho em Nova York — ela disse enquanto estendia no chão uma das blusas floridas de Sarah com a frente virada para baixo e então, asseadamente, alisava os amassados, virava as mangas para dentro e dobrava tudo em um quadrado perfeito com a habilidade de uma vendedora de loja de departamentos. Memorizei sua técnica, mas sei que nunca me lembrarei dela direito, assim como nunca consigo me lembrar de como dobrar nossos guardanapos de tecido em formato de origami, do jeito que Nick aprendeu quando trabalhou como garçom em um clube durante a faculdade.

— Prometi não deixar que isso me estressasse — eu disse, mas, agora que a decisão depende de mim, estou no meio da loucura, ao lado de todas as outras mães.

Rachel concordou e falou:

— É assim mesmo, fiquei mais estressada preenchendo as inscrições para Julia e Sarah do que quando fiz a inscrição para o curso de direito. Uma coisa é se gabar sobre suas próprias qualificações e referências, outra é se gabar de sua filha de 5 anos.

Parece tão estúpido... Dex achou mais fácil. Para a nossa carta para a escola

Spence, ele teve a coragem de descrever Júlia como uma “preciosidade vivaz de olhos castanhos”.

— Ele escreveu isso mesmo? — soltei uma risada.

— Escreveu.

— Que previsível — eu disse, balançando a cabeça em sinal de reprovação, extremamente surpresa que meu irmão gerente, que parece ser tão descolado e elegante, pudesse ser tão bobo quando ninguém está olhando. Mas, ao mesmo tempo, acho que isso em parte explica por que seu casamento funciona tão bem. No fundo, ele é previsível, o que é visivelmente diferente de ser esperto, e, tendo observado vários relacionamentos ao longo dos anos, descobri que os espertos não viram bons maridos. Afinal, tenho meu próprio pai como prova dessa acusação.

— Sim. Não é à toa que nos rejeitaram, não é? — disse Rachel com um sorriso sarcástico.

Para uma perfeccionista, ela parece usar essa rejeição como um sinal de honra singular, como se a escola tivesse saído perdendo, e acho que, embora não admita, e às vezes seja até muito tímida, ela é na verdade uma das pessoas mais confiantes que conheço, ao contrário de April e muitas outras mães, que parecem lutar em busca da perfeição como uma maneira de lidar com suas inseguranças ocultas. — Eu sabia que devia ter editado as cartas de Dex... Mas, lá no fundo, sabia que a Spence não era a escola certa para nós mesmo. Então não me incomodei.

Perguntei a ela “por que”, sempre curiosa para saber de todos os detalhes da vida deles na cidade, tão diferente das minhas próprias lembranças de Manhattan, antes de ter filhos.

— Ah, eu não sei — fazendo uma pausa antes de pegar um suéter de caxemira rosa com pompons minúsculos ao longo da gola. Todas as coisas de Julia e Sarah são lindas e femininas, o que não condiz com o guarda-roupa de Rachel, repleto de calças jeans, abrigos confortáveis em tons de terra e cachecóis longos e em estilo boho que ela enrola com duas voltas ao redor de seu pescoço até mesmo no verão. — Você simplesmente ouve falar de todos os estereótipos relacionados a todas as escolas... A Chapin é para loiras, refinadas e riquinhas... A Spence é cheia de garotas de sociedade antenadas e abastadas, ou vadias mimadas e materialistas, de acordo com quem odeia a escola... E, de acordo com Dex, quando fomos rejeitados. Ela riu e então imitou sua voz grave:

— Como ousam recusar nossa preciosidade de olhos castanhos!

Eu dei uma risada à custa de meu irmão e, então, perguntei sobre a reputação da Brearley, que é uma escola só para meninas de Upper East Side que Sarah e Júlia freqüentam.

— Hummm... deixe-me pensar... Eu diria que é a de intelectuais desarrumadas — disse Rachel.

— Você está longe de ser desarrumada — eu retruquei, apontando para a pilha perfeita de roupas que ela estava guardando nas malas de lona com monogramas das meninas.

Ela riu e falou:

— Então a Longmere ainda está no topo da lista das opções de escola para Ruby?

Fiz que sim, impressionada com sua memória para os nomes das escolas de Boston, e fiquei ainda mais surpresa quando perguntou:

— É nessa escola que a filha de April estuda, não é?

— Sim, o que no momento não está ganhando pontos com Nick — respondi, contando toda a história do paciente de Nick — Ele quer evitar o drama todo...

— Ou evitar os tipos que ele considera dramáticas enxeridas e desocupadas.

— Dramáticas enxeridas e desocupadas existem em todo lugar — Rachel desabafou.

— Em escolas públicas ou privadas, em Manhattan ou em qualquer outro lugar, elas são inevitáveis.

— Pois é — concordei. — Mas diga isso para o Nick, ele está todo revoltado ultimamente.

Assim que as palavras saíram, fiquei arrependida, tanto porque me senti desleal ao dizê-las a Rachel, que nunca diz uma palavra negativa sobre seu marido, quanto porque senti que finalmente havia materializado minhas críticas em relação a meu marido.

Ela me deu um olhar de compaixão que apenas acentuou minha culpa.

— Revoltado com o quê? — Rachel perguntou.

— Ah, eu sei lá — falei tentando voltar atrás um pouco. — Entendo o ponto de vista dele. Entendo perfeitamente que April e Romy, e todos desse grupinho, devam recuar e dar um pouco de espaço a essa mulher e a seu filho. Eu inclusive disse isso a April, o que não foi algo fácil de dizer para uma amiga.

— Posso imaginar — disse Rachel, concordando com a cabeça.

— Mas o Nick leva tudo ao extremo. Você sabe como ele é. Moralista não é a palavra certa...

— Áspero? Direto? — ela tenta adivinhar.

— Bem, sim, tem isso. Ele sempre foi muito sério — eu disse, percebendo quanto é difícil descrever as pessoas mais próximas, talvez porque conhecemos todas as suas nuances. — A questão é que ele tem tolerância zero para qualquer coisa que considere frívola: fazer uma fofoca, ler uma revista sobre celebridades, beber ou consumir em excesso.

Ela concordou hesitante, andando sobre a linha tênue entre me apoiar e denegrir Nick

— Eu sei que estou exagerando no fato de ele não ter senso de humor...

— Não, não. Você não está. Escute, eu conheço o Nick, e o entendo. Ele tem

um ótimo senso de humor — ela falou.

— Certo. Ele só está mais calado ultimamente, nunca quer se encontrar com os amigos, e, quanto a cuidar das crianças, ele pode ser tanto o pai liberal quanto o advogado do diabo... Ou talvez eu esteja percebendo isso melhor ultimamente... — disse pensativa. Então tentei contar a Rachel sobre as piores partes da minha última conversa com minha mãe.

— Bem, a Barbie é uma cínica — ela disparou. — Você não pode considerar tudo o que ela diz. Você sabe o que ela me disse há pouco tempo? Bem na frente das meninas?

— O quê? — perguntei, já balançando a cabeça em sinal de reprovação.

— Ela falou que se casar é como ir ao restaurante com os amigos. Você pede o que quer, mas, quando vê o prato do seu amigo, se arrepende de não ter pedido um daquele.

Segurei minha cabeça com as mãos e dei uma risada.

— Brutal.

— Eu sei. Ela me fez sentir como uma grande costeleta de porco que Dex poderia mandar de volta para a cozinha se não gostasse.

— E essa? Depois que viu Nick abrir a porta do carro para mim, soltou essa pérola:

“Quando um homem abre a porta de seu carro para sua esposa, você pode ter certeza de uma coisa: ou o carro é novo ou a esposa é nova”.

Rachel riu e falou:

— Bem, o carro era novo?

— Infelizmente, sim — respondi. — Novinho em folha. Mas, enfim, eu nunca admitiria isso à minha mãe, mas abandonar meu trabalho não tem sido a panacéia que eu esperava que fosse. Sinto-me tão quebrada e exausta quanto antes, e ainda assim parece que não há tempo suficiente para as crianças... Para nada, na verdade.

— Pois é. Quase te faz sentir mais culpada, não é? Por não ser uma mãe habilidosa no campo das artes e dos trabalhos manuais?

— Mas você é — eu disse, dando-lhe um olhar acusador.

— Não sou não. Nem sei quando foi a última vez em que peguei os materiais de artes para brincar com as meninas. Em tese, temos muito mais tempo em casa, mas o preenchamos com pormenores que, de alguma maneira, conseguíamos evitar quando trabalhávamos.

— Isso mesmo! — exclamei mais uma vez, sentindo um alívio intenso, já que nada é tão desesperador do que achar que você é a única pessoa no mundo que se sente de determinada maneira, principalmente em se tratando de questões relativas à maternidade e, proporcionalmente, nada é mais consolador que saber que você não está sozinha.

— É exatamente isso, sinto que preciso de uma esposa... Alguém para cuidar

dos trabalhos da escola e...

— Ir ao banco, ao supermercado — Rachel completou.

— E comprar presentes.

— E embrulhá-los.

— E escrever os cartões de agradecimento.

— E montar os álbuns de fotografia — ela disse revirando os olhos. — Estou dois anos atrasada e só cheguei até a metade do primeiro álbum de Júlia.

— Por Deus, esqueça os álbuns. Eu já me contentaria com alguma ajuda para tirar as fotos — eu falei, pensando em quando, pouco tempo atrás, dissera a Nick que, se algo acontecesse comigo, as crianças não teriam fotos de sua mãe. Ele me disse para não ser tão mórbida, pegou a câmera e tirou uma foto minha, registrando minhas olheiras e uma espinha enorme no queixo que eu havia coberto com uma pomada secante, uma foto que obviamente apaguei depois, arrepiando-me só de pensar que pudesse ser lembrada por uma imagem tão horrorosa. Ou, pior, vista daquela maneira por outra mulher, a segunda esposa de Nick, a única mãe que meus filhos conheceriam.

Então, assim que senti que nossa sessão de reclamação estava se transformando em uma onda de reclamações sem limite, Rachel sorriu e disse:

— Ah, sim. Mas sorte deles que são tão fofos, porém incompetentes.

Eu sorri, confusa quanto à idéia de chamar crianças de incompetentes, mas então percebi que não estava falando das crianças, mas sim de Dex e Nick.

— É — disse alargando o sorriso. — Sorte deles.

Naquela noite, bem depois que todos foram embora e as crianças estavam dormindo, Nick e eu estávamos em nosso quarto, preparando-nos para dormir.

— Foi um ótimo fim de semana — eu disse, enquanto enxaguava meu rosto, enxugava-o delicadamente com a toalha e aplicava uma quantidade generosa de hidratante sobre o rosto e o pescoço. — Adoro ver as quatro crianças juntas.

— É, foi divertido — concordou Nick, enquanto mexia em sua gaveta para pegar uma calça de pijama de cambraia. — E sua mãe conseguiu se comportar razoavelmente bem.

Dei um sorriso, indo até a minha cômoda e escolhendo uma camisola preta, feita de uma mistura de algodão e elastano, que não era descaradamente sexy, mas o corte caía bem no corpo e esperava que fosse despertar algo entre mim e Nick. Não é bem no sexo que estou interessada, mas sim no momento de intimidade que o segue.

— Pois é — eu falei. — Mas ela me deu um sermão ontem pela manhã.

— Sobre o quê?

— Ah, sei lá. Ela ainda se preocupa...

— Ainda se preocupa com o quê desta vez?

— Com o de sempre. Acha que o casamento é difícil quando se tem filhos pequenos. Que eu não deveria ter parado de trabalhar — disse pensando que suas

preocupações estavam consolidadas em minha mente, tornando-se minhas preocupações também. Ou se já estavam se formando lá dentro e foram simplesmente trazidas à tona pela intuição de uma mãe.

— Você falou a ela que estamos bem? — ele perguntou, porém parecendo distraído enquanto checava seu BlackBerry e digitava uma resposta com seus polegares ágeis trabalhando alternadamente. Sempre que vejo suas mãos se movendo desse jeito, lembro-me de que ele é um cirurgião com as habilidades motoras mais refinadas e sinto uma onda de atração tranquilizadora. Mesmo assim, não gostei de como ele usou a palavra “bem”. Quero estar melhor que bem.

— Sim, eu disse.

Nick ainda estava digitando, com a sobrelanceira franzida, e pude perceber que era um assunto relacionado ao trabalho. Ele terminou subitamente e então vestiu sua calça de pijama, apertando o cordão da cintura. “Você sempre dorme com o peito de fora?”, perguntei uma vez quando começamos a namorar, e ele riu e me corrigiu:

“Garotas ficam com o peito de fora. Homens ficam sem camisa. Portanto, com o peito de fora e sem camisa”. Observei-o arremessando suas roupas na direção do cesto de roupa suja, mas deixou-as cair tão longe que me pareceu que nem estava tentando acertá-lo. Ele não costumava ser tão descuidado assim, e, enquanto eu olhava fixamente para a pilha de roupas no chão, seu boné de beisebol da Harvard invertido sobre o monte, senti-me confusa. contei até dez em silêncio, esperando que ele dissesse algo, qualquer coisa, e, quando ele não disse, eu soltei:

— Então, imprimir a ficha de inscrição para Longmere.

Essa declaração soou como arquitetada inteiramente para pisar em seu calo ou, no mínimo, para tentar travar uma conversa. Senti uma pontinha de vergonha por ser tão manipuladora, mas, ao mesmo tempo, senti que estava com a razão.

— Ah é? — ele perguntou indo até a pia do banheiro. Sentei-me na beirada da banheira e assisti aos músculos de suas costas flexionarem-se enquanto escovava os dentes com o que sempre acreditei ser uma força exagerada. Costumava lembrá-lo de suas gengivas, quanto essa técnica fazia mal para elas, mas desisti com o passar dos anos.

— Acho que deveríamos seguir com o processo todo — expliquei.

— Acha? — ele disse, com o tom de voz entediado, como se quisesse me dizer que isso estava na longa lista de coisas com as quais ele não se preocupava, ao lado dos lanches da escola e das fantasias para o Dia das Bruxas.

“Droga”, pensei. “Minha mãe está certa.”

— Sim. Vou colocá-la em sua mala. Você acha que poderia tentar fazer as cartas? Talvez esta semana? Rachel disse que foi o Dex quem escreveu as das meninas...

Nick me olhou pelo espelho e então falou com a boca cheia de pasta de dente:

— Sério?

Olhei-o pasma esperando-o cuspir na pia, enxaguar a boca e dizer:

— Tudo bem. Mas terei uma semana agitada. O enxerto de Charlie é amanhã.

— Claro — eu disse, meu aborrecimento subindo um ponto a mais na escala quando ele chamou o seu paciente pelo primeiro nome.

Pouco depois, seguiu-me até a cama.

— Então é isso que estamos fazendo? — Nick perguntou com um suspiro. — Nos candidatando à Longmere?

— É uma ótima escola. É onde o Charlie estuda.

Assim que essas palavras saíram, soube que tinha ido longe demais.

— O que isso quer dizer? — ele perguntou.

— Nada — respondi inocentemente, enquanto arrumava as cobertas ao meu redor.

— Tudo bem. O que foi, Tess? Está brava com alguma coisa?

— Não — respondi da maneira menos convincente possível, desejando que ele desse um passo adiante, para que eu pudesse lhe dizer tudo o que estava sentindo, a frustração que estava muito próxima de se transformar em raiva. A raiva que parecia metade das vezes justa e a outra metade paranóica e egoísta.

Mas ele não foi adiante, não me deu a oportunidade, não me fez nenhuma pergunta sequer. Em vez disso, simplesmente falou:

— Que bom. Agora vamos descansar um pouco.

— Claro, eu sei. Você tem uma cirurgia amanhã.

Nick me olhou, fez que sim e sorriu minimamente. Então, absorto, checkou seu BlackBerry uma última vez, desligou o abajur ao lado da cama, obviamente ignorando tanto meu sarcasmo quanto minha camisola preta.

CAPÍTULO 12

VALERIE

Na manhã de segunda-feira, enquanto o Dr. Russo e uma equipe de cinco médicos e enfermeiras operavam Charlie, Valerie sentou-se na sala de espera, esperando, e nada mais. Ela aguardou sozinha, insistindo para que sua mãe e seu irmão fossem mais tarde, depois que tudo tivesse terminado. Valerie nunca gostou de conversar em momentos de nervosismo, e não conseguia entender a psicologia das pessoas que procuravam ansiosamente por distrações, como sua mãe, que tricota quando está chateada ou preocupada. Por isso, não se virou nem uma vez para olhar a televisão de tela plana que anunciava notícias no canto da sala, nem mesmo olhou de relance para as várias revistas femininas espalhadas sobre as mesas por toda a sala. Ela também não ouviu músicas no iPod de Charlie, que prometeu guardar enquanto ele estivesse na sala de cirurgia. Ela não queria nenhum tipo de fuga, ao contrário, queria permanecer alerta, simplesmente resistindo aos minutos angustiantes, aguardando que alguém surgisse na porta da sala e a levasse até seu filho. Na verdade, esperava que esse alguém fosse Nick, por nenhuma outra razão a não ser a que, quando visse seu rosto, saberia imediatamente que tudo havia corrido bem. Neste momento já sabia que ele era direto na hora de dar notícias e gastava sua energia mental visualizando o instante em que veria seu sorriso tranquilizador, quase desejando que tudo acontecesse exatamente do jeito que imaginara.

Só depois de certo tempo, cerca de duas horas após o início da cirurgia, Valerie se desconcentrou e deixou sua mente vagar até aquela sensação juvenil de sábado à noite. Sentiu seu rosto queimar de vergonha, mesmo sabendo que havia passado despercebida, que ninguém nunca saberia o que havia feito e que nunca aconteceria outra vez.

Mesmo assim, perguntou-se o que esperava ganhar com isso. E, Deus, e se Nick a tivesse visto? Ou, pior, e se ele e sua esposa a tivessem avistado? E aí? Eles achariam que suas ações se justificariam pelo fato de ser uma mãe perturbada que perdera as amarras, sentindo pena dela por vários motivos? Ou a explicação que dariam seria menos bondosa, acusando-a de perseguição, e Nick ficaria tão incomodado que se recusaria a tratar seu filho e o encaminharia a outro médico, menos capaz? Esse pensamento fez com que literalmente estremecesse enquanto se envolvia um pouco mais em seu cardigã.

Mais uma vez, perguntou-se por quê. O que a fizera ir até lá? E fez o que pôde para ignorar a resposta perturbadora que se formava em sua mente. Que houvesse algo entre eles, uma atração, ou ao menos uma ligação. Balançou a cabeça em reprovação, dispensando sua conclusão, considerando-a errada,

absurda. Ela não podia estar apaixonada por um homem que mal conhecia. E ele com certeza não sentia nada por ela, a não ser mera paixão, ela estava vulnerável, só isso, e ele era sua salvação. E disse a si mesma que isso deveria ser comum. Pacientes se apaixonando por seus médicos, confundindo gratidão com algo mais. Na verdade, lembrou-se de ter lido algo sobre isso quando estava grávida, como algumas mulheres passam a se sentir atraídas por seus obstetras, mas na época achara inconcebível. Contudo, pensando bem, talvez estivesse preocupada demais pensando em Lion para que uma atração de qualquer tipo, por mais fugaz que fosse, se materializasse.

Então era isso, Valerie decidiu, ela é um caso típico, nada mais. De repente fez todo o sentido para ela, principalmente por Nick ser tão bonito de se ver. Era muito fácil perceber sua beleza, seus olhos, aquele cabelo, aqueles ombros. Por isso que as enfermeiras solteiras ficavam extasiadas e soltavam risadinhas quando ele estava por perto.

Até mesmo as casadas, aqueles tipos que carregam pastas cheias de fotos de seus maridos e filhos para todo lado, pareciam apaixonadas.

Valerie cruzou as pernas e transferiu o peso de seu corpo para o outro lado na poltrona, sentido-se aliviada em encontrar uma explicação tão lógica para seu comportamento insólito. Nick era um cirurgião brilhante e atraente, e ela, além de solteira, estava agora completamente isolada do resto do mundo. Olhou para cima, assistindo ao ponteiro dos segundos atravessarem os números do relógio acima dela, convencendo-se de que essa paixão logo passaria, até avistar uma silhueta se movimentando por trás da porta de vidro fosco da sala de espera. Endireitou-se na poltrona, torcendo para que fosse alguém destinado a falar com ela, alguém com algum tipo de novidade ou atualização. Torcendo para que fosse Nick.

Mas, em vez disso, Valerie viu duas mulheres entrando lentamente pela porta. Reconheceu uma delas, mas demorou a identificar ao certo quem era. Quando finalmente descobriu, enrijeceu-se ao ouvir a mulher chamar seu nome.

— Romy — disse Valerie. — O que está fazendo aqui?

Romy levantou uma grande cesta de vime que continha um buquê de flores brancas e amarelas, que pareciam ter sido colhidas de algum jardim e arrumadas com capricho, e frutas tão perfeitas que pareciam falsas.

— Eu trouxe isso para você — falou Romy, colocando delicadamente a cesta a seus pés.

Valerie olhou para baixo, reparando em uma garrafa de vinho que estava em um ângulo oposto ao das flores com uma ráfia amarrada no gargalo. Examinou o rótulo francês, registrou que a garrafa viera de uma vinícola em Provença e sentiu uma onda de ódio ao pensar em como uma garrafa de vinho era inadequada em um momento como aquele. Olhou ao redor da sala, sentindo-se encurralada, percebendo que não tinha para onde ir, não havia nenhuma outra

rota de fuga a não ser que empurrasse as duas e corresse pela porta de entrada. E, é claro, havia o fato de não poder sair. Ela dissera a Nick que estaria lá.

Valerie demonstrou com um aceno de cabeça que percebera a cesta, mas recusou-se a agradecer a Romy a oferta. Em vez disso, virou os olhos para a outra mulher.

— Olá, Valerie — ela disse lentamente, como se estivesse se comunicando com um estrangeiro. Meu nome é April, minha filha, Olivia, está na sala de Charlie.

Gostaríamos de te dizer que toda a sala está te apoiando, toda a escola. Também sentimos muito por você e pelo Charlie. Como ele está?

— Ele está bem — Valerie respondeu, arrependendo-se instantaneamente dessa resposta, principalmente enquanto estudava a expressão facial de April. Não havia nada nela que Valerie achasse desagradável. Era condescendente e agressiva ao mesmo tempo. Além disso, o Charlie não estava bem. Não estava nem um pouco bem. Então lhes disse:

— Ele está em uma cirurgia agora.

As duas trocaram um olhar inquieto de surpresa, consolidando o ceticismo de Valerie e confirmando a suspeita de que Romy estava mesmo preocupada com um processo contra ela, com a possibilidade de ter de abrir mão de uma parte de sua fortuna.

Ela de repente se lembrou dos brincos de Romy, enormes e de diamantes que ela usou naquela noite na escola, e percebeu que, no lugar deles, havia pequenas argolas de prata. Também não estava usando seu pesado anel de noivado. Tudo em sua aparência era minimalista, o retrato de uma mulher tentando mostrar, a todo custo, que não tinha uma conta polpuda.

— Cirurgia? — Romy perguntou.

— Sim. Um enxerto de pele.

A mão de Romy foi até seu próprio queixo.

— E como está... o rosto dele?

A resposta de Valerie foi ponderada e sucinta:

— Prefiro não falar sobre isso.

As amigas trocaram outro olhar, esse mais visivelmente preocupado, mais egoísta. O lábio inferior de Romy estremeceu quando disse:

— Só estávamos preocupadas.

— Com quem? — Valerie perguntou ríspida.

— Com o Charlie — respondeu April, tomando a frente para defender sua amiga.

Valerie ficou arrepiada ao ouvir o som do nome de seu filho, dito por essa desconhecida que, em primeiro lugar, não tinha nada que estar lá.

— Olha aqui. Não vou processar ninguém, se é com isso que se preocupa. Não importa quanto você tenha sido negligente.

Romy parecia prestes a chorar, enquanto April dizia:

— Ela não foi negligente.

— O quê? — perguntou Valerie. — Então você acha que foi uma boa idéia assar marshmallow em uma festa de aniversário cheia de meninos pequenos?

— Acidentes acontecem, mesmo quando tomamos cuidado. — Romy insistiu, com os olhos se enchendo de lágrimas.

— Bem, então você pode me dizer o que aconteceu? — pressionou Valerie, com o volume de sua voz aumentando. Percebeu um homem no canto da sala, que antes estava concentrado em um livro, olhar para elas, percebendo que uma discussão estava prestes a acontecer. — Porque seu marido disse que não sabia ao certo. Você sabe? Alguém sabe?

Romy parou de chorar imediatamente, outra prova de que suas lágrimas eram falsas.

— Os meninos estavam fazendo algazarra.

— Meninos de 6 anos fazem isso — April acrescentou.

— Certo. — Então mais uma vez, Valerie disse, como fizesse um interrogatório. — E desde quando é uma boa idéia assar marshmallow sem supervisão com um bando de meninos de 6 anos que são propensos a fazer algazarra?

— Eu não sei. Eu... eu sinto muito — Romy disse, com suas palavras vazias e falsas.

— Você deveria ter começado por aí — Valerie alfinetou.

— Ela tentou começar por aí — April tentou explicar. — Mas você não atende seus telefonemas.

— Tenho estado meio ocupada, sabe? Perdoe-me.

— Olha — Romy tentou mais uma vez. — Sabemos que seu filho está ferido e que você...

— Vocês não sabem de nada sobre mim — Valerie interrompeu levantando-se, com a voz mais alta. — Vocês acham que me conhecem, mas não têm a menor idéia. Nenhuma idéia, na verdade.

April bateu no ombro de Romy e com a cabeça indicou a direção da porta.

— Vamos embora — disse.

— Ótima idéia. Por favor. Vão embora — Valerie disse. — E levem suas flores e esse vinho com vocês. Talvez possam usá-los na próxima festa.

Pouco depois que as duas mulheres foram embora, Nick chegou à sala de espera. Ele não estava sorrindo, mas bem que poderia estar. Valerie aprendeu que essa era sua expressão de felicidade, relaxada e, ao mesmo tempo, destemida, e soube imediatamente que Charlie estava bem. Levantou-se esperançosa, aguardando a confirmação.

— Ele se saiu muito bem — Nick disse, o que, é claro, queria dizer que Nick havia se saído muito bem.

Essa nuance não passou despercebida para Valerie, que se sentiu dominada pela emoção enquanto dizia:

— Muito obrigada.

Nick acenou positivamente com a cabeça e disse:

— Estou muito satisfeito com os resultados.

Valerie agradeceu mais uma vez, enquanto Nick a prevenia dizendo-lhe que ela não conseguiria perceber imediatamente, que o enxerto ainda precisava de tempo para cicatrizar e que os novos vasos ainda iam se desenvolver.

— Em outras palavras, pode não parecer bonito para você. Mas para mim, parece.

— Bem, é isso que importa — ela exclamou, lembrando-se das imagens de antes e depois que ela havia pesquisado na internet durante o fim de semana, dos textos que relatavam tudo o que poderia dar errado, tudo contra os avisos de Nick para que ficasse longe da internet. — Posso... vê-lo?

— É claro. Ele ainda está dormindo, mas deve acordar em breve.

Nick olhou curiosamente para a cesta que as duas deixaram na sala e perguntou:

— É sua?

— Não.

Valerie respondeu, passando intencionalmente sobre ela, enquanto seguia os olhos de Nick, que iam até o grande envelope claramente destinado a “Valerie e Charlie”.

Valerie tirou o cartão da cesta sem jeito, jogou-o em sua bolsa e gaguejou:

— Quero dizer, sim... é minha. Mas acho que vou deixar aqui. Para que outras famílias... possam desfrutá-la. Não estou muito no clima de vinho estes dias.

Nick lançou-lhe um olhar, como se suspeitasse que a história fosse outra, mas não disse nada enquanto a levava até o quarto de Charlie. Durante o caminho, ele estava a todo o vapor, falando mais rapidamente que de costume, dando detalhes sobre a cirurgia, explicando como tudo havia corrido bem. Quando chegaram à porta da sala de recuperação, Nick indicou que ela entrasse primeiro. Valerie se preparou, mas não o suficiente para sua primeira visão de Charlie na cama, parecendo menor do que nunca.

Seu corpo estava protegido por cobertores, seu couro cabeludo e seu rosto estavam com curativos, só era possível ver seu nariz, seus olhos e seus lábios. À medida que Valerie observava uma enfermeira desconhecida checar os sinais vitais de seu filho, teve o ímpeto repentino de ir até ele, tocar o rosa de seu pescoço, mas se segurou, com medo de infectá-lo de alguma forma.

— Como ele está? — Nick perguntou à enfermeira, que respondeu com uma voz áspera, informando-o sobre números que não significavam nada para Valerie.

Nick fez que entendeu enquanto ela fazia anotações em seu prontuário e saía

pela porta.

— Venha aqui — Nick disse, levando-a até a cama de seu filho.

À medida que as pálpebras de Charlie tremulavam e se abriam, sentiu-se envergonhada por sua hesitação, por não ser mais forte naquele momento. Era ele quem acabara de passar por quatro horas de cirurgia. Era ele quem tinha uma máscara sobre seu rosto, um cateter intravenoso, gota a gota, administrando medicamentos para dentro de seu corpo. Tudo o que ela teve de fazer foi esperar.

— Oi, querido — ela disse, forçando um sorriso, fingindo coragem.

— Mama, ele disse, o primeiro nome que lhe deu, quando era apenas um bebê, mas que depois deixou de usar quando aprendeu a falar e andar.

Sentiu-se aliviada ao ouvir sua voz, ver o azul de seus olhos.

— Você se saiu muito bem — ela disse, com as lágrimas enchendo seus olhos enquanto se sentava ao lado dele na cama. Esfregou suas pernas através de várias camadas de cobertores, vendo-o lutar para manter os olhos abertos. Depois de vários segundos, suas pálpebras ficaram pesadas e se fecharam novamente.

— Aqui. Deixe-me te mostrar — Nick sussurrou, virando-se para vestir um par de luvas de látex. Ele foi até Charlie e, com sua mão mais estável, removeu a máscara e retirou um canto do curativo para mostrar seu trabalho.

Um susto escapou de Valerie quando olhou o rosto de seu filho. Folhas de pele pálida e transparente cobriam a sua bochecha, todas cheias de pequenos furos que drenavam sangue e líquidos. Uma máscara assustadora sob sua máscara. Uma cena de filme de terror, daquelas que Valerie evitava ver, sempre escondendo o próprio rosto com as mãos. Sentiu que começava a tremer, mas não deixou que as lágrimas caíssem.

— Você está bem? — Nick perguntou.

Ela fez que sim, inspirando e forçando-se a soltar o ar a fim de se recompor.

— Lembre-se. A ferida precisa de tempo para cicatrizar — Nick explicou enquanto arrumava o curativo e a máscara.

Ela sabia que deveria dizer algo, mas não conseguia soltar nenhuma palavra.

— Não vai parecer nada com isso dentro de alguns dias. Você ficará impressionada.

Ela fez que sim mais uma vez, sentindo-se tonta e fraca. Disse a si mesma que não podia desmaiar, que nunca se perdoaria se desmaiasse depois de ver o rosto de seu filho.

— Vai voltar a ter a cor de uma pele normal quando recobrar a vascularidade, e vai ter um movimento normal, também, depois que a pele cicatrizar e aderir ao tecido e ao músculo facial subjacente.

“Diga algo”, disse Valerie a si mesma enquanto se sentava ao lado de Charlie.

— É por isso que precisaremos da máscara, que deve chegar hoje ou amanhã. Para manter uma pressão constante, para manter tudo em seu lugar quando ele

começar a comer alimentos sólidos, falar, esse tipo de coisa. Também ajudará a controlar sua dor.

Valerie levantou os olhos para ele, alarmada, e finalmente disse-lhe:

— Ele vai sentir dor? Achei que ouvi você dizer que existiam muitos remédios para dor?

Nick apontou para o cateter e disse:

— Existem. Mas ainda assim haverá um pouco de desconforto e a pressão ajudará nessa hora.

— Tudo bem — ela disse, com a tontura e o terror se dissipando à medida que percebia que precisaria ajudar seu filho. — Então agora ele pode beber?

Nick confirmou:

— Sim. Ele pode tomar líquidos e iniciaremos os alimentos macios amanhã, provavelmente. E, fora isso, ele só precisa descansar. Descansar muito.

— Certo, garotão? — Nick perguntou quando Charlie abriu os olhos outra vez.

E o garoto piscou, ainda sonolento demais para falar.

— Certo — Valerie respondeu por ele.

— Tudo bem, então — Nick disse removendo as luvas e arremessando-as em uma lixeira no canto do quarto, como se estivesse jogando beisebol. Ele acertou o alvo e pareceu satisfeito.

— Eu volto — ele disse.

Ela sentiu uma dor aguda, desejando que ele ainda não a deixasse.

— Quando? — ela perguntou, arrependendo-se instantaneamente.

— Logo — ele respondeu. Então alcançou sua mão, apertando-a, como se estivesse dizendo mais uma vez que tudo estava correndo exatamente como ele esperava, exatamente como deveria ocorrer.

CAPÍTULO 13

TESSA

— Odeio dizer “bem que eu avisei” — April ligou para me dizer na manhã de segunda-feira, enquanto eu manobrava meu carrinho de compras pelo corredor de cereais da Whole Foods.

— Até parece — eu disse, rindo. — Você adora dizer “bem que eu avisei”.

— Não adoro — negou April.

— Ah não? E naquela vez em que você me disse que, se eu deixasse Frank brincar em uma caixa de areia pública, ele pegaria oxiúro?

April riu.

— Tudo bem. Eu adorei daquela vez, mas não porque ele pegou oxiúro! Mas sim porque você e Nick ficaram zombando de mim, dizendo que eu era paranóica.

— Você é paranóica — eu afirmei. Eu sempre provoço a April por causa de sua mania incessante de lavar as mãos e a lembro de que ela, de fato, possui alguns glóbulos brancos. — Mas você estava certa. Então, sobre o que mais estava certa?

April fez uma pausa por alguns segundos e então disse:

— Valerie Anderson, eu estava certa sobre ela. Que cretina.

— O que aconteceu? — perguntei, preparando-me para a história que estava por vir, perguntando-me se April sabia, de alguma maneira, que Charlie sofreria uma cirurgia naquela manhã.

— Você não vai acreditar — April disse, preparando-se para contar sua história, sempre cheia de anedotas, mesmo as que envolvem minúcias de sua vida. Ela montou o cenário cuidadosamente, descrevendo a cesta que constituía a terceira tentativa de aproximação, que ela e Romy haviam montado com tanto amor, como haviam selecionado cuidadosamente a melhor garrafa de vinho da adega de Romy e o buquê perfeito em uma conhecida floricultura da cidade.

Tomando cuidado para não soar mordaz, eu falei:

— Achei que você fosse parar com isso, dando um pouco de tempo e espaço.

— Nós demos, esperamos uma semana, mais ou menos, como você sugeriu... e então Romy pensou em ir até lá e ver no que dava.

Joguei uma caixa de cereal matinal com passas em meu carrinho, pensando que a expressão “ver no que dava” deveria ser utilizada apenas para dar em cima de garotas em bares ou fazer um bom negócio na compra de um carro usado, ou, também, para correr um quilômetro e meio em seis minutos, e não para entrar em contato com a mãe de uma criança hospitalizada quando ela obviamente não quer saber de conversa.

Também comecei a pensar que dar conselhos a April é a mesma coisa que dar conselhos a Ruby: entra por um ouvido e sai pelo outro. A única diferença é que April ao menos finge escutar primeiro.

— Você sabe, levantar a bandeira da paz — April disse.

— Humm — eu disse, pensando que essa também era uma expressão que tinha muitos significados. E pensei também que a desculpa de Romy era uma contradição, pois dizia que seus esforços para entrar em contato com Valerie estavam relacionados à compaixão e ao apoio a uma mãe, e não a uma busca espalhafatosa e descarada por absolvição.

— Então a Valerie não aceitou o gesto cordialmente? — perguntei.

— Esse é o maior eufemismo dessa década — April exclamou, contando-me sobre a conversa palavra por palavra. Como Valerie recusou a cesta, dizendo a Romy para usá-la na próxima festa. — Ela foi tão sarcástica — April contou. — Uma cretina mesmo.

— Que chato — eu falei, escolhendo cuidadosamente minhas palavras e percebendo que essa era a maior qualidade de uma amizade genuína: poder dizer exatamente o que estamos pensando.

— Pois é. E, quanto mais penso sobre o que aconteceu, mais acho que foi realmente muito triste. Sinto pena dela.

— Você quer dizer, pena do que aconteceu com o menino? — perguntei intencionalmente, achando que esse sim era o eufemismo dessa década.

— Bem, sim, tem isso, e também tem o fato de ela obviamente não ter nenhum amigo.

— E por que você diz isso? — perguntei.

— Bom, em primeiro lugar, como ela poderia ter amigos com uma atitude péssima como essa? E, além disso, por que outro motivo estaria sentada sozinha na sala de espera? Quero dizer, você consegue imaginar se fosse um de nossos filhos nessa situação? Estaríamos cercados de pessoas queridas.

Comecei a lembrar April de minha premissa inicial, de que Valerie talvez quisesse ficar sozinha, mas ela me interrompeu e falou:

— Ela simplesmente me parece ser uma daquelas solteironas amargas que odeiam o mundo. Quero dizer, você não acharia que ela ficaria agradecida? Ao menos pelo bem de Charlie? Nossos filhos estão na mesma turma!

— Acho que sim — respondi.

— Então é isso — April concluiu. — Nós oficialmente desistimos, ela que se vire.

— Ela ainda pode mudar de idéia.

— Bom ela terá de fazer isso sozinha. Para nós já chega.

— É compreensível.

— Sim. Ah! E cruzamos com a gracinha do seu marido quando estávamos de saída.

Brequei meu carrinho de uma só vez, rezando para que ele não tivesse sido áspero ou frio com elas.

— Ah, é?, perguntei. — Ele sabia por que vocês estavam lá?

— Provavelmente — ela respondeu. — Mas não falamos sobre isso, não queria colocá-lo em uma situação constrangedora. Então, só jogamos conversa fora, falamos de Longmere. A Romy ofereceu-se generosamente para escrever uma carta de recomendação para Ruby, disse a Nick que seria uma honra. Com uma carta vinda de um membro do conselho, vocês já estão praticamente dentro da escola.

— Nossa, isso é muito gentil da parte dela.

— Eu juro que não toquei no assunto com ela, foi tudo idéia dela, mesmo. Ela não é o máximo?

— Sim — confirmei, enojada por minha própria hipocrisia. — O máximo.

Depois de resolver quatro incumbências na rua debaixo de chuva, voltei para casa e me deparei com uma cena doméstica desanimadora. Pratos sujos e restos de pasta de amendoim e geléia estavam espalhados por toda a cozinha, e a sala de TV parecia uma explosão de bonecas, peças de quebra-cabeça e uma miscelânea de peças de plástico.

Ruby e Frank estavam sentados inertes, a apenas alguns centímetros de distância da TV, assistindo a um desenho, não um do tipo educativo, mas sim um violento com tiros de laser e indícios de machismo, homens salvando o dia e mulheres indefesas com corpos de violão. Havia um pouco de geléia de uva na bochecha de Frank, perigosamente próximo do braço da cadeira cinza-amarronzada, a qual eu sabia que deveria ter encomendado em um tom mais escuro, e Ruby estava ostentando uma saída de praia felpuda, apesar do dia chuvoso e de estar fazendo quatro graus lá fora.

Enquanto isso, nossa babá, Carolyn, uma garota de 24 anos parecida com a Jessica Simpson, com uma bela comissão de frente e tudo o mais, estava reclinada no sofá lixando as unhas e rindo com seu iPhone. Enquanto eu a ouvia discutir em qual casa noturna ela e suas amigas comemorariam um aniversário, fiquei impressionada com sua aparente incapacidade de trabalhar durante as míseras dez horas por semana que fica em nossa casa (em vez de se socializar, de se arrumar, de comer, de mandar emails e de “twittar” obsessivamente) e, então, senti um tipo familiar de fúria subindo à minha cabeça, um sentimento que me domina com muita frequência desde que me tornei mãe. Pensei em adotar meu caminho típico de menor resistência, ir para o andar de cima sem me preocupar, fingindo que nada estava errado, e depois ligar para Cate ou Rachel para reclamar da babá, como de costume.

Mas, depois de minha conversa com Nick na noite anterior, e daquela com April mais cedo, eu não estava a fim de disfarçar meus verdadeiros sentimentos. Em vez disso, passei aceleradamente na frente de Carolyn e comecei a atirar os

brinquedos em um cesto de vime que estava no canto da sala. Obviamente surpresa com minha chegada, Carolyn encerrou rapidamente seu telefonema, guardou a lixa de unhas no bolso de trás de sua calça jeans justa e ajustou sua postura. No entanto, não se desculpou pela bagunça, nem me ajudou em minha evidente tentativa de arrumação, nem ao menos se sentou direito.

— E aí, Tessa — disse animada. — Beleza?

— Sim — respondi, desejando que eu tivesse imposto um pouco de formalidade quando ela começou a trabalhar aqui, quatro meses atrás. Talvez se eu fosse a “Sra. Russo” ela levaria seu trabalho um pouco mais a sério. Peguei o controle remoto na mesa de centro e desliguei a TV sob um coro de protestos.

— Não quero saber — disse às crianças com minha voz mais ríspida, o que, é claro, só me fez sentir pior. Não é culpa deles que a babá seja tão relaxada.

Com os olhos arregalados e ainda olhando para a tela desligada da TV, Frank colocou o polegar na boca e Ruby, fungando, disse:

— Estava quase no final.

— Não quero saber, você não deveria estar vendo TV — eu disse, esperando que Carolyn escutasse.

— A Carolyn disse que podíamos — Ruby replicou, uma resposta a qual eu não poderia ter orquestrado melhor.

Voltei-me para Carolyn e lancei-lhe um olhar com uma sobrancelha levantada, ao passo que ela me lançou um olhar inocente e um sorriso envergonhado.

— Mas eles se comportaram tão bem, e comeram todas as vagens do prato. Achei que podia dar-lhes um agrado — ela disse, dando uma de boazinha de uma maneira que me enfureceu ainda mais.

— Claro, claro. Mas, da próxima vez, vamos ficar com o canal da Disney e a Nickelodeon — eu disse, com um sorriso animado, sabendo que estava impondo a idéia de um peso para duas medidas, já que, quando estou no telefone, permito que assistam a praticamente qualquer coisa desde que isso me dê um minuto de paz. Mesmo assim, não estou financiando as idas de Carolyn a casas noturnas nem sua farra consumista extravagante na French Lessons para que ela possa ser eu.

— Tudo bem. Claro — Carolyn disse, enquanto eu lembrava o dia em que a entrevistamos, ou, mais precisamente, eu a entrevistei enquanto Nick ficava sentado no canto distraído, fingindo participar do processo.

No final, ele levantou os dois polegares em sinal de aprovação, dizendo que ela era “doce e inteligente o suficiente” e me acusou de ser exigente demais quando aponte os sinais de perigo, a saber, seu relógio Rolex, as sandálias Jimmy Choo e uma bolsa da Luis Vuitton gigantesca, além, é claro, de sua declaração de que não “curtia” muito fazer o trabalho doméstico.

Mas, eu tinha de admitir, ela mostrou uma boa afinidade com as crianças,

principalmente com Ruby, que pareceu adorá-la instantaneamente, ou ao menos adorou seu cabelo comprido e as unhas dos pés pintadas com esmalte magenta. E era melhor que as outras três que entrevistamos antes. Uma quase não falava inglês, a seguinte era vegan e se recusava a tocar em um pedaço de carne, e a terceira era a perfeita Mary Poppins, com referências obviamente fictícias. E, nesse momento, Carolyn é meu único caminho para a liberdade, ou ao menos minhas dez horas de liberdade por semana.

Então eu disse seu nome da maneira mais calma possível.

— Uh-huh? — ela disse, estalando um chiclete na boca, enquanto eu planejava meu discurso de “bem que eu avisei” para Nick.

— Preciso subir e fazer algumas coisas antes que você vá embora. Você poderia ler um livro para eles, por favor?

— Claro — respondeu Carolyn de maneira arrogante.

— E pode colocar uma roupa mais quente em Ruby?

— Claro — disse novamente. — Sem problemas.

— Muito obrigada — disse com uma paciência exagerada. Então dei um beijo rápido nas crianças, ao qual apenas Frank retribuiu, e fui para o meu escritório, que é mais uma alcova do lado de fora de nosso quarto. É uma das muitas coisas que eu gostaria de mudar em nossa casa, uma casa em estilo Tudor construída em 1912, que é rica em charme, porém pobre em espaços funcionais.

Por meia hora respondi a alguns e-mails, encomendei diversos presentes atrasados para bebês e baixei centenas de fotos. Então, algo me forçou a abrir um documento antigo, um plano de uma aula que dei chamada “Jogos e Esportes no Romance Vitoriano”.

Foi há apenas dois anos, mas parecia ter sido há muito mais tempo, e senti saudade dos debates que mediava, das palestras que abordavam o jogo de xadrez e a política sexual no livro *A Moradora de Wildfell Hall*, os jogos sociais de *A Feira das Vaidades* e os jogos ao ar livre e as danças elegantes de *O Prefeito de Casterbridge*.

Então, quando ouvi um grito alto de Ruby que identifiquei como grito de alegria e não de dor, senti-me dominada pelo arrependimento, uma angústia intensa de saudade da vida que tinha. Do oásis de calma do meu escritório no campus, das tardes em que tinha de me encontrar com meus alunos, do estímulo intelectual e, honestamente, da possibilidade de fugir da minha vida mundana. Uma sensação de perda tomou conta de mim e disse a mim mesma para me acalmar. Eu só estava tendo um dia ruim, só estava chateada com a discussão da noite anterior com Nick, com a conversa perturbadora com April, com o caos no andar de baixo. Que é o que geralmente acontece na vida — quando há problemas em uma esfera, eles se espalham para todas as outras.

Peguei o telefone para ligar para Cate, para ter um pouco do incentivo do qual eu tanto precisava. Mas tudo o que Cate quer é ter minha vida, ao menos é isso

que ela acha que quer, e na verdade não quero ninguém me dizendo quanto minha vida é ótima. Não estou a fim de conversar nem com Rachel, que sempre sabe dizer a coisa certa, talvez porque, por mais que ela reclame, eu acredite que no fundo ela adore ser uma mãe em tempo integral. Pensei até em ligar para o Nick, só para espalhar e desabafar sobre a April, mas sei que ele não poderá conversar. E, além disso, posso até imaginar sua ótima solução para o problema, algo como “Consiga seu trabalho de volta” ou “Encontre novas amigas” ou “Mande a Carolyn embora”.

Como se fosse tão simples assim, acho. Como se qualquer coisa na vida fosse tão simples assim.

CAPÍTULO 14

VALERIE

Nick voltou para dar uma olhada em Charlie de hora em hora, a cada hora exata, até sua última visita do dia, quando apareceu vestindo uma calça jeans da Levi's e um suéter cinza de gola rolê, uma bolsa preta e um casaco de lã pendurado em seus ombros, evidentemente indo para casa.

— Como estão todos? — ele perguntou com uma voz suave, olhando de relance para Charlie, que estava dormindo, Jason e então, finalmente, para Valerie.

— Estamos bem — ela sussurrou quando Jason interrompeu e disse:

— Ei, doutor, eu estava agora mesmo falando para a Val que ela precisava sair e tomar um pouco de ar fresco. Você não concorda?

Nick encolheu os ombros, fingindo-se impotente, e então disse:

— Sim, mas ela nunca me escuta.

— Escuto sim — Valerie disse em um tom que saiu mais infantil do que queria que tivesse saído. E então olhou para o outro lado, sentindo-se aberta e exposta, enquanto imaginava a casa de Nick e a luz dourada na janela do quarto do andar de cima.

— Ah é? — perguntou Nick com um sorriso modesto. — Então você está dormindo bem? E faz três refeições por dia? E evita ler na internet sobre tudo o que pode dar errado?

Ela ficou corada e resmungou:

— Tudo bem, eu vou, eu vou — então se levantou, colocou o casaco e pegou sua bolsa na cadeira de balanço.

— Aonde você vai? — Jason perguntou.

— Não sei — ela respondeu pouco à vontade, sabendo que Nick estava lá ouvindo e a observando. — Provavelmente só vou pegar algo para comer em algum restaurante. Você quer alguma coisa? Mexicana? — ela perguntou a seu irmão.

Jason fez uma careta e disse:

— Não. Nunca pensei que diria isso, mas estou enjoado de burritos.

— Vocês já experimentaram a comida do Antonio's? — Nick perguntou.

Valerie fez que não e perguntou:

— É perto daqui?

— Sim, atravessando a rua. Na Rua Cambridge, é um cantinho despretenso, mas a comida é incrível. Melhor que qualquer restaurante de Rua North End. O melhor frango com brócolis que já comi na vida, incluindo o da minha mãe — disse Nick, apalpando o bolso da frente de sua calça jeans como se estivesse

procurando por suas chaves.

— Parece uma boa idéia — Jason falou, apontando para Nick de maneira decisiva.

Ele então se voltou para Valerie e disse:

— Você pode pegar um pedaço de lasanha?

— Claro — ela respondeu.

— Mas não precisa se apressar — ele disse. — Coma lá mesmo, não estou com muita fome.

— Essa é nova — Valerie provocou, percebendo que ela, desta vez, estava faminta.

Beijou Charlie, que neste momento já estava roncando, no lado do rosto que não estava machucado, e então saiu pela porta, sentindo Nick seguir vários passos atrás dela.

— Também estou de saída ele disse quando estavam a sós no corredor. — Posso te acompanhar até lá?

Era uma oferta tentadora e Valerie abriu a boca para recusá-la, pois não queria ser um incômodo. Mas, no último segundo, mudou de idéia e disse:

— Seria um prazer.

Alguns minutos depois, saíram do hospital juntos e enfrentaram uma noite tão fria e cortante que logo virou motivo de conversa.

— Meu Deus — disse Valerie, puxando seu cachecol para cobrir seu rosto enquanto aceleravam o passo. — Está um gelo.

— Está mesmo, quase não tivemos outono este ano — ele comentou.

— Eu sei, não me lembro de ver as folhas caírem nenhuma vez — Valerie disse, pensando que não teria apreciado a estação de qualquer jeito.

Eles olharam para os dois lados, esperando alguns segundos para que os carros parassem de surgir antes de atravessarem a Rua Cambridge rapidamente, indo até o toldo branco e preto que Valerie já havia visto tantas vezes ao passar por lá, mas que nunca tinha de fato reparado. Quando Nick abriu a porta, um homem robusto e de bigode, exatamente o tipo que se espera encontrar em um restaurante chamado Antonio's, gritou:

— Dr. Russo, por onde esteve, bom homem?

Nickriu:

— Por onde estive? Eu vim aqui na semana passada.

— Ah, é. Acho que veio mesmo — ele disse, olhando cautelosamente para Valerie.

Ela sentiu uma onda de nervosismo com um toque de culpa, que se dissipou quando Nick disse:

— Essa é Valerie, minha amiga. Valerie, esse é o Tony.

Ela gostou da apresentação simples, da maneira sincera como soou, e disse a si mesma que era, sim, sincera. Eles eram amigos, ou quase isso.

Nick continuou:

— Eu só queria que ela fosse apresentada adequadamente ao melhor restaurante italiano da cidade.

— Da cidade?

— Do mundo — Nick corrigiu.

— Tudo bem, então. Mesa para dois? — Tony perguntou, esfregando suas mãos musculosas uma na outra.

Nick fez que não.

— Não, não posso ficar, hoje não.

E Tony disse o que Valerie estava pensando:

— Ah, vai. Uma taça de vinho? Uma bruschetta?

Nick hesitou, puxando a manga de sua jaqueta para cima para ver a hora em seu relógio, do tipo digital e grande com vários botões na lateral. Valerie já o havia visto no hospital e tinha imaginado Nick ajustando-o antes da corrida matinal que ela tinha certeza de que ele fazia, mesmo no auge do inverno.

— Se você insiste — disse Nick, espreitando a área das mesas que estavam sob luz baixa. — E olhe, minha mesa está livre.

— Mas é claro! Guardamos para você! — Tony falou alto e piscou para Valerie, como se ela já fosse íntima também, levando-os até uma mesa no canto. Ele puxou uma cadeira para Valerie, entregou-lhe um cardápio grande e plastificado e se ofereceu para guardar seu casaco.

— Obrigada, mas acho que vou ficar com ele — ela disse, ainda arrepiada de frio.

Viu os lábios de Tony se mexerem enquanto recitava os pratos do dia, mas teve dificuldades em se concentrar em qualquer outra coisa que não fosse Nick, que estava checando discretamente seu BlackBerry. Ela imaginava as palavras escritas na tela: “Onde você está?” ou talvez “Que horas volta para casa?”. Mas disse a si mesma que não tinha nada a ver com isso, uma conclusão conveniente, enquanto pedia uma taça de vinho Chianti sob a recomendação de Tony.

— E o senhor? — Tony perguntou, aguardando o pedido de Nick.

— O mesmo.

Tony saiu e Valerie apoiou os antebraços sobre a mesa de tampo de vidro, enquanto se lembrava do aviso pomposo do único advogado com o qual saíra na vida: nunca pedir vinho em um restaurante com toalhas xadrez, guardanapos de papel ou cardápios plastificados. Vinte minutos depois, ela determinou que não haveria um segundo encontro.

— Viu? No final das contas você estava a fim de um drinque — Nick disse.

Valerie olhou para ele confusa.

— Você disse que não estava a fim de vinho — Nick sorriu sugestivamente — quando deixou a cesta no chão da sala de espera.

— Ah, é — ela entendeu tentando relaxar, ou ao menos parecer relaxada. —

Bem, acho que agora estou.

Ele pareceu levar isso em consideração, virando-se um pouco em sua cadeira e olhando para ela em um ângulo diferente. Então ele limpou a garganta e disse:

— Por que não queria antes?

— Não queria o quê?

— Pegar a cesta — ele disse.

Ela engoliu em seco, escolhendo suas palavras cuidadosamente:

— Eu não... confio muito... nas mulheres que a trouxeram.

Ele fez que entendeu, como se fizesse muito sentido para ele e, então, a surpreendeu ainda mais quando disse:

— Eu também não confio nelas.

Ela olhou confusa para ele, que esclareceu:

— Elas estavam saindo da sala de espera quando eu estava entrando. Conversei rapidamente com as duas.

— Então você as conhece? — ela perguntou.

Ele batucou seus dedos na mesa e confirmou:

— Sim, conheço.

Ela ia perguntar como, mas se conteve, suspeitando que a ligação envolvesse sua esposa, e não queria ir por esse caminho, temendo que ele pudesse reagir de maneira estranha, quebrando o ritmo de sua relação ainda em fase de testes e indicando que, talvez, houvesse algo que não fosse puro nessa amizade. Valerie queria acreditar que era possível ter uma amizade verdadeira, que fosse além da estada de Charlie no hospital.

Havia muito tempo que não criava uma ligação genuína com outra pessoa, já fazia muito tempo que havia desistido da idéia. Jason a acusava constantemente de não se esforçar mais, mas ela acreditava que não era uma questão de esforço, era mais pela questão de ser uma mãe solteira presa em uma terra de ninguém. Ela nunca se enturmaria com as mães em tempo integral que habitam Wellesley, e também não tinha tempo de criar um vínculo com os advogados sem filhos que trabalhavam na firma. E, no geral, isso nunca foi um problema para ela, assim como aceitara o rompimento com Laurel e suas velhas amigas do colegial. O dia a dia a mantinha distraída, sem se preocupar com essas questões, com o que estava perdendo. Mas, neste momento, olhando para trás, o sentimento de verdadeiro companheirismo, a tensão revigorante entre o familiar e o desconhecido, a preencheu com uma ânsia tão intensa que teve de retomar o fôlego.

Felizmente, Nick pareceu não perceber tudo isso e, em vez disso, deu-lhe um sorriso malicioso, como se houvessem acabado de compartilhar uma piada interna. Então ele continuou com sua revelação dizendo:

— E, mesmo se eu não as conhecesse, eu conheço o tipo.

— E que tipo é esse? — ela perguntou inclinando-se para frente, ansiosa pela

confirmação de que ele a entendia, de que tinham a mesma opinião em relação aos outros e que viam o mundo com a mesma cautela.

— Bem, vejamos — ele passou a mão no maxilar. — Superficiais, artificiais, simplórias. Preocupam-se mais com a opinião dos outros do que com quem realmente são. São incansáveis em sua busca por coisas que não importam.

— Exatamente — ela concordou, rindo da maneira como ele havia capturado de forma perfeita a idéia que fazia de Romy e April. Então ela deixou escapar exatamente o que pensava:

— Acho que estão preocupadas, achando que vou processar a Romy — ela disse —, principalmente se souberem que sou advogada.

— Ah, tenho certeza de que já pesquisaram tudo sobre você.

— Sério? — ela perguntou.

— O que mais elas têm para fazer? — ele disse olhando em seus olhos.

— Então você sabe de toda a história?

— Sim — ele confirmou. — Sei.

Ela sabia que ele não estava falando das informações básicas que sabia por ser o médico de seu filho, dos fatos que precisava saber na noite em que Charlie fora internado. Sabia da negligência de Romy, dos rumores que, com certeza, estavam circulando entre a elite.

Como era de esperar, Nick disse:

— Boston pode ser uma cidade tão pequena, sabe?

Ela concordou, enchendo-se de puro afeto diante da sinceridade de Nick, de sua completa falta de enrolação.

— Então, você vai?

— Vou o quê?

— Processá-la?

Ela negou enquanto Tony voltava com o vinho e as bruschettas e saía rapidamente, parecendo perceber que a conversa era séria e confidencial. Eles tocaram os copos e fizeram contato visual enquanto davam o primeiro gole, mas não brindaram a nada superficial.

Em vez disso, Nick voltou seu copo à mesa e disse:

— Sabe, talvez eu processasse se fosse você. Eles merecem, afinal que tipo de idiota deixa crianças pequenas brincarem com fogo daquele jeito?

— Pode acreditar, eu sei. E pensei a respeito — ela disse, cerrando os dentes e fazendo o possível para reprimir a onda de ódio inebriante que ela permitira vir à tona naquela manhã. — Mas isso não ajudaria o Charlie em nada. Não mudaria nada.

— Eu sei — ele concordou. E os dois tomaram outro gole de vinho.

— E, além disso, não faz meu estilo.

— Também sei disso — ele falou como se fossem amigos há muito tempo. Então ele deu um sorriso largo e pleno que, aliado ao vinho consumido com o

estômago vazio, deixou-a zozna.

Com os olhos ainda voltados para ela, ele apontou para o prato de bruschettas e disse:

— Manda ver.

Ela sorriu e, então, transferiu duas fatias para seu prato, grata pela distração, esperando que ele não conseguisse perceber o efeito que tinha sobre ela.

— Acho — ela disse, passando o prato de bruschettas para Nick e continuando sua linha de pensamento anterior — que esse negócio de ser mãe solteira não está me ajudando com elas.

— O que quer dizer? — Nick perguntou.

Ela encolheu os ombros, procurando palavras para descrever sua opinião de que ser solteira, ou simplesmente ser diferente, seja um obstáculo à amizades, pelo menos a amizades femininas. Desde o ensino fundamental já sabia muito bem que garotas procuram por amigas que sejam exatamente como elas ou que, no mínimo, idolatrem.

— Eu não sei — ela disse, admirando a combinação artística de tomate, manjerição, a lho e cebola assados até chegarem ao tom dourado perfeito. — Creio que as pessoas tiram conclusões, você sabe, de que mães solteiras precisam de dinheiro, ou que podem ser mais... oportunistas.

Ela olhou para cima e viu que Nick tinha uma expressão no rosto que indicava que não concordava com sua teoria, ou ao menos não compartilhava dessa opinião. E então ele disse:

— Você chegou a se casar?

Ela fez que não enquanto engolia seu primeiro pedaço de bruschetta, comentando sobre o sabor perfeito e os ingredientes frescos.

Ele olhou arrependido:

— Sinto muito, eu não devia ter perguntado isso. Não é da minha conta — ele se desculpou.

Então ele baixou os olhos até seu prato como se assegurasse a ela que não perguntaria mais nada. Ela sabia que seu segredo já havia sido revelado e, por um segundo, seguiu seu instinto de não falar sobre sua vida pessoal. Mas então tomou um longo gole de vinho e escolheu cuidadosamente suas palavras:

— Não, nunca cheguei a me casar. O pai de Charlie nunca esteve presente. Seu nome era Lion, o que já diz muita coisa — e sorriu, dando a Nick a permissão para fazer o mesmo. — Ele era um artista, um artista talentoso — ela continuou. — Achei que estivesse apaixonada e ele me disse que também estava e acreditei. E então... bem, não deu certo — ela riu nervosa. — Para ser mais exata, ele desapareceu logo depois que eu engravidei, sendo assim nunca viu o filho e, até onde sei, nem sabe que tem um filho. Embora algumas vezes ache difícil de acreditar em algo assim, que nenhum de seus amigos tenha me visto com um filho. Um filho que tem o cabelo encaracolado e o rosto hexagonal

iguais aos dele.

Foi mais do que havia falado sobre o assunto em toda a sua vida e sentiu-se esgotada por ter revelado tanta coisa, mas, ao mesmo tempo, estava aliviada. Ela conseguia sentir os olhos de Nick voltados para ela e, de alguma forma, encontrou coragem para olhar para cima e fitá-lo.

— Você sabe por onde ele anda? — ele perguntou.

Ela tomou outro gole de vinho e disse:

— Ouvi dizer que se mudou para o oeste, mas nunca tentei encontrá-lo. Embora saiba que poderia. Tenho certeza de que deve ter suas exposições de arte, mas simplesmente não vejo por quê. Sempre acreditei que assim fosse melhor para o Charlie.

— Deve ter sido difícil — ele disse suavemente. Havia ternura e compreensão em seus olhos, mas nenhum indício de pena.

— Foi mesmo — ela admitiu.

— E ainda é difícil? — ele perguntou.

— Às vezes — ela disse, olhando fixamente para Nick, pensando na noite do acidente, de quanto se sentira assustada e sozinha, mesmo com Jason ao seu lado. — Mas agora não.

Ele deu outro sorriso amplo e glorioso, que fez o coração de Valerie se acelerar, e falou:

— Fico feliz em saber disso — e, olhando de relance em seu relógio, sugeriu que pedissem o prato principal.

— Você não tem de ir? — ela protestou um pouco.

— Ainda não — ele respondeu acenando para Tony e dizendo:

— Você vai adorar o ravióli de espinafre.

CAPÍTULO 15

TESSA

Eu estava pendurando o caban azul-marinho de Frank e o xale rosa e felpudo de Ruby no cabideiro da entrada de casa quando Nick chegou voando pela porta lateral como se estivesse tentando recuperar alguns dos minutos perdidos de suas duas horas de atraso. Não nos falamos o dia todo, com exceção de três mensagens de celular. A primeira fui eu que mandei, perguntando-lhe que horas chegaria em casa. A segunda, uma mensagem de voz que ele mandou me dizendo que chegaria a tempo de pôr as crianças para dormir. E a terceira, uma mensagem me avisando que chegaria mais tarde do que o esperado. Felizmente, não prometi nada às crianças, já tinha aprendido há muito tempo que essa era uma oferta arriscada.

— Mil desculpas pelo atraso — Nick disse gravemente, dando-me um beijo com seus lábios à esquerda de minha boca. Então tentou novamente, nossas bocas fechadas desta vez se encontraram e, nesse instante, tive a sensação incômoda de que Nick não estava trabalhando quando me mandou a última mensagem.

Alguns podem chamar de intuição feminina, como a Cate, que usa esse termo de maneira desenfreada quando o que realmente quer dizer é que ela não é completamente cega, burra e distraída a ponto de não perceber determinados fatos óbvios, que nesta noite incluem o aroma penetrante de alho na pele e nas roupas de Nick, o tom fervoroso de suas desculpas e, principalmente, o olhar de culpa em seus olhos.

Para ser clara, não era a culpa de um homem que traía ou mesmo tenha considerado trair. Essa nunca foi minha preocupação. Nem era a culpa de um homem que se sentia arrependido por ser um marido ausente, por perder o jogo de futebol de seu filho, não perceber o novo corte de cabelo da esposa ou ser chamado pelo hospital durante o jantar de aniversário de casamento. A culpa no rosto de Nick, nesse momento, era mais sutil que isso, mas, mesmo assim, era inconfundível. Tentei identificá-la, analisando-o enquanto tentava parecer indiferente, e decidi que era culpa de alguém que gostaria de estar em outro lugar.

— Tudo bem — eu disse olhando em seus olhos, esperando estar enganada, ter entendido mal as pistas, tirado a conclusão errada. Esperava que Nick, na verdade, tivesse corrido por aquela porta porque sentia minha falta ou porque estava desesperado para consertar o que tinha acontecido entre nós na noite anterior, que é o que costumávamos fazer.

Então perguntei, da maneira mais despreocupada possível, removendo todas as

acusações de meu rosto e de minha voz:

— O que te segurou lá?

— Ah, você sabe, as coisas de sempre — ele disse, evitando olhar em meus olhos enquanto ia até a sala de TV ainda vestindo seu casaco.

— Como o quê? — perguntei seguindo-o, pensando nas várias cenas de filmes em que o marido parava para tomar um drinque antes de ir para casa, sentando-se em seu lugar de costume no bar, abrindo o coração para o barman ou para qualquer um que quisesse ouvir. Ou, pior, sofrendo sozinho, guardando todos os problemas para si. De repente, me perguntei se Nick tinha problemas que não estivesse compartilhando comigo, problemas além das preocupações comuns a um cirurgião pediatra. Lembrei-me de uma noite, na semana anterior, quando olhei pela janela do quarto e vi Nick estacionando na nossa entrada de carros depois do trabalho. Ele estacionou o carro, mas ficou lá dentro, olhando para a frente. Observei-o por um momento, imaginando se estava ouvindo uma música ou se estava simplesmente perdido em seus pensamentos.

Qualquer que fosse o caso, era óbvio que não estava com pressa nenhuma para entrar em casa. E, quando finalmente entrou, exatos cinco minutos depois, e perguntei o que estava fazendo lá fora, pareceu desorientado, como se ele mesmo não soubesse a resposta, e tinha o mesmo olhar confuso desta vez.

Então fiz a pergunta de uma maneira mais breve, arriscando-me um pouco:

— Como estava lá no Antonio's? — perguntei sentindo novamente o cheiro de alho.

Seu silêncio era esclarecedor. Olhei para o outro lado antes que ele pudesse responder, espreitando a teia de aranha no lustre, sentindo-me constrangida por ele, por nós dois. Foi como me senti quando uma vez o peguei no meio da noite, reclinado no sofá, com a calça jeans aberta e uma mão na virilha, gemendo silenciosamente. Tentei sair de mansinho da sala de TV, sem que ele percebesse, mas tropecei em um dos brinquedos de Ruby e nós dois fomos pegos no flagra. Ele abriu os olhos, olhou para mim e ficou paralisado, sem dizer nada. Na manhã seguinte, quando desceu para tomar o café da manhã, eu esperava que fizesse alguma piada sobre aquilo, mas ele não fez. O fato de meu marido se masturbar não me incomodou, mas seu silêncio em relação ao assunto fez com que eu me sentisse isolada, e não próxima dele, da mesma maneira que me sentia nesta noite.

— Estava bom.

— Então você já jantou? — esclareci.

E rapidamente respondeu:

— Só comi um pouco, estava com vontade de comer lá.

— Você trouxe alguma coisa para mim? — perguntei, torcendo para que ele simplesmente tivesse se esquecido de pegar a embalagem branca no banco de trás do carro. Estava pronta para dispensar toda a minha teoria se ele

simplesmente me mostrasse a embalagem.

Ele estalou os dedos arrependido:

— Eu devia ter trazido. Desculpe-me. Imaginei que você já tivesse jantado com as crianças.

— Jantei — confirmei —, mas nunca recusaria a comida do Antonio's. Eu poderia comer aquele ravióli como sobremesa.

— Sem dúvida — ele disse, sorrindo. E então, evidentemente com pressa para mudar de assunto, ele me perguntou sobre meu dia.

— Bom — respondi enquanto tentava me lembrar de como havia preenchido as últimas 12 horas. Não conseguia pensar em nada para dizer, o que poderia ser um bom ou um mau sinal, dependendo do seu ponto de vista ou de como está a sua vida naquele momento. Nesta noite parecia um mau sinal, além de todo o resto.

— E as crianças? — perguntou. — Caíram no sono? — uma pergunta descartável.

— Não. Saíram para uma balada — sorri para amenizar meu sarcasmo.

Nick sorriu, quase dando uma risada:

— E como foi o seu dia? — perguntei, pensando que minha mãe estava certa. Era ele que tinha histórias interessantes para contar. Era ele que tinha coisas melhores para fazer do que voltar para casa na hora esta noite.

— O enxerto deu certo — ele disse com nossa conversa entrando em piloto automático.

Quatro palavras para uma cirurgia de quatro horas.

— Ah é? — perguntei ansiosa por mais detalhes, não porque queria todo o relatório médico do procedimento, mas porque queria que ele quisesse compartilhar tudo comigo.

— É. Foi tudo de acordo com o livro — ele disse cortando o ar com as mãos. Então esperei vários minutos até ficar claro que não tinha mais nada a dizer.

— Então — eu disse —, April disse que te viu no hospital.

Sua expressão tomou vida, ficando quase impiedosa, e ele falou:

— Sim. Que raio do que foi aquilo?

— Elas não sabiam que a cirurgia era hoje — respondi perguntando-me por que estava me desculhando pelas duas já que, em essência, concordo com Nick.

— Mesmo assim — ele bufou.

Fiz que concordei com a cabeça. Meu jeito de mostrar que compartilho de sua opinião, esperando que essa aliança derrubasse a barreira que estava se erguendo entre nós.

— Ouvi dizer que elas levaram vinho — comentei revirando meus olhos.

— Quem leva vinho a uma sala de espera de hospital?

— Ainda mais de manhã.

Ele desabotoou o casaco, livrando-se dele ao balançar os braços.

— Você devia cortar relações com ela — ele disse inflexível.

— Com a April? — perguntei.

— Sim. Você tem coisas melhores para fazer na vida.

“Como ficar com meu marido”, quis dizer, mas me contive.

— Ela tem lá seus pontos positivos — eu disse. — Realmente acredito que ela estava tentando ajudar.

— Ajudar quem? Aquela amiga irresponsável?

Dei de ombros de maneira pouco convincente enquanto ele continuava, desta vez pegando o embalo:

— Eles bem que merecem ser processados.

— Você acha que isso pode vir a acontecer? — perguntei.

— De jeito nenhum — ele respondeu.

— A mãe do menino conversou sobre isso com você? — perguntei mais interessada pelo lado interpessoal de seu trabalho do que pela medicina.

— Não — ele respondeu de maneira concisa.

— Nós processaríamos? — perguntei. — Você processaria?

— Talvez — ele respondeu revelando seu lado vingativo. Uma parte dele da qual não gosto muito, mas mesmo assim admiro, assim como admiro seu mau humor, sua teimosia cega e sua competitividade descarada. Todas as características típicas de um cirurgião aclamado, os traços que fazem dele quem ele é. — Talvez eu os processasse só por causa daquela garrafa de vinho, e aquele olhar na cara dela. Qual é o nome dela mesmo? Remy?

— Romy — corrigi, impressionada com o fato de aquele homem ter decorado o nome de todos os músculos e ossos do corpo, de inúmeros termos médicos em latim e, mesmo assim, ser incapaz de guardar alguns poucos nomes de pessoas na memória.

E ele continuou, como se estivesse falando sozinho:

— Aquele sorriso falso dela. Eu tinha acabado de realizar uma cirurgia extremamente exaustiva e lá estava ela, toda sorridente, querendo puxar papo sobre escolas particulares.

— Pois é, a April disse que ela vai escrever uma carta para a gente, comentei.

— Uma ova que vai — ele disse. — De jeito nenhum, não quero uma carta dela.

Nem quero a Ruby perto desse tipo de gente.

— Acho que você está generalizando um pouco — eu falei com minha própria frustração e minha raiva começando a tomar o lugar do sentimento perdido em meu peito.

— Talvez sim — ele disse. — Talvez não. Veremos.

— Veremos? — perguntei. — Então isso quer dizer que você pensará a respeito?

— Claro. Tanto faz — ele respondeu. — Eu disse que pensaria.

— Você deu uma olhada na ficha de inscrição hoje? — perguntei sabendo que não estava falando simplesmente sobre uma inscrição, mas sim sobre sua ligação com nossa família.

Ele olhou para mim e então disse o meu nome da mesma maneira com que diz o nome de Ruby quando ela pede para ele escovar os seus dentes pela décima vez. Ou, mais freqüentemente, quando ele me ouve pedir para ela escovar os próprios dentes pela décima vez.

— O quê? — perguntei.

— Você sabe como foi meu dia?

Ele não esperou que eu respondesse:

— Eu coleí o rosto de um menino de volta — ele desabafou. — Não tive tempo de analisar fichas de inscrição para o jardim de infância.

— Mas teve tempo para jantar no Antonio's? — eu devolvi, pulando os estágios intermediários de raiva e sentindo o ódio crescer em meu peito.

Então ele se levantou bruscamente e falou:

— Vou tomar um banho.

— Claro que vai — disse enquanto ele saía.

E então ele se virou e me lançou um olhar frio e duro.

— Por que você faz isso, Tess? Por que você inventa problemas?

— Por que você não quer voltar para casa? — deixei escapar, esperando que ele se comovesse. Que me dissesse que eu estava sendo ridícula.

Mas, em vez disso, ele deu de ombros e bradou:

— Jesus, sei lá. Porque você deixa tudo aqui tão desagradável.

— Sêrio? Tudo o que faço é tentar deixar as coisas agradáveis para você. Para nós todos. Estou me esforçando ao máximo por aqui — gritei com a voz trêmula, enquanto meu dia me vinha à cabeça. As compras no mercado, as fotos que baixei da internet, o tempo cozinhando e cuidando dos filhos. Todas as coisas que fiz por nossa família.

— Bem, talvez você devesse parar de se esforçar tanto. Porque, seja lá o que estiver fazendo, Tess, não parece estar dando certo — ele disse com a voz brava, porém controlada e estável como suas mãos durante uma cirurgia. Com uma olhadela final de desdém, ele se virou novamente e subiu a escada. Pouco depois, pude ouvi-lo ligar o chuveiro, onde ficou por muito tempo.

— Você também é médica? — uma voz alta interrompe os pensamentos de Valerie, lembrando-a de que ainda estava no Antonio's, aguardando pela lasanha de Jason, que ela teria se esquecido de pedir não fosse o lembrete de Nick, logo depois que terminaram de jantar e ele foi para casa.

Ela levantou os olhos e sorriu para Tony, que estava rodeando ali por perto.

— Médica? Não — ela respondeu como se a idéia fosse ridícula. Na verdade era de fato ridícula, considerando o fato de que sua única nota ruim na vida tenha sido em uma aula de Biologia do colegial, quando simplesmente se recusou a dissecar o feto de porco que seu parceiro de laboratório e jogador de futebol americano insistia em chamar de Wilbur. Ela ainda se lembrava do cheiro vertiginoso do formol e da imagem das papilas gustativas molengas sobre a língua rosa pálida do porco.

Tony tentou mais uma vez:

— Uma enfermeira?

Ocorreu-lhe acabar com a linha de questionamentos de Tony ao simplesmente dizer “Advogada”, mas sabia que ele estava curioso para saber sobre sua relação com Nicke o vinho havia feito com que ela baixasse um pouco sua guarda. Além disso, havia algo no jeito afável e aberto de Tony que a fez pensar que ele daria conta da verdade.

Então ela acenou com a cabeça na direção do hospital e disse:

— Meu filho é um paciente no Shriners.

— Oh — Tony disse suavemente e balançou a cabeça, arrependido, enquanto Valerie se perguntava se parte daquele arrependimento não era por causa de sua resposta, mas sim por causa da pergunta de Tony, por sua tentativa de iniciar uma conversa ter se descarrilado e entrado em um terreno sombrio. — E como ele está?

Valerie sorriu, fazendo o máximo para acalmá-lo, treinando para uma conversa que terá muitas e muitas vezes nos meses seguintes.

— Ele está firme. Fez duas cirurgias até agora... — e pausou constrangida, forçando outro sorriso, sem saber ao certo o que dizer além disso.

Tony transferiu o peso de seu corpo de um pé para o outro e se inclinou sobre a mesa ao lado para arrumar o saleiro e o pimenteiro.

— O Dr. Russo que fez a cirurgia?

— Sim — ela respondeu sentindo-se, de alguma forma, orgulhosa desse fato, como se a associação entre eles refletisse em sua capacidade como mãe. “Só o melhor para o Charlie”, ela pensou.

Tony olhou cheio de expectativa enquanto ela continuava, dando-lhe mais detalhes:

— Uma cirurgia em sua mão e uma em seu rosto. Essa última hoje de manhã — e ela tocou seu próprio rosto, sentindo o primeiro golpe de ansiedade desde que deixara Charlie com Jason, duas horas antes. Então olhou para seu celular, com as teclas viradas para cima, o toque ajustado no volume máximo, perguntando-se se poderia ter perdido alguma ligação de Jason. Mas a tela permanecia em branco, uma imagem de uma estrada de duas vias, serpenteando sob um céu azul cheio de nuvens brancas e leves, desaparecendo no horizonte.

— Bem, então você já deve saber: o Dr. Russo é o melhor. Você e seu filho estão com o melhor — disse Tony tão entusiasmado, que Valerie se perguntou se ele já havia tido experiências de primeira mão com outros pacientes ou seus pais. Ele continuou em tom de reverência. — E ele é tão modesto. Mas as enfermeiras que vêm aqui... todas me contaram dos prêmios que já ganhou... das crianças que já salvou... Você ouviu falar daquela garotinha... a que sofreu um acidente de avião em Maine? O pai dela era um importante executivo de TV? Apareceu no jornal cerca de uns dois anos atrás?

Valerie fez que não, percebendo que ela nunca mais poderia se dar ao luxo de ignorar uma história como essa.

— Sim, era um daqueles aviões pequenos, com apenas um motor. Eles estavam indo para um casamento... a família toda... e o avião caiu a cerca de 400 metros da pista, logo depois da decolagem, bateu em uma barragem e todos, com exceção da garotinha, morreram imediatamente por causa da fumaça e das queimaduras. O piloto, os pais e os três irmãos mais velhos. Foi uma tragédia — ele contou pesaroso.

— E a garotinha? — Valerie perguntou.

— Ficou órfã e sozinha, mas sobreviveu. Ela conseguiu. As enfermeiras a chamavam de “garota milagrosa”.

— Qual era a gravidade de seus ferimentos? — Valerie perguntou, com a perna sacudindo ansiosamente.

— Graves — Tony respondeu —, bem graves. Oitenta por cento de seu corpo, algo assim.

Ela engoliu em seco enquanto pensava em 80%, em quanto poderia ter sido pior para o Charlie.

— Quanto tempo ela ficou no hospital? — ela perguntou com a garganta já seca.

— Ah, nossa — Tony disse dando de ombros. — Muito, muito tempo. Meses e mais meses. Talvez até um ano inteiro.

Valerie fez que entendeu, sentindo uma onda de pura dor ao pensar no acidente, no horror imensurável naquela barragem. E, quando começou a imaginar as chamas consumindo o avião e todas aquelas pessoas lá dentro,

fechou os olhos para impedir que as imagens lhe viessem à cabeça.

— Você está bem? — Tony perguntou.

Ela olhou para cima e o viu em pé próximo a ela, com as mãos unidas, a cabeça curvada para a frente, olhando de uma maneira estranhamente graciosa para um homem tão robusto e corpulento.

— Eu não devia ter contado... Fui um insensível — Tony desculpou-se.

— Não se preocupe. Tivemos muita sorte em comparação a ela — Valerie disse e, então, tomou seu último gole de vinho, de repente afoita para voltar ao hospital, justo quando um cozinheiro surgiu do fundo do restaurante com uma embalagem para viagem.

— Lasanha e salada da casa? — ele perguntou.

— Obrigada — disse Valerie, pegando sua bolsa.

Tony levantou as mãos e disse:

— Não, não. Por favor. Essa é por conta da casa. Contanto que volte outra vez para nos visitar, tudo bem?

Valerie começou a protestar, mas então concordou agradecendo e prometeu voltar.

— Como ele está? — ela perguntou a Jason enquanto passava pela porta e se deparava com Charlie ainda na mesma posição em que o deixara.

— Ainda dormindo. Ele não acordou nem durante a troca de curativos — disse Jason.

— Que bom — ela falou. Porque ele precisava descansar e cada minuto de sono era um minuto sem dor, embora às vezes acreditasse que os pesadelos de Charlie fossem piores que tudo. Ela então tirou os sapatos com um chute e colocou os chinelos, parte de seu ritual noturno.

— E então? — Jason perguntou. — Como foi o jantar?

— Foi bom — ela respondeu calmamente, pensando em como o tempo passara rápido enquanto estava sentada com Nick, em como tinha sido natural e agradável. — Conversamos bastante.

— Eu quis dizer a comida — Jason explicou, levantando as sobrancelhas. — Não a companhia.

— A comida estava ótima. Aqui está — e jogou a embalagem em sua direção enquanto ele murmurava algo.

— O quê? — ela perguntou.

E ele repetiu, mas desta vez mais devagar e mais alto:

— Eu disse que acho que alguém está a fim do Dr. Bofescândalo.

— Dr. Bofescândalo? — ela perguntou, fechando as persianas. — É alguma gíria nova que eu não conheço?

— Sim. Dr. Bofescândalo. Dr. Delícia.

Ela riu exaltada e repetiu:

— Delícia?

— Carne de primeira — Jason brincou, piscando para ela.

Valerie revirou os olhos e devolveu:

— Acho que é você que está a fim dele, viu?

Jason deu de ombros e disse:

— Sim. Ele é um gato. Mas não sou eu que estou tão preocupado em provar o contrário.

— Não dou em cima de homem casado — ela se defendeu enfaticamente.

— Eu não disse que você estava dando em cima dele — Jason explicou. — Só disse que você está a fim dele.

— Não estou — ela respondeu, imaginando os olhos escuros de Nick, a maneira como aperta os olhos fazendo uma leve careta sempre que está afirmando algo ou sendo enfático. Ocorreu-lhe que poderia estar soando muito na defensiva, que não deveria estar protestando tanto assim. Principalmente considerando que Jason e ela sempre faziam brincadeiras sobre homens que achavam atraentes — como o solteiro que morava do outro lado da rua e, às vezes, cortava a grama sem camisa — e que, alguns deles, eram por ventura casados.

Jason abriu a embalagem, inspirou o aroma e aprovou com um aceno de cabeça.

— Então, sobre o que conversaram esse tempo todo?

— Sobre várias coisas — ela respondeu, percebendo que ainda não havia contado a Jason sobre a cesta de Romy. Pensou em contar naquele momento, mas de repente se sentiu exausta e decidiu que aquilo poderia esperar até a manhã seguinte. — Trabalho, os filhos dele, a escola de Charlie. Várias coisas.

— Você chegou a falar que acha que Charlie anda fumando escondido?

— Não comece — ela avisou.

— Você que não comece — ele disse. — É um caminho perigoso, se apaixonar por um Baldwin como ele.

— Que seja — ela falou, rindo da menção aos Baldwin e lembrando-se de que uma vez se apaixonou por Billy — ou qualquer um dos irmãos que tenha atuado no filme Linha Mortal — e que Nick tinha de fato alguma semelhança com ele. Mas, infelizmente para ela, pensou enquanto observava seu irmão devorar a lasanha, os olhos de Nick eram bem mais bonitos.

CAPÍTULO 17

TESSA

— Tess? — Nick disse naquela noite quando finalmente foi para a cama logo depois da 1 hora. Sua voz estava suave, quase como um sussurro, e eu senti uma onda de alívio ao ouvi-lo dizer meu nome daquele jeito.

— Sim? — sussurrei também.

Ele respirou fundo várias vezes, como se estivesse se recompondo ou decidindo o que dizer. Pensei em preencher o silêncio perguntando-lhe o que estava passando por sua cabeça. Mas esperei, pressentindo que as palavras que diria a seguir seriam reveladoras.

— Sinto muito — ele finalmente disse me puxando para perto dele, envolvendo-me em seus braços. Mas, mesmo sem o abraço, pude perceber que estava sendo sincero desta vez. Diferentemente de suas desculpas por ter se atrasado, não havia nada forçado ou automático em sua voz.

— Sente muito por quê? — respirei com os olhos ainda fechados. Era uma pergunta geralmente passivo-agressiva, mas nesta noite ela era realmente sincera. Eu realmente queria saber.

— Sinto muito pelo que disse. Não é verdade — e respirou fundo muitas outras vezes, soltando o ar pelo nariz, e então falou:

— Você é uma mãe maravilhosa. Uma esposa incrível.

E beijou meu pescoço, logo abaixo de minha orelha, e me abraçou mais forte, com todo o seu corpo contra o meu. Ele sempre faz as pazes assim — com ações e não palavras — e, embora eu tenha criticado e resistido a essa abordagem no passado, esta noite eu não me importava. Ao contrário, me empurrei ainda mais contra seu corpo, fazendo de tudo para acreditar no que ele disse e esquecer as dúvidas que vinham surgindo sobre nosso relacionamento. Falei a mim mesma que Nick sempre soubera jogar sujo, rápido e com palavras cortantes das quais ele mais tarde se arrependia e que não tinha a intenção de dizer. Por outro lado, me perguntava se nessas palavras duras não havia sempre algum fundo de verdade.

— Então por que você disse aquilo? — sussurrei, entre seus beijos e alguns meus. — Por que você disse que as coisas não estavam dando certo?

E me ocorreu que uma coisa não excluía a outra. Eu poderia ser uma ótima mãe e esposa e as coisas ainda assim poderiam estar aos pedaços, ou poderiam estar se despedaçando aos poucos.

— Eu sei lá. Às vezes fico frustrado — ele disse enquanto puxava minha calça para baixo com uma urgência cada vez maior.

Tentei resistir, pelo menos para tentar terminar nossa conversa, mas me senti

ceder à atração física avassaladora que tinha por ele. A ânsia por ele. Era assim que me sentia no início, quando corríamos para casa depois da aula para ficarmos juntos, fazendo amor duas a três vezes em uma noite. De uma maneira que eu não me sentia há muito tempo.

— Quero que você seja feliz — ele disse.

— Eu sou feliz.

— Então não procure por problemas.

— Eu não procuro.

— Às vezes procura.

Pensei sobre isso, pensei em todas as maneiras diferentes das quais eu poderia tê-lo recebido naquela noite. Talvez fosse minha culpa. Talvez eu realmente ficasse criando problemas em minha cabeça, como as donas de casa as quais uma vez critiquei por ficarem fazendo drama a fim de aliviar a monotonia da vida delas. Talvez haja um vazio em minha vida, um vazio que quero que Nick preencha. Talvez ele tenha mesmo simplesmente sentido desejo por comida italiana nesta noite.

— Por favor, Tess. Faça as pazes comigo — ele disse, tirando a parte de baixo de seu pijama, subindo minha camisa, sem tirá-la totalmente. Beijou-me profundamente na boca enquanto entrava em mim, oferecendo penitência. Beijei-o com a mesma intensidade, com o coração acelerado e minhas pernas envolvendo-o firmemente. O tempo todo disse a mim mesma que estava fazendo aquilo porque o amava. E não porque queria provar algo a ele.

Mesmo assim, mais tarde, depois que nos afastamos, ouvi-me dizer em voz baixa:

“Viu só, Nick? Está dando certo. Está dando certo”.

CAPÍTULO 18

VALERIE

Valerie assistia a Charlie enquanto ele coloria atentamente as linhas de uma Jacko'- lantern, alternando entre um giz de cera laranja para a abóbora e um verde para o talo, fazendo movimentos cuidadosos e estáveis. É um projeto entediante para uma criança da idade dele e não exige um mínimo de criatividade, mas Charlie parecia entender que era bom para sua mão e levava a tarefa de seu terapeuta ocupacional muito a sério.

Ela o chamou enquanto ele desenhava um gato preto no fundo, exagerando em cada fio do bigode fazendo movimentos longos. E ele a ignorou, olhando fixamente para seu desenho em diversos ângulos, movendo o papel e não a cabeça.

Valerie chamou Charlie mais uma vez, esperando para perguntar o que queria almoçar.

E ele finalmente olhou, mas não disse nada, fazendo-a se perguntar com que tipo de humor ele estava naquele dia. Já haviam se passado alguns dias desde a cirurgia e, embora ela já estivesse acostumada com a máscara cobrindo seu rosto, ainda não se acostumara como a máscara escondia suas expressões faciais, tornando difícil dizer o que ele estava pensando.

— Eu não sou o Charlie — ele finalmente disse com a voz grave, arranhada e teatral.

— Então quem é você? — ela perguntou entrando na brincadeira.

— Sou um soldado imperial — ele respondeu em tom ameaçador, com a voz mais madura possível para um menino de 6 anos.

Valerie sorriu e silenciosamente pôs esse momento na lista de conquistas: primeiro alimento sólido, primeiro passeio pelos corredores, primeira piada sobre si mesmo.

— Eu não preciso de uma fantasia de Dia das Bruxas — ele dizia quando Nick chegou.

Valerie sentiu seu próprio rosto se iluminar e tinha certeza de que o rosto de Charlie também estava assim, mesmo que os dois soubessem o porquê de ele estar lá: para avaliar o enxerto e retirar qualquer acúmulo de líquidos com uma agulha. Esse procedimento é menos doloroso do que parece, tanto por causa da morfina que Charlie ainda estava recebendo por via intravenosa quanto porque os nervos ainda não haviam aderido ao enxerto. Mesmo assim, não era uma experiência agradável. Mas Nick conseguia distraí-los, como se o procedimento fosse parte coadjuvante de sua visita.

— Por que diz isso, amigo? — perguntou Nick. — Por que não precisa de uma

fantasia?

— Porque já estou de máscara — sua voz aguda como a de uma soprano novamente.

Nick deu uma risada breve e disse:

— Bom, faz sentido.

— Eu posso ser um soldado imperial ou uma múmia.

— Eu escolheria o soldado imperial se fosse você — Nick sugeriu. — E eu serei o Darth Vader.

“Você não pode se esconder para sempre, Luke” — Valerie pensou. E depois pensou em “Eu sou seu pai”. As duas únicas falas de Guerra nas Estrelas que ela sabia de cor além de “Que a força esteja com você”.

— Você tem uma fantasia do Darth Vader? — Charlie perguntou, colocando a mão sob sua máscara para coçar o alto da testa.

— Não, mas tenho certeza de que consigo achar uma. Ou, podíamos simplesmente fingir — Nick disse sacando uma arma imaginária.

— Sim. Podíamos fingir.

Valerie sentiu uma alegria terna ao assistir a Nick e Charlie brincando um com o outro, até que a voz de Charlie ficou grave e ele perguntou:

— Você vem na festa? — referindo-se à festa do Dia das Bruxas no centro de recreação do andar de baixo. Todos os pacientes e seus familiares estavam convidados.

Claro que ela e Charlie planejavam ir, além de Jason e Rosemary.

— Ah, querido, o Nick tem dois filhos. Tenho certeza de que os levará para pedir doces ou travessuras pelo bairro — Valerie disse rapidamente enquanto abria a embalagem de uma fantasia do Homem Aranha que Jason havia comprado na Target no dia anterior. A única que encontrou que conseguisse atender aos dois critérios de Valerie: sem conotação de horror e uma máscara que cobrisse a máscara de Charlie.

— Estarei lá — Nick falou. — Que horas começa?

— Às 16 horas — ela respondeu relutante, lançando-lhe um olhar que ela esperava que transmitisse gratidão, mas que também deixasse claro que isso estava muito além de suas obrigações como médico de seu filho.

Ela se voltou para ele com a voz suave e disse:

— Sêrio, Nick. Você não precisa...

— Estarei lá — Nick disse mais uma vez correndo suas mãos sobre a penugem loira que começava a surgir na cabeça raspada e rosada de Charlie.

Ela imaginou a esposa e os filhos de Nick em casa, esperando por ele. Sabia que deveria protestar mais uma vez. Mas, em vez disso, se aqueceu com o sentimento terno em seu peito, que lentamente se espalhou por todo o seu corpo.

— É muito gentil da sua parte — ela finalmente falou. E nada mais.

Mais tarde, enquanto Charlie cochilava, Valerie começou a ter dúvidas quanto

a ter aceito a promessa impulsiva de Nick e sentiu a necessidade de tirá-lo dessa enrascada.

Com anos de experiência em dificuldades logísticas, ela sabia muito bem que o Dia das Bruxas era uma operação que precisava de dois pais, exigindo que um ficasse em casa e distribuisse doces e o outro levasse as crianças de porta em porta. E ela reconhecia a alta probabilidade de sua esposa impedir sua decisão de ir à festa, e queria poupá-lo dessa indisposição doméstica e evitar a discussão desagradável que se seguiria caso ele perdesse a disputa. E, principalmente, só de imaginar uma promessa quebrada ou qualquer coisa que chegasse perto de uma decepção na vida de Charlie já era muito mais do que podia suportar. Então tentou uma abordagem preventiva, uma estratégia que ela conhecia muito bem.

Pensou em esperar pela próxima visita de Nick para ter essa conversa, mas percebeu a urgência em resolver o problema antes que mudasse de idéia. Tirando rapidamente seu BlackBerry da bolsa e pegando o cartão de Nick na carteira, ela lutou contra uma onda de ansiedade inexplicável e discou seu número, esperando que atendesse.

Depois do terceiro toque ele atendeu abruptamente, de maneira impaciente, como se tivesse sido interrompido durante um momento muito importante, o que era provavelmente o caso.

Valerie hesitou, arrependendo-se imediatamente de ter ligado, pensando que acabara de piorar as coisas, que não tinha o direito de ligar em seu telefone pessoal mesmo que ele o tivesse passado para ela.

— Oi, Nick. É a Valerie.

— Ah, oi Valerie — ele respondeu, com o tom de voz se tornando mais familiar e amigável. — Está tudo bem?

— Bem, sim. Está tudo bem — ela falou, ouvindo um barulho de fundo que não parecia vindo do hospital. Estou incomodando? — perguntou preocupada, pois talvez ele estivesse com sua família.

— Pode falar. O que foi?

— Bem eu só queria falar com você sobre a festa do Dia das Bruxas de amanhã, ela gaguejou.

— O que tem ela?

— Escuta, foi muito legal da sua parte dizer que viria, mas...

— Mas o quê?

— Mas é Dia das Bruxas.

— E?

— Tenho certeza de que tem outros planos — ela explicou. — Com sua família, seus filhos... e não me sinto à vontade...

— Você se sentiria melhor se soubesse que eu já estava escalado para trabalhar de qualquer jeito? — ele perguntou. — Então, a não ser que você chame o chefe da equipe e diga que você acha que eu devo tirar o dia de folga...

— Você está escalado mesmo? — ela perguntou, enquanto caminhava pelo corredor do lado de fora do quarto de Charlie, sentindo-se ao mesmo tempo aliviada e tola por ter feito tamanha tempestade em copo d'água por causa da festa e se perguntando por que nunca havia passado por sua cabeça que ele pudesse estar escalado para trabalhar.

Que sua decisão de ir à festa pudesse não ter nada a ver com eles.

— Val — ele disse, a primeira vez que ele usou a forma abreviada de seu nome, um fato que não passou despercebido para ela, um fato do qual não podia deixar de gostar —, eu quero ir. O.k?

A alegria terna voltou a seu peito.

— O.k — ela aceitou.

— Agora, se me der licença, estou comprando uma fantasia do Darth Vader.

— Tudo bem.

Ela sentiu um sorriso tolo e incontrolável se espalhar por todo o seu rosto enquanto desligava o telefone, fazendo de tudo para não admitir para si mesma a verdadeira razão pela qual fizera a ligação.

Nos dias que se seguiram, os deuses do matrimônio resplandeciam sobre nossa casa e as coisas pareciam estar bem novamente. Nick era um marido — modelo, ligava do trabalho para dizer “oi”, voltava para casa a tempo de pôr as crianças para dormir e uma noite até me preparou um jantar. E, mesmo assim, seus esforços não pareciam heróicos ou forçados, ao contrário, ele simplesmente parecia estar comprometido, como se fizesse parte do biorritmo de nossa família, absorvendo os pequenos momentos que, às vezes, eu sentia estar vivenciando sozinha. Ele estava tão atencioso que comecei a me culpar pela briga, o que é sempre um alívio, isso porque você retoma o controle de sua própria vida. Rachel e Cate, minhas confidentes, concordaram que eu havia sido, pelo menos em parte, culpada pela nossa crise, responsabilizando os hormônios, o tédio e a paranóia em geral, as marcas típicas da maternidade, brincou Rachel.

Nosso único contratempo foi no dia Das Bruxas, no meio da tarde, quando Nick ligou do hospital para dizer que provavelmente não voltaria para sair com as crianças pela vizinhança, acrescentando que com certeza sentiria falta do encontro de toda a vizinhança na casa de April antes da brincadeira. Quis lembrá-lo de que, para crianças, o Dia das Bruxas é a segunda noite mais sagrada do ano (talvez a mais sagrada para Ruby, que tem paixão por doces) e que, embora eu não concordasse com a divisão de papéis por sexo na criação dos filhos, eu achava que sair na rua pedindo doces era com certeza da alçada do pai. Mas, em vez disso, concentrei-me no fato de que ele havia levado a Ruby na escola pela manhã, ficou lá para filmar seu desfile de fantasias pelo corredor da pré-escola e voltou para casa para passar algum tempo com Frank antes de ir trabalhar.

— Você está bem? — eu perguntei calmamente, demonstrando apoio.

— Sim, sim. As coisas só estão um pouco agitadas por aqui — ele disse parecendo estressado e distraído, mas também decepcionado, o que acabou por abrandar a minha própria decepção. Então perguntou se ficaríamos bem sem ele, referindo-se à logística de distribuir doces e tudo o mais.

— Sim — respondi. — É só deixar uma tigela na varanda. Não ficaremos na rua por muito tempo, sem problemas.

E não era um problema mesmo, disse a mim mesma enquanto Ruby, Frank e eu subíamos a rua até a casa de April antes de escurecer. Quando chegamos, ela estava amarrando balões alaranjados e pretos em sua caixa de correios. Percebi imediatamente que já havia tomado várias taças de vinho e, de repente, senti que também queria uma. Ela me lançou um beijo e, então, elogiou as fantasias da

Sharpay e do Elmo, com sua voz e seus gestos exagerados.

— Obrigada — eu disse pensando que, embora estivessem mesmo uma gracinha, seus elogios eram, em geral, desmedidos e que não havia nada de tão fofo assim em duas fantasias de loja, uma extremamente previsível e a outra meio cafona.

— Onde está o Nick? — ela perguntou, olhando para os lados, como se esperasse que ele pulasse de trás de um arbusto e a surpreendesse.

— Ele teve de trabalhar — expliquei com minha costumeira mistura de orgulho e arrependimento, consequência de ter um cirurgião como marido.

— Que chato — ela falou com compaixão.

— Pois é, fazer o quê? — dei de ombros e então vi sua casa, admirando toda a decoração. Os espantalhos ao longo da entrada de carros, pequenos fantasmas pendurados nas árvores e as abóboras entalhadas com capricho aglomeradas em sua varanda.

Disse a ela que tudo estava lindo, tentando mudar de assunto, pelo menos para o bem de Ruby e Frank, já que não via nenhum motivo para dirigir a atenção para a ausência do pai.

— Obrigada! — ela disse. — Tem um moço fazendo pinturas de rosto lá no quintal, mas não sei se é uma boa idéia fazer a brincadeira da maçã. Você não acha que está frio demais? Dá muito trabalho?

— Sim, não complique sua vida — eu concordei, reconhecendo que esse conselho era como dizer a Madonna para ser discreta ou a Britney Spears para tomar boas decisões em suas relações amorosas.

Eu disse isso a April e ela riu, andando de braços dados comigo e dizendo que sentia minha falta, mas na verdade ela sentia falta de falar comigo sobre outra coisa que não fosse o drama da Romy.

— Eu também senti sua falta — retribuí sentindo-me contente enquanto íamos em direção a sua casa. Vimos Ruby e Frank cumprimentarem Olívia com abraços extremamente animados, sentindo uma onda de satisfação que surge sempre que conseguimos planejar com sucesso as amizades de nossos filhos.

Meu bom humor se manteve por mais uma hora, enquanto me misturava com os amigos e punha a conversa em dia com os vizinhos, discutindo os tópicos de sempre: como o ano estava passando rápido; quanto as crianças estavam gostando da escola; que deveríamos nos encontrar em breve, para que nossos filhos pudessem brincar juntos.

O tempo todo fiz de tudo para não pensar na evidente ausência de Nick entre os pais, mesmo quando me perguntaram onde ele estava, não menos que uma dúzia de vezes. Estavam todos reunidos com suas carretas vermelhas cheias de saquinhos, para que seus filhos pudessem guardar doces e cervejas para si mesmos. Pude perceber que muitos estavam pensando em Romy, mas só a Carly Brewster teve a audácia de tocar no assunto. Ironicamente, Carly é uma

das mulheres mais faladas e menos estimadas da vizinhança. Ex-consultora com um MBA da Wharton, ela parece completamente entediada no seu papel de mãe em tempo integral de quatro garotos e compensa esse tédio metendo o nariz na vida de todos e iniciando brigas desnecessárias nas reuniões da Associação de Pais e Mestres e da Associação de Moradores. Na última primavera, chegou a sugerir que se estabelecesse uma lei para que gatos andassem de coleira na rua.

De qualquer maneira, ela começou o inquérito com um ar desinteressado, enquanto chacoalhava de maneira experiente seu filho mais novo em um canguru para bebês.

— Como está aquele garotinho? — ela perguntou como se a história fosse vaga em sua mente. — Aquele que se queimou na casa dos Croft.

— Ele está bem — eu disse, pousando os olhos na linha que separava seu cabelo loiro-acinzentado de suas raízes escuras.

— Seu marido está com ele esta noite?

— Não sei ao certo, não perguntei — respondi de maneira direta, sabendo que ela não ia pegar a dica.

Como era de esperar, ela inspirou o ar dramaticamente, olhou ao seu redor e diminuiu sua voz para um sussurro encoberto:

— Meu marido trabalha com a mãe dele, a Valerie Anderson. Eles trabalham na mesma empresa de advocacia — seus olhos se iluminaram enquanto continuava. — E disse que ela não vai trabalhar há semanas...

— Humm — soltei em tom imparcial. Então fiz o possível para tentar desviar sua atenção para os seus próprios filhos, o único tópico que com certeza apreciaria mais que ficar especulando sobre a vida alheia. — E como estão os garotos? — perguntei.

— Insanos — ela respondeu, revirando os olhos enquanto observava seu segundo filho mais velho, vestido de Ursinho Pooh, arrancar sistematicamente os crisântemos do jardim de Abril. Obviamente, ela não é do tipo que acha que o filho é um anjinho, pois deixou que continuasse destruindo o jardim e disse:

— É, são garotos até o último fio de cabelo.

— Ao contrário do Frank, que sempre pede por meu gloss labial, brinca com as bonecas da Ruby e há pouco tempo anunciou que queria ser cabeleireiro quando crescesse.

Eu contei isso a Carly, que meu deu um aceno de cabeça indicando compaixão e soltou em tom acalorado:

— Eu não me preocuparia muito com isso.

O que na verdade ela queria dizer era que eu deveria sim me preocupar horrores com isso.

Assisti ao Ursinho Pooh pisotear as pétalas despedaçadas e deixar rastros de rosa e roxo por toda a entrada de carros da casa. Depois disso, tive a certeza de que ele matava insetos com a mesma destreza e pensei que preferia que meu

filho fosse gay a ser um garoto mimado movido a testosterona — o que parecia ser o futuro do filho de Carly.

— E acredito que esse seja o Leitão? — perguntei sorrindo para o bebê em seus braços, vestindo um body listrado rosa-choque e um narizinho de porco, procurando ao meu redor pelo Tigrão e pelo Bisonho.

Ela fez que sim e murmurei:

— Adorável.

— Ele não é tão adorável assim às 3 horas da manhã — ela disse exausta, usando seu cansaço como uma medalha de honra. — Eu tenho uma enfermeira, mas ainda acordo para amamentar a cada duas horas, então não adianta muito.

— Isso é barra — eu disse, pensando que ela havia acabado de se gabar, com maestria, de dois fatos: ela era privilegiada o suficiente para poder ter ajuda extra e era dedicada o suficiente para acordar e amamentar seu filho mesmo assim.

— É mesmo, mas vale tanto a pena... Você amamentou?

“Não é da sua conta”, pensei, enquanto me ocorria que eu podia mentir, como já fizera muitas vezes no passado, mas, em vez disso, deixei escapar a verdade, sentindo-me livre por ter deixado de considerar isso um segredo obscuro.

— Por algumas semanas, pois não funcionou muito bem para mim, desisti. Foi melhor para todos.

— Pouca produção de leite? — ela sussurrou.

— Não, é que voltei a trabalhar e usar a bomba era difícil demais — expliquei localizando a Ruby, que fazia o possível e o impossível para tirar o Frank, a os berros, pela janela de um carrinho de plástico lilás.

— Ei, Ruby! Pare com isso! — eu gritei do outro lado do gramado.

— É a minha vez! — ela gritou de volta com uma impaciência histórica em sua voz.

— Ele não quer dividir.

— Ele tem 2 anos — eu falei. — Você tem 4.

— Dois anos já é idade para dividir! — ela gritou novamente, o que, infelizmente, era um argumento válido.

— Com licença, é melhor eu ir até lá — disse, sentindo-me aliviada por sair de lá.

— É nesta hora que você quer que o pai esteja por perto, não é? — Carly disse enquanto dava um sorriso que queria dizer algo como “Minha vida é melhor que a sua”.

Mais tarde naquela noite, com as crianças já dormindo, as luzes de nossa varanda apagadas e eu tentando resistir aos doces, minha mente voltava a visualizar o sorriso presunçoso de Carly. Fiquei me perguntando se era da minha cabeça, se eu estava sendo sensível ou protetora demais quanto ao trabalho de Nick, projetando nela minha própria insatisfação. Mas me ocorreu que ela não

era a única, que todas as mulheres comparam sua vida com a de outras. Sabemos qual marido trabalha mais, quem ajuda mais em casa, quem ganha mais dinheiro e quem está fazendo mais sexo. Comparamos nossos filhos, observando quem dorme a noite toda, quem come salada, quem tem bom comportamento e quem entrou na escola certa. Sabemos quem cuida melhor da casa, quem dá as melhores festas, quem cozinha os melhores pratos e quem é a melhor jogadora de tênis. Também sabemos quem, entre nós, é a mais inteligente, tem menos rugas ao redor dos olhos e tem o corpo mais bonito, seja ele natural, seja ele artificial.

Sabemos quem trabalha em período integral, quem fica em casa com as crianças, quem consegue trabalhar e cuidar dos filhos e, ao mesmo tempo, fazer parecer que é fácil e, por fim, quem vai às compras e sai para almoçar enquanto a babá faz todo o trabalho. Digerimos tudo isso e, então, conversamos com nossas amigas, comparando e confidenciando, é isso que as mulheres fazem.

A diferença, acredito, está no porquê fazemos isso. Seria para avaliarmos nossa própria vida e nos sentirmos mais seguras por estarmos dentro do que se considera normal? Ou estaríamos sendo competitivas, sentindo prazer em perceber as falhas das outras para que possamos ganhar o jogo, mesmo que por omissão?

O telefone tocou, resgatando-me de meus pensamentos errantes e de um chocolate desembulhado. Vi que era o Nicke corri para atender.

— Oi! — tendo a sensação de que não nos falávamos havia dias.

— Oi, querida — ele disse. — Como foi a noite?

— Foi divertida — respondi, contando-lhe dos pontos altos da noite. Como o Frank ficava dizendo doce ou “tavessula”. Como Ruby sempre lembrava Frank de dizer obrigado, e como sua filha ficava orgulhosa sempre que alguma das meninas mais velhas elogiava sua fantasia. — Mas é claro que não foi a mesma coisa sem você lá. Sentimos sua falta.

— Também senti falta — ele disse. — De vocês três.

Dei uma pequena mordida no chocolate, sabendo que essa primeira mordida fatal poderia ser meu fim.

— Você está vindo para casa?

— Daqui a pouco.

— Daqui a pouco quando?

— Daqui a pouquinho — ele explicou. — Mas não me espere acordada.

Engoli o chocolate, sentindo uma onda de decepção e derrota, seguida por um alívio condenável por não ter ninguém vendo a expressão em meu rosto neste momento.

Então, desliguei o telefone, terminei de comer o chocolate e fui para a cama sozinha.

Valerie sabia que o Dia das Bruxas traria problemas. Não por saber que realmente havia ligado para Nick, em parte, só para ouvir sua voz e, em parte, para que ele tivesse o número do seu celular. E não porque ele havia insistido em ir à festa, chegando vestido com o traje completo de Darth Vader, nem mesmo porque ficou no quarto mesmo muito depois de Charlie ter dormido, recostando-se no peitoril da janela, conversando em voz baixa enquanto os dois perdiam a noção do tempo. É claro que tudo isso era sinal de problema, principalmente na manhã seguinte, quando voltou a lembrar.

Mas o momento de certeza veio quando ele ligou a caminho de casa para dizer “só mais uma coisinha”. Era algo sobre Charlie, isso ela lembraria mais tarde, mas todas as pretensões profissionais caíram por terra quando levou em consideração o horário da ligação e percebeu que os dois não desligaram o telefone logo depois que aquela “uma coisinha” fora dita. Em vez disso, conversaram até ele parar o carro na entrada de casa, uns 30 minutos depois.

— Feliz Dia das Bruxas — ele sussurrou no celular.

— Feliz Dia das Bruxas — ela sussurrou de volta. Então forçou-se a desligar, sentindo um misto de melancolia e culpa enquanto imaginava sua casa e as três pessoas lá dentro. Mas, mesmo assim, foi dormir esperando que ele ligasse pela manhã.

Que foi exatamente o que ele fez, e continuou a ligar todos os dias que se seguiram, exceto naqueles em que ela ligava primeiro. Eles sempre começavam a conversa falando sobre o enxerto de Charlie, os remédios para dor ou seu humor, mas sempre terminavam com mais uma coisinha, e geralmente com uma outra coisinha depois daquela.

E lá estava o celular tocando seis dias depois.

— Onde você está? — ele começou, sem se anunciar.

— Aqui — ela respondeu observando Charlie dormir. — No quarto.

— Como ele está? — Nick perguntou.

— Ele está bem... dormindo... Onde você está?

— A cinco minutos daí — ele disse, conversando até que ela conseguisse ouvir sua voz no corredor.

— Ei — ele falou chegando à porta e guardando o BlackBerry no bolso com um sorriso largo no rosto, como se tivessem acabado de compartilhar de uma piada interna.

— Oi — ela disse sorrindo novamente, cheia de alegria.

Mas, dez minutos depois de uma conversa leve, a expressão de Nick tornou-se

grave. Primeiro, Valerie achou que havia algo de errado com o enxerto de Charlie, mas então percebeu que era o oposto disso, que era hora de Charlie ir para casa. Ela se lembrou de quando Nick dissera que levaria cerca de uma semana para o enxerto aderir ao rosto, lembrou-se de como ele olhara fixamente em seus olhos como se oferecesse uma garantia. Mesmo assim, ela se sentia chocada e emocionada, como que pega de surpresa.

— Hoje? — ela perguntou, enquanto seu coração se acelerava de temor, enquanto tomava consciência do que estava por vir, percebendo envergonhada que não queria ir para casa. Ela disse a si mesma que era só por causa do lugar em si, da segurança que o hospital lhe dava. Mas, no fundo, sabia que não era só isso.

— Amanhã — Nick disse com um olhar fugaz em seu rosto indicando a Valerie que ele se sentia da mesma maneira, mas rapidamente voltou a agir como o médico de seu filho, falando sobre o tratamento e o progresso de Charlie, seu plano cirúrgico de longo prazo, assim como seu plano de tratamento fora do hospital, falando sem parar sobre instruções e garantias.

— Ele pode voltar à aula dentro de mais ou menos uma semana. O ideal seria que continuasse usando a máscara por cerca de 18 horas por dia, porém pode tirar às vezes. A não ser, é claro, que esteja praticando algum esporte, esse tipo de coisa, e precisa dormir com ela também. A mesma orientação vale para a tala em sua mão.

Ela entendeu tudo e concordou, forçando um sorriso.

— Isso é ótimo. Uma ótima notícia — ela disse sentindo-se decididamente uma péssima mãe por ter recebido a notícia com outro sentimento que não o de alegria desenfreada.

— Sei que é assustador — Nick a consolou. — Mas ele está pronto.

— Eu sei — ela disse, mordendo o lábio com tanta força que chegou a doer.

— E você também está — ele falou de forma tão convincente que ela quase acreditou.

Na tarde seguinte, enquanto Valerie resolvia toda a burocracia necessária e arrumava suas coisas e as de Charlie, tentou se lembrar da primeira vez em que saíra de um hospital com Charlie, quando ele tinha só três dias de vida, e agora tinha a mesma sensação de fracasso iminente. O medo de descobrirem que ela era uma fraude quando estivesse sozinha em casa com seu filho. A única coisa que a acalmou foi a excitação visível de Charlie saindo pelos corredores e entregando a todos cartões desenhados que ele fizera na noite anterior. A todos, com exceção de Nick, que não conseguiu encontrar.

Valerie esperava que ele aparecesse, ou pelo menos ligasse, e tentou ganhar tempo, assinando os documentos da alta de seu filho e carregando o carrinho com seus pertences o mais lentamente possível. Em um dado momento chegou a perguntar a Leta, uma enfermeira de meia-idade de voz suave que os

acompanhara desde o início, se deveriam esperar pelo Dr. Russo antes de irem embora.

— Ele está de folga hoje, lindinha — Leta disse, ainda mais gentil do que de costume, como se achasse que a notícia deixaria Valerie chateada. — Ele assinou o pedido de alta na noite passada — e ela folheou o prontuário de Charlie como se procurasse por algum tipo de consolo, abrindo um sorriso largo ao encontrar algo do tipo. — Mas ele quer que vocês voltem dentro de poucos dias. Ligue para esse número aqui, ela disse circulando o número do telefone do consultório de Nickem um formulário e entregando a Valerie.

Constrangida, Valerie pegou o papel e olhou para o outro lado, perguntando-se quanto suas expressões a entregavam, como se todas as enfermeiras percebessem como ela se sentia, quanto ela e Nick haviam ficado próximos. Talvez ele agisse assim com todos os pacientes e suas famílias, ou talvez tivesse confundido com uma amizade a maneira como ele tratava seus pacientes. Pensar que ele estava apenas fazendo seu trabalho, que ela e Charlie não eram especiais a encheu de alívio e decepção.

Valerie fechou o zíper da última mochila quando Leta saiu apressada do quarto e voltou pouco depois com uma cadeira de rodas para o último passeio de Charlie pelos corredores e um pajem magricela chamado Horace para empurrá-lo.

— Eu não preciso mais disso! — Charlie disse com um grito alegre.

— É protocolo do hospital, meu amor — explicou Leta.

Charlie a encarou confuso.

— Todo mundo sai daqui de cadeira de rodas, bonitinho — ela esclareceu. — Então suba à bordo e talvez o Horace faça umas manobras radicais com você.

Charlie soltou um ruído de alegria e subiu na cadeira, enquanto Valerie dava uma última olhada na sala vazia, fazendo seu último e silencioso agradecimento a um lugar do qual nunca se esquecerá.

Charlie só perguntou de Nick mais tarde naquela noite, quando já estava na cama. Os cartões e desenhos feitos no hospital já estavam colados nas paredes cor de mel e seu exército de bichos de pelúcia estava ao seu redor. O iPod estava na base de encaixe, tocando uma música suave de Beethoven.

— Não consegui entregar meu cartão para o Dr. Nick — ele falou se sentando de repente.

— Não pude dizer tchau.

— Nós o veremos de novo dentro de poucos dias — ela o consolou colocando sua cabeça de volta no travesseiro e acendendo a luz noturna.

— Nós podemos ligar para ele? — Charlie perguntou com a voz trêmula.

— Agora não, meu amor. Está muito tarde — ela disse.

— Por favor — ele choramingou, tentando tirar a máscara. — Eu quero desejar boa noite.

Valerie sabia qual deveria ser a resposta, sabia que havia dezenas de coisas que

poderia dizer a seu filho para que se esquecesse dessa idéia.

Mas, em vez disso, colocou as mãos no bolso e pegou o celular que havia mantido por perto o dia todo, digitando uma mensagem: “Estamos em casa. Está tudo bem.

Ligue se puder. Charlie quer te desejar uma boa-noite”.

Enviou a mensagem e disse a si mesma que estava fazendo aquilo por seu filho. E estava mesmo fazendo aquilo por ele. Segundos depois, o celular tocou.

Valerie deu um pulo.

— É ele! — ela disse, apertando o botão para atender e levando o telefone até o ouvido de Charlie.

— Oi, Dr. Nick — Charlie disse. — Não consegui dizer tchau para você.

Valerie se esforçou, tentando ouvir a resposta.

— Não precisa se despedir, amigão. A gente se vê em breve.

— Quando? — Charlie perguntou.

— Que tal amanhã? Pergunte a sua mãe se vocês estão livres amanhã?

— Estamos livres amanhã, mamãe? — Charlie perguntou.

— Sim — Valerie respondeu rapidamente.

Nick disse alguma outra coisa que Valerie não conseguiu entender e, então, Charlie passou o telefone para ela.

— Ele quer falar com você, mamãe — ele disse, colocando sua máscara de volta para, em seguida, bocejar e fechar os olhos.

Ela pegou o telefone e falou.

— Oi... desculpe incomodá-lo em seu dia de folga... à noite.

— Pare com isso — Nick disse. — Você sabe que adoro quando você me liga, eu queria muito passar por aí hoje... Sinto saudade. De vocês dois.

O silêncio crepitou no telefone enquanto Valerie foi até sua cama.

— Agora é muito tarde para passar por aí? — Nick finalmente quebrou o silêncio.

— Agora? — ela pergunta confusa.

— É. Posso dar uma passada rápida por aí? Dar uma olhada nele?

Valerie fechou os olhos e respirou fundo o tempo suficiente para dizer que sim. O tempo suficiente para dizer a si mesma, pela centésima vez, que eram amigos. Só amigos.

CAPÍTULO 21

TESSA

Poucas semanas antes do Dia de Ação de Graças, entrei em um clima do tipo “os feriados são uma droga e eu também”. Tudo começou em uma manhã quando estava atrasada para buscar a Ruby na escola. Com meu cabelo ainda molhado e Frank coberto de migalhas de pão, coloquei-o em sua cadeirinha no carro, dei ré em minha minivan e imediatamente bati no portão da garagem, no portão fechado da garagem, resultando em um estrago que nos custou 3 mil dólares.

Mais tarde, no mesmo dia, em uma tentativa evidente de me fazer sentir melhor, Larry, nosso faz-tudo tatuado e bigodudo, o estereótipo perfeito, me informou que isso acontecia com muito mais frequência do que eu imaginava.

— E dá para acreditar? — ele continuava com um sotaque de Boston bem acentuado.

— Geralmente é culpa dos homens.

— É mesmo? — perguntei levemente intrigada por essa pequena trivialidade.

Larry confirmou sério e disse:

— Acho que é porque os homens são mais ocupados, sabe?

Olhei para ele incrédula, com a raiva fervendo dentro de mim enquanto eu resistia à ânsia de contar a Larry quantas coisas passavam pela minha cabeça no momento em que saí de casa naquele dia, muito mais que meu marido, que saiu pela manhã com uma caneca térmica de café e o novo CD do Beck na mão. Assoviano.

Além de me sentir uma completa idiota e do comentário machista de Larry, o que mais me incomodou, em todo o ocorrido, foi minha reação instintiva enquanto eu ficava parada na garagem, avaliando a cena da batida, pensando “Nick vai me matar”.

Já havia ouvido essa frase algumas vezes, quase sempre proferida por minhas amigas mães em tempo integral, e isso sempre me deixou muito irritada, principalmente com mulheres que tentavam esconder as compras de seus maridos por medo de se meterem em apuros. O que sempre me fazia querer dizer: “Ele é seu pai ou seu marido?”.

Para ser clara, eu não estava com medo do Nick, mas estava preocupada que ele sentisse alguma aversão por mim, que desejasse em segredo que sua esposa fosse um pouco mais estável emocionalmente, e não me lembrava de já ter me sentido assim antes.

O fato de Nick, no fim das contas, ter compreendido o que acontecera e até mesmo ter se divertido com isso quando confessei meu lapso nervoso não foi um

grande conforto, porque na verdade não mudou a realidade por trás disso tudo: de que o poder se deslocava entre nós e eu estava me tornando uma esposa carente, que necessitava da aprovação do marido, uma pessoa que eu não reconhecia, uma pessoa para a qual minha mãe me havia alertado.

Vários dias mais tarde, essa sensação voltou depois que Ryan, meu ex-noivo, me encontrou no Facebook e solicitou minha “amizade”. Percebi que estava torcendo para que isso deixasse Nick com ciúme e pensando que queria que ele sentisse ciúme.

Olhando fixamente para a foto minúscula de Ryan usando óculos escuros da Ray-Ban, com um lago cintilante no fundo, liguei para Cate e dei a notícia.

— Eu sabia que ele entraria em contato com você um dia — ela disse, referindo-se ao nosso debate algum tempo atrás no qual eu insisti que nunca mais nos falaríamos.

Em primeiro lugar, eu tinha uma carta implacável prometendo que esse seria o caso e, em segundo lugar, ninguém do nosso círculo de amigos ouvia falar dele desde nosso reencontro de cinco anos de formados.

— Será que eu confirmo a amizade? — perguntei.

— Claro que sim — Cate disse. — Você não quer saber o que ele anda fazendo? Se ele se casou?

— Acho que sim.

— Além disso, você não pode ignorar uma solicitação de amizade, é falta de educação — Cate continuou. — Principalmente quando foi você quem deu o fora.

— Então se ele tivesse terminado comigo eu poderia ignorar?

— Claro, ainda assim seria um pouco de falta de educação, mas um direito seu — Cate explicou de maneira decisiva, a mestre das nuances das redes sociais e das táticas de aproximação para amantes rejeitados.

— Tudo bem, pronto — eu falei, com meu estômago revirado de curiosidade e expectativa quando cliquei no botão para confirmar. Então fui diretamente para sua página e li suas atualizações, postadas na noite anterior: “Ryan está pegando sua balsa de volta para casa, tudo pronto para visitar Middlesex”. E eu dei uma pausa, pensando em como era estranho ter uma visão tão vívida da vida de outra pessoa depois de não ter nem idéia de o que ela andava fazendo durante a última década.

— O que foi? O que você viu? — Cate perguntou.

— Só um segundo — eu disse, enquanto examinava sua página, descobrindo rapidamente que ele morava em Bainbridge Island, mas trabalhava em Seattle, por isso a balsa. Ele ainda dava aula de inglês no ensino médio, era casado com uma mulher chamada Anna Cordeiro e tinha um cachorro, um husky siberiano, Bernie. Não tinha filhos.

Seus interesses incluíam política, trilhas a pé, andar de bicicleta, fotografia e

Shakespeare. Música favorita: Radiohead, Sigur Rós, Modest Mouse, Neutral Milk Hotel e Clap Your Hands Say Yeah. Livros: tantos que era difícil citar. Sua citação favorita era uma de Margaret Mead: “Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos preocupados e comprometidos possa mudar o mundo”. Nenhuma surpresa. Resumi tudo para Cate, que disse:

— E como ele está?

— Do mesmo jeito, só que agora usa lentes de contato — eu falei, lembrando-me de quanto ele era cego sem aqueles óculos fundo de garrafa, ou fez cirurgia a laser.

— Ele ainda tem cabelo?

— Sim.

— E a esposa dele? É bonita ou nem tanto? — Cate perguntou como se estivéssemos investigando o ex dela.

— Sei lá. Bonita o suficiente, baixinha, dentes bonitos.

— Loira? — Cate tentou adivinhar.

— Não, parece ser latina, ou bastante bronzeada... Aqui. Vou copiar e colar.

Mandeí três fotos para a Cate. Uma de Ryan e Anna, de braços dados em um píer, vestindo casacos de inverno, com o cão em posição de alerta aos seus pés. A outra era de Anna sorrindo triunfante em uma montanha coberta de neve. E a terceira, um close dela com os lábios vermelhos dramáticos e com o cabelo preso em um coque baixo e arrumado.

Um nanossegundo depois, Cate abriu meu e-mail e exclamou:

— Droga, ela é novinha. Ryan papa-anjo.

— Acho que parece novinha, mesmo — eu disse, admitindo que nunca consegui identificar a idade das pessoas, ao menos não quando alguém é mais jovem que eu. É como se eu fosse mentalmente congelada por volta dos 31 anos.

— Isso te incomoda? — ela perguntou. — Você está com ciúme? Sente alguma coisa?

Eu sorri de seu interrogatório frenético e disse-lhe que precisava pensar em cortar a cafeína.

— Preciso mesmo — ela admitiu.

— Talvez você devesse comprar um peixe — sugeri provocando-a. — Dizem que eles acalmam a gente.

Ela riu e perguntou mais uma vez se eu estava ao menos com um pouco de ciúme.

— Não, não estou com ciúme, respondi sinceramente, enquanto continuava clicando nas 87 fotos de Ryan e Anna, e do cachorro, a maioria em cenários idílicos ao ar livre. Na verdade, eu disse a ela, era quase como se eu estivesse olhando as fotos de completos desconhecidos e não as fotos do homem com quem quase me casei.

— Ele parece realmente feliz, fico feliz por ele — eu disse.

— Você vai mandar alguma mensagem para ele?

— E deveria?

— Tecnicamente, era ele quem tinha de mandar uma primeiro, já que ele te adicionou, mas vá em frente e seja superior.

— E o que devo escrever?

— Algo genérico.

— Tipo o quê?

— Tipo... humm... “Bom saber que você está bem, ainda ensinando, curtindo a natureza. Cuide-se, Tess”.

Digitei as frases exatamente como ela disse e as postei antes que pudesse agonizar tentando encontrar as palavras mais adequadas. Instantaneamente, minha própria foto apareceu em seu mural. Em comparação com suas fotos artísticas, a minha foto tensa com as crianças ao lado da árvore de natal parecia totalmente encenada, sem nem um pouco do brilho ou da espontaneidade das fotos de Ryan.

— O.k, feito! — eu disse, pensando que realmente precisava mudar a foto do meu perfil. Mas, infelizmente, não tinha nenhuma opção majestosa no topo de uma montanha. — Postei.

— Você postou? No mural dele? — Cate perguntou horrorizada.

— Foi você quem disse para eu fazer isso! — eu exclamei em pânico, perguntando-me se não tinha entendido alguma coisa direito.

— Não, não. Não disse, não! — ela berrou. — Você deveria ter mandado um e-mail, particular, não em seu mural! Talvez ele não queira que a esposa veja! Talvez ela te odeie. Pode ser totalmente rancorosa.

— Duvido. Ela parece extremamente feliz.

— Você não sabe quais são os problemas dela.

— Bem, então devo deletar? — perguntei.

— Sim! Imediatamente. Ai que droga: preciso ir fazer cabelo e maquiagem. Mas me mantenha atualizada. Sem trocadilhos.

Eu ri e desliguei o telefone, agora paralisada pela última foto: uma foto em branco e preto de Anna, enrolada em um grande cobertor ao lado de uma fogueira, olhando de maneira adorável para a câmera. Mais uma vez disse a mim mesma que não estava com ciúme, mas não podia negar a pontada minúscula, quase imperceptível, em meu peito que voltou várias vezes durante aquele dia, forçando-me a entrar novamente no Facebook e ver a página de Ryan muitas outras vezes.

Por volta das 17 horas, ele ainda não havia respondido a minha postagem, mas havia mudado sua atualização para “Ryan agradece a sua esposa por sua previsão”.

Perguntando-me qual seria a previsão de Anna, voltei para a foto dela ao lado da fogueira, finalmente identificando com precisão o porquê daquela pontada

mais cedo.

Não era ciúme, pelo menos não associado a Ryan ou ao seu casamento, mas sim um anseio em relação a Nick, ao meu próprio casamento, às memórias de como nos conhecemos, de como as coisas costumavam ser. Se houvesse qualquer tipo de ciúme, era inveja do olhar de total felicidade no rosto de Anna. O fato de que fora Ryan quem provavelmente havia inspirado aquele sorriso e, então, tirado a foto, transformado-a em uma foto eloqüente em branco e preto, e postado no Facebook. Todas as coisas que nunca aconteceriam em minha casa. Não nestes últimos tempos, pelo menos.

Mais tarde naquela noite, depois de Ryan ter finalmente respondido a meu e-mail (“Bom te ver, também. Crianças lindas. Ainda está dando aulas?”), contei a Nick sobre a troca de e-mails, torcendo por uma reação territorial gratificante. Ou, talvez, uma pequena nostalgia quanto à história de nosso relacionamento. Afinal de contas, foi Ryan quem nos uniu.

Mas, em vez disso, ele balançou a cabeça em forma de reprovação e falou:

— Quem imaginaria que esse cara tinha uma página no Facebook — e, então, pegou o controle remoto e mudou para a CNN. Anderson Cooper estava apresentando uma retrospectiva sobre o tsunami, imagens assustadoras da destruição apareciam na tela.

— O que há de errado em ter uma página no Facebook? — perguntei na defensiva, mais para a minha defesa do que para a de Ryan.

— Bom, para começar, é uma completa perda de tempo — ele respondeu, aumentando levemente o volume para ouvir um relato de um turista britânico sobre o desastre.

Fiquei indignada com sua insinuação de que eu tinha tempo a perder, enquanto ele era um ocupado cirurgião com coisa melhor para fazer.

— Não é não. É uma ótima maneira de voltar a ter contato com velhos amigos — eu me defendi.

— Claro, pode dizer isso a si mesma. Melhor ainda, pode dizer isso a esse fulano aí também — ele então me lançou uma piscadela jocosa, antes de voltar a ver televisão, tão seguro quanto estava logo no início, quando terminei meu noivado com outro homem em troca de uma mera possibilidade de ficar com ele. Antes, era o que mais gostava nele, sua confiança inabalável, mas agora parece um tipo de indiferença, e, enquanto eu fingia estar tão concentrada no documentário quanto ele, minha mente estava a mil, lembrando-me de como as coisas eram e de como tudo começou.

“Oi, Nick Aqui quem fala é a Tessa Thaler. Do metrô.”

Lembrava-me de ter escrito as palavras em um papel, como um script, criando coragem para ligar para ele, treinando com Cate e mudando o tom de voz de sóbrio para provocante e então para animado.

— Faça esse mais uma vez — mandava Cate de seu lugar favorito em meu

futon, que era, na verdade, o único lugar disponível para se sentar desde que Ryan havia se mudado com nosso sofá seis semanas antes. — Mas, agora, sem crescer no final.

— O quê? — perguntei com as palmas das mãos suadas.

— Você está terminando a frase com uma entonação de pergunta. Parece que você mesma não tem certeza de quem você é. Aqui quem fala é a Tessa Thaler? Do metrô?

— Acho que não vou conseguir fazer isso — eu disse a ela, andando ao longo da tela de inspiração asiática que separava minha cama de minha área de estar.

— Você quer que ele comece a sair com outra? Ou, pior, que se esqueça completamente de você? — ela perguntou, a mestre na arte de amedrontar. — Vamos lá, o momento certo é crucial — então ela pegou uma lixa de unhas, um vidro de removedor de esmaltes e várias bolas de algodão de sua bolsa imensa e começou a cuidar das unhas.

— Não estou pronta para um relacionamento — disse-lhe.

— Quem falou em relacionamento? Talvez você simplesmente consiga fazer sexo ardente pela primeira vez na vida. Isso seria tão ruim assim?

— Pela primeira vez na vida? — perguntei. — Como você sabe se Ryan e eu não estávamos fazendo sexo ardente?

Ela ficou arrepiada como se estivéssemos falando de seu próprio irmão, o que não estava longe de ser verdade, já que agíamos como um grupinho de três durante a maior parte do período na faculdade.

— Bem, vocês estavam?

Dei de ombros e disse:

— Era razoável.

Ela balançou a cabeça em sinal de reprovação, lixando as unhas em um formato que ela chamava de quadrado-oval.

— Bem, queremos algo um pouco melhor que razoável, então pegue essa droga de telefone e ligue para ele. Já.

E foi o que fiz, discando o número que estava em seu cartão de visita e respirando fundo enquanto o telefone tocava. Então, depois de ouvir sua voz inconfundível do outro lado, li meu script, tentando de alguma maneira terminar todas as frases com um ponto final, e não com um ponto de interrogação.

— Quem? — ele perguntou.

— Humm... A gente se conheceu no metrô? — disse novamente, completamente confusa e decepcionada.

— Eu estava brincando — ele falou. — Claro que me lembro de você. E como você está?

— Estou bem — respondi desejando ter treinado além das primeiras três frases. Olhei para Cate para me sentir segura, enquanto ela me acenava com os dois polegares para cima em sinal de aprovação e fazia um gesto com as mãos

indicando que eu mantivesse a conversa rolando. — E você, como está?

— Não tenho do que reclamar... Então, como foi sua lua de mel? — ele perguntou mostrando-se preocupado, embora semanas depois tenha me confessado que tinha sido uma tentativa de quebrar o gelo com humor, mas que, assim que fez a pergunta, percebeu que havia sido insensível de sua parte.

Então soltei uma risada nervosa e lhe disse que não havia tido nem lua de mel nem casamento.

— Ah — ele disse. — Sinto muito? Meus parabéns?

— Obrigada, eu disse, o que pareceu ser a resposta adequada para as duas frases.

— Então? Você está ligando para me contar essas novidades? — ele perguntou suavemente. — Ou para me convidar para sair?

— Para contar as novidades — disse com sua brincadeira me ajudando a criar coragem.

— Mas a parte do convite para sair é com você.

Cate levantou as sobrancelhas e abriu um sorriso largo, evidentemente orgulhosa da minha resposta.

— Bem, então — ele disse —, que tal hoje à noite? Você está livre?

— Sim — aceitei com o coração saindo pela boca, uma reação que nunca havia tido com Ryan, nem mesmo segundos antes da nossa primeira vez.

— Você é vegetariana? — ele perguntou.

— Por quê? — perguntei. — Isso é um problema?

Ele riu.

— Não, é que eu estava a fim de comer um hambúrguer e beber cerveja.

— Para mim, está bom — eu disse pensando que brotos e tofu seriam tão atraentes quanto o hambúrguer neste momento. Qualquer coisa com Nick Russo.

— Ótimo, então te encontro na Burger Joint do hotel Parker Meridien. Você conhece?

— Não — respondi me perguntando se deveria conhecer, se isso denunciava o quanto eu era caseira com Ryan, algo que tinha prometido mudar.

— O hotel fica na Rua 56, entre a 6 e a 7, mais próximo da 6. Quando estiver no saguão, você verá que entre o balcão de check-in e o balcão do concierge, há uma pequena cortina e um sinal que diz “Burger Joint”. Estarei lá guardando nossa mesa.

Rabisquei rapidamente as instruções no verso do meu script, com as mãos suadas e trêmulas. Perguntei o horário, e ele disse para nos encontrarmos às 20 horas.

— Tudo bem — respondi. — Até lá.

Ouvi o sorriso em sua voz enquanto ele respondia:

— Até lá, Tessa do metrô.

Desliguei o telefone, fechei meus olhos e dei um grito agudo e infantil.

— Jesus do céu, é isso aí, Tess — disse Cate. — Quer dizer, tecnicamente você deveria ter dito que já tinha planos para hoje. Da próxima vez, pelo menos coloque o telefone no mudo e finja que está checando sua agenda. E nunca concorde com os planos que ele já tinha naquele dia...

— Cate! — interrompi correndo até meu armário. — Não temos tempo para um tutorial sobre encontros. Preciso achar algo para vestir.

Cate abriu um sorriso largo:

— Sutiã com bojo, calcinha preta e salto agulha.

— O sutiã com bojo e a calcinha preta, tudo bem, mas, vamos a um lugar chamado Burger Joint, acho que o salto agulha não será uma boa.

Cate pareceu decepcionada enquanto me seguia até meu armário.

— Burger Joint? Deus, espero que ele não seja sovina, afinal isso meio que acaba com o propósito de sair com um médico.

— Ele ainda está estudando — expliquei. — E eu adoro hambúrguer.

— Bom, se ele é tão interessante quanto você diz que é... pode se sair bem.

— Ele é sim, muito interessante.

— Bem, nesse caso — disse Cate vasculhando em meu armário —, vamos ao que interessa.

Horas depois, eu estava em pé no saguão frio do Parker Meridien vestindo uma calça jeans, uma regata preta e rasteirinhas, um visual casual que geralmente não passaria pela aprovação de Cate, mas que ela havia aceitado naquela noite em virtude do local molambento escolhido e do convite de última hora.

Ainda morrendo de calor, em razão do trajeto feito até lá em um táxi abafado, me abanava com a mão, inalando meu perfume novo, que comprei naquele dia pensando em Nick, determinada a não misturar aromas antigos com novos inícios. Então achei a entrada do restaurante, respirei fundo e abri as cortinas que iam do chão ao teto separando a lanchonete do saguão. E lá estava ele, em pé diante de mim, ainda mais atraente do que me lembrava. Sua beleza contrastava com a iluminação amarela, as cabines de vinil e os recortes de jornais presos às paredes de madeira falsa.

Ele veio em minha direção sorrindo e, então, olhou para minha mão esquerda e disse:

— Sem aliança.

— Sem aliança — confirmei e não disse mais nada, seguindo o conselho de Cate de não falar sobre Ryan.

— Desse jeito gosto mais ainda de você — ele falou sorrindo.

Sorri de volta esfregando meu polegar sobre meu dedo sem aliança, sentindo um ímpeto de confirmação que me indicasse que havia feito a coisa certa. Então ele perguntou o que eu queria em meu hambúrguer e informei que só queria ketchup. Ele concordou e apontou para a única cabine livre no canto da lanchonete.

— É melhor você pegar aquela ali para a gente, esse lugar costuma encher de uma vez.

Fui até onde ele indicou dando alguns passos até a mesa, sentando-me enquanto mantinha meus olhos em suas costas e tentava decidir o que mais gostava nele: sua atitude de líder ou o caimento perfeito de seu jeans desbotado.

Poucos minutos depois, ele chegou com dois hambúrgueres embrulhados em papel-alumínio e um jarro de cerveja. Serviu dois copos e, então, levantou o seu e disse:

— Um brinde ao melhor hambúrguer de toda a sua vida.

Eu sorri e pensei: “Um brinde ao melhor primeiro encontro de toda a minha vida”.

Então seu rosto ficou sério e ele disse:

— Fiquei feliz por você ter me ligado, achei que nunca mais teria notícias suas, e que você se casaria mesmo assim.

— Por que você achou isso? — perguntei um pouco decepcionada por ele não ter depositado tanta fé em mim.

— Porque é o que a maioria das pessoas faz.

Concordei pensando em meu irmão, mas decidindo não entregar os podres de minha família tão cedo. Essa era uma das várias regras de Cate: nada de “meus pais se divorciaram” ou “meu pai traiu minha mãe”, ou qualquer outra alusão à minha família disfuncional. Também me lembrei das outras regras: nada de perguntar sobre as ex-namoradas, nada de conversar demais sobre pós-graduação ou trabalho e sempre demonstrar interesse sem precisar entrevistá-lo.

— Geralmente odeio estar errado — Nick disse, e mais tarde me provocaria dizendo que aquele havia sido seu aviso oficial sobre seu maior defeito de caráter. — Mas, neste caso, estou feliz em estar.

Depois de três horas de conversa, dois jarros de cerveja e um brownie compartilhado entre nós, ele me levou até a estação de metrô Columbus Circle, desceu as escadas comigo e foi até as catracas, onde inseriu dois tickets e me mandou passar primeiro.

— Para onde estamos indo? — gritei por causa de um trem que se aproximava, sentindo-me tonta por conta da cerveja.

— Para lugar nenhum — ele disse sorrindo. — Só vamos andar de metrô.

E foi o que fizemos, entrando em um vagão vazio, mas mesmo assim escolhendo ficar em pé, segurando na mesma haste de metal.

— Você acha que é o mesmo? — ele perguntou em algum momento.

— O mesmo o quê?

— O mesmo vagão, a mesma haste? — ele falou, e então, se inclinou para nosso primeiro beijo.

— Acho que sim — respondi fechando os olhos e sentindo seus lábios contra os meus, suaves, seguros e incríveis.

Mais tarde, liguei para Cate e passei todo o relatório. Ela calculou o custo da noite, classificando o encontro como ridiculamente barato, mas mesmo assim bem-sucedido.

Um sucesso romântico.

— Acho que é um sinal — ela sussurrou no telefone.

— Sinal de quê? — perguntei, esperando que tivesse acabado de beijar o homem com quem um dia me casaria.

— De sexo ardente a caminho — Cate disse dando risada.

Eu ri com ela esperando que nós duas estivéssemos certas.

Depois de um mês, tinha certeza de que estávamos de fato certas. Cate considerou ser um milagre que eu tivesse encontrado um cara na cidade que fosse atencioso e confiável e, ao mesmo tempo, sexy e bom de serviço. Ele realmente era o melhor em tudo. Um rapaz honesto e sensato de Boston que amava hambúrgueres, cerveja e beisebol. E, além disso, era um futuro cirurgião formado em Harvard e um mestre na arte de encontrar os restaurantes mais sofisticados de Manhattan. Ele era bonito sem ser vaidoso. Escrupuloso sem ser preconceituoso. Seguro de si sem ser arrogante, e fazia exatamente o que dizia que faria, sem exceção, e, mesmo assim, mantinha um ar de mistério que me deixava sempre tensa, tentando decifrá-lo. Dava pouca importância para o que os outros pensavam dele, mas, mesmo assim, parecia conseguir ganhar o respeito de todo mundo. Era distante e ao mesmo tempo intenso, eu me apaixonei rápida e intensamente por ele, fascinada pela certeza de que nossos sentimentos eram tão recíprocos quanto reais.

Então, seis meses depois, no auge do inverno, Nick me levou de volta a nossa lanchonete.

E, depois de comermos, bebermos e lembrarmos o passado, tirou as chaves do bolso e esculpiu nossas iniciais na mesa grafite de canto. Entalhes habilidosos e profundos declarando seu amor. Eu não conseguiria pensar em um gesto mais doce até uma hora mais tarde, em um vagão vazio do metrô, quando tirou um anel de seu bolso e me pediu em casamento, prometendo me amar para sempre.

À medida que os dias ficavam mais frios e mais curtos, os dois continuavam a fingir.

Fingiam que as visitas, as conversas pelo telefone e as mensagens faziam parte do curso normal de acompanhamento do tratamento de Charlie. Fingiam que aquela amizade era adequada e comum. Fingiam que não havia nada a esconder e que não estavam literalmente se escondendo na casa de Valerie. E, principalmente, fingiam que podiam ficar nesse plano intermediário tênue, entre a existência dos dois no hospital e a volta oficial de Valerie à realidade.

Para Valerie era quase como quando ela faltava à aula declarando-se doente, quando, na verdade, estava bem. Ela sempre teve a sensação de que Rosemary sabia da verdade, mas acreditava em seus sintomas forjados para que também pudesse faltar ao trabalho e passar algum tempo a sós com sua filha. Era uma das melhores lembranças de sua infância, estar aconchegada no sofá com seu saco de dormir da Mulher Maravilha, imersa em novelas e programas de televisão com sua mãe, que lhe trazia canja de galinha e root beer¹⁶ com sorvete em uma bandeja laqueada alaranjada. Os pensamentos sobre a escola e as tarefas, além dos acontecimentos no refeitório da escola, estavam a quilômetros de distância. Esse era o escapismo que sentia quando Nick passava por lá com músicas e vídeos para Charlie, vinho e comida do Antonio's para os dois. É como se ela desativasse sua mente e vivesse apenas aquele momento, esquecendo-se de todo o resto, principalmente da família dele, a poucos quilômetros de distância.

16 Root beer é uma bebida gaseificada doce feita originalmente com raiz de sassafras.

Mas, um dia antes do Dia de Ação de Graças, a charada tornou-se mais difícil quando Nick passou por lá, inesperadamente, ao sair do trabalho a caminho de casa, minutos depois de Jason passar para pegar uma mesa dobrável para o banquete que ofereceria no dia seguinte. No instante em que a campainha tocou, Valerie sabia que estava em apuros, principalmente porque Jason estava na sala de TV, próximo à porta.

Ela ficou paralisada diante da torta de batata-doce que estava preparando, sabendo que não haveria nenhuma explicação senão a verdade. A verdade mesmo, não aquela que ela e Nick haviam fabricado juntos.

— Nick — ela ouviu Jason dizer surpreso e com um misto de reprovação e

apreensão.

Ela chegou ao vestíbulo a tempo de ver Nick cumprimentando Jason com um aperto de mão e dizendo:

— Só estava passando para dar uma olhadinha no Charlie.

Sua testa estava cheia de linhas de preocupação e estava visivelmente agitado, de uma maneira que Valerie nunca havia visto antes, estudando seu relógio por tempo demais, como se estivesse tentando ganhar tempo para pôr os pensamentos em ordem.

— Ele ainda está acordado? Ou já é tarde demais?

— Ele já está na cama — Jason respondeu resolutamente.

— Mas ele passou muito bem hoje — Valerie concluiu, levando adiante o pretexto ridículo da visita em domicílio. — Você gostaria de entrar, mesmo assim?

E ele abriu a boca, pronto a recusar o convite, mas ela fez que sim com a cabeça, com os olhos bem abertos e um sorriso paralisado em seu rosto, como se tentasse lhe dizer que ir embora, naquele momento, só pioraria as coisas, seria óbvio demais, e que ele não tinha outra escolha a não ser ficar.

— Tudo bem, claro, só por um minuto — ele disse.

Valerie pegou o casaco de Nick e o guardou no armário do corredor, levando-o até a sala de estar, onde ele se sentou em uma poltrona que nunca escolhera antes, ela viera da casa da avó de Valerie, e antes da casa da avó de sua avó. Não era uma antiguidade de qualidade, era só uma poltrona velha coberta com um tecido estampado lilás não muito bonito, mas Valerie não conseguia mandar trocar o estofado por razões sentimentais.

Ela mantinha os olhos fixos na estampa enquanto se sentava no sofá de frente para Nick. Enquanto isso, Jason escolhia outra poltrona, completando o triângulo.

Sua expressão era impenetrável, mas Valerie percebeu certa reprovação em seu silêncio e se perguntava se era porque Nick estava lá ou porque ela estava escondendo algo dele. Eles nunca tiveram segredos, a não ser pelos três dias posteriores ao teste de gravidez positivo.

— Então, como vocês estão? — Nick perguntou olhando para os gêmeos.

Os dois disseram que estava bem, e Valerie começou a despejar um relatório apressado e detalhado de como havia sido o dia de Charlie. O que haviam feito, o que ele comeu, quantas vezes ela trocou os curativos, e terminou dizendo:

— Ele voltará às aulas na segunda-feira — como se essa instrução não tivesse vindo do próprio Nick.

Nick concordou e lançou outra pergunta:

— O que farão amanhã? Para o feriado?

— Vamos para a casa de Jason — Valerie respondeu, o que, é claro, Nick já sabia. — O namorado de Jason, Hank, cozinha muito bem.

— Ele é chef de cozinha? — Nick perguntou.

— Não, jogador de tênis profissional — Jason explicou — mas se vira bem na cozinha.

— Ah, entendi — Nick murmurou. — Uma ótima vantagem para você.

Valerie conseguiu perceber que seu irmão estava resistindo ao ímpeto de soltar uma observação sarcástica, provavelmente algo sobre as vantagens de sair com um médico, quando ele se levantou, esfregou as mãos uma na outra e disse:

— Bem, por mais que quisesse ficar, Hanke e eu temos que regar um peru.

Nick pareceu aliviado enquanto se levantava e apertava mais uma vez a mão de Jason.

— Bom te ver, rapaz — ele disse de uma maneira um pouco vigorosa demais.

— Bom te ver também, doutor — Jason retribuiu virando a gola de sua jaqueta de couro para cima. — Foi uma... surpresa boa.

A caminho da porta, lançou um olhar confuso para sua irmã e disse:

— Ligue mais tarde.

Valerie fez que sim, trancando a porta depois que ele saiu e se preparando para a conversa constrangedora que se seguiria.

— Droga — Nick disse ainda sentado rigidamente, com cada mão agarrando um braço da poltrona. — Eu sinto muito.

— Sente por quê? — ela perguntou voltando a seu lugar no sofá.

— Por vir esta noite, e não ter ligado antes.

— Não tem problema — ela o acalmou.

— O que você vai dizer a ele?

— A verdade, ela disse. — Que somos amigos.

E ele lançou um longo olhar para ela e disse:

— Amigos... claro.

— Mas nós somos amigos — ela falou, apegando-se desesperadamente a essa versão da história.

— Sei que somos amigos, Val — ele disse. — Mas...

— Mas o quê?

Ele balançou a cabeça em sinal de negação e disse:

— Você sabe o quê.

O coração de Valerie parou e ela pensou em fazer uma última tentativa para mudar de assunto, tentar se levantar e correr até a cozinha para terminar a torta. Mas, em vez disso, sussurrou:

— Eu sei.

Ele soltou o ar lentamente e disse:

— Isso está errado.

Ela sentiu suas mãos se cerrarem sobre seu colo enquanto ele continuava, com um pouco de pânico em sua voz:

— É errado por tantas razões, no mínimo duas.

Ela sabia exatamente quais eram essas duas razões, mas deixou que ele as

disse:

— Para começar, sou o médico do seu filho, é uma questão de ética. A ética e as regras foram desenvolvidas para proteger os pacientes. Seria injusto da minha parte... tirar vantagem... das suas emoções.

— Sim, você é o médico do Charlie, mas não é esse o problema — ela disse inabalável.

Ela já havia pensado sobre isso várias vezes e, embora fosse eternamente grata por tudo o que fizera, tinha certeza de que não estava confundindo gratidão com qualquer outra coisa. — Além disso, eu não sou sua paciente.

— Você é a mãe dele, talvez isso seja até pior — Nick disse. — Eu não deveria estar aqui. O Jason sabe disso, você sabe disso, eu sei disso.

Ela concordou baixando os olhos até suas mãos, ciente de que ele estava se referindo à segunda razão, aquela que ainda tinha de tratar. O significativo detalhe de ele ser casado.

— Então isso quer dizer que você está indo embora? — ela finalmente perguntou.

E ele foi até o seu lado no sofá e disse:

— Não. Não estou indo embora. Vou me sentar aqui ao seu lado e continuar a me torturar.

Seu olhar era intenso, quase impetuoso, mas também era determinado, como se odiasse ser testado e se recusasse a perder.

Valerie olhou para ele alarmada e, então, ignorando tudo no que acreditava, tudo o que tinha como certo, reagiu puxando-o para si culminando no abraço que havia imaginado inúmeras vezes. Depois de vários segundos, ele assumiu o controle, deitando-a lentamente sobre o sofá, cobrindo-a com o peso de seu corpo enquanto suas pernas se entrelaçavam. Seus rostos se tocaram.

Depois de muito tempo assim, Valerie fechou os olhos e se deixou flutuar, embalada pela respiração constante de Nick, a sensação de seus braços a envolvendo e suas respirações sincronizadas, inspirando e expirando, juntas. Até que, subitamente, ela acordou ao som da música Slim Shady, do Eminem, o toque que Jason havia programado em seu celular para que tocasse só quando ele ligasse. Nick deu um pulo, o que a fez perceber que ele também havia dormido, um pensamento que a enchia de alegria.

— É o seu celular? — ele sussurrou com a respiração quente em seu ouvido.

— Sim, é o Jason — ela disse.

— Você precisa ligar de volta para ele? — Nick perguntou, reposicionando-a levemente, só o suficiente para olhar em seus olhos, e tocou o alto de sua testa com tanta ternura e naturalidade que pareceu que já tivessem ficado juntos daquele jeito milhares de vezes, e feito todo o resto também.

— Não — ela respondeu, torcendo para que ele não se afastasse dela. Torcendo para que ele simplesmente não se mexesse. — Agora não.

Mais um tempo se passou antes que ele dissesse algo outra vez:

— Que horas você acha que são?

Ela achava que eram 21 horas, mesmo achando que poderia ser mais tarde.

— Talvez 22 horas — ela adicionou relutante, querendo ser sincera.

Ele respirou fundo e então se endireitou colocando as pernas de Valerie sobre seu colo e checando o relógio em seu pulso.

— Droga — ele resmungou, chacoalhando a manga da camisa até que ela cobrisse seu relógio novamente.

— O que foi? — ela perguntou olhando para ele, admirando seu perfil e desejando tocar em seus lábios.

— Já são 22h10, preciso ir embora — ele disse sem se mexer.

— Sim — ela concordou, processando o que havido acabado de acontecer, perguntando-se o que aconteceria a seguir. Ela percebeu que ele estava fazendo o mesmo, fazendo exatamente as mesmas perguntas a si mesmo. Eles recuariam ou avançariam? Eles poderiam fazer aquilo que estavam prestes a fazer? Eles tinham o que era preciso para tomar uma decisão errada só porque sentiam que era certo?

Nick olhou para a frente e então voltou a olhar para ela, seus olhos negros na sala com luz baixa. Ele a encarou fixamente e segurou sua mão, como se dissesse que a resposta, a o menos a resposta dele, era sim.

Então se levantou e pegou seu casaco no armário. Ela assistiu a ele ainda incapaz de se mover, até que ele voltou, pegou suas mãos, colocou-a em pé. Sem falar nada, ele a levou até a porta de entrada que ela destrancou e abriu para ele.

— Eu te ligo amanhã — ele disse, o que já se esperava. Então a abraçou com força, uma versão contida do último abraço, com seus dedos se encaixando na nuca de Valerie e correndo os seus cabelos. Não se beijaram, mas bem que poderiam, porque naquele momento de silêncio os dois pararam de fingir.

Era manhã do Dia de Ação de Graças e eu estava em minha cozinha preparando o jantar com Diane, a esposa do meu pai, e Connie, a mãe de Nick. Nos últimos anos, esse esforço coletivo teria me irritado, tanto pelos ares de gourmet de Diane quanto pela tendência que minha sogra tinha de monopolizar minha cozinha. Mas, neste ano, de uma maneira bem estranha, no meu primeiro Dia de Ação de Graças como mãe em tempo integral, eu não tinha a sensação de posse sobre a refeição e estava de fato agradecida por ficar na pia, descascando batatas, a tarefa menos importante da hierarquia do Dia de Ação de Graças. E me ocorreu, enquanto olhava pela janela em direção ao nosso quintal, que pudesse estar deprimida, não do tipo deprimida e lastimável como nos comerciais de televisão, sem conseguir sair da cama e parecendo ter sido espancada com um saco cheio de pedras, mas do tipo que me fez perder a coragem, ficar exausta e muito indiferente. Tão indiferente que não me importava se usassem alecrim ou tomilho para temperar o peru. Não me importava se as crianças estivessem correndo por aí de moletom, em vez de estarem vestindo a calça de veludo cotelê e o vestido, ambos marrons chocolate, que minha mãe mandou de presente. Também não me importava de Nick ter trabalhado na noite anterior, outra vez, e de termos brigado logo cedo sem nenhum motivo, mesmo que seja o melhor tipo de discussão que se pode ter quando um casamento está dando certo e o pior quando não está.

— Tessa, querida, por favor, diga que vocês têm pimenta-branca — Diane disse, tirando-me de meus pensamentos em um pulo com o seu senso de urgência de costume e seu sotaque afetado de Jackie O. No início da semana, ela me deu uma longa lista de ingredientes para que pudesse preparar os diversos acompanhamentos para o peru, mas a pimenta-branca não estava entre eles.

— Acho que temos — respondi apontando para a despensa. — Deve estar na segunda prateleira.

— Graças a Deus — disse Diane, a pimenta-preta simplesmente não serviria.

Forcei um sorriso de compreensão, pensando que Diane era uma esnobe no sentido clássico da palavra, sentindo-se superior em quase todos os departamentos. Cresceu com dinheiro e privilégios (então se casou e se divorciou de alguém ainda mais abastado) e, embora fizesse de tudo para esconder, percebi que olha com desprezo para a classe média americana e com mais desprezo ainda para os novos ricos, ou, como ela os chama em segredo, pobres emergentes. Ela não tem uma beleza clássica, mas chama atenção à primeira vista, como todas as mulheres altas e loiras de sobrelance arqueada sempre

chamam. Além disso, parece dez anos mais jovem que seus 58 anos por se arrumar sempre de maneira impecável, jogar tênis obsessivamente e ter dado uma puxadinha aqui ou ali, como ela comenta aberta e orgulhosamente.

Também há uma graça natural nela, do tipo que se adquire ao estudar em regime de internato, fazer balé e ter uma mãe que a fazia andar equilibrando enciclopédias com a cabeça.

Em suma, ela é tudo o que uma primeira esposa teme, é refinada e sofisticada sem ser nem um pouco perua. E, assim, faço o que posso para desdenhá-la em nome de minha mãe, mas Diane torna essa tarefa difícil, pois nunca fora nada além de graciosa e atenciosa comigo, talvez por nunca ter tido filhos. Ela também se dedica a Ruby e Frank, presenteia-os generosamente e brinca com eles de uma maneira sincera, sentada no chão, como nenhuma das duas avós fazem. Dex, que passaria o Dia de Ação de Graças com minha mãe na cidade, desconfia da dedicação de Diane, certo de que sua bondade é mais para se exibir para o meu pai e aparecer para a minha mãe, mas Rachel e eu concordamos que suas motivações não importam tanto assim, gostamos mesmo é do resultado.

E, acima de tudo, Diane mantém meu pai na linha e feliz, mesmo quando ela está reclamando, o que faz com frequência, ele parece feliz em resolver o que quer que seja que a esteja incomodando, quase como se estivesse inspirado pelo desafio. Lembro-me de uma vez em que April me perguntara se eu sentia que competia com Diane, se ela tinha, de alguma maneira, derrubado meu status de “menininha do papai”. Antes dessa pergunta, nunca tinha percebido que meu pai e eu nunca havíamos tido esse tipo de relacionamento. Ele era um bom pai, sempre priorizando nossa educação, levando-nos para viagens maravilhosas à Europa, ensinando-nos a empinar pipa, amarrar nós de marinheiro e dirigir com câmbio manual. Mas nunca foi muito carinhoso ou dado a mimos, como Nick é com Ruby. Creio que isso tem alguma coisa a ver com minha mãe e com o quanto eu era ligada a ela, mesmo quando pequena. Era como se ele percebesse minha desaprovação, minha associação com a mulher que ele estava traindo, mesmo antes de saber o que ele estava aprontando. Então, para resumir, a chegada glamorosa de Diane à nossa família não mudou muita coisa entre mim e meu pai.

Eu assistia a ela pegar uma de suas muitas bolsas Goyard personalizadas, retirando um par de óculos de leitura vermelho-cereja de estilo gatinha, que só uma mulher como Diane conseguiria usar com elegância, colocava-os e examinava seu livro de receitas, também retirado de sua bolsa, cantarolando uma melodia indecifrável com uma expressão que dizia “não acha que sou adorável?” no rosto, uma expressão que ela exagerou ainda mais quando meu pai apareceu na cozinha e piscou para ela.

— David, querido, venha até aqui — ela disse.

E ele foi, envolvendo-a por trás enquanto ela se virava e beijava seu rosto

antes de voltar toda a sua atenção para a sua sopa de abóbora-manteiga.

Enquanto isso, Connie estava cuidando do peru, regando-o com a eficiência de uma camponesa trabalhadora. Ao contrário do *tailleur* ultra-feminino e dos finos sapatos Chanel com estampa de crocodilo que Diane usava, Connie vestia uma calça com elástico na cintura, um suéter com estampa de folhas do outono enfeitado com um broche de peregrino e sapatos de amarrar que ou eram ortopédicos ou uma tentativa de ganhar o concurso de sapato mais feio do mundo. Percebi que ela não estava gostando do livro de receitas de Diane, já que defendia veementemente a teoria de nada de frescuras ou receitas, principalmente no Dia de Ação de Graças. Nesse sentido, ou em todos os outros sentidos, ela é extremamente tradicional, uma esposa servil que acha que Nick, seu único filho, está acima de tudo. Ela inclusive se refere a ele como um milagre de Deus, já que nasceu depois que seu médico dissera que nunca poderia ter filhos. Levando isso em consideração, e, também, o fato de Nick ter atingido e superado todas as expectativas de grandeza que seus pais pudessem ter, só pode ser outro milagre o fato de Connie e eu nos darmos bem. Mas, na maior parte do tempo, ela finge me aceitar, mesmo que eu saiba que ela odeia que esteja criando nossos filhos na Igreja Católica, ou em qualquer igreja que seja, para dizer a verdade. Que meu pai seja judeu (o que, na cabeça dela, me torna meio judia e torna seus netos um quarto judeus). Que eu use molho de tomate pronto, e que, embora eu ame o Nick, não o idolatre na maioria dos dias. Na verdade, a única vez em que ela pareceu verdadeiramente satisfeita comigo foi quando lhe disse que pararia de trabalhar, uma justaposição irônica ao ponto de vista de minha própria mãe quanto ao assunto.

Minha mão estava dolorida de tanto descascar batatas. Comecei a encher uma tigela grande com água, enquanto escutava duas conversas paralelas, uma sobre a batalha de uma vizinha de Connie contra o câncer de ovário e outra envolvendo a última viagem de Diane com as amigas a um spa, com apenas uma mínima conexão temática entre os dois assuntos. É uma das únicas coisas que Diane e Connie têm em comum: as duas adoram conversar, falando incessantemente sobre pessoas de quem nunca ouvi falar, referindo-se a elas pelo nome, como se eu as conhecesse bem. É um traço irritante, mas torna a presença delas agradável, exigindo quase nenhum esforço da minha parte, a não ser por algumas perguntas para dar continuidade ao assunto de tempos em tempos.

Durante as duas horas seguintes continuaram desse mesmo jeito, o nível de ruído aumentando quando as crianças entraram na cozinha com seus brinquedos mais irritantes, até que sucumbi a uma seqüência de Bloody Marys, o que, por acaso, é a única outra coisa que Connie e Diane têm em comum, as duas bebem muito. Então, por volta das 16 horas, quando todos nos sentamos à mesa, pelo menos três de nós estávamos levemente tontas, possivelmente quatro de nós, se incluirmos o pai de Nick, Bruce, que bebeu várias doses de rum com Coca-Cola,

mas que nunca fala o suficiente para revelar qualquer sinal de embriaguez. Em vez disso, sentou-se bruscamente e, depois de uma cutucada de Connie, fez o sinal da cruz e correu para dizer sua oração-padrão:

— Abençoe-nos, Senhor, e essas dádivas que estamos prestes a receber graças a tua generosidade, Cristo, nosso Senhor. Amém.

Todos murmuram amém enquanto os pais de Nick faziam o sinal da cruz, mais uma vez, e Ruby os imitava, com vários toques a mais, o que parecia o sinal da Estrela de Davi que da Cruz.

— Então! — disse meu pai, tão desconfortável com religião quanto com os pais de Nick — Tudo parece uma delícia! — e dirigiu seu elogio para Diane, que sorriu e se serviu de uma porção ridiculamente pequena de purê de batata e, então, recusou patentemente o molho, passando-o para o pai de Nick.

A conversa cessou depois disso, restando apenas alguns comentários sobre como a comida parecia boa e cheirava bem e as vozes de Frank e Ruby discutindo o que queriam em seus pratos.

Então, cerca de dois minutos depois, Diane me olhou alarmada e disse:

— Ah, Tess! Sabe o que esquecemos?

Olhei em toda a mesa, não dando falta de nada, feliz em saber que havia me lembrado de tirar os pães do forno, o que sempre me esqueço de fazer.

— Das velas! — Diane disse, não podemos ficar sem as velas.

Nick me olhou irritado, o que fez com que me sentisse temporariamente ligada a ele. Como se estivéssemos no mesmo time, rindo da mesma piada.

— Vou pegá-las — ele se ofereceu.

— Não, pode deixar — eu disse certa de que ele não sabia onde guardávamos esse tipo de coisa. Além disso, eu sabia o que Connie pensava sobre seus homens se levantarem da mesa durante as refeições, por qualquer motivo que fosse.

Voltei até a cozinha, subindo em uma pequena escada de cozinha para alcançar um armário alto à procura de um par de castiçais de estanho já com duas velas quase novas do último Dia dos Namorados. Então abri a gaveta ao lado do fogão onde geralmente guardamos os palitos de fósforo. Não havia nenhum, o que era previsível na bagunça de nossa casa. Fechei os olhos tentando visualizar onde havia visto uma caixa de fósforos, como aquelas coisas como alfinetes e cliques de papel que você sempre acha jogado pela casa, a não ser quando realmente precisa deles. Então me lembrei que acendi uma vela em nosso quarto durante uma noite na semana passada. Subi até o andar superior, abri a gaveta de meu criado-mudo e encontrei a caixa de fósforos exatamente onde a havia deixado. Sem fôlego por esse ter sido o exercício mais intenso que fizera em vários dias, sentei-me na beirada da cama e passei minha mão sobre a capa da caixa de fósforos, lendo a inscrição cor-de-rosa com uma letra diferente escrita Amanda & Steve “O amor é o máximo”.

Steve era um dos melhores amigos de Nick no curso de medicina, agora ele

era um dermatologista em Los Angeles e Amanda era uma modelo que ele havia conhecido em seu consultório, quando foi fazer depilação a laser. “O amor é o máximo” foi o tema de seu casamento em estilo havaiano, uma extravagância que durou três dias, o que Nick e eu fomos quando eu estava nos primeiros meses da gravidez de Frank. A frase estava escrita em todo lugar, nos cartões de reserva da data,¹⁷ nos convites e no site na internet, assim como nas bolsas de lona, nas garrafas de água e nas toalhas de praia entregues a todos os convidados quando chegamos ao resort. A mesma frase apareceu até em uma faixa puxada por um avião que voou sobre a praia logo depois que os noivos fizeram seus votos. Lembro-me de Nick, olhando para o céu, protegendo os olhos com um cinismo divertido:

17 Esses cartões, que em inglês são denominados *save the date cards* (que em tradução literal significa “reserve a data”), são enviados antes do convite de casamento, indicando aos convidados quando será a festa para que não marquem nenhum outro compromisso naquele dia. Em português ainda não há um nome.

— Isso aí, o amor é o máximo, cara.

Eu sorri sentindo-me um pouco tola por ficar momentaneamente impressionada com o espetáculo do qual ele estava evidentemente tirando sarro. Mas, ao mesmo tempo, estava orgulhosa por nosso casamento ter sido o oposto de uma superprodução.

Nick havia se submetido aos meus caprichos, mas exigiu que tudo fosse discreto, o que eu gostei, em parte, por causa de meu constrangimento em relação ao meu primeiro casamento cancelado e em razão de todas as despesas que meus convidados tiveram com ele. Em parte porque eu havia enxergado além e comecei a acreditar que uma festa de casamento deveria retratar o sentimento entre duas pessoas, e não um show para as massas. Como resultado, fizemos uma pequena cerimônia na Biblioteca Pública de Nova York, seguida por um jantar elegante em um restaurante italiano em Gramercy apenas para os familiares e os amigos mais íntimos. Foi uma noite mágica e romântica e, embora às vezes pense que deveria ter usado um vestido um pouco mais fino, e que Nick e eu deveríamos ter dançado naquela noite, realmente não me arrependo de como fizemos as coisas.

O amor é o máximo, pensava enquanto me levantava lentamente juntando forças para descer as escadas e lembrando a mim mesma de tudo pelo qual tinha de agradecer.

Então, assim que saí do quarto, avistei o BlackBerry de Nick sobre sua cômoda e me senti tomada pela tentação de fazer algo que sempre disse que nunca faria.

Disse a mim mesma que estava sendo ridícula, que não queria ser uma esposa bisbilhoteira e paranóica e que não tinha motivo para desconfiar. Mas, então, ouvi

aquela voz em minha cabeça dizendo “nenhum motivo a não ser o comportamento introvertido de Nick, suas longas horas de trabalho e nossa falta de intimidade”. Balancei a cabeça tentando afastar as dúvidas. O Nick não é perfeito, mas não é um mentiroso.

Não é um traidor.

Entretanto, mesmo assim, continuei andando até seu celular, estranhamente compelida a pegá-lo. Coloquei-o em minha mão, fui até o ícone de mensagens e vi que havia uma nova mensagem de texto do código de área 617, um número de celular de Boston. Sem dúvida era de algum colega de trabalho, disse a mim mesma. Um homem, uma situação de trabalho que não poderia esperar até o dia seguinte, pelo menos não se fosse outro cirurgião obcecado como Nick.

Cliquei sobre ela sentindo partes iguais de culpa e de medo e li: Pensando em você também. Me desculpe por não poder te atender. Estarei em casa por volta das 19 horas se quiser ligar outra vez. Até lá, tenha um feliz Dia de Ação de Graças... PS. É claro que ele não te odeia. Como alguém poderia te odiar?

Olhei fixamente para aquelas palavras, tentando determinar de quem poderiam ser, quem não odiava o Nick, garantindo a mim mesma que havia uma explicação lógica e inofensiva por trás delas, até mesmo para a parte em que se lê “pensando em você também”. Mas, mesmo assim, minha cabeça entrou em parafuso e meu coração começou a bater acelerado à medida que pensava nas possibilidades mais inquietantes, nas piores das hipóteses. Li o texto mais duas vezes, ouvindo a voz de uma mulher, vendo o contorno vago de seu rosto, uma versão mais jovem de Diane. Fechei os olhos, engoli o pânico que subia até minha garganta e disse a mim mesma que parasse com essa loucura. Então marquei a mensagem como “não lida”, coloquei seu celular de volta no lugar e voltei à mesa com os castiçais e as velas nas mãos.

— Aqui estão! — eu disse sorrindo alegremente, enquanto colocava as velas ao lado do arranjo de mesa outonal, acendendo-as uma de cada vez, fazendo o possível para que minhas mãos parecessem firmes. Então me sentei e comi praticamente em silêncio, a brindo a boca só para lembrar as crianças de terem boas maneiras e, às vezes, dar corda para a conversa entre Diane e Connie.

O tempo todo repassava a mensagem em minha mente, olhando de relance para Nicke me perguntando se um dia poderia vir a odiá-lo.

Ela e Charlie passaram o Dia de Ação de Graças na casa de Jason, com seu namorado Hank e Rosemary. Embora o dia estivesse tranqüilo e sob controle, parecia algo como um teste ou ponto de referência, já que Hank marcava o primeiro contato oficial de Charlie com qualquer outra pessoa que não fosse da família ou do hospital. Hank foi perfeito, ganhando a simpatia de Valerie cada vez em que olhava Charlie nos olhos, sem tratá-lo com luvas de pelica, perguntando a ele sobre a máscara, as cirurgias, a fisioterapia, além de como se sentia sobre sua volta à escola, que aconteceria em breve.

Enquanto isso, Valerie usava de todos os artifícios para evitar ficar sozinha com seu irmão, ignorando seus olhares demorados e observações alusivas, até certo momento do dia, quando finalmente ele conseguiu encurralá-la na cozinha enquanto os outros estavam comendo o segundo prato de torta de abóbora.

— Comece a falar — ele disse, lançando olhares furtivos para a porta, protegendo a privacidade de Valerie, até mesmo de Rosemary, principalmente de Rosemary.

— Não é o que você está pensando — ela disse ainda agitada pela mensagem que lera no lavabo antes do jantar. Era de Nick, sua terceira mensagem do dia, perguntando se Jason o odiava, dizendo que estava pensando nela. Ela respondeu a mensagem dizendo que também estava pensando nele, embora pensando obsessivamente fosse a expressão mais adequada. Ela sonhou com Nick durante toda a noite anterior e não parou de pensar nele o dia todo.

— Então você não está fazendo bobagem com o doutor? — ele sondou em voz baixa.

— Não — ela respondeu, enquanto a imagem dele em sua mente deixava suas pernas bambas.

— Então ele sempre faz visitas em domicílio? Tarde da noite? Sem avisar? Usando água de colônia? — Jason perguntou sem parar.

— Ele não estava usando água de colônia — ela retrucou um pouco rápido demais e, então, tentou disfarçar com uma observação sobre como nunca havia confiado em homens que usam colônia. — O Lion usava colônia — concluiu.

— Ahá! — ele disse como se essa fosse a única prova de que precisasse. Por que outro motivo ela compararia um homem a Lion, o único amor de sua vida até agora? O que não é muita coisa, mas mesmo assim.

— Não venha com esse “ahá” para cima de mim — ela falou quando Rosemary entrou na cozinha.

— Sobre o que vocês dois estão cochichando aí? — ela perguntou abrindo a

geladeira.

— Nada — responderam em uníssono, obviamente escondendo alguma coisa.

Rosemary balançou a cabeça em sinal de negação, como se não acreditasse nessa resposta, mas não deu muita atenção, voltando para a sala de TV com um pote de chantili e uma colher grande.

— Podem continuar — ela disse olhando para trás.

Que foi exatamente o que Jason fez, mudando de tática, desta vez sendo mais direto.

— Val, é só falar. Tem alguma coisa acontecendo?

Ela hesitou tomando uma decisão imediata de que não queria contar uma mentira atrás da outra.

— Sim — ela finalmente respondeu. — Mas não é nada... físico.

Ela pensou no abraço da noite anterior, tão pessoal quanto qualquer momento em sua vida, mas decidiu que mesmo assim estava dizendo a verdade, praticamente a verdade.

— Você está se apaixonando por ele? — Jason perguntou.

Ela dirigiu a ele um olhar acanhado que já dizia mais do que qualquer resposta. E Jason assoviou.

— Uau. Tudo bem... Ele é casado, certo?

Ela fez que sim.

— Separado?

— Não — ela disse, respondendo às perguntas exatamente como ensina a seus clientes, da maneira mais simples possível, sem oferecer informações adicionais.

— Não que eu saiba — ela adicionou, tendo a feliz esperança de que esse talvez fosse o caso.

— E...? — ele perguntou.

— E nada.

Ela já havia pensado sobre a esposa de Nick milhares de vezes, é claro, tentando imaginá-la, imaginar seu casamento. Como era sua aparência? Como era sua personalidade?

Por que Nick havia se apaixonado por ela? E, principalmente, por que tinha deixado de amá-la? Ou talvez não tivesse. Talvez isso fosse só sobre os dois, os sentimentos que tinham em comum, a força incontrolável que os unia. Nada mais.

Valerie não sabia qual hipótese preferia, se queria ser uma reação a algo que já estava perdido ou se queria ser algo que o pegara de surpresa, inesperadamente, tirando-o de uma situação cômoda e oferecendo algo a mais, algo melhor. Tudo o que ela sabia com certeza era que ele não era o tipo de homem que já havia feito aquilo antes. Ela colocaria a mão no fogo por isso.

Valerie se ateu aos fatos neste momento.

— Ele é casado e tem dois filhos, é o médico de Charlie, é um problema sério

em todos os ângulos — ela disse de forma sucinta.

— O.k — Jason disse. — Agora estamos chegando lá, achei que fosse só eu.

— Não, não é só você. Estou perfeitamente ciente de que não há nada nessa situação que seja aceitável — ela sussurrou resignando-se. — E, só para que você saiba, ele também sabe que isso é errado. Mas...

— Mas você não vai parar de encontrá-lo? — Jason disse com a voz de um irmão, um melhor amigo, um terapeuta, todos em um. — Não é?

— Não — ela confessou. — Não consigo.

CAPÍTULO 25

TESSA

Naquela noite, logo depois que os pais de Nick foram embora e meu pai e Diane partiram para o Fifteen Beacon, o hotel favorito deles em Boston, onde sempre ficam quando vêm para cá, Nick pôs a cabeça para dentro do banheiro das crianças onde eu estava tirando suas roupas e encurralando-as para dentro da banheira.

— Vou dar uma saída. Volto logo — ele disse.

— Para quê? — perguntei com o coração murchando enquanto olhava para o meu relógio e via que já eram quase 19 horas.

— Para comprar Cherry Coke — ele respondeu.

Nick sempre insistira que Cherry Coke era mais eficaz que Tylenol para curar dores de cabeça, o que alegava ter naquela noite, e talvez até tivesse. Eu esperava desesperadamente que tivesse, que estivesse prestes a ter a pior enxaqueca do mundo.

— Você quer alguma coisa? — ele perguntou.

— Não, obrigada — respondi franzindo as sobrancelhas enquanto ajustava a temperatura da água. Adicionei mais sabonete líquido e uma montanha de bolhas se formou enquanto Ruby entrava na banheira e eu me contorcia fazendo cócegas em Frank enquanto ele se acabava de tanto rir. Sentei-me em um banco e fiquei vendo meus filhos brincarem, admirando seus corpos rosados perfeitos, suas barriguinhas, seus bumbuns redondos, seus braços e pernas esguios. Quando Nick saiu do banheiro, mantive meus olhos fixos em meus filhos, dizendo a mim mesma que ele nunca faria nada para machucá-los ou prejudicar nossa família.

Mas, mesmo assim, no segundo em que ouvi a porta da garagem se abrir, corri para nosso quarto e, cheia de angústia, confirmei o que eu já sabia. O telefone de Nick não estava na cômoda. Convenci-me de que era natural levar o telefone mesmo para resolver uma coisa rápida. Mesmo assim, não conseguia me livrar da imagem de meu marido, em seu carro, ligando para outra mulher.

— Acho que Nick está tendo um caso — eu disse a Cate no dia seguinte, quando finalmente consegui encontrá-la depois de quatro tentativas. Eu estava sentada no chão no meio de três pilhas de roupa suja, deveriam ser cinco pilhas, mas eu tinha a intenção de superlotar a máquina.

No mesmo segundo em que essas palavras saíram, senti um alívio intenso, quase como, se enfrentar os meus medos e dizê-los em voz alta, diminuísse a probabilidade de que acontecessem.

— De jeito nenhum — respondeu Cate, como eu tinha certeza que diria. O que era, inconscientemente, a verdadeira razão de ter ligado para ela. Escolhendo-a

entre todos os outros candidatos: Rachel, meu irmão, April ou minha mãe, de alguma maneira sabendo que Rachel e Dex ficariam preocupados demais, April muito provavelmente trairia minha confiança, e minha mãe seria pessimista demais. — Por que você acha isso?

Contei a ela de todas as evidências, como das noites em que Nick ficava até mais tarde no consultório, da mensagem de texto e da viagem em busca de Cherry Coke que durou aproximadamente 38 minutos.

— Por favor, Tess. É uma conclusão muito maluca — ela disse. — Talvez ele quisesse sair de casa por alguns minutos. Esquivando-se de seus deveres noturnos para ter um pouco de tempo para si, mas isso não é razão para estar tendo um caso.

— E a mensagem? — eu perguntei. — A parte do “pensando em você”?

— E daí? Então ele está pensando em alguém, isso não significa que esteja pensando em despir alguém.

— Bom, então de quem poderia ser? — perguntei, percebendo que o que mais me fazia hesitar (que Nick tinha pouquíssimos amigos e fazia novas amizades com tão pouca frequência) era o que, ao mesmo tempo, mais me tranquilizava.

— Pode ser de qualquer um, de um colega de trabalho que está se divorciando e estava passando o Dia de Ação de Graças sozinho. Pode ser de um velho amigo... um primo. Pode ser de um pai ou mãe de paciente. Um antigo paciente... O que quero dizer é que Nick não é do tipo que trai.

— Minha mãe diz que todos os homens são do tipo que traem.

— Eu não acredito nisso. Você não acredita nisso.

— Não sei bem no que acreditar ultimamente — eu falei.

— Tess, você só está passando por uma pequena depressão, uma fase ruim. Vou te dizer uma coisa. O que acha de vir para cá no próximo fim de semana? Vou te deixar mais animada e depois te mando de volta para casa feliz. Não é nada que um pouco de tempo só entre as meninas não possa curar...

— Tempo para deixar Nick me trair? — eu disse, desta vez brincando. Em grande parte brincando.

— Tempo para deixar que ele sinta sua falta, tempo para que você se lembre que tem o melhor marido. O melhor casamento. A melhor vida.

— Tudo bem — aceitei pouco convencida, mas esperançosa. — Vou na sexta-feira, no fim da tarde.

— Ótimo — ela disse. — Vamos sair. Você pode ficar assistindo enquanto dou em cima de uns caras nos bares e vou te mostrar exatamente o que você não está perdendo.

Vou te mostrar como sua vida é boa com seu marido fiel.

— Até lá, o que faço?

— O que você faz? — ela falou empolgada, pois estratégias são sua especialidade. — Bem — para começo de conversa, nada de bisbilhotar. Já

passei por isso... e não rende nada de bom.

— Tudo bem — concordei acomodando o telefone debaixo da minha orelha e enfiando uma leva de roupas escuras na máquina de lavar. Uma cueca boxer vermelha xadrez de Nick caiu no chão da lavanderia e, enquanto a pegava, disse a mim mesma que ninguém havia visto suas cuecas a não ser eu. — O que mais?

— Faça exercícios, medite, coma alimentos saudáveis, durma bastante, clareie as luzes do seu cabelo, compre uns sapatos novos — ela disse como se estivesse lendo uma lista de mandamentos sobre como ser feliz — E, acima de tudo, não seja dura com Nick. Nada de importuná-lo. Nada de acusá-lo. Apenas... seja legal com ele.

— Para incentivá-lo a não me trair? — perguntei.

— Não. Porque você acredita que ele não esteja te traindo.

Dei meu primeiro sorriso em dias, feliz por ter confiado em Cate, feliz porque a encontraria em breve, feliz por ter me casado com alguém que ganhara o benefício da dúvida de minha melhor amiga.

CAPÍTULO 26

VALERIE

Na noite anterior à volta de Charlie à escola, Nick passou por lá para desejar boa sorte, mas acabou ficando para preparar o jantar, afirmando que era um expert em hambúrguer, enquanto fazia os bolos de carne e rodeava o George Forman. Embora ele e Valerie tivessem se comunicado dezenas de vezes por meio de ligações e mensagens de texto, era a primeira vez que ela o via desde o Dia de Ação de Graças e se sentia leve ao lado dele, a única coisa que podia amenizar sua ansiedade quanto à volta de Charlie à escola.

Ela estava vendo seu filho brincando com seus bonecos de Guerra nas Estrelas na mesa da cozinha, enquanto ele perguntava a Nick sobre sua máscara, que estava sobre a mesa ao lado dele.

— Eu tenho mesmo que usá-la na escola? — perguntou Charlie — Sim, amigo — ele disse, principalmente na aula de educação física e no recreio.

Você pode tirá-la agora ou quando estiver te incomodando, te fazendo transpirar ou coçando, mas o melhor é usá-la sempre.

Charlie enrugou as sobrancelhas como se estivesse pensando sobre o que Nick dissera e, então, perguntou:

— Você acha que eu fico mais bonito com ou sem a máscara?

Valerie e Nick trocaram um olhar preocupado:

— Você fica ótimo dos dois jeitos — Valerie respondeu.

— É — Nick concordou. — Sua pele está cicatrizando muito bem, mas a máscara é super legal.

Charlie sorriu enquanto Nick colocava os hambúrgueres nos três pães já cortados.

Uma visão que enchia o coração de Valerie de alegria.

— É, você pode dizer aos seus amigos que você é um soldado imperial.

Nick concordou:

— E também pode dizer que conhece o Darth Vader.

— Posso? — Charlie perguntou olhando cheio de expectativa para Valerie.

— Sim, claro — ela respondeu enfaticamente, pensando que diria sim para praticamente qualquer coisa esta noite, que conquistaram o direito de fazer qualquer coisa que quisessem, mas no fundo sabia que não era bem assim, pois a desventura não dá a ninguém o direito de desconsiderar os outros, ignorar as regras, mentir e contar meias verdades.

Ainda pensando nisso, ela levou dois dos três pratos até a mesa, Nick veio com o terceiro e Charlie logo atrás. Os três se sentaram na pequena mesa redonda da cozinha, cheia de ranhuras e riscos profundos e tinta de caneta permanente dos

projetos de arte de Charlie, em grande contraste com os jogos americanos e os guardanapos de linho finos amarelos e azuis que Jason trouxera para Valerie, de Provença, no último verão, em uma viagem que fizera com seu último namorado antes de Hank.

— Estamos felizes que você esteja aqui — Valerie murmurou para Nick, fazendo sua versão de oração de agradecimento pelo jantar. Ela olhou para o guardanapo em seu colo enquanto Charlie oferecia uma versão mais formal, fazendo o sinal da cruz antes e depois, do jeito que sua avó havia ensinado.

Nick também participou do ritual dizendo:

— Parece que estou na casa da minha mãe.

— E isso é bom?

— Sim — ele disse — só que você não se parece em nada com a minha mãe...

Os dois riram, discorrendo sobre assuntos leves enquanto comiam seus hambúrgueres, fritas e vagens. Falaram sobre a previsão de uma grande quantidade de neve para o meio da semana. O Natal que estava chegando. O desejo de Charlie por um cãozinho, ao qual Valerie não achava que ia sucumbir. O tempo todo, ela fez o possível para não pensar em duas outras crianças jantando em casa com a mãe.

Depois que terminaram de comer, arrumaram a mesa juntos, enxaguando os pratos, colocando-os na lava-louças e se divertindo, até que Nick disse subitamente que precisava ir embora. Enquanto Valerie observava Nick se ajoelhando e dando um presente a Charlie, uma moeda de ouro para dar sorte, ela pensava que aquilo era quase melhor do que continuar o que haviam começado três noites antes. Ela adorava ficar a sós com ele, mas adorava mais ainda vê-lo com Charlie.

— Isso era meu, de quando eu era pequeno — Nick disse. Quero que fique com você.

Charlie concordou reverencioso e então pegou o presente com o rosto se iluminando, parecendo tão pleno e lindo como nunca. Ela quase lhe disse para agradecer, sua reação instintiva sempre que Charlie ganha um presente, mas desta vez não disse nada, pois não queria interromper aquele momento, certa de que o sorriso de Charlie já dizia tudo.

— Coloque a mão no bolso e toque a moeda sempre que começar a se preocupar com qualquer coisa — Nick disse. E, então, colocou um pedaço de papel na outra mão de Charlie, e decore esse número. Se precisar falar comigo, por qualquer motivo, a qualquer hora, pode me ligar.

Charlie fez que sim com determinação, olhando para o papel e dizendo os números em voz baixa, enquanto Valerie levava Nick até a porta.

— Obrigada — ela disse com a mão já na maçaneta. Ela estava agradecendo pelo jantar, pela moeda e pelo número de telefone na mão de seu filho. Mas,

principalmente, estava agradecendo a Nick por acompanhá-los até aquele momento.

Ele balançou a cabeça como se dissesse que aquilo, tudo aquilo, era algo que ele queria fazer, algo que não exigia gratidão nenhuma de sua parte. Ele olhou na direção de Charlie e, ao perceber que não estavam sendo observados, segurou o rosto de Valerie com as mãos e a beijou delicadamente nos lábios. Não era o primeiro beijo que ela havia imaginado tantas vezes, era mais doce que apaixonado, mas, mesmo assim, um arrepio correu sua espinha e suas pernas bambearam.

— Boa sorte amanhã — ele disse.

Ela sorriu tendo a impressão que não tinha tanta sorte assim já fazia um bom tempo.

Na manhã seguinte, Valerie acordou antes do amanhecer, tomou um banho e foi até a cozinha, onde começou a preparar rabanadas para o primeiro dia de Charlie na escola e seu primeiro dia oficial de volta ao trabalho. Ela organizou todos os ingredientes no balcão: quatro fatias de pão do tipo chala, ovos, leite, canela, açúcar de confeiteiro e calda. Separou até morangos frescos cortados. Pegou uma pequena tigela, um batedor de claras e uma lata de spray antiaderente. Estava nervosa e calma ao mesmo tempo, como sempre se sentia antes de trabalhar em um caso importante quando sabia que havia feito de tudo para se preparar, mas, mesmo assim, se sentia preocupada com as coisas que não podia controlar. Apertou a faixa de seu roupão branco felpudo e foi até o termostato, aumentando-o para 23 °C, pois queria que Charlie estivesse aquecido quando descesse para tomar o café, que tudo desse certo para ele nesta manhã tão importante. Então voltou para o fogão, onde misturou todos os ingredientes e untou o fundo da frigideira com o spray, enquanto imagens perturbadoras passavam por sua cabeça: Charlie caindo do trepa-trepa e rasgando sua pele nova, sendo caçoado por causa de sua máscara, ou, pior, sendo caçoado ao tirá-la.

Ela fechou os olhos e disse a si mesma o que Nick já dizia havia alguns dias, que nada daria errado. Que ela havia feito tudo o que podia para se preparar para aquele dia, incluindo telefonar para o diretor, para a enfermeira da escola, para o orientador e para a professora de Charlie para informá-los de que Charlie voltaria às aulas, que entraria com ele, em vez de deixá-lo na entrada, e que queria que fosse contatada ao primeiro sinal de problema, fosse ele emocional, fosse ele físico.

— Rabanada! — ela ouviu Charlie dizer atrás dela. Surpresa por ele ter acordado sozinho, já que, geralmente, precisa arrastá-lo para fora da cama. Ela se virou e o viu de pijama, descalço, com a máscara em uma mão e a moeda de ouro na outra. Estava sorrindo. Ela sorriu para ele torcendo para que ficasse com aquele mesmo humor o dia todo.

E foi o que ele fez, pelo menos durante toda a manhã, sem apresentar nenhum sinal de preocupação ou medo, enquanto realizavam o ritual matinal de sempre: comer, se vestir, escovar os dentes e o cabelo e, então, ir até a escola de carro ao som do CD de músicas relaxantes que Nick gravara para ele na semana anterior.

Quando chegaram ao estacionamento, Charlie colocou a máscara silenciosa e rapidamente, enquanto Valerie pensava em dizer algo. Algo significativo ou ao menos reconfortante.

Mas, em vez disso, resolveu fazer como Charlie, fingindo que não havia nada fora do comum neste dia, indo até o banco de trás, abrindo a porta para ele, resistindo ao impulso de soltar o cinto de segurança para ele ou de pegar em sua mão.

Enquanto andavam pela entrada principal, um grupo de crianças mais velhas, talvez da 4ª ou 5ª série, Valerie achava, olhava fixamente para Charlie. Uma garota bonita com uma longa trança loira limpou a garganta e disse:

— Oi, Charlie — não só como se conhecesse Charlie, mas também como se soubesse de toda a história.

Charlie soltou um “olá” quase inaudível, aninhando-se em Valerie e segurando sua mão. Valerie se sentiu tensa, mas, quando olhou para ele, viu que seu filho estava sorrindo, ele estava bem. Estava feliz em voltar à escola. Era mais forte que ela.

Pouco tempo e alguns cumprimentos depois, os dois chegaram à sala de aula de Charlie. As duas professoras e uma dúzia de alunos se reuniram de forma afetuosa e entusiasmada em volta dele. Todos, com exceção de Grayson, que estava no canto ao lado da gaiola do hamster com uma expressão que Valerie não conseguia identificar ao certo, a expressão de uma criança que já havia ouvido acidentalmente um número excessivo de conversas não apropriadas a crianças.

Ela esperou o máximo que pôde, às vezes olhando na direção de Grayson, até que a professora de Charlie, Martha, do tipo avó carinhosa, apagou as luzes da sala, o sinal para que todos se sentassem no tapete. Neste momento, Valerie hesitou e, então, se inclinou para dar um beijo em Charlie e se despedir, sussurrando em seu ouvido:

— Seja legal com o Grayson hoje, o.k?

— Por quê? — ele perguntou com os olhos agitados mostrando-se confuso.

— Porque ele é seu amigo — ela disse.

— Você ainda está brava com a mãe dele?

Ela olhou para ele, sentindo-se chocada e envergonhada ao mesmo tempo, perguntando-se como ele havia interpretado uma coisa dessas, qual conversa ele havia ouvido acidentalmente, o que mais Charlie havia sacado nas semanas anteriores, sem que ela percebesse.

— Não. Não estou brava com a mãe dele — ela mentiu — e gosto muito do

Grayson.

Charlie ajeitou um pouco sua máscara, processando essa informação e concordando.

— Tudo bem, meu amor — ela disse, sentindo sua garganta se fechar como no primeiro dia de Charlie no jardim de infância, mas por razões muito diferentes desta vez — Tome cui...

— Tomarei cuidado, mamãe — Charlie interrompeu. — Não se preocupe, ficarei bem.

Então ele se virou e se afastou, indo até a beira do tapete, onde se sentou de pernas cruzadas, com as costas eretas e as mãos unidas sobre seu colo, a mão boa cobrindo a machucada.

Não sei exatamente por que esperei até terça-feira à noite para contar a Nick sobre minha viagem para Nova York. Nem por que me sentia tão ansiosa, incapaz de olhar em seus olhos, em vez disso estava concentrada em abrir o envelope da conta do nosso cartão de crédito que acabara de chegar pelo correio. É triste quando se prioriza olhar o extrato do cartão de crédito que os olhos do próprio marido, pensei, enquanto falava da maneira mais indiferente possível:

— Decidi ir a Nova York neste fim de semana.

— Neste fim de semana? — ele perguntou perplexo.

— Sim — respondi, passando os olhos nas cobranças, surpresa pela milésima vez com quanto se gasta quando se está tentando economizar.

— Nesta sexta-feira?

— Nesta sexta-feira — confirmei olhando de lado, sentindo-me de certa forma encorajada por seu olhar atordoado. Feliz porque, pelo menos desta vez, era eu quem estava pegando-o desprevenido, e era eu quem estava avisando a ele quais eram os meus planos.

— Nossa. Obrigado por avisar com antecedência — ele disse com um sarcasmo afável.

Fiquei indignada, por causa do sarcasmo e não do seu sorriso, pensando no número de vezes em que ele não me avisou com antecedência, ou — de repente, mudou nossos planos ou os cancelou ou, ainda, saiu no meio do jantar ou do fim de semana.

Mesmo assim, seguindo os conselhos de Cate, tomei cuidado para não começar a discutir, fingindo um tom atencioso e carinhoso:

— Sei que foi de repente... Mas realmente preciso de um tempo para mim. Você não estará de plantão, estará?

Ele fez que não enquanto nossos olhos se encontravam, um olhar recíproco de ceticismo entre nós. E, de repente, percebi que essa seria a primeira noite que ele passaria sozinho com as crianças na vida. Na vida.

— Então, tudo bem? — perguntei.

— Claro — ele respondeu relutante.

— Ótimo — devolvi animada. — Obrigada por entender.

Ele concordou e então perguntou:

— Você vai ficar na Cate? Ou no Dex e na Rachel?

— Na Cate — respondi, feliz por ele ter feito essa pergunta para que eu pudesse dar mais uma informação. — Com certeza encontrarei meu irmão e a Rachel, mas estou mais a fim de sair e encher a cara. Agitar um pouco como só

a Cate sabe fazer.

Tradução: Relembrar a época de solteira, quando era aquela mulher de quem você não conseguia tirar as mãos, que te fazia sair correndo do hospital toda noite só para encontrar.

Nick fez que entendeu e, então, pegou o extrato. Seus olhos se arregalaram como sempre acontecia quando olhava nossas contas.

— Meu Deus — ele disse balançando a cabeça. — Só não faça compras...

— Tarde demais — respondi apontando para uma sacola no corredor provocando-o mais ainda. — Precisava de sapatos novos para sair à noite.

Ele revirou os olhos e disse:

— Ah, claro, afinal nenhum dos 30 pares de sapato que você já tem será suficiente para uma noite com as garotas.

Revirei os olhos de volta, sentindo meu sorriso se abrir e se apertar, pensando no armário de Cate, e no de April, e até mesmo no de Rachel, que até era pequeno para os padrões das esposas dos gestores de Manhattan, mas, mesmo assim, melhor que o meu. Fileiras e mais fileiras de sapatos de grife da moda com saltos absurdamente altos, de couro preto, cheios de detalhes, de cetim e de bico fino em contraste com a minha coleção modesta e, em grande parte, ponderada.

— Você não sabe o que é ter muitos sapatos — eu disse, com um tom de provocação em minha voz. — Sério, tenho um guarda-roupa medíocre.

— Medíocre? Mesmo? — ele disse levantando uma sobancelha condenatória.

— Bem, não se comparado ao de uma aldeã da Somália, mas nesse contexto, disse, apontando ao nosso redor, indicado nossos vizinhos consumistas. — Não sou de gastar muito... Sabe, Nick, você deveria estar feliz por ter se casado comigo. Você não daria conta dessas outras mulheres.

Segurei minha respiração, esperando que ele amolecasse, desse um sorriso sincero, me tocasse, em qualquer parte do meu corpo, e dissesse algo do tipo “É claro que estou feliz por ter me casado com você”.

Mas, em vez disso, parecia pensativo, deixando a conta de lado e começando a observar um catálogo da Barneys onde, por acaso, eu nunca havia comprado nada, enquanto ele dizia:

— Você acha que é tarde demais para encontrar uma babá para este fim de semana?

Talvez eu vá tomar uma cerveja por aí também...

— Com quem? — perguntei, me arrependendo instantaneamente, tentando retirar minha pergunta suspeita com um sorriso sincero.

Pareceu funcionar, mas mesmo assim ele hesitou, o que foi como uma faca em meu coração. Olhei para ele sabendo que reviveria esse segundo de silêncio e o olhar pasmo em seu rosto, assim como reviveria a maneira como ele tropeçou nas palavras que se seguiram:

— Ah, sei lá... Não sei... Sozinho talvez.

Sua voz sumiu enquanto eu preenchia o vazio nervoso:

— Vou ligar para Carolyn e ver se ela está livre — eu disse com a palavra facilitadora vindo em minha mente.

Então me virei e levei meus sapatos novos para o quarto, pensando que, se meu marido estivesse prestes a me trair, ao menos não era muito bom nisso.

Na quinta-feira pela manhã, April me convenceu a jogar tênis no lugar de sua parceira de sempre, que estava em casa com dor de barriga, em uma partida de treino contra Romy e sua parceira de muito tempo, Mary Catherine, conhecida nos grupinhos de tênis como MC porque às vezes gritava “Hora do Martelo”¹⁸ quando fazia um ace.

¹⁸ Menção ao rapper americano MC Hammer (hammer, em inglês quer dizer martelo), que tinha como lema a frase “Hammer Time”, que, em tradução literal, quer dizer “Hora do Martelo”. (N. da T.)

Em suma, as três levavam o tênis muito a sério, e eu tinha certeza de que minha experiência no time de tênis do colegial não estaria à altura da dedicação religiosa dessas mulheres que treinavam dez horas por semana. Tive mais certeza ainda quando vi Romy e MC entrando pomposas na quadra de tênis coberta, do clube Dedham Golf &

Polo, maquiadas e completamente emperiquitadas com suas roupas em perfeita combinação, inclusive as munhequeiras e os tênis, Romy de azul-claro e MC de lilás.

— Olá, garotas — disse MC com sua voz áspera, tirando sua jaqueta e chacoalhando os braços, com os bíceps saltando como os de uma nadadora olímpica.

— Desculpe pelo atraso — Romy falou prendendo seu cabelo loiro e curto em um pequeno rabo de cavalo e, então, alongando as pernas. — Foi uma manhã horrível, Grayson teve outra crise de choro a caminho da escola, meu decorador apareceu meia hora atrasado com amostras medonhas de tecido, e eu derramei um vidro de removedor de esmaltes no tapete do banheiro. Sabia que não deveria tentar fazer minhas próprias unhas!

— Ah, querida! Isso parece pavoroso! — April disse com o tom de voz alterado, como sempre fazia quando estava perto de Romy. Era como se ela quisesse impressioná-la ou conseguir sua aprovação, o que sempre achei estranho, já que April parecia ser mais inteligente e mais interessante que sua amiga.

— Então, Tessa — April nos contou que você é uma ótima jogadora — MC falou, indo direto ao assunto. Ela era a líder e capitã do time de tênis e, aparentemente, estava tentando preencher uma vaga em sua formação para os

jogos da primavera. Em outras palavras, eu estava evidentemente sendo testada naquele dia. — Você jogou na faculdade?

— Não — respondi ofendida pela informação incorreta.

— Jogou, sim — April disse correndo suas mãos pela sua raquete com cordas novas e, então, abrindo um tubo de bolas de tênis.

— Não, não joguei. Joguei no colegial. E não tocava em uma raquete fazia anos, até que parei de trabalhar — no ano passado — disse, esclarecendo as coisas e diminuindo a expectativa de todas, incluindo a minha. Mas, mesmo assim, senti uma corrente surpreendente de competitividade, algo que não sentia fazia muito tempo. Queria ser boa neste dia. Precisava ser boa. Ou ao menos competente.

Durante os minutos seguintes, nós quatro jogamos conversa fora e nos aquecemos, treinando saques enquanto eu me lembrava dos conselhos do meu instrutor de tênis em uma aula pouco tempo antes: mantenha os pés em movimento, segure firme na raquete e se aproxime da rede na segunda devolução do saque. Mas, assim que começamos a partida, toda a minha competência se esvaiu e, graças a minha incapacidade de rebater o saque ou fazer um ponto sequer quando era minha vez de fazer a devolução, April e eu rapidamente perdemos o set de três a zero.

— Desculpe-me — murmurei depois de uma devolução particularmente constrangedora, uma jogada fácil que acertei direto na rede. Eu estava falando principalmente com April, mas com Romy e MC também, já que não estava fazendo nada para ajudá-las a aperfeiçoar suas habilidades ou elevar seu nível de jogo.

— Não se preocupe — Romy gritou sem nem perder o fôlego e com a maquiagem ainda intacta. — Você está indo bem! — com um tom condescendente, mas encorajador.

Enquanto isso, recobrei o fôlego e enxuguei meu rosto com uma toalha, bebi um pouco de água e voltei para a quadra com determinação renovada.

Felizmente, depois disso, minha jogada pareceu melhorar um pouco e até fiz alguns pontos, mas depois de mais 30 minutos de jogo ainda assim estávamos diante do match point, que MC anunciava como se estivesse falando ao microfone na Centre Court, no campeonato de Wimbledon.

Senti uma súbita onda de ansiedade, como se o próximo ponto pudesse mudar minha vida. Segurando firme a raquete já em posição, vi MC alinhar seus pés atrás da linha de fundo, quicar a bola três vezes e me encarar, no que poderia ser uma simples visualização do campo, antes do saque, ou uma tentativa óbvia de intimidação.

— Saca logo! — ouvi April resmungar.

E finalmente jogou a bola no ar e ao mesmo tempo serpenteou sua raquete atrás de sua cabeça, dando uma cortada e soltando um grunhido no estilo Monica

Seles.

A bola chiou sobre a rede, girou para o lado e deslizou para fora da linha lateral para individuais no canto maior da minha área, me levando para fora da quadra.

Localizei a rotação e o ângulo, esticando-me em uma pose de ioga meio guerreiro, meio árvore em versão para o tênis à medida que estendia completamente meu braço e girava meu pulso. A armação da minha raquete quase não entrou em contato com a bola, mas, mesmo assim, consegui realizar uma devolução de direita alta e profunda.

Sentindo-me satisfeita, vi a bola ir em direção a Romy, que gritou:

— Minha! Minha! — uma instrução crucial quando se joga com MC.

Romy acertou um smash no meio da quadra.

— Vai, Tess! — April gritou enquanto eu, mais uma vez, me esticava para atingir a bola, desta vez com uma esquerda desajeitada que de alguma maneira mandou a bola para o outro lado da rede.

MC mandou um voleio alto de direita de volta para April, que devolveu de direita fazendo a bola girar. Meu coração se acelerou quando o bate--ponto de Romy mandou a bola de volta para mim e a devolvi com um mergulho para a quadra de MC.

E assim foi, até o ponto culminar em uma exibição dramática, com as quatro grudadas à rede, realizando voleios por reflexo, e, por fim, terminando quando MC pôs sua raquete sobre a bola atirando-a diretamente sobre mim.

Hora do Martelo.

— Fim de jogo! — ela gritou triunfante.

Forcei um sorriso quando andamos até as linhas laterais, onde bebemos nossa água e falamos sobre o último ponto, ou ao menos MC falou. Então ela se voltou para mim e mencionou que estavam procurando por uma nova jogadora na equipe.

— Você estaria interessada? — ela perguntou, enquanto April sorria orgulhosa de seu mais recente projeto, transformar-me em uma das madames de Wellesley.

— Claro — eu disse pensando que seria fácil me acostumar a esta vida, um pensamento que me veio, mais uma vez, depois de tomarmos banho, voltarmos a nos reunir e nos presentearmos com um almoço pós-partida na casa de sucos, bebendo shakes de proteína e dando início ao papo de mulher. Falamos sobre sapatos e jóias, Botox e cirurgia plástica, nossos regimes de dieta e exercícios (ou a falta deles) e nossas pajens, babás e empregadas. A conversa era, em grande parte, superficial e tediosa, como abrir uma revista de fofocas. Mas tinha de admitir, mesmo constrangida, que gostava da sensação de pertencer a um grupo, de fazer parte dessa elite tão exclusiva. Ocorreu-me que já não fazia parte de um verdadeiro grupo de amigos desde que Cate e eu entramos em uma fraternidade na faculdade. Talvez porque eu prefira ter amizades mais exclusivas, mas é mais

provável que seja porque agora eu tinha uma família. Também me ocorreu que Nick tiraria um sarro de nossa conversa, o que, por sua vez, fazia-me sentir na defensiva e mais ressentida ainda que antes.

Talvez por isso não tenha me incomodado quando Romy finalmente resolveu falar de Charlie.

— O Charlie Anderson voltou para a escola esta semana — ela disse, dando um gole em seu shake de manga, puxando o assunto cautelosamente.

— Isso é ótimo! — disse April, com uma voz um pouco mais alta.

Eu ecoei o sentimento, murmurando algo descomprometido, mas incentivador. Minha maneira de dar permissão para que Romy continuasse.

— Sim, eu sei — Romy falou soltando um enorme suspiro.

— Conte a elas sobre Grayson — MC disse.

Romy fingiu não conseguir, balançando a cabeça e olhando para a mesa.

— Não quero chatear a Tessa — ela disse.

— Não tem problema, e, seja lá o que for, não contarei a ninguém.

Ela me deu um pequeno sorriso de gratidão e então confidenciou:

— Grayson está passando por maus bocados na escola — ela disse, pois ainda está sofrendo de stress pós-traumático e acredito que ver o Charlie de novo trouxe de volta várias lembranças ruins.

— Isso deve ser difícil — eu falei, sentindo uma compaixão genuína.

— E, além disso — Romy completou —, o Charlie não tem sido muito legal com ele.

— É mesmo? — perguntei surpresa e, ainda assim, um pouco cética quanto à fonte dessa informação.

— Bem, ele não está sendo cruel nem nada. Ele só está... ignorando o Grayson.

Estão longe de serem amigos como eram antes.

Fiz que entendi, pensando na sala de Ruby, em como a síndrome de garota má já havia começado, a dinâmica da popularidade se alterando a cada semana à medida que as garotas escolhem a abelha rainha de 4 anos e se reorganizam de acordo com essa hierarquia. Até então, Ruby conseguira ficar em algum lugar intermediário, sem ser vítima nem predador. Era onde eu sempre conseguia permanecer e onde espero que ela também fique.

— Talvez ele seja tímido — eu disse —, ou esteja com vergonha.

— É, talvez — Romy falou. — Ele está usando uma máscara, como você deve saber.

Fiz que não e disse:

— Não, Nic e eu ainda não conversamos direito sobre o caso.

Romy disse:

— Bem, de qualquer maneira, acho que a volta de Charlie só faz com que o Grayson se sinta pior, talvez até mesmo um pouco culpado, já que aconteceu em

sua festa.

— Ele não deveria se sentir culpado — eu disse, o que era, obviamente, a verdade.

— E nem você — April falou a Romy.

Concordei, embora não tivesse certeza se queria ir tão longe assim nessa análise.

— Você encontrou com ela outra vez? Valerie Anderson? — MC perguntou. — Desde aquele dia no hospital?

— Não, graças a Deus — Romy disse mordendo o lábio inferior, parecendo estar perdida em seus pensamentos. Então ela balançou a cabeça. — Eu não entendo essa mulher.

— Nem eu — apoiou April.

E o rosto de Romy se iluminou enquanto ela se voltava para mim.

— A April te disse que vimos seu lindo marido no hospital? Que gracinha ele.

Fiz que sim e sorri, aliviada por não ter de participar da questão sobre a responsabilidade de Romy e da culpa correspondente.

— Adoro homens de avental — ela disse.

— É, eu costumava achar isso também — eu falei, com um ar de ceticismo em minha voz.

— O que aconteceu? — Romy perguntou sorrindo.

— Casei com ele — respondi rindo, mas apenas em parte brincando.

— Até parece — April disse e então se voltou para Romy. — Tessa tem o casamento perfeito, eles nunca brigam. E ele vai cuidar das crianças o fim de semana todo para que ela possa ir para Nova York se divertir.

— Ele consegue dar conta das crianças sozinho? — Romy perguntou surpresa.

Eu ia começar a contar que tinha Carolyn de prontidão para preencher o vazio entre minha partida na sexta-feira à tarde e seu retorno ao trabalho, assim como para dar a ele um descanso no fim de semana, mas April respondeu por mim, exagerando:

— Ele é ótimo com as crianças, o melhor pai. É verdade. Eles têm o casamento perfeito.

Olhei para ela me perguntando por que estava fazendo tanta propaganda de mim, dos meus filhos, das minhas habilidades no tênis e agora do meu casamento. Estava agradecida, mas tinha a impressão de que estava tentando compensar por alguma coisa. Talvez por eu não ter conseguido causar aquela primeira impressão instantânea de mulher descolada. Embora fosse bom saber que Nick conseguia. Com seu avental.

Romy e MC me olharam pensativas, o que fazia com que me sentisse como uma farsa, à medida que pensava em como haviam sido as últimas semanas em casa.

— Ninguém tem o casamento perfeito — eu disse.

MC abanou a cabeça vigorosamente:

— Ninguém — ela falou como se fosse um poço de experiência.

Ficamos em silêncio como se estivéssemos pensando cada uma no seu relacionamento, até que Romy disse:

— Falando nisso... Vocês ouviram falar da Tina e do Todd?

— Nem me fale — April disse tapando os ouvidos.

Romy fez uma pausa dramática e então sussurrou:

— Com uma prostituta.

— Ai meu Deus. Está brincando! — disse April. — Ele parecia um cara tão legal, por Cristo! Ele ajuda nas missas de nossa igreja.

— Bem, talvez também esteja roubando o dízimo.

MC perguntou se foi só uma vez, e Romy se voltou para ela e disse:

— E isso faz diferença?

— Acho que não — MC disse, terminando seu shake com um último e longo gole.

— Mas, só para saber, não. Não foi só uma vez. Parece que estava nessa fazia anos.

Igual ao, qual era o nome dele, o governador de Nova York.

— Eliot Spitzer — eu falei, me lembrando de como ficara obcecada por aquele escândalo com a prostituta e, principalmente, por sua esposa, Silda. Como fiquei impressionada quando ela subiu ao palanque atrás dele, com os olhos inchados e vermelhos, parecendo completamente derrotada e envergonhada, enquanto ele confessava e renunciava em rede nacional. Literalmente ficando ao lado de seu homem. Eu me perguntava como ela havia conseguido pensar no que vestir naquela manhã. Se ela havia procurado pela prostituta no Google, analisando suas fotos na internet ou nos tablóides. O que ela disse a seus amigos, a suas três filhas, a sua mãe, a ele.

— Pelo menos a Tina não tem de encarar toda uma nação — eu disse. — Conseguem imaginar?

— Não — disse Romy. — Não consigo acreditar que essas mulheres consigam aparecer na TV em rede nacional desse jeito.

— É mesmo — falou April —, eu iria embora em um piscar de olhos.

MC e Romy concordaram em voz baixa e então todas olharam para mim, esperando que eu contribuísse com o assunto, não me dando outra escolha a não ser dizer que concordava completamente. O que era verdade. Acho.

— Você acharia mais difícil perdoar a uma prostituta ou um caso? — April perguntou lendo minha mente.

MC gargalhou:

— Queimada viva ou afogada?

E, então, se virou para Romy e disse:

— Desculpe-me, querida. Escolha infeliz de palavras. Droga, sempre meto os

pés pelas mãos...

Romy balançou a cabeça angustiada e deu um tapinha na mão de MC.

— Tudo bem, querida. Sei o que quis dizer.

Então brincou com seu anel de diamantes, girando-o duas vezes ao redor do dedo e disse:

— Eu jamais perdoaria ao Daniel se ele dormisse com uma prostituta, é tão vulgar.

Não perdoaria algo tão baixo. Preferiria que se apaixonasse por alguém.

— Mesmo? — MC perguntou. — Eu acho que conseguiria superar algo que fosse só físico. Talvez não uma prostituta, mas algo simplesmente físico, coisa de uma noite só.

Mas, se Rick de fato amasse alguém... já seria outra história.

April parecia pensativa e então me perguntou:

— O que te incomodaria mais, Tessa? Sexo ardente ou amor?

Pensei sobre a pergunta por um segundo e respondi:

— Depende.

— Como assim? — Romy perguntou.

— Se ele estiver fazendo sexo ardente com a mulher que ele ama.

Elas começaram a rir, enquanto eu pensava na mensagem de texto, sentindo-me enjoada, torcendo para que nunca tivesse de descobrir o que exatamente faria em qualquer uma dessas situações.

Charlie Anderson tem uma cara roxa de ET.

Eram as palavras que Valerie sabia que ficariam marcadas na mente de seu filho para sempre, parte de sua indelével história de vida, assim como Summer Turner, a garota que o convenceu a tirar a máscara para mostrar as cicatrizes, antes de proferir essa declaração cruel que fez três outras crianças rirem, Grayson entre elas.

Aconteceu na sexta-feira da primeira semana em que Charlie voltou para a escola, assim que Valerie começou a se sentir otimista. Não estava completamente livre de problemas, mas estava fora da zona de perigo. Ela havia acabado de conseguir contestar uma moção para julgamento sumário perante um juiz conhecido por ser bastante misógino, deixando o fórum com a sensação renovada de confiança em si mesma, típica de quando se tem sucesso, e a impressão de ser boa em alguma coisa. A vida estava voltando ao normal, ela pensou, enquanto procurava suas chaves na bolsa e checava seu celular, vendo quatro chamadas não atendidas, duas de Nick e duas da escola. Ela havia desligado o telefone por apenas uma hora, regra do fórum, e, embora chegasse a pensar que algo poderia acontecer nesse curto espaço de tempo, não achou que realmente aconteceria. Imaginando a possibilidade de outro acidente e sabendo que poderia ter informações mais rápidas por intermédio de Nick que pela rede de secretárias da escola, entrou freneticamente no carro e começou a discar seu número, preparando-se para mais um relatório médico.

— Oi, Val — Nick atendeu de tal maneira que confirmava a Valerie que as ligações eram, sim, sobre Charlie e que algo ruim havia acontecido, mas que não era tão terrível quanto temia. Ela sentiu seu pânico diminuir levemente quando perguntou:

— O Charlie está bem?

— Sim, ele está bem.

— Ele não se feriu?

— Não... Não fisicamente... Mas houve um incidente — Nick disse com calma. — A escola tentou te ligar primeiro...

— Eu sei, estava no tribunal — ela explicou sentindo uma culpa avassaladora por não estar disponível, e mais ainda por se permitir preocupar-se com o trabalho, mesmo que por apenas um segundo.

— Você ganhou?

— Sim.

— Meus parabéns.

— Nick, que tipo de incidente?

— Ah... um incidente no parquinho.

O coração de Valerie murchou enquanto ele prosseguia:

— Uma menina o chamou de uma coisa, algumas crianças riram, Charlie ficou bravo e a empurrou do trepa-trepa. Ela está com alguns arranhões. Os dois estão aqui na sala do diretor.

— Onde você está?

— Com o Charlie, só saí da sala para atender sua ligação. Quando sua secretária disse ao diretor que você estava no tribunal, Charlie passou meu número para eles. Ele estava muito chateado por causa da ofensa da garota e por ter se metido em encrenca.

— Ele está chorando? — ela perguntou com o coração aos pedaços.

— Não mais... Ele já se acalmou... Ficar bem.

— Desculpe-me... — Valerie disse, sentindo-se de alguma maneira surpresa por Charlie não ter ligado para Jason ou sua mãe antes de procurar por Nick — Sei quanto você é ocupado...

— Por favor, não se desculpe. Estou contente por ele ter me ligado... Estou contente por estar aqui.

— Também estou — ela falou pisando no acelerador e tendo uma sensação de déjà vu. — Estarei aí o mais rápido possível.

— Não tenha pressa, tome cuidado. Eu ficarei por aqui.

— Obrigada — disse Valerie. Ela quase desligou o telefone, mas, em vez disso, criou coragem para perguntar o que a menina havia dito a Charlie.

— O quê? — Nick disse tentando ao máximo se esquivar da pergunta.

— A menina. O que ela disse para o Charlie?

— Ah... isso... Foi ridículo... Não importa.

— Pode falar — ela disse se preparando.

Ele hesitou e, então, respondeu com a voz tão baixa e abafada que fez com que ela não tivesse certeza do que havia ouvido. Mas tinha. Então balançou a cabeça com raiva, quase surpresa com o ódio que conseguia sentir por uma criança de 6 anos.

— Val? — Nick disse, com uma voz terna fazendo seus olhos se encherem de lágrimas.

— O quê?

— Isso só vai torná-lo mais forte.

Minutos depois, uma recepcionista da escola conduziu Valerie até a sala do diretor, uma sala imponente, decorada com tapetes orientais, móveis antigos e uma grande estátua de um cavalo de bronze. Primeiro ela avistou Summer, empoleirada em uma poltrona de couro, fungando e com os braços cruzados, com um cabelo loiro platinado comprido, olhos verdes brilhantes e um nariz arrebitado delicado, lembrava uma Barbie pré-adolescente. Com certeza era

uma garota precoce, usando uma saia jeans extremamente curta, botas cor-de-rosa e gloss labial cintilante. Valerie se lembrou de ter pensado que ela tinha jeito de encrenqueira já no primeiro dia de aula, quando viu um trio de garotas com seus cabelos castanho-claros seguindo-a por todo lugar como criadas. Ironicamente, ela também se lembrava de se sentir aliviada por ter um menino.

Eles eram bem menos complicados, principalmente os que ainda não tinham a tendência de se apaixonar. Pelo menos por enquanto, Charlie ainda era imune aos encantos de Summer.

Mas isso era antes.

Cara roxa de ET.

Ela fez contato visual com Summer, dando seu melhor para transmitir telepaticamente seu ódio enquanto entrava pelo escritório, desta vez avistando Charlie, Nick e o Sr. Peterson, o diretor, um homem alto e esbelto com rosto jovial, cabelos grisalhos precoces e óculos de armação de ferro redonda.

— Obrigado por vir — o Sr. Peterson disse se levantando de trás de sua imponente mesa de madeira de nogueira. Ele ceceava um pouco e tinha um jeito modesto, o que compensava sua posição de autoridade.

— Claro — Valerie falou, e então se desculpou por não estar disponível quando ligaram da primeira vez.

— Imagine, estamos todos bem. Tivemos a oportunidade de conversar, e foi maravilhoso conhecer o Dr. Russo — ele disse, fazendo com que Nick se levantasse parecendo sem graça e, então, sussurrasse para Valerie:

— Vou esperar lá fora — então ele cumprimentou Sr. Peterson trocando elogios antes de sair discretamente.

Valerie sentou-se na cadeira em que Nick estava pousando sua mão no joelho de Charlie. Olhou para ele, mas ele se recusou a olhar para ela, olhando fixamente para os cadarços de seus tênis amarrados com dois nós. Sua máscara estava de volta em seu rosto e Valerie teve a sensação de que permaneceria lá por um bom tempo.

— Só estamos esperando pela mãe da Summer — Sr. Peterson explicou, batendo com os dedos na beirada de sua mesa. — Ela também está vindo do trabalho, deve chegar logo.

Depois de um pouco de conversa-fiada, uma mulher mais velha e robusta, com cabelo curto e um terno mal ajustado e, ainda por cima, com ombreiras, surgiu esbaforida na sala. Sem esperar que o diretor a apresentasse, foi cumprimentar Valerie com uma mistura incomum de confiança e timidez.

— Sou Beverly Turner — ela disse. — Você deve ser a mãe do Charlie, contaram-me o que aconteceu. Mil desculpas — então ela se ajoelhou e pediu desculpas também a Charlie, enquanto Summer começava a soluçar, uma tentativa óbvia de pedir por compaixão que não funcionou. Em vez disso, Beverly lançou-lhe um olhar furioso, que acabou por desarmar Valerie mais ainda. Ela

conseguiu sentir alguma compaixão pela menina, algo que pensava ser impossível apenas segundos antes de Beverly chegar.

— Você pediu desculpas para o Charlie? — Beverly perguntou à filha com o rosto austero.

— Pedi — Summer respondeu com o lábio inferior trêmulo.

Beverly não se deixou afetar e virou para Charlie pedindo confirmação:

— Ela pediu?

Charlie fez que sim ainda olhando para seus tênis.

— Mas ele não pediu desculpas para mim — Summer protestou choramingando — pelo que fez comigo.

— Charlie? — Valerie pediu.

Ele ajustou sua máscara e balançou a cabeça se recusando.

— Dois erros não formam um acerto — Valerie continuou, embora acreditasse em segredo que talvez formassem. — Peça desculpas por tê-la empurrado.

— Desculpa — Charlie disse — por ter te empurrado.

— Bem, então... Muito bem, muito bem — disse o Sr. Peterson parecendo satisfeito.

Suas mãos se uniram enquanto Valerie observava seu anel de sinete de ouro. Ela fingiu ouvir o discurso eloquente do Sr. Peterson que se seguiu. Lindas palavras sobre convivermos bem e sermos membros respeitosos da comunidade. Mas não conseguia parar de pensar em Nick, esperando-a do lado de fora, pensando que o amava na mesma proporção, que temia quanto se tornara dependente dele.

Sr. Peterson concluiu sua fala levantando-se, dispensando as crianças pelo resto do dia e cumprimentando as duas mães. Assim que saíram da sala, Valerie soltou um suspiro de alívio enquanto Beverly diminuía o volume de sua voz e se desculpava mais uma vez. Sua expressão era angustiada e sincera, bem mais sincera que todas as expressões de Romy.

— Sei que você passou por tanta coisa nestes últimos tempos. Sinto tanto por Summer contribuir para esse fardo. — Então deu as costas para a filha e disse com a voz ainda mais baixa:

— Acabei de me casar pela segunda vez... Tenho duas enteadas agora, adolescentes, e acho que a adaptação tem sido muito difícil para Summer. Não que esteja procurando justificar o que minha filha fez.

Valerie concordou, sentindo uma compaixão genuína pela situação de Beverly, pensando que quase preferia ter uma vítima a uma criança má em casa. Quase.

— Obrigada — ela disse e então avistou Nick esperando por eles na saída, o que fez sua pulsação se acelerar. Charlie correu na direção de Nick, segurando em sua mão e indo com ele até o estacionamento.

Ela se despediu de Beverly, com a estranha sensação de que poderiam de fato

ser amigas. Pouco depois, estava em frente ao seu carro observando enquanto Nick abria a porta para Charlie, ajudava o garoto a se acomodar e passava o cinto de segurança sobre seu peito franzino.

— Vai ficar tudo bem, amiga — ele disse.

Charlie concordou como se de fato acreditasse em Nick, mas então disse:

— Eu odeio o jeito como estou.

— Ei. Espere aí. Só um segundo. Você está dizendo que odiou o meu trabalho?

— Nick foi até ele e delicadamente removeu sua máscara, apontando para o lado esquerdo do rosto de Charlie. — Eu que fiz essa pele. Você não gostou do meu trabalho? Da minha obra-prima?

Charlie deu um pequeno sorriso e disse:

— Gosto sim da sua obra-prima.

— Ah, bom... Fico feliz... Porque eu gosto do seu rosto. Gosto muito dele.

O sorriso de Charlie se alargou, enquanto Nick fechava a porta do carro e se inclinava para sussurrar no ouvido de Valerie:

— E eu amo o seu rosto.

Valerie fechou os olhos e sentiu o cheiro de sua pele, sentindo uma onda de atração e adrenalina que fez com que se esquecesse de onde estava por alguns segundos desconcertantes. Quando a sensação passou, algo chamou sua atenção do outro lado do estacionamento. Uma mulher sentada em uma Range Rover observando-os. Valerie apertou os olhos contra o sol olhando direto para Romy, que a estava observando atentamente com uma expressão de surpresa e especial satisfação.

CAPÍTULO 29

TESSA

Sair com a Cate é melhor que fazer terapia, decidi enquanto passeávamos pela Rua Bank passando pelos paparazzi reunidos na calçada do lado de fora do restaurante Waverly Inn, onde Cate garantiu que conseguiríamos entrar sem fazer reserva, referindo-se de maneira brincalhona à sua fama de persona non grata.

— Eles sabiam que você viria? — perguntei, apontando para os câmeras que fumavam na entrada com suas jaquetas esportivas e seus gorros pretos.

Ela me mandou parar de ser tola, pois provavelmente havia uma celebridade de verdade lá dentro, enquanto um par de garotas de 20 e poucos anos com os cabelos milimetricamente desalinhados confirmava.

— Sim, o Jude Law — a morena disse erguendo a mão para chamar um táxi, enquanto a loira retocava o gloss sem a ajuda de um espelho e murmurava sonhando:

— Ele é tão lindo... e o amigo dele também não era de se jogar fora.

E a morena completou:

— Eu não expulsaria nenhum deles da minha cama, pode ter certeza — falaram um pouco antes de entrar em um táxi para continuar a peregrinação pelos pontos de encontro da cidade.

Eu sorri pensando que era exatamente isso de que precisava naquela noite, ir a um restaurante da moda em West Village na companhia de estrelas dignas da atenção de paparazzi e de uma linda multidão, um contraste absoluto com minha vida real. Em algumas noites desde que virei mãe, uma cena dessas poderia me intimidar, fazer-me sentir velha demais e consideravelmente perdida. Mas naquela noite eu tinha a sensação de que não tinha nada a perder, ao menos não havia nada que eu pudesse perder em uma mesa ao lado de Jude Law, onde Cate e eu acabamos nos sentando.

Logo depois que pedimos duas taças de vinho Syrah, consultei meu relógio pensando nas crianças e nos horários de Carolyn. Todos os detalhes que orquestrarei para garantir que o fim de semana corresse bem sem a minha presença. Nick, neste momento, estaria voltando do trabalho, e eu sentia um prazer secreto pelo fato de saber que eu estava fora e que ele estava em casa pondo as crianças para dormir.

— Então — eu disse olhando ao redor do ambiente surrado, mas ainda assim sofisticado, onde estávamos —, este é o novo restaurante do momento?

— Novo não, meu Deus, Tess. Você esteve longe por um bom tempo mesmo, mas ainda é legal. Quer dizer, estamos aqui, não estamos? — ela gritou

superando o barulho aconchegante, gesticulando, jogando os cabelos fartos e iluminados para trás, depois os deixando cair sobre os fios loiro--avermelhados e, então, rapidamente se tornando sua marca registrada. Ciente de que às vezes era reconhecida, fingia não perceber, casualmente lançando olhares na direção de Jude Law. Ela abriu um sorriso, as covinhas ao redor de sua boca se destacaram, e então se inclinou sobre a mesa e disse:

— Não olhe agora, mas adivinhe quem acabou de olhar para a gente?

— Eu não sei quem acabou de olhar para você — eu falei —, pois posso garantir que ninguém está olhando para mim.

— Está sim — ela disse — e aquela garota lá fora estava certa. O amigo dele é uma gracinha, talvez até mais bonito que o Jude Law. Pense em uma mistura de Orlando Bloom e... Richard Gere.

Virei o rosto e olhei por sobre meu ombro, mais por não conseguir imaginar uma combinação assim e por querer um colírio para os meus olhos, enquanto Cate me censurava:

— Eu disse para não olhar agora.

— Que seja, Cate — eu disse balançando a cabeça —, não importa.

— Poderia importar.

— Talvez para você.

— Para você também, afinal paquerar não dói.

— Sou mãe de dois filhos — expliquei. — Estou fora do jogo.

— E daí? Você nunca ouviu a expressão MILF? — ela falou.

Pareci confusa enquanto ela jogava o cabelo para o outro ombro e explicava:

— Mãe que eu gostaria de comer.¹⁹

19 MILK, mother I would like to fuck, em inglês, é um acrônimo que indica uma atração por mulheres mais velhas. (N. da T.)

— Cate!, eu disse. — Não seja tão vulgar.

— Desde quando você é tão puritana assim?

— Desde que dei à luz, duas vezes — eu disse, ciente do fato de sempre ficar mais tensa quando estou perto de Cate, enquanto ela fica mais superficial e extrovertida perto de mim, nenhuma das duas refletindo de fato como realmente são. É quase como se esperássemos que nossos extremos levassem a outra de volta a algum lugar intermediário, onde nós duas começamos, anos atrás. Mas, por outro lado, talvez tenhamos de fato nos tornado versões exageradas de nós mesmas. Talvez só piore com o passar do tempo, acho. Um pensamento deprimente, pelo menos a meu ver.

Ela deu de ombros e disse:

— E daí? Você é mãe de duas crianças? E isso lá significa que você não pode

mais se divertir? Que você tem de ficar lá na sua casa com o cabelo desganhado e calça jeans baggy pregueada?

— E não pode ser calça jeans baggy sem pregas? — disse impassível. Embora, na verdade, eu não tenha ido tão longe assim. Ainda não havia sucumbido a esse tipo de calça. — Você acha que é por isso que o Nick está me traindo?

Ela ignorou essa última pergunta, assim como ignorou minhas últimas cinco referências a Nick e a sua infidelidade, e falou:

— Voltando ao Jude Law, por favor.

— Ele não dormiu com a babá dele?

— Tenho certeza de que ele não dormiu com a babá dele — ela disse —, ele dormiu com a babá dos filhos dele. E, droga, Tess, isso foi há um milhão de anos. Como você guarda rancor! Você ainda deve estar zangada com o incidente do Hugh Grant com a Divine Brown? E o Rob Lowe e o vídeo de sexo?

— Não estou zangada com nenhum deles, sempre acreditei em segundas chances. Para todos, com exceção de Nick — disse enfaticamente, pensando em minha conversa com Romy, April e MC, sentindo-me finalmente decidida quanto ao assunto, prostitutas, casos amorosos ou qualquer coisa do tipo. Todos indefensáveis, todos imperdoáveis.

Essa era minha opinião final, decidi em silêncio.

Ela me olhou incrédula, recusando-se firmemente a acreditar que Nick pudesse ser qualquer coisa que não um homem decente.

— Ah, por favor. Diga que deixou de lado essa suspeita maluca? — ela disse, reduzindo o volume da voz quando nossos vinhos chegaram.

— Eu não sei, respondi pensando em quanto Nick havia se esquivado de mim naquela tarde. Como ficara indisponível praticamente o dia todo, mesmo quando liguei três vezes do aeroporto. Tomei meu primeiro gole de vinho sentindo uma tontura instantânea, ou no mínimo uma sensação boa, suficiente para me anestesiarem enquanto dava minha próxima declaração:

— Ou ele está aprontando alguma coisa ou está fora de si. Está super distante, algo está acontecendo.

Cate deu um sorriso com desdém, recusando-se a levar o assunto a sério.

— O.k. Se ele estivesse aprontando alguma coisa, e eu sei que não está, você iria até lá? — ela perguntou, indicando a cabine do canto outra vez.

— Lá onde? — perguntei.

— Você daria o troco? Teria um caso também? Transaria com alguém só para se vingar?

Tomei um gole mais longo de vinho e brinqueei:

— Claro que sim, que se dane. Talvez eu até fizesse um ménage! — eu disse, fazendo o possível para chocá-la, o que, é claro, não funcionou.

— Jude mais o amigo dele? — ela perguntou parecendo intrigada com a idéia,

ou talvez se lembrando de algo semelhante que fizera em seu passado vibrante. Ou em seu presente ainda vibrante.

— Claro! — eu disse entrando na brincadeira. — Ou Jude e sua babá.

Cate riu e então me entregou o cardápio, dizendo que já sabia o que queria pedir.

— E o que vai pedir? — perguntei explorando minhas opções.

— A salada de friséé aux lardon,²⁰ a musse de fígado de galinha e a alcachofra no vapor — ela enumerou, mostrando que obviamente já era freguesa do lugar.

20 Friséé aux lardon é uma salada de chicória com bacon. (N. da T.)

— E um pouco de Jude Law para sobremesa?

— Isso mesmo — ela disse sorrindo.

Mas, pouco depois de acabarmos de jantar, assim que encontramos Dex e Rachel para um drinque no bar do restaurante, Jude e seu amigo receberam a companhia de duas loiras, ambas com aparência de modelos, com quase dois metros de altura, lindas de morrer e sem uma única linha de expressão no rosto. Apesar de saber que Cate estava, em grande parte, brincando sobre Jude Law, percebi que ficou decepcionada ao ver que suas chances com ele tinham ido por água abaixo, e ainda mais deprimida por constatar que as garotas deveriam ser uma década mais jovens que nós.

— Que previsível — ela disse, enquanto as carícias começavam.

— O que está acontecendo? — Rachel perguntou.

— Jude Law — expliquei — ali no canto.

Ela se virou o mínimo necessário para dar uma olhada, enquanto Dex se virou rapidamente em 180o.

— Jesus! Vocês são parentes mesmo! — Cate disse com um sorriso terno. — Sua irmã quase quebrou a coluna para olhar, também.

Dex virou-se de volta e colocou o braço em meu ombro, confiante demais para se sentir reprimido por Cate.

— Então, como foi o show? — perguntei me referindo à peça off-Broadway a que haviam acabado de assistir, uma das várias coisas que Dex fazia com Rachel com prazer — fosse quando ela pedisse, fosse quando ele mesmo queria ir, as duas possibilidades me enchendo de inveja.

— Foi interessante — Dex disse —, mas a Rachel dormiu no meio.

— Que mentira! — ela falou franzindo a sobrancelha enquanto olhava para um botão solto em seu longo cardigã preto transparente. — Só descansei os olhos por um segundo.

— Enquanto você roncava e babava — Dex disse tentando abrir caminho para chegar ao bar para pedir uma Vodka Martini para Rachel e uma cerveja light

para ele. Então, fez uma careta e disparou:

— Jude Law? Ele não dormiu com a babá dele?

Comecei a rir orgulhosa do conhecimento de meu irmão sobre as fofocas, e ainda mais orgulhosa por saber que ele não aprovava essas besteiras, o que, combinado à minha tontura desta vez ainda mais forte, me encorajou a perguntar:

— Você acha que Nick seria capaz de fazer algo assim comigo?

— Não sei — Dex respondeu. — Suas babás são muito gostosas?

Forcei um sorriso. Um sorriso que meu irmão deve ter entendido bem, pois olhou para mim confuso e então olhou para Cate e perguntou:

— O que está acontecendo, hein?

— Nada — Cate respondeu dando um tapa em minha coxa. — Ela só está sendo paranóica.

Dex olhou para mim novamente, esperando por uma explicação. Senti que Rachel também olhava quando hesitei e então expliquei:

— Eu só... tive um pressentimento ruim recentemente.

— O que quer dizer? — Dex perguntou. — Que tipo de pressentimento ruim?

Engoli em seco e dei de ombros, incapaz de responder por medo de começar a chorar.

— Ela acha que o Nick pode estar tendo um caso — Cate respondeu por mim.

— Mesmo? — Dex perguntou.

Fiz que sim, desejando não ter deixado o ambiente tão pesado, pensando em quanto era deprimente ter essa conversa bêbada em um bar.

— Diga a ela que isso nunca aconteceria — Cate continuou com seu entusiasmo usual de quando tem convicção plena de algo.

— Não consigo perceber isso — Dex disse de maneira mais séria, enquanto Rachel ficava visivelmente quieta.

— Você está mesmo preocupada? — meu irmão perguntou. — Ou é apenas mais uma de suas perguntas hipotéticas?

— Estou... moderadamente preocupada — confessei hesitante e, então, decidindo que já era tarde demais para voltar atrás, terminei meu vinho e confessei todos os meus temores, contando detalhadamente sobre o mistério da mensagem de texto e perguntando por sua opinião de homem cândido. — Seja sincero, isso não parece suspeito?

— Bem, não gostei da parte do “pensando em você” — Dex falou passando a mão no cabelo. — Definitivamente soa como uma mulher... Mas não é tão condenatório assim. Essa é a única prova que tem contra ele?

— Isso e o fato de ele parecer muito distante ultimamente...

Rachel fez que sim com a cabeça um pouco rápido demais para o meu conforto, como se quisesse dizer que havia percebido esse comportamento durante a última visita que nos fizeram.

— Você percebeu, não foi? — perguntei a ela.

— Bem... não sei... — ela enrolou. — Na verdade não...

— Por favor, Rachel — eu disse deixando de lado meus habituais sentimentos de competição em relação aos nossos casamentos. — Diga, ele pareceu estranho quando você foi nos visitar?

— Estranho não — ela respondeu trocando um olhar com Dex que revelava que com certeza haviam falado sobre nós. — Ele só estava... um pouco distraído, naturalmente... acho que isso acontece porque ele se entrega demais ao trabalho. O que é louvável. Mas consigo enxergar como isso pode ser frustrante para você... Mas nada disso significa que esteja necessariamente te traindo — e sua voz foi diminuindo, deixando-me com um frio na barriga.

— Por que você não pergunta a ele? — Dex sugeriu, enquanto o barman servia seus drinques e eu pedia outro. — Não seria mais fácil? Em vez de ficar especulando?

— Como assim? — eu perguntei. — Simplesmente pegá-lo de surpresa e perguntar se está me traindo?

Dex deu de ombros e disse:

— E por que não? Rachel já me perguntou isso.

Ela bateu em seu ombro e falou:

— Que mentira!

— Tudo bem, era com você que eu estava tendo um caso — ele disse. O que fez com que aquela fosse a primeira vez em que ele admitia abertamente as circunstâncias do início do relacionamento dos dois. Ele tocou o nariz de Rachel, enquanto ela lançava um olhar de desprezo e seu rosto enrubescia.

Enquanto isso, Cate fingia que aquela era uma revelação chocante:

— Vocês dois tiveram um caso? — ela perguntou, ávida por mais informações.

Dex fez que sim sem se alterar e respondeu:

— Basicamente.

— Quando você estava noivo daquela outra garota? — Cate perguntou.

— Sim — Dex respondeu, enquanto Rachel se contorcia em seu banco e dizia o nome de seu marido em um protesto silencioso.

— Ah, por favor, Rachel, qual é o problema? — Dex perguntou. — Isso foi há muitos anos, agora estamos casados e temos dois filhos, e somos todos amigos novamente.

Rachel mexia seu drinque enquanto Cate arregalava os olhos:

— Vocês ainda são amigos da... qual é o nome dela mesmo?

— Darcy — Rachel respondeu confirmando. — Sim... somos todos amigos novamente.

— Bons amigos? — Cate perguntou consternada, finalmente atingindo seu limite de choque.

— Acho que se pode dizer que sim — Rachel disse com um olhar indiferente.

— Ótimos amigos, é.

— As duas se falam todos os dias — Dex adicionou.

— Sêrio mesmo? — Cate perguntou.

— Todos os dias, — Dex confirmou — várias vezes ao dia, aliás. Estão até fazendo planos para viajarmos todos juntos. Nós quatro. Vou poder esquiar com a minha ex-noiva.

— Tudo bem, então o que posso tirar disso tudo? — perguntei em tom irônico.

— Que se Nick estiver tendo um caso, talvez eu ganhe uma nova melhor amiga? Uma companheira para viajar?

Rachel descruzou os braços e tirou uma azeitona do palito de dente deslizando-a até sua boca. Mastigou, engoliu e então perguntou:

— É Dex, o que quer dizer com isso exatamente?

— Sei lá — ele disse dando de ombros —, só achei que estávamos fazendo confissões. A Tess lê as mensagens do Nick e eu... eu traí minha noiva com você.

Rachel então limpou a garganta e disse:

— Acredito que o que ele quer dizer é que até os homens bons podem trair... Mas isso só acontece se estiverem no relacionamento errado, e se for pela pessoa certa. E, como você e Nick têm um ótimo relacionamento, você realmente não tem com o que se preocupar.

Dex concordou e adicionou:

— Pode parecer uma desculpa qualquer, uma justificativa. Mas, na verdade, acho que isso acontece com as pessoas, porém não acho que aconteça quando as pessoas estão felizes juntas. Quando o relacionamento está onde deve estar.

Fiz que entendi e peguei o celular em minha bolsa, torcendo para ver o nome de Nick na minha caixa de entrada, sentindo-me aliviada por ver que havia me ligado duas vezes na última hora. Então me senti culpada por falar dele, mesmo que com minha família e minha melhor amiga.

— Ele ligou? — Cate perguntou.

— Ligou, duas vezes — eu disse quase sorrindo.

— Viu só? Ele está sendo acusado injustamente. Está em casa, sendo babá das crianças, ligando para você diversas vezes... — Cate disse.

Então a interrompi e falei:

— Não se é babá quando se trata dos próprios filhos — mas, quando estava prestes a guardar o telefone, percebi um e-mail da April, com o título de Urgente. Embora tivesse certeza de que não se tratava de nada urgente, mas sim um de seus e-mails de sempre, sobre um de nossos tópicos corriqueiros, ou seja, as crianças, receitas, tênis, decisões de compras ou fofocas da vizinhança, cliquei sobre ele e li.

— Droga — ouvi-me dizer em voz alta, balançando a cabeça enquanto relia as frases: Ligue-me o mais rápido possível. É sobre o Nick.

— O que foi? — Cate perguntou.

Sem palavras, entreguei o telefone a ela, que silenciosamente o passou para Dex enquanto Rachel lia por cima de seus ombros. Todos ficaram em silêncio enquanto eu olhava para o outro lado, minha vista ficando turva e minha cabeça latejando, como se estivesse trazendo mais cedo a ressaca que tinha certeza que teria na manhã seguinte.

Meu marido está me traindo, pensei desta vez certa disso. Alguém o viu com outra mulher. Alguém sabe de alguma coisa. E a informação chegou até April, que sentiu que não tinha escolha a não ser me contar. Não havia outra explicação. Mesmo assim, uma pequena parte de mim ainda se apegava à mínima e frágil esperança enquanto eu assistia à Rachel tropeçando nas palavras e tentando se agarrar à mesma possibilidade.

— Pode ser qualquer coisa — ela disse com a voz suave e preocupada.

— Como o quê? — perguntei.

Ela me olhou pasma enquanto Cate tentava outra abordagem tranquilizadora:

— A April é desesperada, adora um drama. Você mesma já me disse isso. Pode ser uma prova circunstancial. Não tire conclusões precipitadas.

— Ligue logo para ela — Dex disse com os olhos em chamas, sua mandíbula caindo em um ângulo que demonstrava sua raiva enquanto eu rapidamente analisava quem ganharia em uma briga, meu marido ou meu irmão? — Ou ligue para o Nick. Ligue para alguém, Tess.

— Agora? — perguntei com o coração começando a bater mais forte, o ambiente girando ao meu redor.

— Sim — ele disse. — Agora mesmo.

— No bar? — Rachel perguntou ansiosa. — Aqui está muito barulhento.

— Bem barulhento — Cate concordou lançando um olhar apreensivo para Dex.

E eles começaram a discutir qual seria minha estratégia, para quem deveria ligar primeiro e onde deveria ir para ter a conversa que possivelmente mudaria minha vida. Se ela seria no banheiro feminino, em outro bar, na rua ou no apartamento de Cate.

Balancei a cabeça e guardei o telefone em minha bolsa.

— O que você está fazendo? — perguntou Dex.

— Não quero saber — respondi completamente ciente de quanto eu soava infantil.

— Como assim? — ele perguntou incrédulo.

— Não quero saber... Pelo menos não agora, não esta noite — falei mais uma vez, surpreendendo a mim mesma, assim como às três pessoas que mais me conhecem e me amam além de Nick. Ou talvez, pelo jeito, ao contrário de Nick.

CAPÍTULO 30

VALERIE

Valerie passou o resto da tarde com Charlie, fazendo o possível para distraí-lo com suas atividades favoritas. Fizeram sanduíches com calda quente, assistiram ao filme Guerra nas Estrelas, leram em voz alta o livro Uma Dobra no Tempo e fizeram duetos engraçados no piano. Apesar do que havia acontecido naquele dia, eles estavam se divertindo, tendo o tipo de diversão mais prazeroso e gratificante que pode existir entre pais e filhos. Mas o tempo todo ela sentia a falta de Nick, ansiando por seu toque e contando os minutos até que pudesse encontrá-lo mais tarde, como combinaram.

Então estavam finalmente a sós de novo, Charlie dormia no andar de cima, tendo literalmente cochilado sobre os nuggets de frango. Eles haviam acabado de jantar linguine com mariscos, que Nick trouxera do Antonio's e que comeram à luz de velas, e foram para a sala de TV, onde as cortinas estavam fechadas, a luz estava mais baixa e Willie Nelson cantava Georgia on My Mind, parte de uma seleção aleatória de músicas suaves que Valerie fizera pensando em Nick. Ainda não haviam se tocado, mas ela tinha o pressentimento de que se tocariam em breve, de que algo significativo, irreversível e que possivelmente mudaria sua vida estivesse prestes a acontecer. Ela sabia que o que estava sentindo era errado, mas acreditava naquele sentimento. Acreditava em Nick. Dizia a si mesma que ele jamais a conduziria por esse caminho se não tivesse um plano, se não acreditasse nela também.

Ele pegou em sua mão e disse:

— Estou feliz por ele ter empurrado aquela pestinha do trepa-trepa.

Valerie sorriu.

— Eu sei... Se bem que a mãe dela era muito simpática.

— É mesmo? — Nick perguntou.

— Sim, por incrível que pareça.

— É sempre legal quando as pessoas te surpreendem de uma maneira boa — ele disse, fazendo um redemoinho com o vinho em sua taça e dando um longo gole.

Ela o observava tentando adivinhar o que estava pensando, mas sem querer fazer uma pergunta tão tola como essa. Em vez disso, perguntou:

— Por quanto tempo você pode ficar?

Ele lançou um olhar sincero, limpou a garganta e disse que tinha uma babá. Uma garota que não tinha problema nenhum em ficar até o início da manhã. Então ele olhou para seu vinho e falou:

— A Tessa está em Nova York este fim de semana, visitando uma amiga e seu

irmão.

Era a primeira vez que ele falava de sua esposa há semanas, desde que a atração entre eles se transformou em tensão sexual. Também era a primeira vez, desde que se conheceram, que ele dizia seu nome.

Tessa, ela pensou, o nome dela é Tessa.

Esse nome doce e suave evocava uma amante dos animais, gentil e alegre. O tipo de mulher que vestia lenços descolados de cores vibrantes, que usava jóias de marca e que amamentou seus filhos até que completassem um ano, ou talvez por mais tempo.

Uma mulher que patinava no gelo sobre lagos congelados no inverno e queimava incenso o ano todo. Uma mulher que tinha uma covinha ou um pequeno espaço entre os dentes da frente, ou alguma outra peculiaridade física graciosa.

De repente, Valerie percebeu que esperava, inconscientemente, por um nome mais duro e elegante, como Brooke ou Reese, ou um nome frívolo, típico de meninas mimadas, como Annabel ou Sabrina. Talvez um antiquado e enfadonho como Lois ou Frances, ou até mesmo algum nome comum na sua geração, que não trazia à mente nenhuma conotação, como Stephanie ou Kimberly. Mas não. Nick se casou com uma Tessa, um nome que a enchia de uma tristeza inesperada, mais perturbadora que a culpa que pairava constantemente em sua mente. Uma culpa que Valerie achava difícil demais de examinar a fundo, pois tinha medo de que fosse interferir no que ela tanto desejava.

Nick tocou seus pés descalços nos dela, as pernas dos dois esticadas sobre a mesa de centro. Ela apertou sua mão, como se quisesse esmagar a culpa e o choque de perceber que era capaz de fazer algo assim. De estar ali, daquele jeito, com um homem casado. De esperar ansiosamente que os dois, em breve, comesçassem a se tocar em todas as partes do corpo e de torcer para que, talvez um dia, ele pertencesse a ela. Era um sonho distante e egoísta, mas que parecia assustadoramente possível.

Mas antes ela devia contar a ele sobre aquele momento no estacionamento, sobre o olhar no rosto de Romy, uma omissão que temia pudesse ser importante o suficiente para alterar o curso dos acontecimentos. Então ela segurou ainda mais firme em sua mão e disse:

— Tenho que te contar uma coisa.

— O que é? — ele perguntou levando a mão de Valerie até sua boca e beijando seu polegar.

— Hoje, no estacionamento, depois que saímos da escola...

— Sim? — ele disse, olhando para ela, um traço de preocupação surgindo entre suas sobrancelhas. Mexeu mais uma vez o vinho na taça e deu um gole.

Ela se sentiu hesitar, mas continuou:

— Quando estávamos em pé ao lado do carro... vi a Romy. Ela estava nos

observando.

Ela nos viu juntos.

Ele parecia preocupado, mas fingiu não estar enquanto dizia:

— Bem. Faz sentido, não faz?

Valerie não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, então perguntou:

— Você acha que isso pode ser um problema?

Nick fez que sim e disse:

— Pode.

Essa não era a resposta que ela queria escutar.

— Mesmo?

Ele confirmou e falou:

— Minha esposa a conhece.

— Elas são amigas? — Valerie perguntou abismada.

— Não exatamente... São mais para... conhecidas — ele explicou. — Elas têm uma grande amiga em comum.

— Você acha que essa informação chegará aos ouvidos dela? — Valerie indagou, perguntando-se como ele conseguia ficar tão calmo, como ainda não tinha corrido até o telefone para tentar controlar os danos.

— Talvez... Provavelmente. Conhecendo bem esta cidade, essas mulheres. Sim, provavelmente isso acabará chegando aos ouvidos da Tess...

Valerie revirou o apelido em sua mente, não menos perturbador que a versão completa de seu nome. Tess. Uma mulher que joga frisbees para os cães, canta músicas dos anos de 1980 usando o xampu como microfone, dá estrelas na grama durante o verão e faz tranças embutidas no cabelo.

— Você está preocupado? — ela perguntou, tentando determinar exatamente o que se passava pela cabeça de Nick E, mais importante, o que acontecia com seu casamento.

Nick se virou para ela, repousando um braço sobre o encosto do sofá:

— Romy não nos viu assim, ele disse — tocando em seu ombro e se inclinando para beijar sua testa. — Só estávamos lá parados, não é?

— Sim... mas como você explicará o porquê de estar lá, para começo de conversa?

Na escola com a gente? — Assim que fez a pergunta, percebeu que haviam oficialmente se tornado cúmplices.

Então Nick disse:

— Terei de dizer que somos amigos. Que acabamos ficando próximos... Que Charlie me ligou quando se machucou na escola, e que passei por lá. Como médico dele e seu amigo.

— Já aconteceu algo parecido antes? Você já se aproximou de algum paciente? Ou de algum membro da família de um paciente? — ela perguntou.

— Não — Nick respondeu rapidamente. — Não desse jeito. Nunca desse jeito.

Valerie indicou com a cabeça que entendia, sabendo que deveria mudar de assunto.

Mas, em vez disso, pressionou-o:

— O que ela dirá? Se ela descobrir?

— Não sei. Nem consigo pensar sobre isso agora.

— Mas você não deveria? — perguntou Valerie. — Nós não deveríamos conversar... sobre isso?

Nick mordeu seu lábio inferior e falou:

— O.k, talvez sim.

Ela olhou inexpressivamente para ele, indicando que era ele quem deveria começar.

Ele limpou a garganta e disse:

— O que você quer saber? Vou te contar tudo o que quiser saber.

— Você é feliz? — uma das perguntas que prometera nunca fazer. Ela não queria que aquela noite girasse em torno de seu casamento. Queria que girasse em torno dos dois, e de mais ninguém, mas uma coisa dessas não era possível. Ela sabia disso.

— Agora sou, neste momento. Com você.

Ela se sentiu lisonjeada pela resposta. Na verdade, sentiu-se em êxtase, mas não era isso que estava perguntando, e não se contentou com essa resposta evasiva:

— Você era feliz antes de me conhecer?

Nick respirou fundo, indicando quanto a pergunta era complexa:

— Eu amo os meus filhos. Amo a minha família — olhou-a de lado. — Mas se sou feliz? Não, provavelmente não. As coisas estão... complicadas neste momento.

Ela concordou, reconhecendo que com certeza teria rejeitado essa conversa se ela acontecesse antes daquele momento. Ela já havia ouvido versões bastante clichê dessa conversa antes, em filmes, de conhecidos e em muitos outros lugares que não vinham à mente naquele momento. Mas ela podia ouvir, imaginar a “outra mulher” fazendo perguntas esperançosas, fingindo estar preocupada, o tempo todo tramando o golpe. O homem se fazendo de vítima, realmente acreditando que de fato era a vítima, quando na verdade era o único descumprindo promessas. E sempre, antes disso tudo, ela pensava, a respeito do traidor: cresça, seja homem, pare de reclamar ou peça logo o divórcio.

Mas, desta vez ela fazia perguntas, procurando entremear-se entre o certo e o errado, explicações, saídas em sua consciência, que antes era tão inflexível.

Nick continuou determinado:

— E simplesmente não consigo controlar o que sinto por você... Simplesmente não consigo.

— Por quê? — ela perguntou antes que perdesse a coragem.

— Estou me... — ele começou. Então engoliu em seco e respirou fundo antes de continuar, com a voz mais grave. — Estou me apaixonando por você.

Ela o olhou esperançosa, pensando que tudo soava tão inocente, tão simples. E talvez fosse. Talvez a vida fosse assim mesmo, talvez fosse assim que a vida acontecia para muitas pessoas. E muitas dessas pessoas eram pessoas boas. O coração de Valerie batia forte e doía ao mesmo tempo, enquanto o olhava nos olhos e se inclinava em sua direção.

O que aconteceu em seguida ela sabia que lembraria para sempre, tão nitidamente quanto qualquer coisa boa ou ruim que já acontecera em sua vida. Assim como se lembraria do dia em que Charlie nasceu, ou da noite do acidente, ou de qualquer coisa nesse meio-tempo. Suas faces se tocaram, seus lábios se encontraram em um beijo que começou aos poucos, hesitante, mas que se tornara rapidamente urgente. Foi um beijo que durou horas a fio, continuando enquanto se deitavam no sofá e rolavam até o chão, indo em seguida até sua cama. Foi um beijo que não parou até que ele estivesse dentro dela, sussurrando que aquilo era real, o que havia entre eles, e que ele estava de fato completamente apaixonado por ela.

CAPÍTULO 31

TESSA

— Eu me arrependi de ter contado tudo aquilo a Dex e Rachel na noite anterior — disse à Cate quando comíamos ovos, bacon e batatas no Café Luka, um lugar no Upper East Side que costumávamos frequentar muito nos velhos tempos. Eu estava torcendo para que toda aquela gordura curasse minha ressaca, ou ao menos acabasse com o meu enjôo, embora soubesse que ela não conseguiria me deixar mais animada.

— Por quê? — Cate perguntou, tomando um gole de seu suco de toranja. Ela fez uma careta indicando quanto estava azedo, mas depois virou o copo de uma vez e passou para a água gelada. Desde que conseguiu seu programa de TV, tornou-se obcecada por se manter hidratada, o que é difícil de conseguir, considerando a quantidade de cafeína e álcool que ela consome.

— Porque eles ficarão preocupados. Porque Dex pode deixar escapar para minha mãe. Porque nunca mais vão gostar de Nick.. E porque... Simplesmente não quero que Rachel tenha pena de mim — eu disse, vendo de relance meus olhos inchados e injetados na parede espelhada ao lado da mesa. Olhei para o outro lado e pensei: Eu também me trairia.

— Ela está preocupada com você — Cate falou —, mas não acho que sinta pena de você.

— Sei lá, odiei a maneira como me olhou na noite passada, e como me abraçou antes de entrarem no táxi. Como se preferisse morar na rua a passar pelo que estou possivelmente passando...

Cate apertou minha mão enquanto eu percebia que nunca me ofendia com sua compaixão. Que sempre estava disposta a confessar honestamente todas as minhas vulnerabilidades, meus defeitos ou meus temores sem nunca desejar não ter dito ou precisar rever minha história depois. Assim, a minha auto-imagem se encaixava perfeitamente na imagem que ela tinha de mim, sem disparidades entre as duas. O que fazia com que estar em sua companhia fosse de um conforto e um luxo absolutos, principalmente quando tudo desabava ao meu redor.

— Mas você não está feliz por ter contado ao seu irmão?

— Sim — respondi. — Acho que só queria ter esperado até que soubesse exatamente o que estava acontecendo. Eu poderia ter ligado para ele na semana que vem, ter uma conversa enquanto estava sóbria. Tenho certeza de que ele contaria tudo para Rachel, de qualquer jeito, mas ao menos eu não precisaria ter visto aquele olhar no rosto dela.

Cate abriu um saquinho de adoçante, mas então mudou de idéia e colocou

açúcar em seu café. Mexeu-o, olhou para mim e falou:

— A Rachel é muito legal, mas ela é tão certinha, não é?

— É — concordei enfaticamente. — Sabe que nunca a ouvi dizer um único palavrão?

Nunca a ouvi falar mal de Dex, a não ser um genérico “você sabe como os homens são”... Nunca a ouvi reclamar de suas filhas... Nem mesmo quando Júlia tinha cólica.

— Você acha que é falsidade? — Cate perguntou. — Ou ela é realmente feliz assim?

— Não sei, acho que ela é cuidadosa, com certeza... Acho que tem um grande filtro.

Mas acho que ela e o Dex têm um daqueles casamentos raros, um daqueles relacionamentos perfeitos.

Cate me lançou um olhar que transmitia esperança. A esperança de que uma coisa dessas estava por aí à sua espera, quando me ocorreu que uma vez ela se sentira dessa mesma maneira em relação ao meu casamento.

— Olhe, não me leve a mal. Realmente quero que meu irmão seja feliz. Que Rachel seja feliz... Mas não consigo evitar me sentir um pouco irritada com eles. Quero dizer, você viu como estavam de mãos dadas, nos bancos do bar? Quem é que fica de mãos dadas em bancos de bar? É desajeitado... — e imitei Rachel estendendo minha mão e segurando o ar com uma expressão adorável em meu rosto. — Achei que ela fosse desmaiar quando Dex confessou sobre o caso que tiveram.

— Você quer dizer, sobre o caso de que todos nós já sabíamos? — Cate disse rindo.

— Você acha que ela deu uma bronca nele depois?

— Duvido, eles devem ter ido para casa e dado uns amassos. Feito massagens um no outro. Que seja. Pode ser tão exaustivo ficar perto de casais assim — eu falei percebendo que a inveja também podia acabar com toda a nossa energia.

— Olha, Tess — Cate disse de repente com o rosto mais sério —, sei que você está com medo, sei que é por isso que ainda não ligou para a April. Mas o Dex está certo...

Você realmente precisa encarar isso. Ficar se preocupando com isso é bem pior que saber a verdade... E, talvez, não seja nada. Talvez ele esteja sendo acusado injustamente.

— Talvez — eu disse —, perguntando-me como podia, em um momento, ter tanta certeza de que ele tinha um caso e, segundos depois, ter a mesma certeza de que jamais me trairia. — E, se ele for de fato inocente, então eu serei a bandida da história.

Mexendo em suas coisas e degradando sua imagem, como na noite passada.

— Você não degradou a imagem dele na noite passada — Cate disse. — Mas

sim... realmente poderia ser um caso de paranóia... Ele deve estar em casa... sentindo sua falta.

Olhei meu relógio e imaginei Nick na luta do café da manhã com as crianças, torcendo para que ele estivesse realmente participando daquele momento. Torcendo para que, mesmo se ele estivesse descontente com alguns detalhes de nossa vida, esse sentimento passasse e as coisas melhorassem com o tempo. Esse era o meu desejo desesperado de ressaca.

— Será que dá para ligar para a April agora? Por favor? — Cate pediu ansiosa.

Olhei fixamente para ela e fiz que sim lentamente, pensando em todas as vezes que Cate me encorajou a fazer algo de que tinha medo ou que não tinha coragem de fazer sozinha, incluindo a primeira vez que liguei para Nick. Pensando em como minha vida seria diferente, neste momento, se eu não tivesse seguido seus conselhos. Então tirei o celular da bolsa e disquei um dos poucos números que sabia de cor. April atendeu no primeiro toque, dizendo meu nome e revelando que já esperava pela minha ligação.

— Oi, April — eu disse prendendo a respiração e me preparando para o que viria a seguir.

— Você está se divertindo? — ela perguntou, tentando ganhar tempo ou priorizando a etiqueta ao telefone em detrimento de todo o resto.

— Sim, é sempre bom voltar à cidade — eu falei com minha voz se tornando falsa, desejando que fosse Cate que estivesse prestes a me dar uma má notícia. Olhei para o outro lado da mesa enquanto Cate pousava o garfo em seu prato, sua expressão era de apreensão angustiante e suspense, refletindo exatamente o que eu estava sentindo.

— Então — disse April —, você recebeu minha mensagem na noite passada?

— Sim, recebi.

Ela começou a gaguejar, oferecendo-me uma introdução ensaiada sobre como era minha amiga e se sentia na obrigação de me dizer o que estava prestes a dizer:

— Tudo bem — eu disse com um nó em minha garganta —, pode falar.

April soltou o ar no telefone e, então, falando da maneira mais rápida possível, soltou:

— Romy viu o Nick na Longmere ontem à tarde.

Senti a tensão sumir dos meus ombros, sentindo um alívio profundo ao pensar que essa conversa poderia ser, na verdade, apenas sobre fofocas de escola particular, e nada mais. Nunca confirmei nossa intenção de tentarmos colocar a Ruby nessa escola, e podia perceber que era uma fonte de intrigas entre minhas supostas amigas, talvez porque elas quisessem que suas próprias escolhas fossem validadas pela minha avidez para que Ruby fosse aceita.

Limpei minha garganta e falei:

— Bem, eu disse a ele que a decisão quanto à escola estava nas mãos dele. —

Quase contei a ela que sabia que ele ia à escola, mas não queria arriscar ser pega em uma mentira. Além disso, temia que Nick tivesse dito algo que contradissesse essa história.

Então, em vez disso, eu disse:

— Que bom que ele está sendo tão proativo, ele deve ter marcado uma visita à escola, ou uma conversa com o diretor de admissões, ou, talvez, tenha entregado nossa ficha de inscrição. Quanto otimismo.

— Sim... mas...

— Mas o quê? — perguntei, sentindo uma onda intensa de lealdade a Nickie, ao mesmo tempo, certo desdém por parte de April.

— Mas... ele não parecia estar em uma visita.

Meu silêncio era evidente quando ela disse:

— Ele estava com a Valerie Anderson.

Apesar de ser clara em sua insinuação, minha mente ainda estava confusa.

— Como assim com ela?

— Eles estavam no estacionamento — ela continuou —, juntos e com o filho dela, o Charlie. Ele estava colocando o garoto no banco de trás do carro dela.

— Sim — eu falei tentando imaginar a cena, tentando achar uma explicação lógica para aquilo.

— Sinto muito.

— Por que sente muito? O que está tentando dizer? — perguntei, sentindo minha irritação aumentar vertiginosamente.

— Não estou tentando dizer nada. Só achei que você deveria saber... Achei que você deveria saber que Romy disse que pareceu... bem... estranho... a maneira como estavam lá parados juntos.

— E como estavam? — vociferei. — Como estavam lá parados juntos?

— Bem... como um casal — ela disse relutante.

Fazendo o possível para que minha voz não saísse tremida, eu esbravejei:

— Acho que vocês duas estão tirando conclusões precipitadas e extremas demais.

— Não estou tirando nenhuma conclusão precipitada. Sei que pode ser completamente inocente. Ele pode ter ido ver a escola para, como você disse, ver se era interessante para a Ruby e, quando estava lá, pode ter cruzado com Valerie... no estacionamento.

— E poderia haver alguma outra explicação para isso? — perguntei tomada por uma sensação de indignação.

Quando ela não respondeu, continuei, com a voz ainda mais estridente:

— Que meu marido teve um encontro inapropriado no meio do estacionamento da escola? Olha, April, não sou especialista em traição, mas consigo pensar em vários outros lugares mais interessantes... Como em um motel ou um bar...

— Não estou dizendo que ele está te traindo — April falou com um toque de pânico, obviamente ciente de que eu estava profundamente irritada. Ela então limpou a garganta e devolveu furiosa:

— Tenho certeza que Nick nunca construiria uma relação inadequada com a mãe de um paciente.

— Não mesmo — eu devolvi confiante. — Ele jamais construiria uma relação inadequada com ninguém.

Cate se endireitou em sua cadeira, lançando-me um sorriso incentivador e dando um soco no ar.

Mais um silêncio constrangedor se passou e então, April perguntou:

— Você não está brava comigo, está?

— Não, de jeito nenhum — disse curta e firmemente, querendo que ela soubesse quanto eu realmente estava brava. Querendo que soubesse quanto era feio perpetuar um rumor sobre o meu marido. Queria que soubesse que tinha arruinado meu fim de semana com suas manias de botar medo nos outros, fofocar e se intrometer. Quase disse que talvez fosse ela quem deveria olhar bem para a própria vida, pensar no que poderia estar perdendo, qual vazio estaria tentando preencher.

— O.k, tudo bem. Bom — April disse, continuando a tagarelar —, como não era minha intenção criar confusão... É que... É que eu gostaria que você me contasse se visse o Rob com alguém... Mesmo se fosse algo completamente inocente... Acho que amigas são para isso. Nós, garotas, temos de nos unir... cuidar uma da outra.

— Estou agradecida, e você pode dizer a Romy que agradeço também. Mas realmente não há necessidade de se preocupar — então me despedi elegantemente e desliguei, olhando para Cate.

— O que aconteceu? — ela perguntou com os olhos arregalados, seus longos cílios ainda cobertos do rímel preto da noite anterior.

Dei a notícia aguardando sua reação.

— Deve haver uma boa explicação para isso, acho tudo muito relativo, e acho que essa sua amiga, April, é uma idiota.

Concordei empurrando meu prato para longe de mim.

— E o que você acha? — ela perguntou cuidadosamente.

— Eu acho... eu acho que preciso ir para casa — respondi atordoada.

— Hoje? — ela perguntou parecendo decepcionada, mas, ao mesmo tempo, me dando todo o apoio.

— Sim, eu respondi. — Não acredito que isso possa esperar... Preciso falar com o meu marido.

Ela acordou na manhã seguinte sentindo um tipo de estupor alegre, incapaz de sair do lugar em sua cama onde Nick a havia deixado várias horas antes, beijando-a uma última vez, prometendo trancar a porta ao sair e ligar pela manhã, mesmo já sendo manhã quando saiu.

Seus olhos ainda estavam fechados, ela voltava a pensar no início da noite, repassando cada detalhe maravilhoso, todos os seus sentidos aguçados, acelerados. Ela ainda podia sentir seu perfume de almíscar nos lençóis. Ainda podia ouvi-lo suspirar seu nome. Ainda podia ver as linhas fortes de seu corpo se movendo nas sombras, e ela ainda podia senti-lo em todos os lugares.

Virou na cama para olhar o relógio, bem em tempo de ver Charlie passando na ponta dos pés por seu quarto, obviamente tentando não ser notado.

— Aonde você está indo? — ela perguntou, puxando as cobertas até a altura de seus ombros. Sua voz estava rouca, como quando se sai de um show ou se passa a noite em um bar barulhento, o que era curioso, já que tinha certeza de que não tinha feito barulho nenhum na noite anterior.

— Lá embaixo.

— Você está com fome?

— Ainda não — ele disse, sua mão esquerda agarrando o amplo corrimão de mogno, uma das coisas de que ela mais gostava em sua casa, principalmente no Natal, quando o decorava com fileiras de grinalda. — Eu só queria ver TV.

Ela assentiu, dando a ele carta branca. Ele sorriu e desapareceu de sua vista, descendo as escadas. Só então, quando ficou encarando o teto, suas ações pesaram em sua consciência. Ela havia dormido com um homem casado, um pai de duas crianças. E mais, fizera isso com seu próprio filho sob o mesmo teto, quebrando uma regra sagrada de quando se é mãe solteira, uma de suas próprias regras que havia seguido atentamente por seis anos. Ela se tranquilizou lembrando que Charlie dormia como uma pedra, até mesmo depois de dias cheios de uma pressão muito menor que a de ontem. Mas isso não vinha ao caso, pois sabia que ele poderia ter acordado, e ter ido até seu quarto, aberto a porta que estava fechada apenas por uma pequena banquetta de couro e uma pilha com as roupas misturadas dos dois. Ele podia ter visto os dois juntos se mexendo por baixo das cobertas, por cima das cobertas, por todos os cantos do quarto.

Ela deveria estar louca, concluiu, para fazer uma coisa dessas. Dar início a aquilo tudo, na verdade. Dar início tanto à ida até o quarto quanto ao momento em que de fato tudo aconteceu, o momento em que olhou nos olhos de Nick e sussurrou “sim, hoje, por favor, agora”.

Só havia outra possibilidade, a não ser a loucura. Talvez ela também estivesse se apaixonando, embora viesse a sua cabeça, com partes iguais de cinismo e esperança, que talvez não houvesse tanta diferença assim entre o amor e a loucura. Ela pensou em Lion, a última vez em que sentira algo remotamente parecido com o que estava sentindo, lembrando-se da insanidade temporária daquele relacionamento, de como ela acreditava cegamente que tudo aquilo era real. Perguntava-se se poderia estar errada mais uma vez, iludida por uma atração intensa, uma necessidade de preencher um vazio em sua vida, uma busca por um pai para Charlie.

Mas não conseguia acreditar que qualquer uma dessas explicações fosse verdade, assim como não conseguia acreditar que Nick fosse capaz de fazer amor com ela pelos motivos errados, por simples desejo, pelo sabor da conquista ou só por diversão. Isso não significava que ela não se importava com a imoralidade de seus atos, ou com os riscos. O perigo evidente e vigente de desastre emocional. Ela sabia muito bem que isso poderia acabar mal para ela e para Charlie. Para Nick e sua família. Para todos.

Mas também acreditava, no fundo, que havia uma chance, embora mínima, de um final feliz. Que talvez Nick e sua esposa estivessem em um relacionamento sem amor e que, se ele acabasse, todos seriam mais felizes. Ela disse a si mesma que não acreditava em muitas coisas, mas que acreditava na essencialidade do amor, algo que faltava em sua vida. Disse a si mesma que Tessa também podia estar infeliz casada com Nick, que talvez ela também estivesse tendo um caso. Disse a si mesma que seria melhor para as crianças se os pais estivessem separados, porém felizes, do que juntos e solitários, e, acima de tudo, disse a si mesma para confiar no destino como nunca confiara em toda sua vida.

Seu celular tocou em cima do criado-mudo. Ela sabia, sentia que era Nick, mesmo antes de ver seu nome na tela.

— Bom dia — ele murmurou em seu ouvido.

— Bom dia — ela disse sorrindo.

— Como você está? — ele perguntou, soando envergonhado como sempre acontece na manhã posterior à primeira vez.

Ela não sabia ao certo como responder a essa pergunta, como transmitir a complexidade do que estava sentindo. Então simplesmente disse:

— Estou cansada.

Ele soltou uma risada tensa e então, falou:

— Bem, além de estar cansada, como está? Você está... bem?

— Sim — ela respondeu sem oferecer maiores explicações, perguntando-se quando baixaria a guarda e, finalmente, diria o que sentia. Pensando ainda se uma coisa dessas era possível para ela. E então teve a sensação de que talvez fosse, com ele.

— E você? Está bem? — ela perguntou, pensando que ele tinha mais a perder e, francamente, muito mais razões para se sentir culpado.

— Sim, estou bem — ele respondeu suavemente.

Ela sorriu em resposta, mas sentiu esse sorriso desaparecer rapidamente, sua alegria sendo substituída por uma dose pesada de remorso quando pôde ouvir as vozes ao fundo. Seus filhos. Algo completamente diferente do que seria ter ouvido sua esposa.

Afinal de contas, ela, a Tessa, Tess, poderia ser a culpada de tudo, ou ao menos poderia ter alguma culpa por seu casamento estar desmoronando. Mas não havia como se conformar com o que estava fazendo a essas duas crianças inocentes, e certamente não conseguia aceitar a racionalização distorcida de que criar uma família anula a destruição de outra, ou que isso a absolve de sua violação descarada da Regra de Ouro,²¹ em sua mente, a única regra que realmente importa.

21 “Não faça aos outros o que não quer que façam com você.”

— Papai, mais manteiga, por favor! — ela ouviu a filha dizer, tentando imaginá-la, grata por não conseguir. Pensou nas fotos em branco e preto no consultório de Nick, as que até então ela havia conseguido evitar olhar.

— Claro, querida — Nick respondeu à filha.

— Obrigada, papai — ela disse alegre, com a voz cadenciada. — Muito, muito obrigada!

Sua voz doce e suas boas maneiras foram como uma apunhalada no coração de Valerie, aumentando ainda mais sua culpa.

— O que vocês estão comendo? — Valerie perguntou. Era uma pergunta de ansiedade, feita para saber de seus filhos sem perguntar diretamente sobre eles.

— Waffles. Sou o rei do waffle. Não é Rubes?

Ela ouviu a garotinha rir e dizer:

— Sim, papai, e eu sou a princesa do waffle.

— É mesmo — ele disse. — Você com certeza é a princesa do waffle.

Então ouviu o filho, falando exatamente como Nick brincava, como um cruzamento entre o Exterminador do Futuro e um gay europeu, um trinado em staccato.

— Paieeeeeeeeeee. Eu. Quero. Mais. Manteiga. Tambéméém.

— Não! Essa é minha! — ela ouviu a garotinha dizer, lembrando-se de quando Nick disse que Ruby era tão dominadora que a primeira palavra de seu filho foi socorro.

Valerie fechou os olhos novamente, como se quisesse abafar o som dos filhos de Nick e tudo o que sabia sobre eles. Mesmo assim, não conseguiu deixar de sussurrar:

— Você se sente... culpado?

Ele hesitou, o que já respondia à sua pergunta, e falou:

— Sim, é claro que me sinto. Mas não voltaria atrás.

— É mesmo? — perguntou querendo ter certeza.

— Claro que não, quero fazer isso de novo — ele disse mais baixo.

Um arrepio correu a espinha de Valerie, e ouviu Ruby perguntar:

— Fazer o que de novo? Com quem você está falando, papai?

— Um amigo — ele respondeu.

— Que amigo? — a garota insistiu, enquanto Valerie se perguntava se era mera curiosidade ou algum tipo de intuição esquisita.

— Ahn... você não conhece esse amigo, querida — ele disse a sua filha.

Então, sussurrou:

— É melhor eu desligar. Mas posso te ver mais tarde?

— Pode — ela respondeu o mais rápido possível. Antes que pudesse mudar de idéia, ou mudar o que sentia.

Pouco tempo mais tarde, depois de não atender a duas outras ligações de April e ter me despedido chorosa de Cate, estava em meu vôo de volta para Boston, comendo um saquinho de pretzel de porção individual servido no avião e ouvindo sem querer a conversa de dois homens indiscretos na fileira de trás. A partir de uma rápida olhadela por sobre meu banco, percebi que eram malhados e faziam o tipo que sempre encontramos na balada, os dois com roupas esporte, correntes de ouro e bonés de beisebol. Enquanto eu olhava para o mapa no verso da revista do avião, examinando a miríade de possibilidades de vôos domésticos, fiz o que pude para ignorar a discussão sobre o “Porsche animal” que um deles queria comprar e sobre o chefe boçal do outro, antes de a conversa chegar à pergunta:

— E aí? Você vai ligar para aquela mina da boate ou não?

— Qual boate? Qual mina? (Uma risada espirituosa acompanhada por algo que poderia ser ou um tapa no joelho ou um “toca aqui”.)

— Aquela mina com as articulações super flexíveis. Qual era o nome dela mesmo? Lindsay? Lori?

— Ah sim. Lindsay. Claro que vou ligar para ela. Ela era sexy, sexy para burro.

Me encolhi de repugnância, comparando-os ao meu marido inteligente e cavalheiro que jamais, sob nenhuma circunstância, pensaria em colocar sexy e burro em uma mesma frase. Então, fechei os olhos, preparando-me para o pouso, imaginando a provável cena ao chegar em casa: minha família quebrando todas as regras, talvez todos ainda de pijama, comendo tranqueira e a casa toda bagunçada. Eu sentia um conforto atípico ao pensar nesse caos, na idéia da incompetência doméstica de Nick, a creditando que ficaria perdido sem a minha ajuda, em muitos sentidos.

Mas, quando entrei pela porta da frente menos de uma hora depois, fiquei surpresa ao ver que minha família não estava lá e que a casa estava limpa e arrumada. A cozinha estava brilhando. As camas estavam arrumadas, havia até uma pilha de roupas, recentemente lavadas e dobradas, em um cesto na escada. Andei a esmo por toda a casa, então me vi na sala de estar, o cômodo mais formal e menos utilizado da casa, examinando o sofá de encosto alto e braços arredondados que acho que não testava desde o dia em que minha mãe e eu o escolhemos no showroom do decorador. Lembrava-me muito bem daquela tarde, das horas que passamos analisando vários estilos, discutindo sobre os tecidos e os acabamentos em madeira para o pé elegante do sofá, debatendo se valia a pena pagarmos a mais pela impermeabilização. Um projeto que agora

parecia bastante fútil.

Enquanto me sentava cuidadosamente no sofá, fazendo o possível para aproveitar o raro momento de paz, só conseguia sentir solidão, incomodada com o silêncio absoluto, imaginando com temor como seria se Nick e eu nos separássemos. Todos os espaços em branco e buracos vazios que precisariam ser preenchidos. Lembrei-me de uma vez ter brincado com ele, depois de um dia particularmente estressante, dizendo que eu seria uma mãe incrível se só fizesse isso nas segundas, nas terças e a cada dois fins de semana. Ele riu, dizendo-me para deixar de ser boba, que cuidar dos filhos sozinho seria muito triste, que ele ficaria muito triste sem a minha presença. Apeguei-me a esse pensamento enquanto discava o número de seu celular.

— Oi, querida! — ele disse alto no celular. — Senti um alívio imediato simplesmente ao ouvir sua voz, embora não pudesse ignorar o sentimento de que o estava investigando enquanto tentava identificar o barulho de fundo. Parecia ser um shopping, mas as chances de Nick ir fazer compras, por vontade própria, eram ainda menores que as de ele ter um caso.

— Oi. Onde você está?

— No Children's Museum.

— Com as crianças?

— Sim — ele respondeu rindo. — Não seria um lugar aonde iria sem elas.

Ri de minha pergunta idiota, sentindo-me relaxar.

— E como estão as coisas em Nova York? — ele perguntou. — O que farão hoje?

Respirei fundo e disse:

— Na verdade já voltei.

— Você está em casa? Por quê? — ele perguntou parecendo alarmado.

— Porque senti sua falta — respondi, o que não era bem uma mentira.

Ele não disse nada, o que me deixou suficientemente ansiosa para que começasse a falar nada com nada:

— Eu precisava te ver — falei. — Quero falar com você... sobre algumas coisas.

— Que coisas? — ele perguntou com uma dose de perturbação em sua voz, que poderia ser porque havia feito algo de errado. Ou, também, poderia ser porque não havia feito nada de errado e assim presumia que fosse eu quem tinha um problema.

— Umas coisas — eu disse, sentindo-me envergonhada por minha falta de clareza, de repente questionando minha decisão de voltar para casa e iniciar uma conversa daquele jeito. Afinal de contas, eu podia ter uma boa razão, mas era mesmo suficiente para encurtar minha viagem sem nem ao menos avisá-lo? Ocorreu-me que ele pudesse pensar que essa era uma verdadeira emergência. Um problema de saúde, um caso que eu estava tendo, um ataque de depressão

profunda. Não o que provavelmente estava acontecendo: April criando intrigas e eu bisbilhotando suas mensagens de texto. Duas donas de casa paranóicas.

— Tessa — ele disse agitado. — O que está acontecendo? Você está bem?

— Sim, sim. Estou bem — respondi me sentindo envergonhada e mais confusa do que nunca. — Eu só queria conversar hoje à noite. A Carolyn ainda vem? Talvez pudéssemos sair... e conversar.

— Sim, ela ainda vem. Às 20 horas.

— Ah, ótimo — eu disse. — Quais... eram os seus planos?

— Não tinha nenhum plano específico — ele respondeu rapidamente. — Estava pensando em assistir a um filme.

— Ah — disse novamente. — E... você saiu ontem à noite?

— Sim... sai. Só um pouquinho — ele falou.

Comecei a perguntar o que ele havia feito, mas me detive. Em vez disso, disse que mal podia esperar para vê-lo e jurei em silêncio que diria tudo sem rodeios quando finalmente nos sentássemos para conversar. Eu tinha de ser direta, confrontar os pontos mais críticos: infidelidade, sexo, sua carreira, a minha falta de uma carreira, a insatisfação latente em nosso casamento. Não seria fácil, mas, se não conseguíssemos ter uma conversa franca, então realmente estávamos com problemas.

— Eu também... Mas é melhor eu desligar agora, as crianças estão correndo cada uma para um lado. Vou terminar aqui e volto para casa por volta das 17 horas, tudo bem? Está bom para você? — ele perguntou.

Suas palavras eram inócuas, mas o tom de sua voz era desprendido, com uma indicação mínima de condescendência. Era como geralmente falava comigo quando eu estava grávida e, para usar suas próprias palavras, me comportando de forma irracional, o que devo confessar que era muitas vezes o caso. Como na vez em que chorei olhando para nossa árvore de Natal, insistindo que ela era feia, perturbadoramente assimétrica, chegando até mesmo a sugerir que Nick tirasse as luzes e devolvesse a árvore para a loja em troca de uma nova. Na verdade, quase me sentia grávida agora.

Não fisicamente, mas emocionalmente. Chorona, hormonal e extremamente carente.

— Claro, está sim — respondi apertando o braço do sofá, esperando que soasse menos desesperada do que realmente estava. — Estarei aqui.

Passei a hora seguinte correndo, tomando um banho, me vestindo e me arrumando, como se estivesse me arrumando para um primeiro encontro, o tempo todo oscilando entre o desespero e a calma, em um momento dizendo a mim mesma que minha intuição estava certa e então, em outro, me repreendendo por ser tão insegura e ter tão pouca fé em Nick e na base de nosso relacionamento.

Mas, quando minha família voltou para casa, não havia como negar a frieza no

abraço de Nick, seu beijo em meu rosto.

— Bem-vinda, Tess — ele disse, com uma suspeita irônica em seu rosto.

— Obrigada, querido —devolvi tentando me lembrar de como nós dois interagíamos antes de tudo isso acontecer, tentando determinar exatamente quando isso tudo começou. — É bom ver vocês.

Fiquei de joelhos para abraçar as crianças, ambos de rosto limpo e o cabelo penteado.

Ruby estava inclusive usando um laço cor-de-rosa, uma pequena vitória.

Franksoltou uma risada alegre, clamando por outro abraço.

— Pega. Eu. No. Colo. Mamãe! — ele gritou.

Nem me preocupei em corrigir a frase. Em vez disso, peguei-o em meus braços e beijei cada lado de seu rosto e seu pequeno pescoço suado e quente, em virtude das várias camadas de roupas em que Nicko havia embrulhado.

Ele deu várias risadas enquanto o colocava de volta no chão e abria seu casaco. Ele não estava vestindo um conjunto coordenado. A calça era de veludo azul-marinho e a camiseta era listrada de laranja e vermelho. As linhas e as cores não combinavam muito bem, o primeiro sinal de que o pai havia ajudado. Assim que se livrou de seu casaco, Frank começou a girar em círculos, batendo os braços, dançando de sua maneira sem ritmo e sem uma sequência lógica. Eu ri por um momento, esquecendo-me de todo o resto, até que me virei para Ruby, que fazia o possível para parecer zangada, mantendo firme sua posição de que deveria ter sido convidada para a viagem — já que eram só as garotas —, embora eu soubesse que, em segredo, ela amava ficar com seu pai.

Ela me olhou friamente e disse:

— O que você trouxe para mim?

Entrei em pânico, percebendo que acabara não indo à American Girl²² nem à loja da Disney como havia prometido.

22 American Girl, loja de roupas, brinquedos e jogos para meninas.

— Não consegui comprar nada — disse pouco convincente. — Eu ia hoje.

— Ah, não — ela falou fazendo bico. — O papai sempre compra alguma coisa para a gente quando viaja.

Pensei nas bugigangas que Nick sempre trazia dos congressos, geralmente lembrancinhas baratas do aeroporto, e me senti culpada por não ter nem mesmo guardado o saquinho de pretzel do avião.

— Ruby, seja legal com sua mãe — Nick disse em uma reprimenda automática.

Então tirou suas próprias camadas de roupas: uma jaqueta, um pulôver de fleece e um cachecol, pendurando tudo em um gancho ao lado da porta.

— Ela voltou mais cedo — ele falou. — Essa é a sua surpresa. Nossa surpresa.

— E a minha surpresa foi chegar e ver a casa limpa — disse lançando-lhe um olhar agradecido.

Nick sorriu e piscou, levando todo o crédito, embora algo me dissesse que fora Carolyn quem havia lavado a roupa.

— Voltar para casa mais cedo não é uma surpresa — disse Ruby.

— Talvez você ganhe alguma coisa hoje à noite. Que tal sorvete depois do jantar? — ofereci. Ruby não se convenceu, seu bico expressava um misto de decepção e desgosto.

Ela cruzou os braços e tentou negociar algo melhor:

— Com calda quente?

Assenti enquanto Frank ria de maneira incompreensível, avesso ao descontentamento de sua irmã e à tensão silenciosa entre seus pais. Observei-o enquanto ele batia os braços e girava ao redor de si mesmo mais uma vez, cheia de amor, admiração e inveja de meu filho, tão descomplicado e feliz. Quando ele caiu, tonto e dando risadas, rezei para que Nick e eu de alguma forma voltássemos àquela época pura, quando tínhamos vontade de largar tudo o que estávamos fazendo e apenas curtir o momento, e dançar.

CAPÍTULO 34

VALERIE

“Oi, Val. Sou eu. Espero que vocês estejam se divertindo. Estamos aqui no Children’s Museum, na Bubble Room. Divertido... Bom, sinto muito, mas, no fim das contas, não poderei ir aí hoje à noite... Ligue se vir essa mensagem a tempo. Caso contrário... talvez... eu não possa te ligar... Ligo quando puder para explicar tudo direito... De qualquer maneira, sinto muito, mesmo... Estou com saudade... A noite passada foi incrível. Você é incrível... O.k Até depois.”

Valerie sentiu um aperto no coração quando escutou a mensagem no estacionamento do supermercado, tendo acabado de fazer as compras para o jantar daquela noite. Charlie e três sacolas de compras estavam no banco traseiro atrás dela.

— Mamãe! — Charlie disse impaciente.

— O que foi, meu amor? — ela perguntou, olhando para seu filho pelo espelho retrovisor, fazendo o possível para parecer e soar animada, exatamente o oposto de como se sentia.

— Por que você não começa a dirigir logo? Por que só fica aí sentada?

— Desculpa... Estava escutando uma mensagem no celular — ela explicou dando partida no carro e lentamente engatando a ré.

— Do Nick? — ele perguntou.

Seu coração se acelerou.

— Sim, era o Nick — ela disse, o risco do que estava fazendo se consolidando ainda mais em sua mente, junto à percepção de que Nick já havia se tornado o primeiro palpite de Charlie, antes até de Jason ou da sua mãe, assim como fora o primeiro que Charlie chamou na escola quando não a encontrou.

— O que foi que ele disse? — Charlie perguntou. — Ele vem hoje à noite?

— Não, meu amor — ela respondeu, já na saída do estacionamento.

— Por que não?

— Não sei. — Valerie ficou pensando silenciosamente em todas as possibilidades.

Talvez não tivesse conseguido achar uma babá. Talvez sua esposa tivesse voltado um dia antes. Talvez ele tivesse mudado de idéia sobre ela, sobre eles. Qualquer que fosse a explicação, ela percebeu, com uma tristeza aguda, que era assim que as coisas seriam daquele momento em diante, que esses tipos de decepções, mensagens e cancelamentos faziam parte do pacote. Ela podia fingir e sonhar quanto quisesse, exatamente o que havia feito na noite anterior, mas não havia outra saída para o que estavam fazendo. Estavam tendo um caso, e ela estava no banco de reserva, ela e Charlie. Seria sua função protegê-lo contra a

decepção ao mesmo tempo que tentava não transparecer esse mesmo sentimento.

— Mamãe? — Charlie perguntou, enquanto ela virava em uma rua lateral, pegando o caminho mais longo, mas também o mais bonito até sua casa.

— Sim, querido?

— Você ama o Nick?

Sua mente entrou em parafuso enquanto apertava o volante procurando pela resposta certa, qualquer resposta que fosse. — Ele é um bom amigo, tem sido um ótimo amigo para nós — ela respondeu —, além de ser um médico incrível.

— Mas você o ama? — Charlie insistiu como se soubesse exatamente o que estava acontecendo. — Como quando queremos casar com alguém?

— Não — ela mentiu, tentando protegê-lo, já que era tarde demais para proteger a si mesma. — Desse jeito não, meu amor.

— Ah — ele resmungou visivelmente desapontado com essa resposta.

Com um pouco de receio, ela limpou a garganta e perguntou:

— E o que você sente por Nick?

Ele fez uma pausa e falou:

— Eu gosto dele. Eu queria... que ele fosse meu pai — sua voz entregava seu anseio e, ao mesmo tempo, exprimia certa culpa, quase como se estivesse se confessando.

Valerie respirou fundo e fez que entendeu com a cabeça, sem ter nenhuma idéia do que dizer em resposta.

— Não seria legal? — ela finalmente disse se perguntando se suas palavras naquele momento, e o que estava fazendo em geral, faziam dela uma boa mãe ou uma mãe decididamente ruim. Ela tinha certeza de que era um extremo ou outro e tinha mais certeza ainda de que apenas o tempo traria a resposta certa a essa pergunta.

CAPÍTULO 35

TESSA

Trinta minutos antes do horário em que Carolyn deveria chegar e logo depois que coloquei as crianças na cama, vi Nick na sala de TV, dormindo profundamente e vestindo uma calça cirúrgica velha. Isso me levou de volta à época em que ele fazia residência, quando caía no sono praticamente em qualquer lugar, menos em nossa cama. No sofá, sentado à mesa, inclusive uma vez em pé na cozinha. Ele estava preparando uma xícara de chá e adormeceu no meio de uma frase, acordando apenas quando seu queixo atingiu o balcão. Apesar de ter sido a maior quantidade de sangue que eu já havia visto em toda a minha vida, ele se recusou a voltar ao hospital, onde havia acabado de completar um turno de 36 horas. Em vez disso, levei-o para nossa cama, e fiquei segurando uma bandagem sobre seu queixo durante a maior parte da noite.

Sentei-me na beirada do sofá, ouvindo-o roncar por uns minutos antes de sacudi-lo levemente para que acordasse.

— Eles esgotam nossas energias, não é? — perguntei, enquanto seus olhos se abriam aos poucos.

Ele bocejou e disse:

— É, o Frankie acordou antes das 6 horas. E sua filha — balançou a cabeça afetuosamente.

— Minha filha?

— Sim, sua filha — ele disse. — É uma peça rara.

Nós dois sorrimos e ele continuou:

— Ela é uma garotinha peculiar.

— Essa é uma maneira delicada de descrevê-la.

Ele passou a mão no cabelo e disse:

— Ela quase teve um ataque no museu quando suas fatias de maçã tocaram de leve em seu ketchup. E, Deus do céu, convencer essa menina a colocar meia..., parecia até que eu estava sugerindo que colocasse uma camisa de força.

— Nem me fale.

— O que ela tem contra meias, afinal? — ele perguntou. — Não entendo.

— Ela diz que meias são para meninos — expliquei.

— Que bizarro — ele resmungou. Então, através de um bocejo exagerado, falou:

— Ficaria chateada se ficássemos em casa?

— Você não quer sair? — perguntei, me esforçando para não me ofender com sua proposta, algo difícil de se fazer lembrando que ele havia saído na noite anterior e tinha planos de ir ao cinema naquela noite, sozinho ou não.

— Eu queria sair, mas é que estou tão cansado — ele disse.

Embora eu também estivesse exausta e ainda estivesse com um pouco de dor de cabeça por causa da noite anterior, achava que Nick levaria a conversa mais a sério se estivéssemos em um ambiente mais agradável. Ou, no mínimo, se estivesse acordado, o que tinha apenas 50% de chance de acontecer se ficássemos em casa, mas resisti e não disse nada disso, colocando a culpa em Carolyn, dizendo-lhe que não achava legal cancelar com ela na última hora.

— Então dê 50 dólares a ela, por ter reservado o horário para a gente — Nick disse unindo as mãos sobre seu peito. — Eu pagaria 50 pratos para não sair.

Olhei para ele, tentando adivinhar quanto ele pagaria para evitar nossa conversa.

Ele me olhou de volta inflexível.

— Tudo bem, vamos ficar em casa — concordei cedendo a sua vontade. — Mas podemos comer na sala de jantar? Abrir uma boa garrafa de vinho? Talvez até nos arrumar um pouco? — eu perguntei mirando sua calça velha, antes excitante, agora um lembrete triste de um dos possíveis suspeitos em nosso caminho tempestuoso. Isto é, se eu tiver sorte.

Ele me lançou um olhar que transmitia tanto aborrecimento quanto deleite, e eu não consegui decidir qual dos dois sentimentos me ofendia mais.

— Claro — ele respondeu. — Você quer que eu vista terno e gravata? Talvez um colete de lã?

— Você nem tem um colete de lã.

— O.k., então acho que esse item está fora — ele falou levantando-se lentamente e se alongado. Examinei as linhas em suas costas, sentindo a ânsia súbita de abraçá-lo, enterrar meu rosto em seu pescoço e confessar-lhe todas as minhas preocupações. Mas algo me manteve a certa distância. Não conseguia dizer se era medo, orgulho ou rancor.

Permaneci em meu modo mais eficiente, informando-lhe que eu mesma ligaria para Carolyn e pediria o jantar, e que ele deveria subir até o quarto e se trocar. — Vê se relaxa — adicionei com um sorriso estratégico e indulgente. — Tente recobrar suas energias.

Ele me deu um olhar circunspecto e foi em direção à escada.

— Pode ser sushi? — perguntei.

— Pode — ele disse encolhendo os ombros. — O que você quiser.

Pouco tempo depois, nosso sushi chegou e nos sentamos na sala de jantar. Nick, de calça de flanela cinza e suéter preto de gola rulê, parecia estar de bom humor, mas ao mesmo tempo apresentava sinais de ansiedade, estalando os dedos duas vezes antes de abrir uma garrafa de vinho e encher duas taças.

— Então — ele disse, enquanto se sentava e olhava sua sopa de missô. — Conte-me sobre a noite passada. Vocês se divertiram?

— Sim — respondi. — Até eu começar a me preocupar.

Com certo desdém, ele perguntou:

— Está preocupada com o quê desta vez?

Respirei fundo e tomei um pequeno gole de vinho antes de dizer:

— Com nosso relacionamento.

— O que tem ele?

Pude sentir minha respiração ficando cada vez mais superficial enquanto tentava não dizer nada em tom acusatório, eliminar qualquer vestígio de melodrama de minha resposta.

— Olha, Nick, sei que a vida é difícil. A vida com filhos pequenos esgota nossas energias.

Sei também que o estágio da vida onde nos encontramos neste momento costuma afetar vários relacionamentos, até mesmo os melhores, mas eu sinto que não somos mais tão próximos quanto éramos antes, e isso me deixa triste.

Como não havia nada em minha declaração que Nick pudesse refutar, ele assentiu com um pequeno e cuidadoso aceno de cabeça:

— Sinto muito que esteja triste.

— E como você está se sentindo? — perguntei.

Ele me lançou um olhar confuso.

— Você está feliz?

— O que quer dizer?

Tenho certeza de que ele sabia exatamente o que eu queria dizer, mas ainda assim tentei ser mais clara:

— Você está feliz com a sua vida? Com a nossa vida?

— Estou feliz o suficiente — ele disse com a colher para cima, o sorriso rígido, parecendo um participante de um game show que sabe a resposta, mas mesmo assim pensa mais um pouco antes de apertar o botão.

— Feliz o suficiente? — eu repeti, ofendida com sua resposta.

— Tessa — ele falou com a colher agora de volta à tigela, seu humor ficando visivelmente mais sombrio —, do que se trata tudo isso?

Engoli e disse:

— Há algo de errado. Você parece distante, como se algo estivesse te incomodando, e não sei se é o trabalho, a vida em si ou as crianças. Ou eu.

Ele limpou a garganta e disse:

— Não sei ao certo como responder a isso.

Senti o aumento de minha frustração e os primeiros indícios de ódio enquanto dizia:

— Isso não é uma armadilha, Nick. Só quero conversar. Será que dá para a gente conversar, por favor?

Esperei por sua resposta, encarando o ponto abaixo de seu lábio inferior e acima de seu queixo, querendo ao mesmo tempo beijá-lo e dar-lhe um tapa.

— Não sei o que você quer — ele começou. — Não sei o que espera de mim

— ele me olhou fixamente por vários segundos antes de olhar para baixo e preparar seu sashimi.

Colocou cuidadosamente o molho de soja em seu pires e adicionou um toque de wasabi antes de misturar os dois com seus hashis.

— Quero que me diga como está se sentindo — eu disse, desta vez suplicando.

Ele me olhou bem nos olhos e falou:

— Eu não sei o que estou sentindo.

Algo dentro de mim deu um estalo quando soltei minha primeira dose de sarcasmo, quase sempre fatal em uma conversa entre marido e mulher:

— Bem então... — Vamos tentar uma abordagem mais fácil. O que acha de me dizer onde você estava na tarde de ontem?

Ele me olhou pasmo.

— Estava no hospital. Voltei para casa por volta das 17 horas, jantei com as crianças e depois saí por algumas horas.

— Você ficou no hospital o dia todo? — pressionei mais um pouco, fazendo uma última prece, torcendo para que Romy o tivesse confundido com outro homem no estacionamento, que ela estivesse precisando urgentemente de óculos.

— Praticamente — ele respondeu.

— Então você não foi à Longmere ontem? — deixei escapar.

Ele encolheu os ombros, esquivando-se de meu olhar, e falou:

— Ah. Sim. Por quê?

— Por quê? — disse incrédula — Por quê?

— Sim. Por quê? — ele perguntou ríspido. Como em: Por que você quer saber?

Ou:

Por que voltou para casa um dia antes para me fazer essa pergunta?

Balancei a cabeça me recusando a cair em sua tática manjada.

— Por que você estava lá? Você foi até lá conhecer a escola? Deixar uma ficha de inscrição?

Tinha alguma coisa a ver com a Ruby?

Eu já sabia a resposta quando ele suspirou e respondeu:

— É uma longa história.

— Nós temos tempo de sobra.

— Eu realmente não queria falar sobre isso agora — ele disse.

— Bem, você não tem essa escolha. Não quando se é casado.

— Viu. Lá vai você de novo — ele falou como se estivesse tendo uma revelação, uma intervenção divina sobre a minha pessoa tão misteriosa e difícil.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que parece que não restam muitas escolhas nesse casamento. A não ser que seja você quem decida sobre elas.

— O quê? — gritei, sendo a primeira a levantar a voz, algo que havia prometido não fazer.

— Você tem tudo planejado. Onde moramos, de qual clube devemos nos tornar sócios, onde as crianças devem estudar, quais serão os nossos amigos, o que devemos fazer com cada hora, minuto e segundo de nosso tempo livre.

— Do que você está falando?

Ele me ignorou e continuou com seu discurso exaltado:

— Se devemos ir a uma marcha forçada até a Target, a uma festa de Dia das Bruxas da vizinhança ou a uma visita à escola. Que inferno, você decide até mesmo o que eu devo vestir dentro de minha própria casa para comer sushi para viagem. Pelo amor de Deus, Tessa.

Engoli em seco, sentindo-me na defensiva e, ao mesmo tempo, indignada.

— Então pode dizer — eu disse apertando os meus dentes entre as palavras. — Há quanto tempo você se sente assim?

— Há algum tempo.

— Então isso não tem nada a ver com Valerie Anderson? — arrisquei.

Ele não se mexeu. Nem mesmo piscou.

— Por que você não me diz, Tessa? Já que parece ter todas as respostas?

— Eu não tenho essa resposta, Nick. Inclusive, essa sua amizade era novidade para mim. Foi a grande manchete do dia. Enquanto eu estava tentando me divertir em Nova York com meu irmão e minha melhor amiga, recebi uma mensagem de que você estava com outra mulher, compartilhando um momento íntimo no estacionamento.

— Ah, que ótimo — ele disse com um sarcasmo grave. — É ótimo mesmo, agora estou sendo vigiado, seguido, como se fosse culpado por algum crime.

— E você é? — gritei. — Culpado?

— Eu não sei. Por que não pergunta ao seu grupinho de amigas? Por que não faz uma pesquisa com todas as donas de casa de Wellesley?

Engoli em seco e então ergui meu queixo em um gesto hipócrita:

— Só para sua informação, eu disse à April que você jamais me trairia.

Estudei seu rosto, carregando uma expressão que eu só podia descrever como sendo de culpa.

— Por que você está falando de mim com a April? — Nick perguntou. — Desde quando nosso casamento é da conta dela?

— Ela não faz parte dessa discussão, Nick — eu disse, determinada a não deixar que ele desviasse o assunto. — A não ser pelo fato de ter sido ela quem me contou que você estava na Longmere com a Valerie Anderson, quando era você quem deveria ter me contado.

— Eu não sabia que você queria um relatório completo de tudo o que eu havia feito — Nick disse, levantando-se abruptamente e indo até a cozinha. Um longo momento depois voltou com uma garrafa de água, enchendo sua taça enquanto eu continuava de onde havíamos parado.

Balancei a cabeça e continuei:

— Eu não pedi um relatório. Não queria um relatório.

— Então por que você se cerca de pessoas que te dariam esse relatório?

Era uma pergunta justa, mas eu sentia que ela não vinha nem um pouco ao caso nessa conversa, que ele estava tentando evitar a todo custo.

— Eu não sei, Nick — eu disse. — Você pode estar certo sobre April, mas não estamos falando sobre ela, e você sabe disso.

Ele permaneceu irritantemente silencioso, enquanto eu suspirei e falei:

— O.k Vamos tentar outra vez, de outro jeito. Agora que estamos nesse tópico, você poderia me dizer o que você estava fazendo na Longmere?

— Tudo bem. Sim, vou te dizer — ele disse calmamente. — Foi Charlie Anderson, meu paciente, que me ligou.

— Ele que te ligou?

Ele fez que sim.

— Era uma emergência médica?

— Não, — ele respondeu — não era.

— Então por que ele te ligou?

— Ele estava chateado, houve um incidente na escola. Uma garotinha o provocou e ele ficou chateado.

— E por que ele não ligou para a mãe?

— Ele ligou, mas não conseguiu encontrá-la. Ela estava no tribunal e o celular estava desligado.

— E o pai? — perguntei, mesmo já sabendo a resposta. Sabia que não havia nenhum pai, talvez o fato mais perturbador em toda essa história.

Como era de esperar, Nick parecia mais tenso do que havia ficado em toda a nossa conversa quando disse:

— Ele não tem pai. Ele é um garotinho assustado que passou por coisas horríveis e ligou para seu médico.

— Ele não tem ninguém mais na família? — perguntei, obstinada a não sentir compaixão por qualquer outra pessoa que não fosse eu ou, possivelmente, meus filhos. — Avós? Tias ou tios?

— Tessa, olha, eu não sei por que ele me ligou. Não perguntei. Simplesmente fui. Achei que era a coisa certa a fazer.

“Você é tão nobre, não é seu desgraçado?”, pensei, mas então continuei:

— Você é amigo dela?

Ele hesitou e confirmou:

— Sim. Acho que se pode dizer que somos amigos. Sim.

— Amigos próximos? — perguntei.

— Tessa, por favor. Pare.

Balancei a cabeça em forma de negação e repeti a pergunta:

— Vocês são muito próximos?

— Aonde quer chegar com isso?

— Aonde quero chegar — eu disse, afastando meu prato, perguntando-me como pude pensar que comer peixe cru seria uma boa idéia. — No que está acontecendo com a gente. Porque já não nos sentimos mais tão próximos. Porque você não me disse que Charlie Anderson havia te ligado. Que você é amigo da mãe dele.

Ele concordou, admitindo que eu tinha alguma razão, o que fez com que minhas palavras seguintes fossem mais suaves:

— E talvez, só talvez, essa preocupação irritante que estou tendo com o nosso relacionamento esteja só na minha cabeça. Talvez eu tenha de tomar algum antidepressivo ou voltar a trabalhar, ou algo assim — peguei meus hashes, segurando-os com habilidade, lembrando-me de como meu pai havia me ensinado a usá-los quando era pequena, mais ou menos da idade de Ruby.

Ele concordou mais uma vez e disse:

— Sim. Talvez seja você quem não está feliz. Na verdade, não consigo me lembrar da última vez em que te vi feliz. Primeiro a razão era que você trabalhava demais, que se sentia sobrecarregada e ficava chateada com os professores que não tinham filhos e que não entendiam a sua situação. Então, eu te disse para parar de trabalhar, que ficaríamos bem sem uma de nossas fontes de renda, e você parou. E agora. Agora você parece entediada e frustrada, além de ficar incomodada com as mães que se preocupam demais em jogar tênis ou postar atualizações fúteis no Facebook, ou que esperam que você faça lanches caseiros para as festas da escola, e, ainda assim, você perde tempo se preocupando com todas essas coisas. Ainda assim entra no jogo delas.

Tentei interrompê-lo e me defender, mas ele continuou com mais convicção ainda:

— Você queria outro filho, desesperadamente. Tanto que o sexo virou um projeto. Um projeto exaustivo. Então você teve o Frank, e parecia enlouquecida. Com depressão pós-parto. Desconsolada.

— Eu não estava com depressão pós-parto — esbravejei, ainda me recuperando de sua descrição de como era nosso sexo, tomada por remorso, constrangimento e medo.

— Eu só estava com aquela melancolia comum depois de dar à luz.

— Está bem. Está bem, entendo. Entendo como foi difícil. Por isso eu assumi as mamadeiras das manhãs. Por isso contratamos a Carolyn.

— Eu sei. Ninguém nunca te acusou de ser um pai ruim.

— Tudo bem. Mas, olha só, a questão é que eu não sinto que mudei, sinto que continuei o mesmo. Sou um cirurgião. É isso que sou.

— É isso que você é, claro. Mas isso não é tudo o que você é. Você também é meu marido, e pai de Ruby e Frank.

— Sim, eu sei. Eu sei. Mas por que isso significa que eu tenha de ter um calendário social lotado? E que meus filhos tenham de estudar em uma escola

particular chique?

E que minha mulher deva se preocupar incessantemente com o que os outros pensam de nós?

— É assim que você me vê? — perguntei, com as lágrimas prestes a caírem.
— Como uma tola?

— Tess. Não. Não te vejo como uma tola. Vejo você como uma mulher linda e inteligente que...

Comecei a chorar quando ele tocou em minha mão.

— Que o quê? — perguntei já aos prantos.

— Que, sei lá, Tess. Talvez algo tenha mudado em nossa vida. Concordo com você nessa. Só não acho que tenha sido eu.

Olhei para ele desorientada. O peso de suas palavras deixou-me sem ar. Era a revelação que eu estava procurando e, agora que a encontrara, não sabia ao certo o que fazer com ela.

— Talvez seja em parte minha culpa — consegui dizer, sem nenhuma coragem para perguntar sobre a mensagem de texto ou qualquer outra coisa sobre Valerie. — Mas ainda te amo.

Vários segundos se passaram, segundos que mais pareciam horas, antes que ele respondesse:

— Também te amo, Tess.

Olhei para ele, agarrando-me à beirada da mesa e a suas palavras, perguntando-me de que tipo de amor estávamos falando e se ele seria suficiente.

Ela esperou, e esperou, e esperou mais um pouco. Esperou por dez dias excruciantes, o período mais longo de tempo de que conseguia se lembrar, quase tão lento e agonizante quanto os primeiros dias no hospital. Olhava fixamente para seu BlackBerry, dormindo com ele ao lado do travesseiro, o volume do toque no máximo. Deixou as cortinas entreabertas, procurando por ele sempre que ouvia uma porta de carro bater do lado de fora. E, quando não conseguia mais suportar a espera e a ansiedade por nem mais um segundo, perdeu a paciência e enviou uma mensagem: “Espero que esteja bem?”. Adicionou um ponto de interrogação com o único propósito de pedir por uma resposta, mas, ainda assim, nada dele. Nem uma única palavra.

Primeiro lhe deu o benefício da dúvida que ele havia feito por merecer, inventando todo tipo de desculpa em sua defesa. Houve uma emergência no trabalho ou em casa.

Alguém se machucou. Ele se machucou. E a hipótese mais implausível de todos: que contou a sua esposa que estava apaixonado por outra mulher, que estava desfazendo seu casamento, pedindo o divórcio, desejando um fim justo antes que pudessem continuar juntos, de forma honesta e verdadeira.

Sentiu-se tola por chegar a pensar em uma coisa dessas (sem falar em sonhar com isso e, certa vez, em um momento de particular desespero, até mesmo pedir a Deus por isso), quando sabia o que era bem mais plausível. Que ele havia se arrependido do que haviam feito e do que havia dito, ou, pior, que, não tinha nenhuma intenção de dizer aquilo.

As emoções a fizeram voltar ao passado, ao tempo que classificou de “anos idiotas”, antes de aprender a se proteger com um muro de desconfiança, cinismo e apatia. As feridas que Lion deixou, feridas que achava que tinham cicatrizado há muito tempo, estavam subitamente recentes e em carne viva. Ela começou a odiá-lo outra vez, pois era mais fácil que odiar ao Nick. Mas, principalmente, se odiava por ser o tipo de mulher que se punha nessas situações.

— O que há de errado comigo? — ela disse, quando sucumbiu na tarde de uma terça-feira triste no trabalho, ligando para seu irmão, confessando o que haviam feito e contando que não o via desde então, que não ouvia sua voz desde aquela ligação no sábado pela manhã, depois do ocorrido.

— Não há nada de errado com você — Jason falou com a voz sonolenta ou chapada, ou talvez as duas coisas.

— Deve ter alguma coisa de errado comigo — ela disse, olhando da janela de seu escritório para outro prédio comercial do outro lado da rua, onde dois homens

estavam literalmente em pé ao lado de um bebedouro, rindo. — Ele transou comigo uma vez e, então, terminou comigo.

— Ele não terminou com você exatamente. Ele só não... deu continuidade...

— É a mesma coisa, e você sabe disso.

O silêncio de seu irmão apagou outra ponta de esperança.

— Então o que você acha que aconteceu? Não sou bonita o suficiente? — ela perguntou, sabendo que falava como uma adolescente angustiada e arrasada. Ela não queria, de jeito nenhum, estar nessa categoria de mulheres que medem sua auto-estima pelo que os homens dizem, depositando suas esperanças em outras pessoas. Mesmo assim, foi exatamente o que fez e o que continuava a fazer por meio dessas perguntas.

— Você está brincando? Você é linda de morrer — disse Jason —, tem o rosto, o corpo, o pacote completo.

— Então qual é meu problema? Será que é o sexo? Talvez eu seja horrível na cama — ela falou, assim que imaginou o rosto de Nick, retorcendo-se de prazer dentro dela.

A maneira como ele acariciou seu cabelo depois de tudo, beijou suas pálpebras e correu sua mão pela sua barriga e pelas suas coxas. Pegou no sono abraçando-a, aninhando-se a ela. Jason estalou sua língua e disse:

— Geralmente o problema não é o sexo, Val.

— Então o que é? Sou sem graça? Negativa demais? Tenho muita bagagem?

— Nenhuma dessas alternativas. Não é você, Val. É ele... A maioria dos caras são uns idiotas. Tanto os gays quanto os héteros. O Hank é um diamante bruto — ele disse com a voz radiante, como sempre faz quando fala de seu namorado. De um jeito que ela só havia percebido poucos dias antes. — Mas o Nick... nem tanto.

— Ele foi tão maravilhoso com o Charlie — ela disse cheia de imagens passando em sua mente. — Eles tinham uma química, uma ligação. Dava para perceber, não dá para fingir algo assim.

— Só porque ele é um ótimo cirurgião e se apegou ao melhor garoto do mundo não quer dizer que seja o homem certo para você. E, também, não quer dizer que seja um homem bom — disse Jason —, mas entendo por que você confundiria as duas coisas. Qualquer pessoa confundiria. É como se... ele tivesse tirado vantagem de sua posição.

Ela suspirou concordando com seu irmão, embora não conseguisse acreditar que Nick fosse tão manipulador assim, tão horrível. Seria mais fácil se conseguisse, pois aí seria capaz de concordar com seu irmão, concordar que essa rejeição estaria relacionada às falhas dele, não às dela.

— O Charlie tem uma consulta na semana que vem — ela disse, pensando no número de vezes em que já havia olhado o calendário, pensando no que diria quando entrasse em seu consultório. — Será que não é melhor procurarmos por

outro médico?

— Ele é o melhor, não é? — Jason perguntou.

— Sim — ela respondeu rapidamente, com seu coração partido, mas sua lealdade, estranhamente, ainda intacta. Lembrou-se de como continuou elogiando o talento de Lion mesmo meses depois de terminarem. — Nick é o melhor.

— Bem, então o deixe como médico de Charlie.

— Tudo bem — ela concordou, pensando no que contaria a seu filho, como explicaria por que Nick não aparecia mais por lá, por que não era uma boa idéia ligar para ele da escola ou de qualquer outro lugar. Por que só podiam vê-lo no hospital e em seu consultório.

— Devo sentir-me muito culpada? — ela perguntou pensando em Charlie, em suas palavras no carro, quando disse que gostaria que Nick fosse seu pai.

— Sobre o quê? Tessa?

Ficou paralisada em sua cadeira.

— Eu estava falando de Charlie, não da esposa de Nick.. E como você sabe o nome dela?

— Você não... me disse... o nome dela? — ele gaguejou.

— Não — ela respondeu com certeza absoluta. — Não disse.

— Deve ter dito.

— Jason, eu sei muito bem que não disse. Eu nunca disse o nome dela em voz alta. Como sabe o nome dela? — ela exigiu saber.

— Tudo bem, tudo bem... Então se prepare para essa... Acontece que o Hank é o instrutor de tênis dela.

— Você está de sacanagem comigo — ela falou apoiando a cabeça em sua mão desocupada.

— Não.

— Então o Hank sabe? Sobre Nick e eu?

— Não. Juro que não contei nada a ele.

Ela não tinha certeza se acreditava, considerando que Jason era um livro aberto mesmo quando não estava apaixonado. Mas, neste momento, ela já não se importava muito e ouviu impassível a seguinte explicação de seu irmão.

— Faz algum tempo que ela está fazendo aulas com ele... Hank sabia que o marido dela era um cirurgião conhecido, mas não tinha ligado as informações até a semana passada, quando ela mencionou um dos pacientes de seu marido, um garoto que havia queimado o rosto em uma festa de aniversário.

O coração de Valerie se acelerou.

— O que ela disse de Charlie?

— Nada. Só disse que Nick trabalhava muito. O Hank perguntou que tipo de cirurgia ele fazia, e ela respondeu. Usou Charlie como um exemplo... Mundo pequeno, não?

— É, mas eu não gostaria de abraçá-lo — ela falou, uma das frases favoritas de seu pai.

— Exatamente — Jason respondeu, com a alegria de volta a sua voz.

Ela suspirou, processando esse novo perfil de Tessa, imaginando uma típica madame dos clubes de campo. Uma loira plastificada e elegante, dada aos prazeres de partidas de tênis no meio da tarde, às farras de compras na Neiman Marcus, almoços com champanhe em restaurantes com toalhas de mesa de linho.

— Então ela joga tênis? Que bom para ela — Valerie disse.

— Você deveria aprender a jogar tênis — Jason falou, obviamente tentado mudar de assunto. — O Hank disse que daria aulas de graça para você.

— Não, muito obrigada.

— Por que não?

— Tenho de trabalhar, lembra? Não sou casada com um cirurgião plástico. Só durmo com um quando sua esposa está fora.

Jason limpou a garganta e disse o nome dela como um tipo de reprimenda encorajadora.

— O quê?

— Não deixe que isso te consuma.

— Tarde demais.

— A felicidade é a melhor vingança, sabia? É só ser feliz. É uma escolha.

— Ser feliz, é? Como a esposa de Nick? — Valerie disse rispida. — O Hank te disse se ela é feliz?

Jason hesitou e respondeu:

— Para falar a verdade, ele contou que ela é muito agradável, e que tem os pés no chão.

— Ótimo. Fantástico — ela disse com a culpa e o remorso da manhã de sábado sendo substituídos por uma inveja intensa e sufocante. — Ela é linda de morrer também?

Ela se preparou, percebendo que não havia nenhuma resposta que Jason pudesse lhe dar que a deixaria feliz. Se a esposa de Nick fosse feia, ela se sentiria usada. Se Tessa fosse linda, ela se sentiria inferior.

— Não, ela não é linda de morrer, não. Ele disse que ela é bonita, mas linda de morrer não, de modo algum.

Valerie soltou um suspiro profundo, sentindo-se nauseada e zonha.

— Lembre-se, Val, ela é casada com um homem infiel. Você deveria ter pena dela, e não inveja — Jason disse.

— Sim — ela falou, tentando se convencer de que seu irmão estava certo. Que estava melhor sem ele, sem homem nenhum. Que ele era problema da Tessa, e não dela.

Mas, no fundo, sabia que a única coisa que havia mudado desde aquela manhã

de sábado era que ele havia parado de ligar. Ela sempre soube que era casado, que tinha uma esposa. Sempre soube que queria algo, ou alguém, que não pertencia a ela e, provavelmente, jamais pertenceria. Foi o que ganhou com isso. E era exatamente o que merecia.

Jason assoou o nariz e, então, perguntou se ela ficaria bem. Ela disse que sim e desligou o telefone, segurando-se para não chorar enquanto girava em sua cadeira e fitava uma mancha de umidade no teto.

Segundos depois, o telefone tocou e em sua tela era possível ler “ligação privada”.

Ela atendeu achando que era Jason com alguma outra acusação contra Nick, alguma palavra de sabedoria sobre relacionamentos.

— Sim? — ela disse.

— Oi, Val, sou eu — ela ouviu. Recuperou o fôlego percebendo que ainda era sua voz preferida em todo o universo.

A ira e o alívio entravam em conflito dentro dela quando disse:

— Olá, Nick

— Como você está?

— Estou bem — ela respondeu da maneira mais rápida e convincente que conseguiu.

Sua voz estava fria. Fria demais para indicar indiferença.

— Sinto muito por não ter ligado mais...

— Tudo bem. Eu entendo — ela disse mesmo que não estivesse tudo bem e ela não entendesse.

— Ando confuso... tentando entender algumas coisas...

— Não precisa explicar. Realmente não é necessário — Valerie falou, esperando que ele explicasse mesmo assim.

— Val — ele tinha tanta angústia em sua voz que dava a ela uma pequena quantidade de conforto. — Posso ver você? Podemos nos encontrar em algum lugar? Preciso te ver. Falar com você.

Sua mente estava a mil. Ela sabia que deveria dizer não. Sabia que deveria proteger os sentimentos de seu filho, mesmo se não estivesse disposta a proteger os seus.

Charlie estava apegado a Nick, estava extremamente ligado a ele. Mas, se ela continuasse se encontrando com Nick, seria ainda pior quando ele a decepcionasse outra vez.

Seu peito estava apertado enquanto ela se preparava para lhe dizer que não era uma boa idéia, que sexta-feira à noite havia sido um erro e que ela não podia ser dar ao luxo de cometer outro igual. Mas não conseguiu. Não conseguia pôr um fim definitivo àquela situação. Em vez disso, abriu a boca e disse que estava prestes a dar uma volta no Common e que ele poderia ir com ela.

— Onde posso encontrá-la?

— Perto do Frog Pond — ela respondeu da maneira mais indiferente possível, fingindo não ser uma escolha otimista e sentimental. Fingindo que não queria andar ao seu lado em um local que ela amava, respirando o ar frio do inverno juntos. Que não era porque ela imaginava os dois caminhando com Charlie lá, patinando no gelo e depois tomando chocolate quente. Que não era para criar um pano de fundo para a memória que ela esperava que ele quisesse criar. A explicação, a afirmação, a promessa de um futuro juntos.

Minutos mais tarde, depois de retocar a maquiagem, passar uma escova no cabelo e dizer a sua secretária que precisava sair para um compromisso, envolveu-se em seu trench coat preto e pesado e passou pelo cais vazio, sem seus barcos durante o inverno.

Inalou o ar frio e cortante, seus olhos fixos na South Station que surgia aos poucos, contrapondo-se ao céu pálido. Atravessou chegando ao centro da cidade acinzentado, passando por lojas de eletrônicos e lavanderias, bares, restaurantes étnicos, carrinhos de faláfel e vendedores de amendoim torrado. Continuou andando entre multidões fazendo compras de Natal e os turistas andando a esmo. Virou na Rua Franklin, repleta de prédios acinzentados e majestosos, e, finalmente, chegou à Rua Tremont, com sua vista do Palácio do Governo e da parte histórica da cidade, toda pavimentada com paralelepípedos. O tempo todo, o vento vindo do porto tirava seu fôlego.

À medida que atravessava a rua e se aproximava do parque, viu um senhor sem teto infame, conhecido por muitos como Rufus. Até onde Valerie se lembrava, ele sempre esteve por ali, mas parecia não ter envelhecido, com sua pele escura com o mesmo número de rugas de anos atrás e o cabelo grisalho apenas em suas têmporas.

Fez contato visual com ele e pensou o que sempre pensava quando o via nos meses frios de inverno: “Por que não se muda para a Flórida, Rufus?”.

Ele sorriu para ela, como se lembrasse dela de seu último passeio por esse caminho, e disse:

— Ei, querida... Está muito bonita hoje... Tem um dólar? Algum trocado? — sua voz era grave e áspera, mas inexplicavelmente reconfortante. Ela parou e lhe deu uma nota de cinco e, enquanto a aceitava, disse-lhe que tinha olhos lindos.

Ela agradeceu optando por acreditar que ele estava sendo sincero.

— Deus a abençoe — ele falou com a mão sobre o peito.

Ela assentiu e, então, se virou para continuar caminhando. Suas botas pretas de ponta fina não foram feitas para caminhar e seus dedos já estavam dormentes. O frio acabava com qualquer vestígio de otimismo. Começou a dar passos mais largos, indo na direção de Nick e de seu destino. Disse a si mesma para não ser dramática demais, que ele era só mais um. Outro capítulo de sua vida amorosa sem graça. Também disse a si mesma que preferia saber de uma vez, pois tentar ficar adivinhando era sempre a pior parte.

Então finalmente chegou ao parque, aproximando-se do rink, repleto de patinadores, alguns mais habilidosos, a maioria cambaleando, mas todos se divertindo. O sol de repente surgiu entre as nuvens, refletindo no gelo. Como havia esquecido seus óculos de sol, protegeu os olhos com a mão, procurando por Nick ao redor de todo o rink e até mesmo dentro dele, como se houvesse alguma probabilidade de ele parar e colocar um par de patins para uma volta rápida. Finalmente o avistou com seu sobretudo azul-marinho, um cachecol cinza volumoso enrolado em várias voltas ao redor de seu pescoço. Ele apertava os olhos em sua direção, mas ela pôde perceber que ele ainda não a tinha visto. Ela o analisou por um longo minuto, ou talvez mais, antes de seus olhos se encontrarem. O rosto de Nick se iluminou sem que ele sorrisse e começou a caminhar em sua direção, olhando para seus pés, com suas mãos enfiadas nos bolsos.

Ela esperou por ele, mudando a expressão em seu rosto várias vezes, tentando mostrar neutralidade. Não tinha idéia do que esperar. Mesmo assim, sabia exatamente o que esperar.

— Oi, Val — ele disse quando parou diante dela. Seus olhos estavam claros, o mais claro possível para olhos castanhos. Mas algo neles indicava que ele estava ali para partir seu coração. Mesmo assim, quando ele foi abraçá-la, ela não resistiu. Seu rosto pousou em seu ombro largo enquanto ela dizia oi, sua voz perdida em uma rajada repentina de vento.

Enquanto se separavam, ele fitou seus olhos e disse:

— É bom te ver.

— É bom ver você, também — ela falou com o peito apertado de expectativa e receio.

Ele apertou os lábios e pegou um cigarro avulso em seu bolso e uma caixa de fósforos.

Ela achava que ele não fumasse e apostaria todas as suas cartas nisso, mas não perguntou nada sobre isso. Fosse um hábito novo ou uma recaída. Ele inverteu a caixa e riscou um fósforo com a mão sem luva, fazendo-a lembrar de quanto suas mãos eram habilidosas.

— Você tem um desses para mim? — ela perguntou, enquanto começavam a caminhar.

— Sinto muito. Este era o último — ele disse com a voz angustiada e oscilante.

Então lhe ofereceu o cigarro.

— Não tem problema — ela falou balançando a cabeça em forma de recusa.

— Eu estava meio que brincando. Não fumo... a não ser que esteja bebendo.

— Será que devemos beber alguma coisa? — ele perguntou com uma risada curta e nervosa.

Ela não respondeu e ele tentou outra pergunta:

— Como está o Charlie?

— Está bem — ela disse ríspida, recusando-se a dar qualquer outra informação.

Ele fez que entendeu e levou o cigarro até a boca. Fechando os olhos, tragou e, então, virou a cabeça para o outro lado. Ele não soltou o ar, apenas abriu a boca e a fumaça rodopiou sobre sua cabeça, rapidamente se desfazendo. Então olhou ao seu redor, murmurando algo sobre um banco. Ela fez que não com a cabeça, dizendo que preferia caminhar, que estava frio demais para se sentarem.

Então eles continuaram, contornando o lago, seus olhos sobre os patinadores alegres se movimentando em direção anti-horária pelo ringue, formando um borrão de cores vibrantes.

— Você sabe patinar? — ele perguntou, seus braços às vezes se tocando.

Valerie ajustou seu passo, afastando-se dele, e respondeu:

— Sim.

Então ela suspirou, indicando que não estava lá para jogar conversa fora. Depois de uma volta completa ao redor da pista, ele voltou a falar:

— Val — ele disse —, nossa noite juntos... foi maravilhosa.

Ela concordou com a cabeça. Não havia como negar essa afirmação. De jeito nenhum.

— Você é maravilhosa.

Ela se sentiu tensa, sua garganta fechada. Não estava à procura de elogios, fossem eles reais, fossem eles consoladores. Sabia aonde isso chegaria e só queria que ele fosse direto ao assunto.

— Obrigada — ela disse novamente. Então, o mais rápido que pôde: — Você também é.

Ele parou subitamente e agarrou em seu braço:

— Podemos ir a algum lugar conversar? Algum lugar fechado? — ele sugeriu.

Ela já não sentia mais os próprios pés e seu nariz estava começando a escorrer, então assentiu relutante e o acompanhou até o 75 Chestnut, um restaurante na rua que tinha o mesmo nome. Localizaram uma mesa nos fundos e, quando a garçonete chegou para anotar seus pedidos, ela disse:

— Nada para mim, com um gesto indicando Nick.

Ele balançou a cabeça, ignorando sua decisão e pedindo duas sidras.

— Diga logo, Nick — ela falou quando a garçonete se afastou. — Diga no que está pensando.

— Estou pensando em várias coisas — ele proferiu coçando o queixo, coberto por uma barba já de vários dias.

— Como o quê?

— Estou pensando que sou louco por você.

Seu coração pulou e ele continuou, desta vez se inclinando sobre a mesa, suas faces a poucos centímetros de distância.

— Estou pensando que amo seu corpo, seu toque e seu gosto. Que amo o som

da sua voz e o modo como olha para mim com esses olhos... Que amo como você é com o Charlie. Que amo como você é.

— Talvez seja só físico? — ela sugeriu calmamente, fingindo não estar profundamente comovida com suas palavras.

— Não — ele negou balançando a cabeça resolutivo. — Não é físico, não é algo passageiro, não é nada disso. Eu te amo, Val. Essa é a verdade, e tenho medo de pensar que sempre será a verdade.

Agora ela tinha sua resposta, a palavra medo o entregava. Ele a amava, mas preferia não amar. Ele a queria, mas não podia tê-la. Isso de acordo com a decisão dele. Ela se sentiu desmoronar por dentro enquanto a garçonete voltava com as bebidas. Ela envolveu a caneca quente com suas mãos, inalando o aroma perfumado de maçã, enquanto ele continuava, quase como se estivesse falando para si mesmo:

— Eu sei quando foi que isso aconteceu. Foi na noite em que fomos ao Antonio's e você me disse que o Charlie não tinha um pai.

— É por isso, então? — ela perguntou, fazendo o possível para se manter calma, eliminar qualquer vestígio de desgosto de sua voz.

— Você está querendo nos salvar, ou coisa assim? Você salvou o Charlie e agora quer me salvar também?

— Pensei nisso — ele disse. E o fato de não tentar se defender automaticamente, deu mais credibilidade à sua resposta. — Pensei nisso, assim como me perguntei se era esse o tipo de atração que você tinha por mim — tomou um longo gole de sua sidra e concluiu. Mas sei que não é isso. Pelo menos não é só isso.

— Também não é isso para mim — ela disse, o mais próximo que chegou de admitir que também o amava. — Eu não preciso ser salva.

— Eu sei que você não precisa ser salva, Val. Você não precisa de ninguém. É a pessoa mais forte que conheço.

Ela forçou um sorriso como se tentasse provar que a teoria de Nick estava certa, embora ela mesma não acreditasse.

— Você não se considera forte — ele disse, como se estivesse lendo sua mente. — E o fato de você achar que só está segurando as pontas... é tão... tão... Sei lá, Val. É só mais uma coisa que amo em você. Você consegue ser forte e vulnerável ao mesmo tempo.

Ele se inclinou em sua direção, e estendeu o braço para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha de Valerie.

Ela se sentiu estremecer e falou:

— Mas? — sabia que havia um mas, que sempre haveria um mas.

— Mas... Não posso... — sua voz falhou. — Não posso fazer isso...

— Tudo bem — ela disse, tomando isso como a posição final de Nick, não vendo razão para insistir no assunto.

— Tudo bem nada, Val. Pode me pendurar na força.

— Não tem força nenhuma.

— Não quero dizer “força” nesse sentido... Só quero dizer... Só quero dizer que cometi um erro ao ir tão longe com você. Achei que, se me sentia assim por você, o que estávamos fazendo não seria errado. Que eu seria diferente de todos os homens que traem pelos motivos errados... Mas então a Tessa voltou de Nova York... e... não posso abrir uma exceção só para mim. Para nós dois. Não sem afetar todos ao meu redor.

Meus filhos... o Charlie...

— E a sua esposa — ela completou.

Ele concordou triste e disse:

— E a Tessa, claro... As coisas não estão ótimas entre nós neste momento, e não sei o que o futuro nos guarda... Mas tenho respeito por ela, e ainda gosto muito dela... E, a não ser que esteja disposto a jogar tudo isso para o alto, todos estes anos, a casa e a família que construímos... A não ser que eu esteja pronto para fazer isso agora mesmo — ele disse, batendo os dedos de leve na mesa —, hoje, neste mesmo segundo, não posso ficar com você. Simplesmente não é certo, por mais que eu queira que seja.

Simplesmente não é.

Ela mordeu os lábios e concordou, enquanto as lágrimas faziam seus olhos arderem.

— Acredite, Val. Analisei nossa situação de todos os ângulos possíveis. Tentei achar uma saída para fazer a única coisa que de fato quero fazer... que é levá-la de volta para sua cama agora mesmo... abraçá-la, fazer amor com você... simplesmente estar com você.

Ela mordeu seus lábios com ainda mais força, sua respiração se acelerava em uma última tentativa de não começar a chorar.

— Sinto muito — ele disse. — Sinto muito mesmo por ter feito isso com você. Foi egoísta e errado... E uma parte de mim quer dizer que talvez um dia possamos ficar juntos... talvez um dia as coisas sejam diferentes. Mas dizer isso seria igualmente egoísta... uma promessa falsa... uma maneira de mantê-la me esperando enquanto tento reparar o que fiz em minha casa.

— Você deveria reparar isso mesmo — ela falou se perguntando se estava sendo sincera e, caso não estivesse, por que estava dizendo algo assim.

Ele concordou, parecendo grave, tomado pela dor:

— Vou tentar.

— É tudo o que pode fazer — ela disse, se perguntando o que isso queria dizer.

Tentando imaginar se ele faria amor com sua mulher naquela noite. Se ele já havia feito desde aquela sexta-feira.

— Tem algum outro médico? Um aonde possamos ir? — sua voz falhou, mas ela conseguiu se controlar. — Não acho que seja uma boa idéia que Charlie

continue te encontrando...

Ele concordou e pegou um cartão de visita em seu bolso, deslizando-o sobre a mesa.

Ela olhou para o cartão, sua visão ficou turva e mal prestou atenção enquanto Nick elogiava a médica.

— A Dra. Wolfenden é maravilhosa — ele disse. — Muito do que aprendi foi com ela. Você vai adorá-la, e o Charlie também.

— Obrigada — ela falou piscando os olhos para conter as lágrimas.

Nick assentiu, piscando simultaneamente.

Ela pegou o cartão e disse:

— Tenho de ir.

Ele agarrou seu pulso:

— Val, espere. Por favor.

Ela balançou a cabeça em forma de negação, dizendo-lhe que não havia mais nada que ele pudesse dizer. Que a conversa havia terminado. Que eles haviam terminado.

— Adeus, Nick — Então se levantou e saiu, de volta ao frio intenso.

Com o passar dos dias e o início da contagem regressiva para o Natal, sentia-me como se estivesse presa em um sonho ruim, assistindo a mim mesma a distância, assistindo ao casamento de outra pessoa implodir com todas as indicações típicas da depressão.

Estava bebendo demais, tinha dificuldade para pegar no sono à noite e mais dificuldade ainda para acordar pela manhã. Não conseguia satisfazer minha fome profunda e voraz, não importando quanto comesse de carboidrato para tentar me sentir melhor. Estava me sentindo só, mas ao mesmo tempo evitava meus amigos, até mesmo a Cate, e, principalmente, a April, que me deixou inúmeras mensagens. Menti para minha família, bombardeando-os com atualizações entusiasmadas, fotos das crianças no colo do Papai Noel e clipes edificantes do YouTube com observações como “É uma graça!”, “Vocês vão adorar!”, sempre com pontos de exclamação, e, às vezes, até utilizando emoticons. Eu compensava com meus filhos, com um sorriso falso engessado em meu rosto, enquanto cantarolava músicas de Natal e abria os envelopes dos dias em nosso Calendário do Advento com um entusiasmo exagerado. Menti para Nick, aninhando-me nele todas as noites, usando seu perfume favorito, fingindo ter tido outro dia produtivo e festivo. Mas, principalmente, menti para mim mesma, dizendo que, se continuasse fingindo, conseguiria mudar o rumo de minha vida.

Mas não conseguia escapar dela. Da obsessão por uma mulher que nunca vi. Não tinha certeza dos detalhes, não sabia se a mensagem que havia visto era dela ou se Nick estava com ela na noite em que eu estava em Nova York. Não sabia exatamente o que Romy havia visto no estacionamento. Se era inocente ou não. Não sabia se ele havia feito amor com ela, a beijado, segurado sua mão ou se, simplesmente, havia olhado longamente em seus olhos, pensando em fazer qualquer uma dessas coisas. Eu não sabia se ele havia dito a ela sobre nossos problemas ou se havia me traído de alguma outra forma.

Só sabia de uma coisa. Sabia que meu marido estava apaixonado por Valerie Anderson, a única mulher com quem fizera amizade a não ser eu. A mulher por quem saiu do trabalho no meio do dia para ir até a escola que eu queria que ele visitasse durante meses, conversando aos sussurros com ela no estacionamento, sob os olhares de Romy e de todo o mundo, arriscando sua carreira, sua reputação e sua família. A mulher que ele conheceu em nosso aniversário de casamento. Naquela noite estrelada quando tudo começou. Na noite em que viu o rosto dela e de seu filho pela primeira vez, a noite que, desde então, ele guardou e

memorizou e, talvez, até viera a amar. Sabia disso pelo jeito como Nick abria a geladeira e olhava fixamente para dentro dela, como se tivesse esquecido o que estava procurando. Sabia disso pela maneira como fingia estar dormindo quando eu sussurrava seu nome no escuro. Sabia pela maneira triste com que cobria seus filhos à noite, como se estivesse contemplando como seria se estivesse longe deles. Eu sabia com uma certeza profunda que vinha com a perda iminente de algo que não desejamos perder de jeito nenhum. Sabia simplesmente porque sabia.

Então, em uma tarde fria, de céu azul e claro, dez dias antes do Natal, quando não agüentava aquilo por nem mais um segundo, ele entrou pela porta com um olhar que me dizia que ele também não agüentava nem mais um segundo. A pele de seu rosto estava irritada pelo frio, seu nariz estava vermelho, seu cabelo desarrumado pelo vento.

Estava arrepiado de frio quando fui até ele e tirei o cachecol de seu pescoço.

— Por onde andou? — perguntei, torcendo para que tivesse saído para comprar presentes de Natal para as crianças. Para mim.

— No parque Common — ele disse.

— O que foi fazer lá?

— Caminhar.

— Sozinho? — perguntei.

Ele fez um não com a cabeça, parecendo abatido.

— Com quem você estava? — perguntei com um frio no estômago.

Ele olhou para mim e pude ouvir o nome dela em minha cabeça ao mesmo tempo em que ele o disse em voz alta.

— Valerie Anderson — ele disse —, a mãe do Charlie — sua voz falhou e seus olhos pareciam sem vida, como se estivesse prestes a chorar, o que me deixou estarrecida, já que nunca havia visto meu marido chorar.

— Ah — consegui dizer. Ou algo parecido. Algum monossílabo para indicar que ouvi o nome, que entendia o que estava acontecendo.

— Tessa — ele falou — tenho que te contar uma coisa.

Balancei a cabeça de medo. Sabia que não era boa coisa o que ele ia me contar, o que eu já sabia em meu âmag, mas não queria que fosse confirmado de uma vez por todas. Então ele caiu de joelhos, assim como o fez no dia em que me pediu em casamento.

— Não — falei enquanto ele pegava em minhas mãos, pressionando-as contra seu rosto frio. — Não me diga que fez isso.

Ele me olhou fixamente, imóvel, e, então, fez com a cabeça que sim, seu queixo se movimentou de uma maneira quase imperceptível.

— Não — eu disse novamente. Ele me puxou para junto dele, no chão, e sussurrou que sim, fez.

— Foi só um beijo? — perguntei olhando em seus olhos.

Ele murmurou que não, não havia sido só um beijo.

— Você transou com ela? — quis saber com a voz tão calma que chegou a me assustar.

Fazendo com que eu pensasse se ainda o amava. Se algum dia o havia amado.

Se eu, ao menos, tinha um coração. Porque nada estava morrendo dentro de mim.

Nada sequer doía.

— Uma vez — ele respondeu —, só uma vez.

Mas ele podia ter dito dez ou 100 vezes. Bem que poderiam ter sido todas as noites desde o dia em que nos casamos. E, então, as lágrimas brotaram de seus olhos e começou mesmo a chorar. Algo que não fez da última vez em que se ajoelhou diante de mim. Algo que não fez no dia em que nos casamos ou no dia em que fiquei diante dele com um bastão de plástico, apontando para as linhas vermelhas e dizendo que teríamos um bebê. Ou na primeira vez em que ele segurou Ruby em seus braços e se tornou oficialmente pai. Ou quando soube que teríamos um menino, que ele teria o filho que tanto queria.

Mas desta vez estava chorando. Por ela. Por Valerie Anderson.

Limpei uma lágrima em seu rosto, perguntando-me por que estava fazendo aquilo.

Se seria nossa última troca de carinho.

— Sinto muito, Tessa. Sinto muito mesmo.

— Você vai me deixar? — perguntei como se o estivesse consultando antes de marcar carne ou peixe em um cartão de resposta.

— Não. Terminei tudo, agora mesmo.

— Agora mesmo? Durante sua caminhada?

Ele fez que sim.

— Sim. Agora mesmo... Tessa... Queria poder voltar atrás. Voltaria atrás se pudesse.

— Mas você não pode — eu disse mais para mim mesma que para ele.

— Eu sei. Eu sei.

Eu o observei. Minha cabeça girando, pensando em todas as vezes em que vi essa história se desdobrar. Para as garotas mais imaturas que acreditam que nunca amarão outra vez e as mulheres grisalhas e enrugadas, sem tempo para encontrar um novo amor. Para as donas de casa comuns e algumas das mulheres mais lindas e famosas do mundo. Fiz uma lista quase sem nenhum esforço, como se, em meu subconsciente, estivesse me preparando para aquele momento: Rita Hayworth, Jacqueline Kennedy, Mia Farrow, Jerry Hall, Princesa Diana, Christie Brinkley, Uma Thurman, Jennifer Aniston.

Mas, mesmo assim, essa lista não me dava nenhum consolo, nenhuma garantia de que seu ato não fosse referente a mim, não fosse uma rejeição à minha pessoa, a tudo o que sou.

Pensei naquela conversa hipotética. A conversa do “O que você faria se”. Pensei em todas as vezes em que a tive, incluindo com Romy e April havia pouquíssimo tempo e quando, até onde sei, Nick podia já ter dormido com ela. “E se Nick fizesse essa coisa inenarrável comigo? O que eu faria?”

E agora estava prestes a descobrir. Estava me observando do lado de fora novamente.

Descobri que não chorei, não gritei, não desmoronei nem tive um colapso que fosse. Mantive minha voz baixa, pensando em meus filhos no andar de cima no quarto dos brinquedos, sabendo que este seria um dia sobre o qual perguntarão, pensando no que diria a eles. Pensei em minha mãe, então em meu pai, e em minha mãe novamente.

Pensei nas brigas que ouvi sem querer e nas das quais nunca soube. Então me levantei, ereta e alta, e pedi para que fosse embora.

— Por favor — ele disse. Uma palavra que geralmente não me comove, mas sim me enche de ódio. Ódio que me dá força. “Não é assim que deveria ser”, pensei. O ódio não deve nos deixar mais forte. Mas é isso o que ele estava fazendo.

— Vá — disse assim que me ocorreu que preferiria que fosse eu quem saísse, pois queria ficar sozinha, fora daquela casa. Temendo que, se ficasse, talvez minha força se esvaísse. Que talvez fosse desmoronar no chão da cozinha e não conseguisse colocar os nuggets de frango no micro-ondas ou assistir ao especial de Natal do Charlie Brown com as crianças, como havia prometido. Que ver Lino, rodeando aquela árvore seca com seu cobertor azul, seria demais para mim.

— Vá embora agora — eu disse.

— Tessa.

— Agora. Não consigo olhar para você.

Então me afastei, recuando lentamente, como se mantivesse um olhar atento sobre o inimigo. O único inimigo que tive em toda a minha vida. Observei-o enquanto vestia novamente seu cachecol, jogando-o sobre seu pescoço, enquanto me recordava do dia em que nos conhecemos no metrô, do dia em que soube que me casar com Ryan, o doce e simples Ryan, seria um erro. A ironia disso tudo, a ironia de pensar que havia sido salva por Nick, era como um golpe violento intensificado por um arrependimento profundo. O arrependimento de cada coisa de nossa vida juntos. Nosso primeiro encontro, o dia de nosso casamento, nossa mudança para Boston, nossa casa e tudo dentro dela, até a lata mais empoeirada de sopa de lentilha no fundo de nosso armário.

Então, por um breve minuto, me arrependi de nossos filhos. Um pensamento que me encheu de culpa e dor intensas e de um ódio maior ainda pela pessoa que um dia amei mais que tudo no mundo. Voltei ao meu pensamento silenciosamente, confessando freneticamente a Deus que não tinha a intenção de

pensar daquele jeito, que Ruby e Frank eram as únicas decisões certas que tomei na vida. Era tudo o que me restava.

— Sinto muito — ele disse sem forças parecendo desolado, perdido. — Farei qualquer coisa para consertar esse erro.

— Não há nada que possa fazer. Isso não tem conserto.

— Tessa, não há mais nada entre mim e ela...

— Não há mais nada entre nós, Nick Não há mais nós... Agora saia daqui.

Ela começou a acenar à procura de um táxi para voltar ao trabalho, mas decidiu ir andando, na esperança de que o frio deixasse dormente tanto a dor em seu coração quanto àquela em todo o seu corpo. Mas, assim que avistou o prédio em que trabalhava, soube que essa estratégia não havia funcionado, nem um pouco sequer. Considerou voltar ao seu escritório, ao menos para desligar seu computador e pegar sua pasta repleta de documentos dos quais precisaria para uma reunião no início da manhã seguinte, mas não suportava a idéia de encontrar com ninguém, certa de que conseguiriam perceber que havia algo de errado, que poderiam, de alguma forma, perceber que seu coração havia acabado de ser partido. “Pobre Valerie”, eles diriam entre si, a notícia correndo tanto entre os sócios quanto entre os associados. “Parece que ela simplesmente não dá sorte.”

Então foi até seu carro, estacionado no quarto andar da garagem, ouvindo o eco de suas botas contra o chão de cimento. Seus dedos sem luvas estavam tão rijos que teve dificuldades ao destrancar a porta, chegando a se perguntar se poderia ter tido uma geladura.²³ Era o tipo de pergunta que teria feito ao Nick poucos dias antes. “Como a gente sabe que tem uma geladura?” Não só porque é uma pergunta vagamente médica, mas porque já estava começando a conversar de praticamente tudo com ele, até sobre as coisas mais insignificantes de seu dia. E a idéia de que nunca mais poderia ligar para ele, por grandes ou pequenos motivos, era assustadora.

23 Geladura é uma ulceração causada pelo frio. (N. da T.)

Ela se arrepiou e então entrou em seu carro e deu a partida, fitando a parede suja de blocos de concreto, entrando e saindo do foco. Depois de um tempo, parou de tentar conter as lágrimas, sua visão ficou mais turva, seus ombros trêmulos com pequenos soluços abafados. Algum tempo depois, quando não restava mais nenhuma lágrima, respirou fundo, assoou o nariz e limpou o rímel de seu rosto. Então saiu de ré de sua vaga, costurou entre os carros até a saída e passou por Willie, o atendente com dente de ouro, que acenou se despedindo, como de costume.

“É isso”, ela pensou enquanto dirigia até a casa de Jason para buscar o Charlie, mais cedo que de costume. “Hora de seguir em frente.”

Mas na manhã seguinte acordou se sentindo pior. Muito pior. Como se a decepção precisasse de uma noite para se concretizar. Perceber que Nick não voltaria mais, que não havia a possibilidade de um futuro ou mesmo de outra

noite juntos a fazia sentir dor em todo o corpo, como se estivesse com uma gripe. Saiu da cama, entrou no chuveiro e, então, passou por todos os passos de seu dia, amargando um vazio profundo porque não admitia sentir tanta falta de alguém que fez parte de sua vida por tão pouco tempo. Era um vazio que ela sabia que jamais preencheria, nem ao menos tentaria preencher, pois não valia o sofrimento. Ela se perguntava quem havia sido o idiota que um dia disse que era melhor ter amado e perdido que nunca ter amado. Nunca havia discordado tanto de algo.

Mas, quanto mais tentava tirá-lo de sua cabeça, mais sentia falta dele e de tudo relacionado a ele. Seu nome iluminando a tela de seu celular, sua voz, suas mãos, seu sorriso. E, principalmente, sentia falta da sensação de que algo especial estava acontecendo em sua vida, de que ela era especial.

O único consolo, ela decidiu, era o momento em que tudo acontecera. Porque, embora a aproximação do Natal tornasse sua dor mais palpável, também dava a ela um novo foco e um propósito silencioso enquanto dava início ao seu objetivo habitual de criar sozinha as tradições dignas dos comerciais de margarina, que constituem as melhores lembranças da infância. Levou Charlie para cantar músicas de Natal com um grupo da igreja de sua mãe, construiu casas de pão de mel com ele, ajudou-o a escrever cartas ao Papai Noel. E, durante todo o tempo, ficou apreensiva, torcendo para que Charlie não perguntasse de Nick. Ela estava determinada a criar mágica suficiente na vida de seu filho para que assim não percebesse que algo estava faltando.

Dois dias antes do Natal, na véspera da véspera de Natal, como Charlie costumava falar, Valerie estava se sentindo particularmente satisfeita com seus esforços. Enquanto ela e Charlie se sentavam ao lado da árvore de Natal, tomando eggnog, disse a si mesma que era só ela quem sentia falta de Nick, que Charlie estava bem. Mas, como era de esperar, ele olhou para ela e anunciou que a árvore de Natal que montaram era a melhor de todas, melhor do que aquela que estava montada na entrada de sua escola; melhor ainda que aquela do shopping ao lado de onde ficava o Papai Noel.

— Por que você acha isso? — ela perguntou, procurando obter mais elogios, sentindo-se orgulhosa e até mesmo comovida.

— Temos enfeites mais coloridos, galhos mais cheios... e mais luzes.

Ela sorriu para ele, pensando que pendurar as luzes era uma daquelas coisas que ela sempre colocara na categoria das coisas que os pais costumam fazer, não as mães.

Como colocar o lixo para fora ou aparar a grama, só que bem mais indispensável para uma criança. Por essa razão, ela sempre garantiu que nenhum homem conseguisse fazer um trabalho melhor, levando horas para entrelaçar dezenas de fios de luzes pisca-pisca coloridas por todos os galhos, deixando-as bem concentradas, deixando o posicionamento das luzes perfeito, como se um

exército de elfos estivesse em ação.

Tomou mais um gole de seu eggnog generosamente batizado e disse:

— Bem, acho que tenho de concordar com você. Temos uma árvore incrivelmente linda.

Pouco depois, Charlie se deitou de bruços no chão, apoiando seu queixo sobre suas mãos e dizendo:

— Quando o Nick vem para ver nossa árvore?

Ela ficou paralisada, seu nome dito em voz alta fez seu coração palpitar, e depois murchar. Ela só o havia ouvido uma vez desde que tudo acabara. Quando Jason pediu por uma atualização. Ela respondeu de maneira simples, contando a ele que tudo havia acabado e que ela não queria mais falar sobre aquilo, uma resposta que seu irmão aceitou sem dizer mais nada.

Mas ela não podia dizer a mesma coisa a seu filho. Então tentou enrolar:

— Não sei, querido — ela disse se sentindo culpada por enganá-lo, mas determinada a não estragar seu Natal naquele momento. Desesperada para adiar aquela conversa até janeiro.

— Quando é que vamos nos encontrar com ele? — Charlie perguntou, parecendo detectar algo de errado na voz ou na expressão de sua mãe.

— Não sei — ela falou mais uma vez, forçando um sorriso. Valerie limpou a garganta e tentou voltar ao assunto da árvore, fazendo uma observação sobre um enfeite de um boneco de neve que ela havia feito quando criança.

— Temos de nos encontrar com ele antes do Natal — Charlie disse —, para trocarmos presentes.

Valerie retesou-se, mas não falou nada.

— Você não tem um presente para ele? — Charlie pressionou.

Ele pensou nos cartões — postais clássicos do Fenway Park que comprara para Nick no E-bay, agora enfiados em sua gaveta de meias, e nos ingressos para a sinfonia que comprou para que Charlie desse a ele de presente, imaginando os dois indo juntos ao concerto, mas balançou a cabeça:

— Não — ela mentiu para seu filho —, não tenho.

— Por que não? — ele perguntou parecendo confuso. No brilho baixo e avermelhado das luzes da árvore, ela mal podia perceber a queimadura em seu rosto e pensou no caminho que haviam percorrido naqueles dois meses, em como ela jamais imaginara que estariam ali, daquele jeito, que um dia se preocuparia com qualquer outra coisa que não a saúde de Charlie. Sentiu um breve conforto nisso, até que pensou nos danos emocionais que esse revés poderia causar. Talvez mais duradouros que uma cicatriz em seu rosto. — Por que você não tem um presente para o Nick?

Estava apreensiva quando respondeu cuidadosamente:

— Não sei... Porque ele não é da família.

— E daí? Ele é nosso amigo — Charlie disse.

— Sim... Mas eu só compro presentes para a família mesmo — ela respondeu de maneira pouco convincente.

Charlie pareceu pensar sobre isso e então perguntou:

— Você acha que ele comprou um para a gente?

— Não sei, querido. Provavelmente não... Mas isso não quer dizer que ele não goste de você — ela disse com a voz sumindo.

— Ah — Charlie pareceu momentaneamente triste. Então seu rosto se iluminou:

— Bom, tudo bem. Mesmo assim, tenho um presente para ele.

— O que é? — ela perguntou ansiosa.

— É segredo — ele falou, com uma voz misteriosa, como a de um menino de 6 anos tentando ser misterioso.

— Ah, sim — ela disse concordando.

Ele olhou para ela como se estivesse preocupado por ter ferido seus sentimentos.

— É uma coisa da Guerra nas Estrelas. Você não ia entender, mamãe.

Ela concordou mais uma vez, adicionando essa à lista crescente de coisas que ela não entendia, e provavelmente jamais entenderia.

— Mamãe? — Charlie perguntou depois de alguns segundos de silêncio.

— O que é, Charlie? — ela falou, torcendo para que as próximas palavras de seu filho fossem sobre Guerra nas Estrelas, e não sobre Nick.

— Você está triste? — ele perguntou.

Ela piscou e sorriu, balançando a cabeça:

— Não. Não... De maneira alguma — ela disse da forma mais convincente possível.

— É Natal e estou com você. Como poderia estar triste?

Ele pareceu aceitar essa resposta, ajeitando o presépio na saia da árvore, unindo as cabeças de José e Maria, em um gesto simbólico antes de, em seguida, perguntar:

— Você e o Nick terminaram? Como o Jason sempre termina com os namorados dele?

Ela olhou surpresa e, então, procurou pelas palavras certas:

— Querido, nós não estávamos juntos desse jeito. O Nick é casado.

Era a primeira vez que discutia essa verdade essencial com seu filho, um fato que a enchia de uma culpa maior ainda.

— Éramos só amigos.

— Mas vocês não são mais amigos? — ele perguntou com a voz trêmula.

Ela hesitou, mas tentou se esquivar da pergunta.

— Eu sempre terei carinho por ele, e ele sempre terá muito carinho por você.

Charlie não se deixou enganar. Fitou-a nos olhos e disse:

— Vocês brigaram?

Valerie sabia que não podia mais se esquivar dessa pergunta, que não tinha outra escolha a não ser partir seu coração. Dois dias antes do Natal.

— Charlie. Não. Não brigamos... Só decidimos que não deveríamos mais ser amigos — ela disse chateada, tendo certeza de que havia escolhido as palavras erradas. Outra vez.

Ele olhou para ela como se tivesse acabado de lhe dizer que o Papai Noel não existia.

Ou que ele era real, mas que não viria à sua casa naquele ano.

— Por quê?

— Porque o Nick é casado e tem dois filhos... e ele não é da nossa família.

“Nem nunca será”, pensou. Então se forçou a dizer essas palavras em voz alta.

— Ele ainda é meu médico? — Charlie perguntou com a voz tensa, em pânico.

Ela fez que não da maneira mais animadora possível, dizendo-lhe que tinha uma nova médica agora. Uma médica que ensinara a Nick tudo o que ele sabia.

Ao ouvir isso, Charlie começou a ter falta de ar, seus olhos ficaram enormes, vermelhos e molhados.

— Então eu também não posso ser amigo dele? — Charlie perguntou.

Valerie balançou a cabeça em forma de negação lentamente, de maneira quase imperceptível.

— Por que não? — ele indagou, desta vez chorando e gritando. — Por que não posso?

— Charlie... — ela disse sabendo que não havia explicação que pudesse dar que fizesse com que ele entendesse. Sabendo que tudo isso poderia ter sido evitado se não tivesse sido tão egoísta.

— Vou ligar para ele agora! — Charlie disse, apoiando-se em seus joelhos e se levantando.

— Ele me falou que eu podia ligar quando quisesse!

O coração de Valerie se encheu de culpa e tristeza enquanto tentava segurá-lo.

Ele resistiu irritado, dando uma palmada em sua mão.

— Ele me deu o número dele — Charlie soluçou, sua cicatriz neste momento estava incandescente contra um novo ângulo de luz. — Eu tenho um presente para ele!

Ela tentou segurá-lo outra vez, desta vez pegando-o, envolvendo-o em seus braços da maneira mais firme que pôde.

— Querido — ela disse, segurando-o em seus braços —, vai dar tudo certo.

— Eu quero um pai — ele falou soluçando, enquanto soltava seu corpo sobre os braços de Valerie.

— Eu sei, meu amor — ela ficou com o coração ainda mais partido, algo que pensava não ser possível.

— Por que eu não tenho um pai? — ele continuou a chorar, seus soluços perdendo gradualmente a força, transformando-se em um choro suave. — Onde

está o meu pai?

— Eu não sei, querido.

— Ele nos abandonou — Charlie disse. — Todo mundo abandona a gente.

— Não — ela falou respirando através do cabelo de Charlie, agora ela mesma chorando.

— Ele abandonou a mamãe, não você.

Ela não sabia ao certo de quem estava falando, mas disse mais uma vez, mais firme:

— Não você, Charlie. Nunca você.

— Eu queria ter um pai — ele murmurou. — Queria que você achasse o meu pai.

Ela abriu a boca para dizer o que sempre dizia. Que todas as famílias são diferentes e que ele tinha muitas pessoas por perto que o amavam. Mas sabia que não era o suficiente.

Não naquele momento, e talvez nunca mais. Então simplesmente disse o seu nome, uma vez atrás da outra, agarrando-se a ele sob a árvore perfeitamente iluminada.

Mande-o embora. Quis que ele fosse embora. Mas ainda o odeio por ter me obedecido, por não ter ficado e me feito brigar. Eu o odeio por ter saído tão calmamente pela porta e pelo olhar em seu rosto quando se voltou para mim, sua boca entreaberta, como se tivesse uma última coisa a dizer. Esperei por algo profundo, algum sentimento indelével que eu poderia ficar repassando em minha mente nas horas, nos dias e nos anos que se seguiriam. Algo para me ajudar a compreender o que havia acabado de acontecer comigo e com minha família. Mas ele não disse nada. Talvez tivesse mudado de idéia e pensado melhor. Muito provavelmente porque não tinha nada a dizer mesmo. Então desapareceu de minha vista. Segundos mais tarde, ouvi a porta se abrir e então se fechar com um golpe preciso e final. O som de alguém indo embora.

Um som que sempre me deixou um pouco triste, mesmo quando sabia que a pessoa voltaria logo. Então não deveria ter ficado surpresa que aquele momento e a calma lúgubre que se seguiu tenham sido piores que o próprio momento da confissão de Nick.

E lá fiquei parada, sozinha, desnordeada e tensa, antes de me virar para sentar no sofá, esperando pelo ódio que me consumiria, pela ânsia incontrolável de destruir algo. Rasgar suas camisas favoritas ou destruir seus suvenires do Red Sox ou queimar nossas fotos de casamento. Reagir como as mulheres devem reagir nessa situação.

Reagir como a minha mãe quando arrasou o carro novo do meu pai com um taco de beisebol. Eu ainda conseguia ouvir o som do vidro sendo estilhaçado, ver os destroços que ficaram em frente à garagem mesmo muito tempo depois de meu pai ter varrido e lavado a cena do crime. Como aqueles cacos espalhados reluziam nos dias de sol, como um lembrete de nossa família despedaçada.

Mas eu estava exausta demais para me vingar, e, principalmente, queria pensar que era boa demais para fazer aquilo. Além disso, tinha de alimentar meus filhos, cuidar de assuntos práticos. Gastei toda a energia que me restava para ir até a cozinha, arrumar a mesa com o jogo americano favorito das crianças, do Dr. Seuss, preparar dois pratos de nuggets de frango com ervilhas e tangerina e servir dois copos de leite com um fio de leite com chocolate. Quando tudo estava pronto, voltei-me para a escada, dando-me conta dos peitos de frango que eu havia começado a descongelar um pouco antes de Nick chegar. Coloquei-os de volta no freezer e chamei meus filhos, ouvindo o som de seus passos rápidos. Era uma resposta rara, imediata, principalmente para Ruby, e me perguntei se eles haviam detectado a urgência e a carência em minha voz.

Quando o rosto deles surgiu na escada, percebi quanto eu realmente precisava deles. E a intensidade dessa necessidade me deixou assustada, além de me encher de culpa.

Lembrei-me de quanto minha mãe precisava de Dex e de mim logo após o divórcio, do enorme peso daquela responsabilidade. Então fiz uma oração rápida prometendo ser mais forte. Disse a mim mesma que meus filhos eram pequenos demais para entender a tragédia que se desdobrava na vida deles.

— Oi, mamãe — Frankie disse, cobertor a reboque, sorrindo para mim enquanto descia correndo pelas escadas.

— Oi, Frankie — respondi com o coração apertado por ele.

Então vi Ruby descer a escada aos pulos, passar por seu irmão, chegar à cozinha e me perguntar em um tom ironicamente acusatório:

— Cadê o papai?

Engoli em seco e disse que o papai havia voltado para o trabalho, perguntando-me, pela primeira vez, para onde Nick de fato teria ido. Estaria no trabalho? Estaria dirigindo por aí a esmo? Ou teria voltado para ela? Talvez esse fosse o resultado que ele sempre quis. Talvez quisesse que eu fizesse a escolha, que a decisão final fosse minha.

Talvez tivesse presumido que eu agiria exatamente como minha mãe.

— Era uma emergência? — Ruby pressionou, franzindo suas sobrancelhas escuras, exatamente como seu pai fazia.

— Sim, era — respondi, acenando afirmativamente com a cabeça e voltando meu olhar para Frankie, que não se parecia nada com seu pai, um fato que achei inesperadamente reconfortante. — Tudo bem, então! Vamos lavar as mãos — falei alegremente, dando continuidade à nossa noite, como se estivesse ligada a um piloto automático bizarro, fingindo ser um dia como outro qualquer. Fingindo que a minha vida, e a deles, não havia acabado de ser destruída e despedaçada como a Mercedes do meu pai, tanto tempo atrás.

Mais tarde, naquela noite, eu estava encolhida em posição fetal no sofá, surpresa por ter conseguido me segurar por tantas horas, sem derramar uma única lágrima, conseguindo inclusive encontrar forças para contar uma história de ninar para as crianças.

Queria acreditar que aquilo dava uma medida de meu caráter, a essência de quem eu era como pessoa e como mãe. Queria acreditar que aquilo mostrava que eu era capaz de ser forte em uma crise, nobre diante de um desastre. Que ainda tinha algum controle sobre mim mesma, mesmo que já não tivesse controle sobre minha vida.

E talvez, em parte, tudo isso fosse verdade.

Mas, muito provavelmente, eu estava simplesmente em estado de choque. Uma sensação que não começara a regredir até aquele exato momento, quando peguei o telefone e liguei para Cate.

— E aí, garota? — ela disse com os sons de Manhattan ao fundo: os carros buzinando, os ônibus brecando, um homem gritando alguma coisa em espanhol.
— Como andam as coisas?

Hesitei e então me ouvi dizer as palavras em voz alta:

— Nick me traiu.

E foi neste instante que minha nova realidade veio à tona. A realidade de que Nick era, e sempre seria, um daqueles homens. E, em virtude da escolha dele, tornei-me uma daquelas mulheres. Traidor e vítima. Isso é o que éramos.

— Tessa. Ah, meu Deus... Você tem certeza? — ela perguntou.

Tentei responder, mas não conseguia falar. A represa de lágrimas finalmente se rompeu.

— Você tem certeza? — ela repetiu a pergunta.

— Sim — solucei abraçada a uma caixa de lenços. — Ele disse que me traiu... Sim.

— Oh, Tessa... Droga — ela murmurou. — Sinto muito, querida. Sinto muito mesmo.

Ela me ouviu chorar por um longo período, apoiando-me em voz baixa, a maldiçoando o nome de Nick e, finalmente, me perguntando se eu queria contar algum detalhe.

— Tudo bem se não quiser... Se não estiver pronta.

— Não há muito o que contar — eu disse, esforçando-me para desabafar. — Ele voltou para casa esta noite e falou que havia acabado de caminhar pelo Common com ela.

— Ela? — Cate pressionou com cuidado.

— Aquela de quem suspeitávamos. Aquela que a Romy viu com ele — não conseguia dizer o nome dela, jurando jamais dizer aquele nome novamente, de repente compreendendo exatamente como minha mãe se sentira por todos esses anos.

— E ele simplesmente te contou... que estava tendo um caso?

— Ele não o chamou disso. Não sei do que chamaria isso... Disse que aconteceu só uma vez. Ele transou com ela uma vez — eu falei. As palavras eram como uma apunhalada em meu coração, minhas lágrimas ainda fluindo. — Ele disse que terminou tudo hoje, e essa é a história que me contou. Como se as palavras dele tivessem qualquer valor.

— Tudo bem. Tudo bem! — ela me interrompeu com um otimismo que achei bastante confuso.

— Tudo bem o quê?

— Então ele não está... indo embora?

— Ah, mas foi — eu disse em tom de deboche, com o ódio chegando à superfície, interrompendo temporariamente as minhas lágrimas. — Foi embora. Eu o mandei embora.

— Mas, quero dizer, ele não está te deixando, não é? Não quer ficar com... ela?

— Bom, é claro que ele queria ficar com ela — eu disse. — Desesperadamente.

— Uma vez — ela disse. — E agora ele está arrependido. Não é?

— Cate, por acaso você está tentando me dizer que isso não é nada de mais?

— Não. De jeito nenhum... Só estou me sentindo de certa maneira otimista por ele ter confessado. Em vez de ter sido pego no flagra...

— Que diferença isso faz? Ele me traiu assim mesmo! Ele me traiu! Transou com outra mulher — eu disse ficando histérica.

E Cate deve ter percebido, pois falou:

— Eu sei. Eu sei Tess... Não estou diminuindo a gravidade do que ele fez. Não mesmo... Mas pelo menos ele te contou, e pelo menos terminou tudo com ela.

— Ou é isso que ele diz. Ele pode estar lá com ela agora mesmo. Neste mesmo segundo — eu disse. Imagens repugnantes começaram a se formar em minha mente.

Imaginei uma loira, então uma morena e depois uma ruiva. Imaginei seios grandes e fartos, e os imaginei pequenos, empinados e depois medianos, perfeitos. Não queria saber como ela era e, ao mesmo tempo, queria desesperadamente saber tudo sobre ela. Queria que fosse como eu. Queria que fosse completamente diferente de mim. Já não sabia mais o que queria da mesma forma como já não sabia mais nada sobre o homem com quem me casei.

— Ele não está com ela — Cate disse —, com certeza.

— Como você sabe? — perguntei, querendo que ela me tranquilizasse, apesar de estar resistindo ao seu otimismo.

— Porque ele está arrependido. Porque ele te ama, Tessa.

— Mentira — eu disse assoando o nariz — Ele só ama a si mesmo, ama aquela droga daquele hospital. A sua seus pacientes e, aparentemente, suas mães também.

Cate suspirou, o barulho ao fundo de repente cessou, como se ela tivesse acabado de sair da rua e entrado em um táxi. Então ela falou:

— O que você vai fazer?

Por alguns segundos sua pergunta me deixou mais confiante, como quando mandei Nick embora. Mas essa sensação rapidamente se dissipou, cristalizando-se em medo.

— Você está perguntando se vou deixá-lo?

Era a pergunta de 1 milhão de dólares, até então hipotética: “O que você faria se”.

— Sim — ela respondeu suavemente.

— Não sei — eu disse reconhecendo que talvez até tivesse uma escolha.

Poderia aceitá-lo de volta e viver uma farsa, ou poderia fazer o que sempre disse que faria: deixá-lo. Poderia sentar as crianças e dar-lhes a notícia que mudaria sua infância por completo e daria o tom para todos os eventos mais importantes de sua vida: formaturas, casamentos, o nascimento de seus filhos. Imaginei Nick e eu longe um do outro, os dois sozinhos ou com uma nova pessoa. Fosse como fosse, a distância entre nós criaria uma tensão implícita durante momentos que deveriam ser de pura alegria.

— Eu não sei — eu disse, percebendo com ódio, pesar, pânico e medo que não me restava nenhuma opção realmente boa. Que não havia nenhuma possibilidade de sermos felizes para sempre.

Cada hora dos dias que se seguiram e, praticamente, cada minuto de cada hora era uma tortura, marcada por uma gama de emoções variadas demais para listar, mas todas com diferentes graus que iam de mal a pior. Tinha vergonha do que havia acontecido comigo, sentia-me humilhada pela infidelidade de Nick mesmo quando me olhava no espelho, sem ninguém por perto. Fiquei furiosa quando ele ligou (seis vezes), mandou e-mails (três) e deixou cartas na caixa de correio (duas vezes). Mas ficava fora de mim e tomada por um profundo desespero quando ele passava algum tempo sem me procurar. Eu analisei seu silêncio, imaginando-os juntos, o ciúme e a insegurança pulsando dentro de mim. Analisei suas palavras ainda mais, suas desculpas, suas declarações de amor por mim e por nossa família, seus apelos por uma segunda chance.

Mas, com a ajuda de Cate, permaneci alerta e forte, sem ir atrás dele nem sequer uma vez. Nem mesmo nos meus momentos mais frágeis tarde da noite, quando suas mensagens eram suaves e tristes e meu coração doía de solidão. Eu o estava punindo, é claro. Fazendo-o sofrer um pouco mais a cada mensagem não respondida. Mas também estava fazendo o possível e o impossível para provar a mim mesma que podia sobreviver sem ele. Estava me preparando para lhe dizer que eu estava falando sério.

Que tudo havia acabado entre nós e que ele não tinha mais lugar em minha casa nem em meu coração. Que a partir de então ele seria o pai dos meus filhos, nada mais.

Até então, a primeira vez que me comuniquéi com ele foi dois dias antes do Natal, em um e-mail com instruções precisas quanto às crianças e a visita que eu concederia na véspera de Natal. Odiei ter que lhe dar tanto assim, ter que entrar em contato com ele de qualquer maneira, por qualquer razão, mas sabia que ele tinha o direito de ver as crianças e, principalmente, que elas tinham o direito de vê-lo. Disse a ele que poderia vir à nossa casa às 15 horas, que Carolyn estaria aqui para recebê-lo. Eu estava pagando por quatro horas, mas ele poderia liberá-la se quisesse, contanto que ela voltasse por volta das 19 horas, que era quando eu retornaria para casa. Eu não queria vê-lo.

Disse-lhe para garantir que as crianças tomassem banho, comessem e

vestissem seus pijamas de Natal, deixando-as prontas para que eu os colocasse para dormir. Ele deveria retirar quaisquer pertences que precisasse para as próximas semanas e depois marcaríamos um fim de semana em janeiro para que pegasse o resto de suas coisas. Eu fui direta. Fria. Reli o e-mail, corriji um erro ou outro de digitação e o enviei. Em poucos segundos, sua resposta chegou:

Obrigado, Tessa. Você poderia, por favor, me dizer o que disse às crianças. Não quero te contradizer.

O e-mail foi como uma apunhalada em meu coração, não pelo que estava escrito, mas sim pelo que não estava. Ele não pediu para me ver. Não pediu para que nós quatro estivéssemos juntos. Não pediu para passar por lá na manhã de Natal para ver as crianças abrirem os presentes. Fiquei enfurecida por perceber que ele estava jogando a toalha, mas então disse a mim mesma que não teria permitido que viesse mesmo assim, e que não havia dado nenhuma abertura para que pedisse. Nada me faria mudar de idéia. Minhas mãos tremiam. Então respondi:

Disse-lhes que tem trabalhado muito no hospital porque um garotinho estava muito ferido e precisava que você cuidasse para que ele melhorasse. Eles pareceram satisfeitos com essa resposta até agora. Teremos de lidar com isso depois das festas de fim de ano, mas não quero que isso tudo acabe com o Natal.

Não havia nenhuma dúvida quanto ao garotinho a que me referia. Nenhuma dúvida nas entrelinhas: você colocou outra criança acima das suas, e, por causa dessa escolha, nossa família está destruída para sempre.

No fim daquela tarde a campainha tocou. Esperando que fosse o entregador da UPS com uma última entrega de presentes de Natal comprados por catálogo para as crianças, atendi a porta. Era April com uma sacola de presentes e um sorriso hesitante.

— Feliz Natal — ela disse, com seu sorriso largo, mas não menos apreensivo.

— Feliz Natal — respondi, sentindo-me confusa enquanto eu mesma forçava um sorriso. Em contrapartida, ainda estava brava com ela por lidar com as coisas da maneira como fez, além de ter a sensação irracional de que Romy e ela, de alguma maneira, fizeram com que isso acontecesse comigo. Por outro lado, ela chegou em um momento muito solitário, e não pude deixar de me sentir aliviada e um pouco feliz por ver minha amiga.

— Você gostaria de entrar? — perguntei em um tom entre o formal e o amigável.

Ela hesitou, já que esse tipo de visita não anunciada, mesmo entre seus amigos mais próximos, fazia parte de sua lista de gafes sociais. Mas então disse:

— Eu adoraria.

Abri caminho e a levei pelo vestíbulo até minha cozinha extremamente bagunçada, onde me entregou uma sacola de presentes lindamente embrulhados.

— Obrigada... Não precisava — pensando que naquele ano não havia

comprado nada para ela. Pela primeira vez, tinha decidido que presentes para amigos e vizinhos estavam simplesmente fora de cogitação. E desta vez deixei para lá, me dei uma folga sem sentir culpa nenhuma.

— É só o meu bolo inglês de sempre. Nada de mais — ela falou, embora seus bolos ingleses fossem sempre divinos — E uma coisinha para as crianças — ela olhou ao redor e perguntou onde estavam.

— Vendo TV — eu disse, apontando para as escadas — no meu quarto.

— Ah.

— Estão vendo muita TV estes dias — admiti.

— A TV é crucial nesta época do ano — ela concordou em uma confissão rara. — Os meus filhos estão subindo pelas paredes, e ameaçá-los dizendo que o Papai Noel não virá este ano já não funciona mais.

Eu ri e falei:

— É, essa ameaça também não funciona muito bem com a Ruby. Nada funciona com ela.

Então, depois de alguns segundos constrangedores, perguntei se gostaria de tomar um café.

— Adoraria. Obrigada.

Ela se sentou no balcão da cozinha, enquanto eu ligava a cafeteira e ia até o armário para procurar duas canecas iguais. Quando percebi que a maioria delas ainda estava suja na lava-louças e as demais estavam amontoadas na pia, dei de ombros mentalmente, peguei duas canecas quaisquer e não me preocupei em pegar pires ou jogos americanos.

Os minutos seguintes foram embaraçosos, e eu estava grata pela tarefa de preparar o café, enquanto respondia às perguntas de April sobre as compras de Natal e o que ainda me faltava comprar ou fazer. Mas, quando lhe servi o café, já tinha criado a coragem necessária para tratar da verdadeira razão pela qual ela passara por minha casa.

— Bem, você estava certa sobre o Nick — eu disse pegando-a de surpresa. — E você estava certa sobre aquela mulher... Eu o botei para fora de casa na semana passada.

Ela colocou sua caneca sobre o balcão, seu rosto se desfazendo em uma compaixão genuína.

— Ah, Deus, não sei o que dizer... Sinto muito.

Fiz um aceno com a cabeça e agradeci a ela ainda indiferente, enquanto a expressão em seu rosto parecia de angústia.

— Prometo que não contarei a ninguém. A nem uma única alma. Nunca.

Dei-lhe um olhar incrédulo e disse:

— April. Estamos separados, ele não está morando aqui. Cedo ou tarde as pessoas ficarão sabendo. E, de qualquer jeito, o que as pessoas estão falando ou não de mim é a menor das minhas preocupações neste momento...

April concordou, fitando sua caneca de café ainda intocada. Então respirou fundo e falou:

— Tessa, tenho uma coisa para te dizer... Uma coisa que quero te dizer...

— April — eu disse em tom de brincadeira —, chega de notícia ruim, por favor.

Ela balançou a cabeça e disse:

— Não é sobre você e o Nick... É sobre... mim e Rob — olhamos uma nos olhos da outra rapidamente e ela deixou sair o resto:

— Tessa, só quero que você saiba... que eu já estive em seu lugar. Sei pelo que está passando.

Olhei para ela fixamente, processando suas palavras, a última coisa que esperava ouvir dela.

— O Rob te traiu? — perguntei chocada.

Ela confirmou bem discretamente, parecendo estar da mesma maneira como me sinto: envergonhada. Como se as ações de Rob fossem um fracasso dela, uma humilhação para ela.

— Quando? — perguntei, lembrando-me da nossa partida de tênis e de como insistira confiante dizendo que, se isso acontecesse com ela, ela iria embora. Ela havia sido tão convincente.

— No ano passado.

— Com quem? — perguntei e logo retirei. — Sinto muito, não é da minha conta. E não importa também.

Ela mordeu os lábios e falou:

— Tudo bem... Foi com sua ex-namorada.

— A Mandy? — falei lembrando-me de April bisbilhotando no Facebook, obcecada pela namorada do Rob do colegial e de como eu achava que ela estava sendo ridícula naquela época.

— Sim, a Mandy — ela disse com a voz mais grave.

— Mas ela não mora em uma das Dakotas?

Ela fez que sim.

— Eles se reencontraram na festa de 20 anos de formados — ela disse, abrindo aspas com as mãos enquanto dizia reencontraram. — A vadia com sotaque de Fargo.²⁴

24 Fargo é a maior cidade do estado norte-americano de Dakota do Norte.

— Como você sabe? Tem certeza? — perguntei imaginando uma cena como aquela depois da caminhada de Nick no parque.

— Li cerca de 50 e-mails entre os dois. E digamos que... não deixaram muito espaço para a minha imaginação. Daria na mesma se ele tivesse tirado fotos...

— Ah, April — eu disse, livrando-me de qualquer vestígio de ressentimento

que ainda tivesse por ela, por sua ligação, por seu tom condescendente quando me disse que Nick tinha sido visto por Romy (um tom que estava provavelmente só em minha cabeça) e, principalmente, pelo que acreditei ser sua vida perfeita. Minha mente estava a mil enquanto tentava me lembrar de qualquer momento no ano anterior em que April estivesse um pouco menos calma ou serena, mas não consegui me recordar de nenhum momento assim. — Eu não fazia idéia.

— Eu não contei a ninguém — ela explicou.

— Ninguém? Nem mesmo à sua irmã? Ou à sua mãe?

Ela fez que não mais uma vez.

— Nem mesmo à minha terapeuta — ela disse, soltando uma risada nervosa.

— Simplesmente parei de ir às sessões... Estava envergonhada demais.

— Droga — falei soltando o ar intensamente. — Será que todos eles traem?

April olhou para o quintal pela janela e deu de ombros decepcionada.

— Como vocês superaram isso? — perguntei, esperando ao menos obter uma rota alternativa àquela que minha mãe escolheu.

— Não superamos.

— Mas vocês estão juntos.

— Mais ou menos. Não transamos há quase um ano e dormimos em camas separadas.

Também não saímos mais para jantar só nós dois... E eu... basicamente o desprezo.

— April — eu disse pegando em sua mão —, isso não é vida. Você... Ele se arrependeu?

Você já pensou em perdoar-lhe? — perguntei como se fosse uma simples questão de escolha.

Ela negou.

— Ele está arrependido. Sim. Mas eu não consigo perdoar-lhe. Simplesmente... não consigo.

— Bem, então... — eu disse hesitante, pensando em meu pai, em Rob e, finalmente, em Nick — Você já pensou em abandoná-lo? Em terminar tudo?

Ela mordeu os lábios outra vez e respondeu:

— Não. Não vou fazer isso. Meu casamento é uma piada, mas eu não quero perder minha vida toda por causa do que ele fez. E não quero fazer isso com os meus filhos também.

— Você poderia começar uma vida nova — eu disse, sabendo muito bem que não era tão fácil quanto parecia. Que desfazer um casamento é uma das coisas mais difíceis pela qual uma pessoa pode passar. Sabia disso porque vi em primeira mão com meus pais e porque passei todos os dias, e praticamente todas as horas, pensando nisso desde que Nick jogara aquela pequena bomba sobre mim.

— É isso o que você vai fazer?

Dei de ombros, sentindo-me tão desamparada e triste quanto ela parecia estar.

— Não sei. Sinceramente não sei o que vou fazer.

— Bom, eu não consigo começar uma vida nova — ela disse balançando a cabeça triste. — Simplesmente não consigo... Acho que não sou tão forte assim.

Olhei para minha amiga, tomada pela confusão. Sem ter certeza do que April deveria fazer. Do que eu deveria fazer. Do que qualquer mulher forte faria. Na verdade, a única coisa da qual tinha certeza era que não existiam respostas fáceis para essa pergunta e que qualquer um que dissesse que elas existiam nunca esteve em nossa pele.

E então era véspera de Natal, e eu estava dirigindo à noite, nas ruas em sua maioria vazias, observando flocos de neve dançando nas luzes de meu farol. Eu tinha mais uma hora antes de poder ir para casa e já tinha esgotado todos os meus afazeres. Já havia comprado os últimos presentes para as crianças, devolvido os suéteres que havia comprado para Nick, parado na padaria para pegar as tortas que havia encomendado minutos antes de Nick voltar de sua caminhada no Common, incluindo a de creme de coco que ele ousou pedir para mim no dia anterior.

Tentei não pensar nisso, não pensar em nada enquanto traçava o meu caminho pelos jardins públicos, virando na Rua Beacon e passando pela ponte da Avenida Massachusetts.

Quando estava na Memorial Drive,²⁵ meu telefone tocou no banco do passageiro. Dei um pulo, pensando se era o Nick, ou talvez esperando que fosse. Pelo menos para que eu pudesse ignorá-lo mais uma vez, mas não era ele. Era o meu irmão, que não sabia o que havia acontecido. Disse a mim mesma para não atender, pois não conseguiria mentir e não queria chateá-lo no Natal, porém não pude resistir ao pensar em ouvir sua voz. A voz de qualquer pessoa. Então coloquei meu fone de ouvido e atendi.

25 Pista que corre a margem norte do Rio Charles, em Cambridge.

— Feliz Natal! — ele gritou no telefone com o barulho de fundo de sempre.

Olhei para o Hancock Tower,²⁶ sua cúpula estava incandescente com luzes vermelhas e verdes, e também desejei um Feliz Natal.

26 Um dos arranha-céus mais altos do mundo, localizado em Boston. (N. da T.)

— Recebi seu cartão hoje. Que foto linda das meninas.

— Obrigado, o crédito vai todo para Rachel nessa.

— É claro — eu disse sorrindo.

— Então, o que vocês estão aprontando? — ele falou com uma entonação própria para a véspera do Natal: cheio de esperança, alegre e abençoado.

Conseguiu ouvir a Júlia cantando uma versão cafona de “Rudolf, a Rena do Nariz Vermelho”, sua voz aguda e desafinada e a risada de gralha de minha mãe, enquanto imaginava a cena à qual nunca dera o devido valor.

— Um... nada de mais — eu disse, enquanto passava pela Salt-and--Pepper Bridge, de volta a Beacon Hill. — Só... você sabe... véspera de Natal, e minha voz foi desaparecendo enquanto percebia que o que eu dizia não fazia sentido nenhum, que mal conseguia formar uma frase decente.

— Você está bem? — Dex perguntou.

— Vou ficar — eu respondi, sabendo quanto essa resposta era reveladora e que não havia mais volta. Mas, por mais que me sentisse culpada por estragar sua noite, também senti uma sensação de alívio. Queria que meu irmão soubesse.

— O que aconteceu? — ele perguntou como se já soubesse a resposta. Sua voz exprimia mais ódio que preocupação, a única coisa que não estava presente na reação de Cate.

— O Nick teve um caso — disse. Era a primeira vez que eu usava essa palavra, tendo decidido na padaria apenas poucas horas antes que mesmo “uma vez” constituía um caso, pelo menos quando há um envolvimento emocional que leva a ele.

Dex não pediu por detalhes, mas dei alguns, mesmo assim, contando que Nick havia confessado tudo, que o havia expulsado de casa, que não o via desde então e que, embora ele estivesse neste mesmo instante passando algumas horas com as crianças, ele passaria o Natal sozinho.

Então falei:

— Sei que você vai querer contar para a Rachel, e não tem problema. Mas, por favor, não conte nada para a mamãe. Eu mesma quero contar a ela.

— Pode deixar, Tess — Dex prometeu. Então ele soltou o ar vigorosamente e disse:

— Droga!

— Eu sei.

— Não acredito que o desgraçado fez mesmo isso.

Sua lealdade, tão feroz e inabalável, fez com que meus olhos se enchessem de lágrimas, fez com que meu coração se apertasse. Disse a mim mesma que não podia chorar, não antes de ir para casa. Não na véspera de Natal.

— Tudo vai ficar bem — falei enquanto passava pela Igreja do Advento, onde as famílias se reuniam na calçada, uma missa devia ter acabado ou estava prestes a começar.

— Posso ligar para ele?

— Não sei, Dex... — eu disse, perguntando-me que bem isso faria. — O que você diria?

— Só quero ligar para ele — Dex falou, fazendo-me pensar em um mafioso indo “conversar” com alguém com uma pistola presa no cinto da calça.

Dirigi pela Rua Charles, suas lojas já fechadas e com as luzes apagadas:

— Não precisa, sério... Acho que já tomei minha decisão.

— E qual é?

— Acho que vou deixá-lo... Não quero viver uma mentira — respondi pensando em April, de repente decidindo que a solução dela não era uma opção válida para mim.

— Bom, você deveria mesmo.

Fiquei surpresa por sua resposta tão decidida, principalmente porque sempre gostara muito de Nick.

— Você acha que ele faria isso de novo, não é? — perguntei, pensando em nosso pai, certa de que Dex também estava pensando nele.

— Não sei, mas não acho uma boa idéia você esperar para ver.

Engoli em seco pensando em como podia me sentir tão em dúvida em razão desse conselho tão certo. Embora seu ponto de vista tão claro me desse algum consolo, também sentia a grande necessidade de amenizá-lo, de forçá-lo a perceber que esse terreno era desconhecido.

— Você nunca faria isso com a Rachel. Faria?

— Nunca — ele disse com toda a certeza do mundo. — Jamais.

— Mas... você...

— Eu sei — ele me interrompeu. — Eu sei que já trai, mas não a Rachel. — E ele parou subitamente, provavelmente percebendo o que sua insinuação queria dizer. Que ele não trairia sua esposa, o amor de sua vida. Que não se trai o verdadeiro amor de sua vida.

— Certo.

— Olha — Dex disse, tentando corrigir —, não estou dizendo que o Nick não te ama.

Tenho certeza que sim... Mas isso... isso é simplesmente...

— O quê? — perguntei me preparando.

— Isso é simplesmente imperdoável.

Concordei com meus olhos cheios de lágrimas enquanto repassava em minha mente essa palavra em todas as suas formas: imperdoável, perdoar, perdoado, perdão.

Era a palavra que ecoava em minha mente enquanto meu irmão e eu nos despedíamos. Dirigi de volta para Wellesley, passei na frente da casa de April, suas janelas enfeitadas com guirlandas de laços vermelhos e, então, parei em minha entrada de carros, onde vi o Saab branco de Carolyn estacionado no local em que Nick costuma parar seu carro. Ainda podia ouvir essa palavra ressoando em minha mente enquanto as crianças colocavam bolachas doces e eggnog para o Papai Noel e eu me sentava no porão, embrulhando presentes, lendo folhetos com instruções em letras minúsculas e montando brinquedos. “Posso perdoar ao Nick?”, pensei a cada fita encaracolada, a cada volta da chave de fenda. “Posso

perdoar-lhe?”

Também havia outras perguntas. Mais do que eu pudesse acompanhar. Algumas que pareciam ser importantes e outras que não tinham importância nenhuma, mas mesmo assim não podiam ser silenciadas. “O que minhas amigas fariam? O que dirá minha mãe? Ainda amo meu marido? Ele me ama, ou ama outra mulher, ou será que ama nós duas? Ela o ama? Ele está realmente arrependido? Foi mesmo só uma vez?

Ele faria aquilo outra vez? Ele queria fazer aquilo outra vez? O que ela tem que eu não tenho? Ele confessou por culpa ou por lealdade? Ele terminou mesmo tudo com ela, ou foi ela quem terminou? Ele quer mesmo voltar para casa ou só quer manter sua família unida? O que é melhor para as crianças? O que é melhor para mim? Como minha vida mudaria? Eu ficaria bem? Eu me recuperaria?”

Valerie nunca conseguiu saber se a véspera de Ano-Novo era mais para pensar no passado ou no futuro, mas este ano os dois casos a faziam pensar em Nick, pois em ambos se sentia igualmente infeliz. Ela sentia muita falta dele e sabia que ainda o amava. Mas também sentia raiva, principalmente naquela noite. Tinha certeza de que ele não tinha confessado nada à sua esposa e não conseguia se livrar das imagens românticas e íntimas, entrando em um novo ano com brindes de champanhe, longos beijos apaixonados e grandes planos para o futuro. Talvez um novo bebê para que Nick realmente pudesse passar uma borracha no ano anterior.

Em um dado momento, ficou tão convencida de que ele havia se esquecido completamente dela que quase sucumbiu à idéia de enviar uma mensagem, com apenas uma linha, inócua, desejando-lhe um bom ano novo, ao menos para estragar sua noite e fazê-lo lembrar do que fez.

Mas decidiu não fazer isso, tanto porque era orgulhosa demais quanto porque não era realmente sua intenção. Ela não queria que o ano novo de Nick fosse feliz. Queria que sofresse tanto quanto ela estava sofrendo. Tinha vergonha disso e ficava pensando se era possível amar verdadeiramente alguém a quem se deseja tanto mal. Não tinha certeza da resposta a essa pergunta, mas decidiu que isso não importava tanto assim, pois a resposta não mudaria nada. Não havia nada que pudesse fazer para mudar qualquer coisa, era o que pensava enquanto se sentava à mesa da cozinha com Charlie e sugeria que os dois escrevessem as resoluções para o ano seguinte.

— O que é uma resolução? — Charlie perguntou, enquanto ela deslizava uma folha de caderno amarela com linhas em sua direção.

— É como um objetivo... uma promessa que você faz para si mesmo — ela explicou.

— Como prometer estudar mais piano? — ele perguntou. Algo que ele não fazia com muita frequência desde o acidente.

— Isso — ela disse —, ou decidir manter seu quarto limpo, fazer novos amigos, se esforçar muito na terapia.

Ele fez com a cabeça que entendeu, pegando seu lápis e perguntando a ela como se escrevia terapia. Ela o ajudou pronunciando a palavra lentamente e, então, escreveu em seu próprio papel: evitar comida processada e comer mais frutas e vegetais.

Durante os 30 minutos seguintes continuaram fazendo suas listas, concentrando-se, soletrando as palavras e discutindo até que cada um conseguiu

chegar a cinco resoluções.

Todas práticas, previsíveis e possíveis. Mesmo assim, enquanto colava as duas listas na geladeira, Valerie sabia que o exercício, ao mesmo tempo em que era produtivo, também era uma enganação, pois só havia uma resolução que importava para os dois naquele momento: esquecer o Nick.

Para isso ela tornou a noite a mais divertida possível, jogando partidas intermináveis de Go Fish, assistindo a Guerra nas Estrelas e deixando Charlie ficar acordado até a meia-noite pela primeira vez em sua vida. Quando a bola desceu na Times Square, tomaram sidra espumante em taças de champanhe de cristal e jogaram punhados de confetes que fizeram com um furador de papel e folhas de cartolina. Mas o tempo todo ela podia sentir a alegria oca e forçada em seus esforços. E, pior, percebeu a mesma coisa em Charlie, principalmente enquanto o cobria em sua cama naquela noite. A expressão no rosto de seu filho era severa demais, o abraço em volta de seu pescoço era apertado demais, suas palavras eram muito formais enquanto ele afirmava que havia se divertido muito, chegando a agradecer-lhe.

— Ah, querido — ela disse pensando que talvez fosse a única mãe no mundo que desejava que seu filho se esquecesse de dizer obrigado. — Eu amo passar o tempo com você, mais que tudo no mundo.

— Eu também.

Ela o cobriu até o queixo e beijou os dois lados de seu rosto e sua testa. Então disse boa-noite e foi para sua própria cama, checando seu celular uma última vez antes de pegar no sono e acordar no novo ano.

Ela sempre odiou janeiro por todas as razões usuais. A frustração após as festas, os dias curtos e escuros e o clima deprimente de Boston com o qual, apesar de nunca ter morado em nenhum outro lugar, sabia que nunca se acostumaria. Ela odiava os temporais que vinham do nordeste, a lama acinzentada que, misturada com a neve, chegava até os tornozelos, os períodos intermináveis de um frio sofrível e graus baixíssimos, um inverno tão severo e cortante que os dias em que as temperaturas chegavam a -10°C parecia um alívio, uma gota de esperança para a primavera. Até a chuva vir e a temperatura cair como uma pedra, transformando tudo em gelo novamente.

Mas neste ano, neste janeiro, o frio estava especialmente intolerável. E, conforme os dias passavam, ela começou a achar que jamais sairia daquela depressão. Sentia uma profunda decepção com relação a Nick, além de ter uma preocupação praticamente constante com Charlie. Ambos os sentimentos se acumulando em seu coração, transformando-se em pura amargura, um estado de existência do qual sempre procurou se proteger, mesmo em seus piores momentos.

Em uma tarde quase no fim do mês, a mãe de Summer ligou para Valerie enquanto estava no trabalho. Ela sentiu uma ponta de negatividade ao se lembrar

das palavras de sua filha no parquinho, e se preparou para ouvir sobre algum outro incidente.

Mas a voz de Beverly era cordial e alegre, sem nenhum indicio sequer de problema.

— Oi, Valerie! Estou atrapalhando? — ela perguntou.

Valerie olhou de relance para a pilha de documentos sobre sua mesa, seu estômago estava embrulhado quando respondeu:

— Não. De jeito nenhum. É bom dar um tempo do mundo fascinante dos seguros.

— Parece só um pouco melhor que o mundo fascinante da contabilidade — ela disse rindo de maneira vigorosa, fazendo com que Valerie se lembrasse que, apesar de tudo, ela na verdade gostava dessa mulher. — Então, como você está? O fim de ano foi bom? — ela continuou.

— Sim — Valerie respondeu. — Foi bom. E o seu?

— Ah... foi tudo bem, mas um caos total. Os filhos do meu marido vieram para cá.

Todos os quatro, e seus ex-sogros... que é uma longa história, completamente bizarra, e não vou te entediar com isso... Então, para ser sincera, eu já estava realmente pronta para voltar ao trabalho. E olha que eu nem gosto do meu trabalho — ela riu novamente enquanto Valerie sentia-se aliviada, pois se algo tivesse dado errado na escola naquele dia, não teria sido nada muito urgente.

— Então, você ficou sabendo das novidades? — Beverly perguntou com deleite em sua voz.

— Novidades? — Valerie disse, resolvendo não dizer a Beverly que não fazia parte da panelinha da escola, ou da panela de qualquer lugar que fosse.

— Sobre o casal da vez?

— Não — Valerie falou, inconscientemente imaginando o Nick, sempre imaginando o Nick.

— Summer e Charlie — Beverly disse, são um casal.

— Summer e Charlie? — Valerie repetiu certa de que Beverly estava enganada, ou talvez estivesse fazendo alguma piada sem graça.

— Pois é. E parece que é bem sério... Na verdade, acho que deveríamos nos encontrar e começar a discutir os detalhes para o casamento e para o jantar de ensaio. Acho que devemos fazer algo mais discreto, não acha?

Valerie sorriu, sentindo-se levemente desarmada quando falou:

— Discrição é sempre bom em minha opinião... Embora deva confessar que não tenho muita experiência em planejar casamentos.

Era algo que ela normalmente não diria, o tipo de informação pessoal que sempre manteve para si e, por isso, se sentiu incomodada, até que Beverly soltou uma risada e disse:

— Não se preocupe. Já fiz isso três vezes. Então juntas somos praticamente

normais.

Valerie deu uma risada sincera, a primeira do ano, e falou:

— Normal seria bom.

— Seria muito bom, mas ainda não consigo entendê-lo direito... — Beverly disse com uma aceitação divertida. — Bom, de qualquer maneira. Sim, Charlie e Summer...

Estou muito satisfeita... Não gostava muito do último namorado dela. Bom, na verdade não gostava muito da mãe dele. O que é tudo o que importa, não é?

Valerie perguntou quem foi o último namorado de Summer, sentindo uma onda de prazer barato quando Beverly disse o nome de Grayson. Mas, mesmo assim, evitou fazer algum comentário depreciativo sobre Romy. Em vez disso, dizendo:

— Eles brigaram?

— Não sei bem os detalhes. Sei que eles, desculpe-me, ela terminou antes do Natal.

Acho que o presente dele não foi lá muito bom... ou pelo menos não pôde competir com a pulseira de contas que o Charlie lhe deu.

O queixo de Valerie caiu quando se lembrou da pulseira que Charlie fizera na terapia, que presumiu que fosse para ela, mas que não foi para debaixo da árvore.

— Sério? Ele não me disse nada — ela disse chocada, no bom sentido.

— É. Era roxa e amarela, as cores favoritas de Summer... Com certeza você lhe ensinou muito bem.

Valerie sorriu, apreciando essa interpretação do gesto de Charlie, apreciando qualquer vestígio de aprovação que pudesse receber, principalmente no campo da maternidade.

— Eu tento — ela disse.

— Então, de qualquer forma, só liguei para saber se vocês dois gostariam de nos encontrar no sábado, para que eles possam brincar. Um primeiro encontro supervisionado — Beverly sugeriu.

Valerie se virou para a janela, observando o anoitecer e o granizo caindo sobre a cidade.

— Parece uma ótima idéia, adoráramos — ela disse, surpresa ao perceber que estava sendo sincera.

Mais tarde naquela noite, comendo tacos na casa de Jason, decidiu contar a Charlie sobre o encontro com Summer. Ela estava empolgada por seu filho, embora em parte ainda se perguntasse se o namoro havia sido fabricado por Beverly, resultado de alguma culpa materna.

— Ah! Charlie — ela disse com um ar despreocupado, servindo-se de fatias de tomate e cebola na linha de montagem que Hank arrumou sobre o balcão da cozinha —, a mãe da Summer ligou hoje.

Do canto dos olhos viu Charlie olhar para ela, suas pequenas sobrancelhas arqueadas de curiosidade.

— O que ela disse?

— Ela te convidou para ir à casa dela brincar no sábado. Na verdade nos convidou.

Eu disse que iríamos. Tudo bem para você? Você gostaria de ir?

Ela olhou para ele aguardando sua reação.

— Sim — ele respondeu com um pequeno sorriso surgindo em seu rosto, confirmando tudo.

Valerie sorriu de volta para ele, feliz por vê-lo feliz, mas também tomada por um novo tipo de proteção. O tipo que surge quando as coisas estão indo bem. Ocorreu-lhe que sempre acreditou em manter suas expectativas baixas, para se machucar menos. E

Nick comprovou essa teoria.

— Espere aí? Quem é essa Summer? — Jason perguntou, embora Valerie tivesse certeza de que ele sabia exatamente quem era a garota, enquanto Hank assistia a tudo cheio de curiosidade.

— Uma menina da minha sala — Charlie explicou com suas orelhas mudando para um tom rosado e revelador.

Hanke e Jason trocaram um sorriso malicioso e então Hank quebrou o gelo com um entusiasmado:

— Charlie! Você tem uma namorada?

Charlie escondeu outro sorriso, desta vez mais largo, atrás de seu taco, e deu de ombros.

Jason deu um soco leve no ombro de Charlie e falou:

— Isso aí, Chuck! Ela é bonita?

— Ela é linda — Charlie disse. Sua voz e a expressão em seu rosto eram tão sinceras e angelicais que fizeram com que Valerie sentisse um aperto inexplicável em seu peito.

Um sentimento que não conseguia saber ao certo se era bom ou ruim.

Mais tarde naquela noite, enquanto passava pomada com vitamina E no rosto de Charlie, a sensação em seu peito voltou quando ele olhou para ela, com os olhos bem abertos, e disse:

— Sabe, mamãe. A Summer se arrependeu do que disse.

Ela se sentiu tensa, lembrando-se daquelas palavras, daquele dia.

— Ah é? — ela falou cuidadosamente.

— Sobre eu ter cara de E.T — Charlie disse sem rodeios.

— Mesmo? — ela disse sem saber ao certo o que mais poderia dizer.

— Sim. Ela pediu desculpas. Que não queria dizer aquilo. Falou que gostava do meu rosto do jeito que ele é... E então... e então eu a desculpei. E é por isso que ela é minha amiga.

— Fico muito feliz com isso — Valerie disse, tomada de pura emoção. Olhou para Charlie e não conseguiu perceber se ele estava explicando tudo a ela ou se estava pedindo permissão para ter esses sentimentos.

— O perdão é uma coisa boa — ela falou, o que parecia cobrir as duas possibilidades.

E, naquele momento, olhando para o rosto marcado, mas ao mesmo tempo contente de seu filho, se desfez um pouco daquela amargura e sentiu seu coração começar a se recuperar, só um pouco.

Nos dias que se seguiram, descobri que era mais fácil lidar com a raiva do que com a dor. Quando estava com raiva, fazia com que tudo fosse relacionado ao Nick. O fracasso foi dele, o erro foi dele, a perda foi dele. Pude concentrar toda a minha energia em puni-lo, recusar-me a vê-lo e, por fim, deixá-lo. Em um momento muito sombrio, cheguei a considerar a hipótese de denunciá-lo para o Comitê de Ética do hospital.

Sentia-me consolada pelas linhas precisas e pontiagudas da raiva, e do plano definitivo que trazia comigo. A raiva me fez acreditar que meu irmão estava certo, que não deveria haver perdão ou uma segunda chance. A vida seria diferente deste momento em diante, mas seguiria seu curso.

A dor já era algo mais complicado. Era algo que não podia colocar sobre Nick, já que nesse caso a perda foi minha, dos meus filhos, de nossa família e de tudo o que um dia amei e no qual acreditei. A dor tem uma parte de medo e outra de arrependimento.

De desejar que eu pudesse voltar no tempo e fazer as coisas de uma maneira diferente, proteger meu casamento com mais cuidado. Ser uma esposa melhor, prestar mais atenção em meu marido, transar mais, ser mais atraente. Quando a dor bateu, encontrei-me olhando para dentro, culpando a mim mesma por permitir, de alguma maneira, que isso acontecesse. Por nem ao menos perceber o que estava acontecendo.

A dor também tem um efeito desorientador, não oferece absolutamente nenhum plano de ação, deixando-me apenas uma opção: sofrer até que seja usurpada pela raiva outra vez.

Na manhã do meu aniversário de 36 anos, uma segunda-feira triste e tumultuada de janeiro, encontrava-me mais precisamente no campo da raiva. Fiquei ainda mais enervada quando Nick ligou pela manhã, logo depois de Carolyn ter chegado para cuidar de Frank. Enquanto deixava Ruby na escola, quase atendi o telefone, mas então decidi manter a tradição, deixando que a ligação caísse na mensagem de voz, para somente depois do banho, checá-la. Quando finalmente a ouvi, detectei uma nota de desespero em sua voz enquanto me desejava feliz aniversário, em seguida fez um apelo urgente para me ver, pelo menos para comer um bolo como uma família. Apaguei a mensagem imediatamente, junto com um e-mail me avisando que, se eu não quisesse encontrá-lo, deixaria meu presente na varanda de casa, assim como fez com meu presente de Natal ainda fechado, uma caixa pequena demais para ser qualquer outra coisa que não uma jóia. Lembrei-me de nosso aniversário de

casamento arruinado, sentindo uma onda de rancor em relação a ele, por não ter me dado um presente naquela noite, nem mesmo um cartão. Por não ter nem ao menos trocado seu plantão com alguém. Por tudo. Agarrei-me a essa raiva, determinada a não ficar pensando em Nick ou em minha situação no meu aniversário.

Então, em uma virada irônica, meus pais divorciados, nenhum dos dois sabendo o que estava acontecendo, estavam na cidade. A visita de minha mãe era sempre esperada, já que ela nunca deixava de visitar a mim e a meu irmão no “aniversário de nosso nascimento”, como ela dizia, enquanto meu pai estava em Boston para uma reunião de última hora. Ele ligou para me desejar feliz aniversário e me informou que tinha várias horas antes de seu vó de volta para Nova York.

— Posso levar minha garotinha para almoçar? — ele perguntou animado.

Escrevi às pressas em um caderno de anotações “o papai está na cidade” e mostrei para minha mãe, que forçou um sorriso largo e falso. Eu entendi exatamente o que se passava em sua cabeça, sentindo-me estressada só de pensar na possibilidade de me sentar a mesma mesa com os dois. Então disse:

— Droga, pai. Já tenho planos.

— Com a sua mãe? — ele perguntou, sabendo que ela era dona daquele dia, que havia renunciado a todos os direitos sobre os aniversários, além de ter aberto mão de todos os móveis, álbuns de foto e de Waldo, nosso basset hound tão querido (por todos, com exceção de minha mãe). Para mim e para meu irmão, sempre esteve claro que minha mãe havia ficado com Waldo por vingança. Uma reação que no passado me incomodava, mas que agora entendia plenamente.

— Sim, com a mamãe — eu disse tomada por duas emoções, aparentemente em conflito. Por um lado, sentia-me intensamente leal à minha mãe, com uma sensação nova de empatia por tudo o que ela passou. Mas, por outro lado, estava frustrada por ela, com ela, desejando que pudesse superar a amargura que sei que ainda sente. Uma amargura que não é um bom presságio para o meu futuro, ou para o futuro dos meus filhos a bem dizer.

— Certo. Eu imaginei mesmo — ele disse —, mas esperava poder te ver, também. — Havia um indício de impaciência em sua voz, como se quisesse dizer “o divórcio aconteceu há anos. Será que dá para todo mundo crescer e superar tudo isso?”

— Você está... sozinho? — perguntei cautelosamente, sabendo que a presença de Diane poria por terra os planos que estava começando a considerar.

— Ela está em Nova York. Por favor, querida, vamos lá. Não seria legal se ambos os seus pais te levassem para almoçar, juntos, no seu aniversário de 35 anos?

— Trinta e seis — corrigi.

— Podemos fingir — ele disse com alguma malícia em sua voz. Meu pai

odiava envelhecer mais do que eu ou qualquer mulher que eu conhecesse, o que minha mãe atribui ao que ela chama de sua vaidade sem limites. — Então, o que me diz, filhota?

— Só um minuto, pai — eu disse, e então cobri o telefone e sussurrei para minha mãe — Ele quer ir com a gente. O que você acha?

Ela deu de ombros, sorriu mais uma vez e falou:

— Você que decide, querida. É o seu dia.

— Você dá conta? — perguntei sem cair na sua fachada de indiferente.

— Claro que dou conta — ela disse, parecendo vagamente ofendida.

Hesitei um pouco e voltei ao telefone, explicando a ele onde nos encontrar. Enquanto isso, do canto dos meus olhos, vi minha mãe passar seu pó compacto e retocar seu batom cuidadosa e ansiosamente.

— Fabuloso — disse meu pai.

— Ótimo — respondi inexpressiva, perguntando-me se um dia alcançaria a indiferença que minha mãe evidentemente nunca conseguiu alcançar. Ou se, dentro de alguns anos, eu ouviria o nome de meu ex-marido e me sentiria tão desesperada para parecer bonita. Mostrar a Nick o que estava perdendo, o que destruiu e perdeu, tanto tempo atrás.

Meia hora depois, estava sentada com meus pais no Blue Ginger, um restaurante asiático charmoso, cheio de painéis de bambu, compartilhando um aperitivo de rolinhos de lagosta. Meu pai estava cantarolando uma música que eu não conseguia identificar, enquanto minha mãe batia suas unhas em sua taça de vinho e falava sobre os bonsais que decoravam o restaurante. Em suma, os dois estavam nervosos, se não completamente tensos, e o fato de nós três não ficarmos em um mesmo ambiente juntos desde a noite em que me casei com Nick não passou despercebido para nenhum de nós. Outra ironia no histórico de infidelidade de nossa família.

Então, após uma discussão superficial sobre Ruby e Frank e outros tópicos neutros, tentei juntar coragem para dar a notícia. Passou por minha cabeça que talvez não fosse justo fazer isso dessa maneira, pelo menos com minha mãe, mas parte de mim achava que isso me ajudaria a manter certo grau de dignidade e orgulho, que sinto que perdi. Porque não importava quantas vezes eu tentasse me convencer do contrário, quantas vezes Cate e Dex reforçaram a noção de que o caso de Nick não se refletia em mim, ainda assim sentia como se fosse a minha humilhação. Estava extremamente envergonhada pelo meu marido, pelo meu casamento e por mim mesma.

— Então, tenho algo para contar a vocês — eu falei durante a calmaria seguinte.

Sentia-me estóica, se não forte.

Olhei para minha mãe e para meu pai. Suas expressões estavam tão preocupadas, quase temerosas, que meus olhos começaram a lacrimejar. Ao

perceber o que poderiam estar pensando, garanti que as crianças estavam bem e que ninguém estava doente.

Era algo que me fazia perceber o verdadeiro valor disso tudo, embora, de certa maneira, preferisse estar doente, pois daí poderia ter um diagnóstico, um plano de tratamento e um pouco de fé, ou ao menos de esperança, de que as coisas poderiam dar certo. Respirei fundo, procurando pelas palavras certas, quando meu pai apoiou seu garfo no prato, pegou em minha mão e disse:

— Querida. Está tudo bem. Nós sabemos. Nós sabemos.

Olhei fixamente para ele, aos poucos processando o que estava me dizendo.

— O Dex contou a vocês? — eu perguntei, aliviada demais para ficar brava com meu irmão, já que não tinha mais de dizer aquelas palavras em voz alta. Além disso, no contexto das promessas descumpridas, a dele não foi tão terrível assim.

Minha mãe fez que sim, pegando em minha outra mão e apertando-a com a mesma força que meu pai.

— Será que a gente tem de cantar uma música, agora? — perguntei rindo para não chorar. — O Dex é um fofoqueiro mesmo...

— Não fique brava com o Dexter — minha mãe disse —, ele nos contou porque te ama e se preocupa com você... Ele e a Rachel estão tão preocupados com você.

— Eu sei — falei pensando no número de vezes em que me ligaram nos últimos dias, mas estava chateada demais para retornar.

— Como estão as crianças? — minha mãe perguntou. — Elas já perceberam?

— Ainda não. É uma questão para se pensar, não é? O tanto que ele trabalha... Ele só viu os filhos quatro ou cinco vezes desde o Natal, e parece que não notaram nenhuma diferença.

— Você já o... viu desde então? — minha mãe continuou, agora procurando juntar mais informações.

Fiz que não.

Meu pai limpou a garganta, começou a falar, então parou e começou de novo:

— Sinto muito... Contessa, querida, sinto muito mesmo.

“Contessa” era o apelido especial que ele me dera quando era pequena, e que só usava em momentos sentimentais. E eu sabia, mesmo sem olhar em seus olhos, que estava se desculando por mais de um motivo.

Mordi meu lábio, liberei minhas mãos das de meus pais e as coloquei sobre minhas pernas.

— Ficarei bem — disse soando bem mais convincente do que como estava de fato me sentindo.

— Sim — minha mãe falou levantando seu queixo, parecendo mais majestosa que de costume. — Você ficará bem.

— Não importa o que decida fazer — meu pai completou.

— O Dex nos disse qual foi o conselho dele — minha mãe disse.

— E tenho certeza de que você concorda com ele — falei a ela, já não me preocupando mais com uma possível insinuação. As semelhanças eram óbvias e me sentia derrotada e exausta demais para fingir que não eram.

Minha mãe fez que não e disse:

— Cada casamento é diferente do outro. Cada situação é diferente da outra.

E me ocorreu que era isso que eu vivia dizendo a ela todos aqueles anos e, mesmo assim, lá estava ela, finalmente concordando comigo, agora que sua teoria fora comprovada.

Parei de trabalhar, priorizei meu marido e minha família e acabei como ela, exatamente como havia previsto.

— Tessa, querida — meu pai disse depois que o garçom encheu novamente nossas taças de vinho e saiu apressado, provavelmente percebendo que havia algo de errado em nossa mesa.

— Não me orgulho do que fiz...

— Bom, isso é consolador — minha mãe zombou em voz baixa.

Ele respirou fundo, devidamente envergonhado, e tentou outra vez:

— Tudo bem, isso para dizer o mínimo... Sempre me arrependerei da forma como me comportei... de uma maneira tão... desonrosa...

Até onde eu sei essa era a primeira vez que ele admitia ter feito algo errado e, dessa forma, tinha o aspecto de uma confissão chocante. E deveria ser chocante para minha mãe também, pois agora parecia que ela estava prestes a chorar.

Ele continuou com mais cautela:

— Gostaria de ter lidado com as coisas de uma forma diferente... Realmente gostaria.

As coisas não estavam indo bem entre mim e sua mãe, e, sob esse aspecto, acho que ela concorda — ele olhou na direção dela e continuou. — Mas procurei por soluções nos lugares errados. Fui um tolo.

— Ah, David — minha mãe disse em voz baixa, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— É verdade. Eu fui burro — ele insistiu —, e Nick é um burro também.

Minha mãe lançou um olhar de cumplicidade e subitamente me ocorreu que talvez essa intervenção não só fosse planejada como também possivelmente ensaiada. Então ela disse:

— Embora, é claro... não sabemos o que passou pela cabeça de Nick.. ou por que fez o que fez.

— Claro. Claro — meu pai concordou —, mas o que estou tentando dizer... é que acho que sua mãe e eu...

— Nós cometemos muitos erros — minha mãe interrompeu enquanto ele concordava com a cabeça.

Senti uma onda de nostalgia ao me lembrar de nossas conversas durante o

jantar quando ainda éramos crianças. Ao recordar de quanto os dois costumavam interromper um ao outro, mais quando estavam se dando bem e felizes do que quando o relacionamento estava tempestuoso, marcado por impasses e empates silenciosos.

— Eu estava deprimida e frustrada e era difícil conviver comigo. E ele — ela disse apontando para meu pai e quase sorrindo — era um traidor filho da mãe.

Meu pai ergueu as sobrancelhas e falou:

— Nossa. Obrigado, Barb.

— Bom, você era — ela disse soltando uma risada alta e nervosa.

— Eu sei, e sinto muito por isso.

— Devidamente registrado — ela disse, o que foi o mais próximo que já havia chegado de perdoar-lhe.

Olhei de um pai para o outro, sem saber ao certo se me sentia melhor ou pior, mas completamente perplexa quanto ao ponto de vista final de ambos. Estavam sugerindo que eu contribuí de alguma maneira para essa bagunça? Que o Nick teve um caso porque não estava feliz? Que o casamento tem mais a ver com a maneira com que você lida com uma catástrofe do que com o compromisso e a confiança? Ou estavam simplesmente imersos em um momento bizarro e agradável só deles?

Meu pai deve ter percebido minha confusão porque disse:

— Olha, Tess. Sua mãe e eu só estamos tentando compartilhar um pouco da sabedoria que acumulamos do jeito mais doloroso. Só estamos tentando te dizer que, às vezes, o problema não é o caso.

— Mas você se casou com a Diane — eu falei, evitando fazer contato visual com minha mãe.

Ele afastou essa idéia com as mãos como se sua esposa atual absolutamente não viesse ao caso.

— Só porque sua mãe me deixou...

Obviamente gostando dessa versão da história, minha mãe sorriu de maneira afetuosa e sincera, permitindo que ele continuasse.

— Querida, é isso que estamos tentando dizer — meu pai falou, o casamento é uma coisa divertida, complicada e misteriosa... e passa por ciclos, altos e baixos, como tudo na vida, e não deve ser definido por um único ato, ainda que seja um ato terrível.

— Já diversos atos... talvez — minha mãe disse, incapaz de resistir à deixa de meu pai. — Mas não só um único erro.

Meu pai elevou suas mãos ao alto como se dissesse que não tinha como se defender e deu continuidade à linha de pensamento de minha mãe.

— Tendo dito isso, você não precisa aceitar o erro dele. Você não precisa perdoar-lhe — meu pai falou —, e nem ao menos confiar nele.

— Não são a mesma coisa — disse minha mãe. — Perdoar e confiar.

A mensagem de minha mãe era clara. Ela podia ter perdoado a meu pai da primeira vez, mas nunca mais voltou a confiar nele, nem mesmo por um segundo. O que explicava seu trabalho de detetive e a descoberta infeliz, mas nada surpreendente, da existência de Diane.

— Eu sei, Barbie — ele disse concordando. — Só quis dizer que a Tess precisa tomar uma decisão, e que essa decisão é dela. Não é do Nick, nem do Dex, nem minha, nem sua.

— Concordo.

— E, seja lá o que decidir, estamos do seu lado — meu pai adicionou — como sempre estivemos.

— Isso — minha mãe disse —, sem dúvida alguma. Cem por cento.

— Obrigada — respondi, percebendo que isso poderia ser o que doía mais do que qualquer outra coisa: o fato de sempre ter pensado que era Nick quem deveria ser a pessoa que sempre estaria do meu lado, não importando o que eu fizesse, sem dúvida alguma, 100%. Isso e o fato de eu estar sem dúvida, 100%, errada sobre isso.

E, como em um passe de mágica, minha raiva se dissipou, sendo substituída mais uma vez por uma dor intensa e sombria.

Um pouco mais tarde, nós três voltamos para casa e paramos na entrada da garagem, nos despedindo demoradamente antes de meu pai ir embora a caminho do aeroporto. Ambos pareciam estar à vontade, e, ao observar a linguagem corporal casual dos dois, era de pensar que eram velhos amigos, e não duas pessoas que foram casadas por quase 25 anos antes de passarem por um divórcio tão doloroso.

— Obrigada por vir a Boston, pai — eu disse pronta para sair daquele frio. — Fiquei muito feliz.

Meu pai me deu outro abraço, o terceiro desde que deixamos o restaurante, e mesmo assim não fez nenhum movimento na direção de seu carro alugado, comentando que podia pegar outro vôo mais tarde.

Olhei para minha mãe, que deu de ombros e sorriu como que dando permissão.

— Você gostaria de entrar um pouco? As crianças devem chegar a qualquer momento.

A Carolyn deve estar pegando a Ruby na escola agora mesmo.

Meu pai concordou imediatamente e, minutos depois, estávamos dentro de casa, reunidos na cozinha e discutindo a recente viagem de meu pai ao Vietnã e à Tailândia.

Era o tipo de viagem exótica que minha mãe sonhava em fazer, mas nunca teve coragem, ou porque era ocupada demais ou porque não queria ir sozinha. Mesmo assim, não parecia ter inveja da experiência do meu pai, fazendo perguntas amigáveis e diretas. Meu pai as respondia evitando qualquer pronome

no plural ou qualquer menção a Diane, embora eu soubesse que ela estava com ele e tivesse certeza de que minha mãe também sabia.

— Você deveria ir, Barb, iria adorar —, meu pai disse, avistando uma garrafa já aberta de vinho tinto no balcão, sugerindo que tomássemos mais uma taça. Embora não achasse uma boa idéia, dei de ombros e assenti, observando enquanto ele servia três taças generosas, entregando uma para mim e outra para minha mãe. Ela pegou a dela e, sem rodeios, tocou sua taça com a dele e com a minha. Não fez nenhum brinde, só uma piscadela e um sorriso, como se reconhecesse quanto aquela tarde havia sido estranha e, ao mesmo tempo, agradável. Tomei um longo gole, quando Ruby e Frank irromperam pela porta da frente com a Carolyn logo atrás.

— Nana e Papa! — gritaram em coro, aparentemente sem perceber que era a primeira vez que viam seus avós juntos em um mesmo recinto.

Em um momento surreal e agridoce, observei os quatro se abraçando enquanto me virava para tratar de questões mais cotidianas: pagar à Carolyn, retirar o presente, previsivelmente pequeno, de Nick da varanda e passar um pano na mesa ainda cheia de migalhas do almoço de Frank. Então, enquanto meu pai fazia truques de mágica para as crianças e minha mãe adicionava seus comentários animados, me retirei à francesa, aliviada por ninguém ter feito nenhuma objeção ou até mesmo perceber.

Sozinha em meu quarto virei minha taça de vinho e me encolhi sobre a minha cama arrumada. Depois de alguns minutos olhando para o nada, fechei meus olhos e ouvi o som vago dos meus pais e das crianças rindo no andar de baixo, pensando sobre a peculiaridade daquela tarde. Sobre como foi ao mesmo tempo surpreendente, triste e acalentadora.

Quando estava quase pegando no sono, comecei a pensar nas palavras de Dex, na véspera do Natal, dizendo-me que jamais trairia a Rachel e que só traiu com ela porque estava apaixonado. E, então, pensei nos comentários do meu pai no almoço, sua insinuação de que Diane não vinha ao caso, que não era a catalisadora da separação dos meus pais, mas simplesmente um sintoma de seus problemas. Então, contra a minha vontade, pensei nela. Em Valerie. Tentei imaginar em qual dessas categorias se encaixava e se ela e Nick poderiam acabar juntos se eu optasse por sair dessa equação para sempre. Imaginei meus filhos com ela, praticamente se tornando irmãos de seu filho. Então comecei a pegar no sono, pensando nessa nova família, andando em um triciclo em Hanói enquanto eu permanecia em casa, varrendo os farelos que estavam debaixo da mesa da cozinha, amarga e sozinha.

Acordei e me deparei com minha mãe sentada à beira da cama me observando.

— Que horas são? — murmurei, enquanto meus olhos tentavam se abrir.

— Um pouco mais de 18 horas. As crianças já comeram e seu pai deu um

banho nelas. Agora, estão na sala de brinquedos.

Surpresa, sentei-me percebendo que havia dormido por mais de duas horas.

— Ele ainda está aqui?

— Não. Foi embora já faz algum tempo. Não quis te acordar. Pediu para te dizer tchau... e que eu te dissesse que ele te ama.

Esfreguei meus olhos, lembrando-me do sonho todo com Nick e Valerie, mais visual e perturbador que minha visão dos dois em um triciclo.

— Mãe — eu disse tomada por uma convicção súbita e alarmante sobre o que precisava fazer para seguir em frente, de um jeito ou de outro. — Eu preciso saber.

Ela concordou como se entendesse exatamente o que eu estava pensando, o que estava querendo dizer.

— Eu preciso saber — eu disse, incapaz de bloquear as imagens de meu sonho.
O

Nick fazendo-a rir na cozinha enquanto preparavam o jantar de Ação de Graças. O

Nick lendo histórias de ninar para seu filho. O Nick ensaboando suas costas e beijando-a em uma bela banheira vitoriana.

Minha mãe concordou mais uma vez com a cabeça e me envolveu em seus braços, enquanto aquele filme assustador continuava rodando em minha cabeça. Tentei pausá-lo ou ao menos voltá-lo, perguntando-me como tudo começou. Foi amor à primeira vista? Foi uma amizade que aos poucos se transformou em atração física? Foi uma epifania certa noite? Ocorreu por causa de algo errado em nosso casamento ou por causa dos sentimentos mais verdadeiros e profundos? Ou foi uma simples empatia por uma criança ferida e por sua mãe? Precisava saber exatamente o que aconteceu nesse ínterim, e também como e por que acabou. Precisava saber se ela era bonita, se era interessante. Precisava ouvir sua voz, ver seus gestos, olhar em seus olhos. Precisava saber de tudo. Precisava saber de toda a verdade, por mais dolorosa que fosse.

Então, antes que pudesse mudar de idéia, peguei meu telefone e disquei o número que decorei no dia de Ação de Graças. O medo tomava conta de mim, mas, mesmo assim, me enchi de coragem enquanto fechava meus olhos, segurava na mão de minha mãe e esperava pelo início da minha descoberta.

Ela estava passeando pelas prateleiras da Wellesley Booksmith, enquanto Charlie estava na aula de piano, quando sentiu seu celular vibrar em sua bolsa. Seu coração saltou com a esperança vaga e irrealista de que talvez pudesse ser ele, enquanto equilibrava três romances sob seu braço e tentava pegar o celular para ver quem era. Um número local desconhecido era exibido em sua tela e, embora pudesse ser qualquer pessoa, teve a sensação fria de que era ela. Tessa.

Tudo em seu corpo sinalizava um instinto de fuga, advertia-a para não atender, mas mesmo assim o fez, sussurrando um alô em seu telefone.

Ela ouviu a voz baixa e ansiosa de uma mulher dizendo alô de volta e, então, teve a certeza. Respirou fundo, desesperada por um pouco de oxigênio, quando um de seus livros caiu no chão, com as abas para baixo, dobrando e espalhando suas páginas. Uma garota adolescente próximo dela se abaixou e pegou o livro no chão, entregando-o a Valerie com um sorriso.

A voz do outro lado da linha perguntou:

— Valerie Anderson?

— Sim — Valerie respondeu tomada por medo e culpa. Ela procurou ao seu redor por uma cadeira e, ao não encontrar nenhuma, sentou-se de pernas cruzadas no carpete puído, preparando-se para o que fosse que estivesse por vir, sabendo que merecia o pior.

— Não nos conhecemos... Meu nome é Tessa — a mulher continuou —, Tessa Russo. Sou a esposa de Nick Russo.

Valerie repetiu em sua mente a palavra esposa, várias vezes, apertando seus olhos fechados, vendo um caleidoscópio de cores enquanto tentava respirar.

— Queria saber se... poderíamos nos encontrar — ela perguntou sem ameaça ou malícia, apenas um traço de melancolia, o que fazia com que Valerie se sentisse pior ainda.

Ela engoliu em seco e, bastante relutante, respondeu:

— Tudo bem. Claro. Quando?

— Pode ser agora? — Tessa perguntou.

Valerie hesitou, tendo certeza de que deveria se preparar para essa reunião da mesma maneira que se preparava para julgamentos: prestando uma intensa e cuidadosa atenção aos detalhes. Ao mesmo tempo sabia que a espera seria excruciante, tanto para ela quanto para Tessa, então simplesmente disse que sim.

— Obrigada — Tessa disse. — Onde?

— Estou na Wellesley Booksmith. Gostaria de me encontrar aqui? — ela disse, desejando ter vestido uma roupa melhor, passado uma escova no cabelo e, então,

percebeu que talvez a maneira como estava fosse melhor.

Valerie ouviu um silêncio tão patente que chegou a se perguntar se Tessa havia desligado ou colocado o telefone no mudo, até que ouviu:

— Pode ser. Vejo você daqui a pouco.

E, então, ela ficou esperando. Esperou na frente da loja, ao lado da estante de cartões e papéis de embrulho, olhando por uma vitrine para a Rua Central, uns 100 pensamentos desconexos rodando em sua mente. Esperou por 15, então 20 e depois 30 minutos enquanto uma dúzia de mulheres, ou mais, entraram por aquela porta.

Continuou convencida de que nenhuma era a Tessa até aquele segundo, quando aquela mulher entrou. Uma mulher que, obviamente, não havia ido comprar livros.

Valerie a estudou avidamente, memorizando como ela desabotoava seu longo casaco, revelando uma combinação elegante e, ao mesmo tempo, discreta de calça preta reta e um suéter marfim de decote redondo e sapatos baixos de um dourado fosco.

Ela admirou seu cabelo espesso e cor de mel que caía sobre seus ombros em ondas suaves, com feições vivas e fortes, ao contrário da maioria das bonitinhas de Wellesley.

Se ela estivesse usando alguma maquiagem, Valerie decidiu, era a mais sutil possível, embora seus lábios grossos estivessem brilhantes com um gloss labial de cor pêssego.

A mulher procurou furtivamente por toda a loja e, de alguma forma, não notou Valerie à primeira vista, mesmo estando tão próximas uma da outra. Então, subitamente, seus olhos se cruzaram. O coração de Valerie parou e ela pensou na possibilidade de sair correndo pela porta. Mas, em vez disso, deu um passo à frente, ficando sem a proteção do escudo formado pelos cartões.

— Tessa? — Valerie disse com um calafrio correndo sua espinha.

A mulher fez que sim e então estendeu o braço, oferecendo sua mão. Valerie aceitou, seu coração doeu quando tocou sua pele macia e quente e sentiu a brisa leve de uma fragrância cítrica.

Quando soltaram as mãos, Tessa engoliu em seco e disse:

— Será que podemos encontrar algum lugar para nos sentarmos?

Valerie assentiu, já tendo localizado uma mesa na seção infantil no fundo da loja, reservando-a com sua parca volumosa e com os livros que havia separado para comprar.

Ela se virou e foi na direção da mesa e, segundos depois, as duas estavam sentadas uma de frente para a outra.

— Então — Tessa disse. — Olá.

— Olá — Valerie respondeu com a garganta seca e a palma das mãos molhadas.

Tessa indicou quealaria, então hesitou e finalmente começou:

— Como está o Charlie? — ela perguntou com uma preocupação tão genuína que, por um segundo de esperança, Valerie chegou a pensar que havia entendido tudo errado e que Tessa estava ali apenas para saber do paciente de seu marido.

Mas, quando Valerie disse que Charlie estava bem melhor, obrigada, ela viu o lábio de Tessa tremer de maneira reveladora. Então Valerie soube que ela sabia.

— Bom. Bom — Tessa conseguiu dizer. — Fico feliz em saber.

Então, quando Valerie não agüentava mais um segundo de suspense, Tessa respirou profundamente e falou:

— Bem. Olha só. Acho que nós duas sabemos por que estou aqui... Por que motivo eu queria te encontrar.

Valerie concordou, sua garganta ficando mais apertada e seca a cada segundo, seu rosto queimando.

— Estou aqui porque sei — Tessa disse tão sem rodeios que por um segundo Valerie ficou confusa.

— Você sabe? — ela disse se arrependendo instantaneamente da pergunta. Ela não tinha o direito de ser desconfiada. Não tinha direito nenhum na verdade.

— Sim, eu sei — Tessa respondeu com os olhos flamejantes. — Sei de tudo.

Não havia como negar que ela era bonita, muito bonita, com os olhos de um azul perturbador. Mas não havia nada de sexy nela. Com um corpo miúdo e estreito e quase sem quadril nem peito, estava mais para menininha do que para mulherão. Seu rosto era pálido em contraste com seu cabelo preto e extremamente liso, que estava preso em um rabo de cavalo sem graça. Em suma, enquanto eu dizia seu nome e a via acenar com a cabeça de volta, senti uma estranha sensação de alívio por essa ser a mulher, por essa ser a escolhida. Senti-me aliviada por seu aperto de mão frágil, por sua voz fina e pelo jeito assustado com que seus olhos se movimentavam rapidamente enquanto eu olhava diretamente em seus olhos.

— Será que podemos encontrar algum lugar para nos sentarmos? — eu disse determinada a estar no controle desse encontro, a ficar com a vantagem.

Ela concordou e eu a segui até o fundo da livraria enquanto falava com Nick em minha cabeça: “É essa a mulher que escolheu? Essa daí? Essa mulher por quem passaria na rua sem nem notar? Essa mulher que eu provavelmente ignoraria em um jantar?”.

Mesmo assim, ele a escolheu. Ou pelo menos deixou que ela o escolhesse. Ele transou com essa pessoa, agora sentada diante de mim à mesa que aparentemente ela reservou para nossa conversa.

Trocamos “olás” constrangedores e me forcei a perguntar sobre seu filho. Muitos segundos se passaram e, quando ficou claro que ela estava esperando que eu comesse, limpei a garganta e disse:

— Bem. Olha só. Acho que nós duas sabemos por que estou aqui... Por que motivo eu queria te encontrar.

Disse isso a ela, embora não tivesse certeza absoluta de qual era minha missão naquele momento. Se era de descoberta, ou para preservar minha honra ou, até mesmo, para encontrar algum tipo de encerramento para essa história. Mas não importava qual fosse de fato a missão, estava aliviada por poder acabar logo com aquele momento inevitável, pronta para qualquer coisa que ela pudesse dizer, preparada para o pior.

Ela olhou para mim e esperou.

— Estou aqui porque sei — eu disse a ela, o que parecia cobrir todas as possibilidades. Inclinei-me sobre a mesa, olhando fixamente para ela para que não tivesse nenhuma dúvida sobre a minha mensagem e nenhuma escapatória também.

— Você sabe? — ela disse. Então me lançou um olhar confuso que me

enfureceu e eu resisti à ânsia súbita e intensa de meter-lhe a mão na cara. Mas, em vez disso, mantive a calma, determinada a manter minha dignidade e minha compostura.

— Sim, eu sei... Sei de tudo — falei, o que, é claro, não era exatamente a verdade.

Eu sabia de alguns fatos, mas de nenhum detalhe. Mas continuei mentindo, esperando que isso evitasse que ela fizesse o mesmo. — O Nick me contou tudo.

Ela abriu a boca, então hesitou, seus olhos cheios de uma surpresa e uma dor inconfundíveis que me traziam um pouco de conforto. Até aquele momento, ela provavelmente acreditava, ou ao menos esperava, que eu estivesse ali apenas por intuição, ou como resultado de algum tipo de trabalho intenso de espionagem. Estava claro pelo seu olhar que não sabia que Nick havia confessado. Enquanto eu encarava as linhas pronunciadas de seu queixo, memorizando as características de seu rosto hexagonal, de repente percebi que não poderia ter ligado para ela e certamente não conseguiria encará-la se tivesse descoberto a verdade de qualquer outro jeito. É quase como se os fatos relativos à minha descoberta tornassem nossa competição mais justa.

Ela dormiu com o meu marido, mas ele me contou o segredo deles. Então, no fim das contas, ele também a traiu.

— Foi só uma vez — ela finalmente disse com a voz tão branda que quase não consegui entendê-la.

— Ah. Só uma vez — eu disse. — Tudo bem, então.

Vi seu rosto corar quando percebeu meu sarcasmo, deixando-a ainda mais envergonhada.

— Eu sei. Eu sei... uma vez é mais que suficiente... Mas...

— Mas o quê? — perguntei ríspida.

— Mas, na maior parte do tempo, fomos só amigos — ela disse da mesma maneira como Ruby dizia quando tentava inventar uma desculpa por desrespeitar abertamente alguma regra. “Sim, mamãe, sei que rabisquei a parede toda, mas não é um desenho lindo?”

— Amigos?

— Ele foi tão... tão legal com o Charlie — ela gaguejou —, além de ser um cirurgião tão incrível. Fiquei tão... grata.

— Tão grata que transou com ele? — sussurrei.

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto balançava a cabeça e dizia:

— Eu me apaixonei por ele. Não queria que isso acontecesse. Não sei ao certo como e por que tudo aconteceu. Talvez tenha sido porque ele salvou meu filho... Ou talvez eu simplesmente tenha me apaixonado por ele... porque...

Sua voz foi desaparecendo como se estivesse falando consigo mesma.

— Nunca conheci um homem como ele. Ele é... excepcional.

Senti uma nova onda de fúria por ela ousar falar de meu marido daquele jeito.

Alguém que ela conhecia havia pouco mais de três meses, comparados aos nossos sete anos juntos. Mas, em vez de chamar sua atenção para isso, eu disse:

— Homens excepcionais não traem suas esposas. Não têm casos. Não colocam uma aventura passageira à frente de seus próprios filhos.

Quando disse essas palavras, o paradoxo da situação se cristalizou em minha mente. Se ela era uma aventura passageira, então Nick não merecia que eu lutasse por ele. Mas, se ela era uma pessoa de qualidade por quem ele teve sentimentos genuínos, então fazer o quê? O que me restava nesse caso?

— Não acho que seja isso o que ele fez — ela falou, mas eu pude perceber que ainda estava se questionando sobre o que fizeram ao certo.

— Ele disse que te amava? — disparei contra ela, percebendo que era por isso que eu estava ali. Essa era a questão vital para mim, tudo se voltando para aquele único fato. Ele dormiu com ela. Obviamente sentia algo por ela. E eu acreditava, do fundo do meu coração, que ele estava, e, talvez ainda estivesse, apaixonado por ela. Mas, se ele tivesse dito que a amava, ou se tivesse dito a ela que não me amava, então tudo estaria acabado entre nós. Para sempre.

Prendi minha respiração, esperando pela resposta, soltando o ar quando ela balançou a cabeça lenta e enfaticamente:

— Não — ela disse —, ele não sentia o mesmo por mim. Não me ama. Nunca amou.

Ele ama você.

Minha cabeça entrou em parafuso enquanto repetia essas palavras em minha mente, procurando pela verdade presente nelas. Eu queria acreditar nela. Queria desesperadamente acreditar nela. E talvez, talvez, eu realmente acreditasse.

— Sinto muito, Tessa — ela continuou com sua voz falhando, a angústia e a vergonha tomando conta de seu rosto. — Sinto muito pelo que fiz, a você, aos seus filhos, e até mesmo ao meu próprio filho. Foi errado e eu... eu sinto muito.

Respirei fundo, imaginando-a com Nick, seus olhos fechados, abraçando-o, dizendo que o amava. Mas, por mais que quisesse culpá-la e odiá-la, não foi assim... não consegui. Em vez disso, senti pena dela, talvez porque fosse mãe solteira, talvez porque seu filho estivesse ferido, talvez porque ela estivesse apaixonada por alguém que nunca poderia ter. Meu marido.

Qualquer que fosse o caso, olhei nos olhos dela e disse o que jamais sonhei que diria neste momento.

— Obrigada. — E, enquanto a via aceitar minha gratidão com um aceno de cabeça quase imperceptível, peguei minhas coisas e me levantei para ir embora, chocada ao perceber que eu estava realmente sendo sincera.

O tempo cura todas as feridas. Ela sabia disso melhor que a maioria das pessoas, mas, mesmo assim, ainda se surpreendia com isso, admirada com o fato de que a simples passagem dos dias podia agir como uma mágica gradual. Ela ainda não o tinha esquecido, mas já não sentia mais sua falta de uma maneira tão aguda e dolorosa. Além disso, conformou-se com o que aconteceu entre eles, mesmo sem entender exatamente aquilo tudo. Ela pensou no que disse à esposa de Nick, que ele nunca a amara, e se perguntou se era verdade, como se parte de si ainda se agarrasse à crença de que tiveram algo verdadeiro juntos.

Mas, quanto mais o tempo passava, essa esperança minguava e ela começava a ver esse relacionamento meramente como uma fantasia impossível, uma ilusão nascida da necessidade e do desejo. E ela decidiu que só porque duas pessoas acreditavam em algo, mesmo que intensamente, isso não o tornava real.

E tinha Tessa, a mulher que a fazia sentir inveja e pena, medo e respeito, tudo ao mesmo tempo. Ela repassou a conversa que tiveram em sua cabeça umas 100 vezes, inclusive recontando-a a Jason, antes de conseguir compreender completamente o que aconteceu no fundo daquela livraria, naquela noite amargamente fria de janeiro. A esposa de Nick lhe agradeceu. Ela havia ouvido outra mulher confessar que se apaixonou por seu marido, que fez amor com seu marido, e ela agradeceu, aparentemente aceitando suas desculpas, ou ao menos não as rejeitou. A situação toda era tão improvável, tão absurda, que quase começou a fazer sentido, assim como começou a parecer perfeitamente lógico que Charlie viesse a amar Summer, a menina que uma vez o atormentou no parquinho.

Era graça divina, ela decidiu, algo que estava faltando em sua própria vida. Não sabia se havia nascido sem ou se a perdeu no caminho, mas agora a queria. Queria ser o tipo de pessoa que podia conceder a alguém uma bondade gratuita, substituir a amargura por empatia, perdoar simplesmente por perdoar.

Queria isso tão desesperadamente que fez exatamente aquilo que jurou jamais fazer. Fez um telefonema, da sala de espera do hospital, enquanto Charlie estava em sua segunda hora de cirurgia com sua nova médica. Ela esperou enquanto o telefone tocava, sua garganta se fechando quando ouviu um alô apreensivo do outro da linha.

— Romy? — ela perguntou com o coração palpitando.

A mulher respondeu que sim, e Valerie se sentiu hesitar, pensando na noite do acidente, que ela ainda tinha certeza de que havia sido negligência de Romy, então na última cirurgia de Charlie, quando ela apareceu sem ser convidada

nessa mesma sala de espera, e então naquela tarde no estacionamento da escola quando Romy a flagrou com Nick

Apesar de todas essas imagens, ela seguiu em frente, dizendo:

— Quem fala é a Valerie Anderson.

— Oh! Olá. Como você está? Como o Charlie está? — Romy perguntou com uma ternura em sua voz que ou não estava presente nas primeiras conversas entre elas, ou Valerie simplesmente ignorou.

— Ele está bem. Está passando por uma cirurgia agora mesmo — ela disse.

— Mas está tudo bem?

— Não. Não... Não quis dizer... Quer dizer, sim, está bem. É uma cirurgia de rotina para aperfeiçoar um enxerto anterior. Ele está bem. Valerie respondeu percebendo que já não ficava mais tão nervosa por causa do rosto, da mão ou do coração de seu filho.

Pelo menos não da maneira como ficava antes.

— Graças a Deus — Romy disse —, fico tão feliz em saber disso. Tão feliz. Você não faz idéia.

Valerie se sentiu engasgar enquanto continuava:

— Bem, só estou ligando para dizer isso. Que o Charlie está bem... e que... Romy?

— Sim?

— Não te culpo pelo que aconteceu.

Não era bem a verdade, Valerie reconhecia, mas era suficiente.

Ela não se lembrava do resto da conversa ou exatamente como ela e Romy deixaram as coisas, mas quando desligou sentiu um peso enorme sair de seu coração.

E foi neste momento que decidiu que tinha mais um telefonema a fazer, um com um atraso de seis anos. Ainda não sabia o que diria, nem se conseguiria encontrá-lo ou se os dois se perdoariam. Mas sabia que precisava tentar, que devia isso a ele, ao Charlie e até a si mesma.

CAPÍTULO 45

TESSA

Quando voltei da livraria, minha mãe estava sentada no sofá, lendo uma revista e comendo chocolates Godiva.

Sentei-me ao lado dela e cuidadosamente escolhi um bombom de chocolate meio amargo em forma de coração.

— Olha só para mim — eu disse —, a dona de casa enfurecida comendo bombons.

Minha mãe soltou uma risada e rapidamente se recompôs, perguntando-me como foi.

Dei de ombros, indicando que não queria falar de todos os mínimos detalhes e, então, disse:

— Ela não era o que eu esperava.

— Elas nunca são — minha mãe disse com um longo suspiro.

Comemos em silêncio por um tempo antes que ela continuasse sua linha de pensamento:

— Mas não se trata exatamente delas, não é?

— Não — eu falei, percebendo que finalmente podia parar de pensar obsessivamente na “outra”, já que a havia conhecido. — Não mesmo.

O rosto de minha mãe se iluminou como se estivesse extasiada pela minha possível descoberta. Então me olhou do canto dos olhos e disse que levaria as crianças para Nova York para passarem o fim de semana, e que já havia conversado com meu irmão.

— Você precisa de um tempo só para você.

— Não, mãe, é trabalho demais para você — disse imaginando-a no trem, encurralando desesperadamente as crianças.

Ela balançou a cabeça e insistiu que tinha tudo sob controle, que Dex a encontraria na estação de trem para que não precisasse andar pela cidade sozinha com Ruby e Frank.

Comecei a protestar novamente, mas ela me cortou dizendo:

— O Dex já disse às meninas que seus primos vão visitá-las no fim de semana. E eu já contei para Ruby e Frank. Não podemos desapontar as crianças, podemos?

Mordi meu lábio e assenti:

— Obrigada, mãe — falei sentindo-me mais próxima dela do que não me sentia havia muito tempo.

— Não me agradeça, querida. Só quero que você faça isso. Quero que você encare isso e tente descobrir o que será melhor para você.

Concordei ainda apreensiva e muito furiosa, mas, finalmente, quase pronta.

Na manhã seguinte, depois que minha mãe e as crianças foram para Nova York, eu estava na cozinha, tomando café e começando a perceber, com certo desespero, que não havia mais nada a ser feito. Já havia contado a todos da família e já tinha ouvido todas as opiniões. Não havia mais descobertas a serem feitas nem fatos a serem revelados.

Era hora de conversar com o Nick. Então peguei o telefone e liguei para o meu marido, com quem estava casada fazia sete anos, mais nervosa do que estava quando liguei para uma completa desconhecida na noite anterior.

Ele atendeu o telefone ao primeiro toque, sem fôlego, como se estivesse aguardando essa ligação naquele exato momento. Por um segundo, perguntei-me se minha mãe, ou Valerie, o haviam preparado para aquilo.

Mas, quando ele me perguntou se estava tudo bem, ouvi um tom sonolento em sua voz e percebi que provavelmente estava dormindo, só isso.

— Estou bem — eu disse respirando fundo, forçando-me a continuar, enquanto inconscientemente o imaginava, sem camisa, dormindo, sabe-se lá em que cama, durante todo aquele tempo. — Só quero conversar... Estou pronta para conversar. Você pode vir para casa?

— Sim, ele respondeu. — Já estou indo.

Quinze minutos depois ele estava na varanda de casa, batendo em sua própria porta. Eu a abri e me deparei com ele com a barba por fazer e os olhos turvos, vestindo uma calça cirúrgica velha e um boné de beisebol desbotado.

Deixei-o entrar, evitando olhá-lo nos olhos e resmungando:

— Você está um caco.

— Você está linda — ele disse, parecendo sincero como nunca, apesar de eu estar vestindo uma calça jeans e uma camiseta e de meu cabelo ainda estar molhado.

— Obrigada — eu falei, levando-o até a cozinha, sentando-me em meu lugar de costume à mesa e apontando para o lugar dele, de frente para mim.

Ele se sentou, tirou o boné e o jogou na cadeira de Ruby. Então correu a mão por seu cabelo, mais longo do que nunca.

— Eu sei. Eu sei — ele disse. — Preciso cortar. Você não me avisou com muita antecedência, não é?

Balancei a cabeça indicando que os cuidados com sua aparência não eram bem minha preocupação, então disse sem rodeios:

— Eu a conheci ontem à noite. Liguei para ela. Precisava vê-la.

Ele enrugou as sobrancelhas e coçou o queixo.

— Entendo — ele disse, e decidiu não fazer nenhuma pergunta, o que parecia exigir certo grau de controle.

— Ela foi simpática. Eu não a odiei.

— Tessa — ele disse com seus olhos me implorando para parar.

— Não. Ela foi... sincera também. Não tentou negar nada, como achei que faria...

Para dizer a verdade, ela até admitiu que te ama — eu disse, sem ter certeza se estava tentando-o, punindo-o ou simplesmente lhe dizendo a verdade. — Você sabia disso?

Tenho certeza de que ela também disse isso para você.

Ele balançou a cabeça, esfregou os olhos com a palma das mãos e falou:

— Ela não me ama.

— Ela amava.

— Não. Nunca amou.

— Mas ela me disse que amava, Nick — eu falei com minha raiva oscilando a cada segundo, a cada palavra que ele dizia, a cada expressão fugaz.

— Ela achou que amava — ele disse. — Mas... não amava. O amor não funciona assim.

— Ah é? Então como é que o amor funciona?

Ele se levantou e se virou, sentando-se no lugar de Frank, ficando ao meu lado, onde pegou minha mão. Balancei minha cabeça em sinal de recusa, mas, quando ele tentou novamente, dei-lhe minha mão relutante, seu toque fez com que meus olhos se enchessem de lágrimas.

— O amor é compartilhar uma vida juntos — ele disse, apertando minha mão. — Amor é o que nós temos.

— E o que você teve com ela?

— Aquilo foi... outra coisa.

Olhei fixamente em seus olhos, fazendo de tudo para entender o que ele queria dizer.

— Então você não a ama?

Ele suspirou, olhou para o teto e me olhou novamente. Pedi a Deus que ele não mentisse para mim outra vez, que não mentisse descaradamente, já que sabia que ele a havia amado, ou ao menos que havia chegado a pensar que sim.

— Não sei, Tess — ele começou. — Realmente não sei... Não teria feito o que fiz se não sentisse algo intenso por ela. Se não fosse algo no mínimo próximo ao amor, algo que me fizesse achar ou sentir que era amor... Mas aqueles sentimentos não se comparam ao meu amor por você. E, na hora em que cheguei em casa, olhei em seus olhos e disse o que tinha feito, soube disso... Tessa, eu errei feio. Arrisquei tudo. Nosso casamento, meu emprego, esta casa. Ainda não sei por que deixei isso acontecer.

Tenho ódio de mim mesmo por ter deixado isso acontecer.

— Você não deixou isso acontecer, Nick — eu disse afastando minha mão. — Você fez isso acontecer. São necessárias duas pessoas para isso. Vocês dois.

Enquanto eu dizia essas palavras, porém, fiquei perplexa pelo quanto elas se aplicavam a nós dois também. Que foram necessárias duas pessoas para que

chegássemos a este ponto. Que sempre são necessárias duas pessoas. Para que os relacionamentos funcionem, para que eles acabem, para que eles se recuperem.

— Eu sei — ele disse. — Você está certa. Não estou tentando pôr a culpa em outra pessoa. Só estou tentando te dizer quanto te amo.

— Então como pôde ser capaz de fazer isso? — eu disse com a voz suave desta vez.

Era uma pergunta, e não uma acusação.

Ele olhou para mim, tentando achar as palavras certas:

— Acho... acho que estava procurando por algo que achava que precisava.

— E o que era isso? O que era isso que você não estava conseguindo aqui? De mim?

— perguntei, enquanto eu mesma já começava a responder à pergunta. Recusava-me a assumir qualquer culpa por sua infidelidade, mas não podia negar que as coisas haviam mudado entre nós. Que eu havia mudado. E que, de diversas maneiras, eu não era mais a pessoa com quem ele se casou. Pensei nas acusações que Nick fizera um pouco antes, assim como nas observações da minha mãe. De que nunca estou feliz, que perdi minha paixão pelas coisas, que me concentrava em coisas que não importavam, e não em nosso relacionamento, a base de tudo. — O que foi que ela te deu?

— Não. Não foi assim... Foi mais... — ele olhou para o teto, procurando pelas palavras certas, e olhou de volta para mim. — O jeito que me sentia quando estava perto dela era igual a como me sentia por você no começo.

Meu coração se partiu ao ouvir nós duas sendo comparadas, mas, mesmo assim, havia conforto em sua sinceridade, na dor em seu rosto, em quanto ele desejava que aquilo não fosse verdade.

Ele continuou:

— E havia outras coisas também... eu sentia... eu sentia essa necessidade de consertar as coisas para aquele garotinho. Uma necessidade que se confundiu e de alguma forma se estendeu para sua mãe... Parte disso era provavelmente meu ego... ávido por aquele sentimento. Aquele sentimento de ser jovem... de ter alguém que precisava de mim, que me queria por perto — sua voz foi desaparecendo, enquanto me lembrava de quanto estava vulnerável naquele dia no metrô, quando nos conhecemos.

— Eu precisava de você. Eu queria você por perto — eu disse, usando os verbos no passado, mesmo que grande parte de mim ainda precisasse dele, ainda o quisesse. — Mas talvez você não se sinta mais... atraído por mim?

Olhei para ele sabendo que negaria essa acusação, porém esperando que pudesse fazer isso de maneira convincente.

— Não — ele disse deixando o punho cerrado cair sobre a mesa. — Não é isso. Não tem nada a ver com sexo. Exceto, talvez, pela sensação de ligação que o sexo pode dar... É só... Não é tão simples assim, Tess... Não é uma única coisa

específica.

Concordei pensando em quanto um casamento pode ser complicado, na quantidade de esforços necessários para manter um sentimento entre duas pessoas. Aquele sentimento que se espera ser impossível de acabar no início do relacionamento, quando tudo era tão simples. Pensei em como cada pessoa em um casamento deve à outra a procura pela felicidade individual, mesmo em uma vida compartilhada. Que essa é a única maneira verdadeira de crescerem juntas, e não separadas.

Ele continuou como se fosse capaz de ler minha mente:

— A vida pode ser difícil, monótona... e extenuante. E não é a viagem romântica que achamos que seria quando começamos... Mas isso não significa... não dá a ninguém o direito... Não me dá o direito de fazer o que fiz. Olha, Tess. Qualquer que fosse a razão, ela não era boa o suficiente. E, ultimamente, tenho achado que não havia razão alguma. O que pode ser pior. Mas é a verdade. E é só o que eu tenho para te dar.

Engoli em seco e concordei. Então, apesar de antes ter decidido que aquela conversa não seria sobre ela, perguntei se havia falado com ela desde aquele dia no parque.

— Não — ele disse.

— Então você não é mais o médico dele? — perguntei, evitando dizer o nome de Charlie, assim como o de sua mãe.

— Não.

— E você não fará mais parte da vida dele?

— Não.

— De jeito nenhum?

— Não.

— E isso não te deixa triste?

Ele suspirou e fez uma careta:

— Estaria mentindo se te dissesse que não fiquei triste... que não sinto saudade daquele garotinho e que não me sinto tremendamente culpado por fazer parte da vida dele e então, do dia para a noite, ir embora. Sinto-me culpado por qualquer dor que tenha causado a uma criança. Por ter quebrado a primeira regra da medicina.

Nunca causar dano ou mal a alguém, pensei, e considerarei todo o mal que ele causou.

Ele continuou:

— Mas me sinto mais culpado pelo que fiz com você. Não consigo pensar além de você... de nós dois, dos meus filhos, da nossa família. Na maior parte do tempo, não consigo nem sequer pensar. Fico só sentindo, me lembrando e pensando.

— E o que é isso? — perguntei com algo dentro de mim ficando mais brando.

— O que é isso que você fica sentindo, se lembrando e pensando?

— Fico me sentindo... como me sentia quando a conheci no metrô. Você estava lá, em pé, com aquele anel em seu dedo, parecendo tão triste. Tão linda... E fico me lembrando de quando estávamos só começando, os dois sem dinheiro, ainda estudando e rachando uma lasanha congelada no jantar e... depois, quando você estava grávida da Ruby, comendo duas lasanhas sozinha — ele olhou para o nada, com um sorriso leve.

— Eu estava comendo por dois — eu disse, a frase que eu usava apesar de estar comendo como se estivesse grávida de trigêmeos.

Ele continuou, com um olhar distante em seus olhos:

— E fico pensando... se há algum jeito de ter você de volta. Quero você de volta, Tessa.

Balancei a cabeça, sentindo uma tristeza profunda por mim mesma e por meus filhos, mas também, pela primeira vez, por Nick

— Não será a mesma coisa — eu disse.

— Eu sei — ele concordou.

— Nunca será a mesma coisa — eu insisti.

— Eu sei. Mas talvez...

— Talvez o quê? — perguntei cheia de esperança.

— Talvez possa ser melhor — ele disse. O que era exatamente o que eu queria que ele dissesse. — Será que podemos tentar e daí descobrir? Podemos tentar pela Ruby e pelo Frank? Por nós dois?

Senti que começava a desabar enquanto ele se levantava e me puxava para ficar em pé também, segurando minhas mãos nas dele.

— Por favor — ele disse.

— Não sei se consigo — eu disse com lágrimas caindo pelo meu rosto. — Não sei se um dia conseguirei confiar em você. Mesmo que eu queira.

Ele começou a me abraçar e, então, parou, como se percebesse que ainda não tinha garantido esse direito. Então sussurrou meu nome e disse:

— Deixe eu te ajudar.

Minhas lágrimas continuaram rolando, mas não lhe disse não. O que, é claro, nós dois sabíamos que era praticamente um sim.

— Não posso prometer nada — falei.

— Mas eu posso.

— Você já fez isso antes — eu disse com minha voz falhando.

— Eu sei. E farei de novo. Todos os dias, farei o que for preciso. Só me dê mais uma chance.

Mais uma chance.

Palavras que minha mãe já havia ouvido, mais de uma vez. Palavras sobre as quais as mulheres conversam. Pensei em todas as críticas da sociedade, dos amigos e da família, no consenso maciço de que não se deve dar uma segunda

chance a alguém que já nos traiu. Que tudo deve ser feito para se manter fora de perigo, a fim de que coração e orgulho sejam protegidos. Os covardes dão uma segunda chance. Os tolos dão uma segunda chance. E eu não era nem covarde nem tola.

— Eu sinto muito — Nick disse.

Lembrei-me dele no dia de nosso casamento enquanto dizíamos nossos votos um para o outro, ouvindo suas palavras: para amar-te e honrar-te até que a morte nos separe.

Era assim que deveria ser.

E não foi.

Mas lá estávamos, dois filhos e uma promessa quebrada depois, um diante do outro, exatamente como estávamos naquele dia no altar, com quantidades iguais de amor e esperança. E mais uma vez fechei meus olhos, pronta para um ato de fé, pronta para a estrada longa e árdua que viria pela frente. Não fazia idéia de como seria, mas nunca realmente soube.

— Posso te preparar o café da manhã? — ele disse. — Ovos fritos só de um lado?

Olhei em seus olhos, concordei e quase sorri. Não porque estava feliz, nem com fome. Mas porque meu marido estava em casa. Porque ele sabia que ovos fritos só de um lado eram meus favoritos. E porque acreditava que, por debaixo da decepção e do medo, da raiva e do orgulho, talvez eu pudesse encontrar em meu coração a força para perdoar.

Table of Contents

[Questões Do Coração](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)